Cadernos de Dramaturgia do
Galpão Cine Horto

VOLUME 1

Pé na Rua 2005 – Papo de Anjo

Pé na Rua 2006 – No Baile

Pé na Rua 2007 – Circo do Lixo

redatores Lydia Del Piccha, Júlio Maciel, Simone Ordones, Glicério Rosário, Jussara Trindade, Eduardo Moreira e Ivana Andrés

colaboradores Ana Domitila, Bete Penido

VOLUME 2

Pé na Rua 2008 – Arande Gróvore

Pé na Rua 2009 – Sonho de Uma Noite de São João

Pé na Rua 2010 – Não se Dá um "Sim" Assim à-toa

redatores Inês Peixoto, Laura Bastos, Paulo André, Eduardo Moreira, Paulinho Polika, Mariana Arruda, Fernando Linares, Renata Emrich e Lucas Fabrício Silva Araújo

Galpão Cine Horto

Cadernos de Dramaturgia do Galpão Cine Horto

PÉ NA RUA

Volume 1

FINO TRAÇO
EDITORA
Belo Horizonte
2011

Todos os direitos reservados à FinoTraço Editora Ltda.
© Galpão Cine Horto

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da Editora. As ideias contidas neste livro são de responsabilidade do seu autor e não expressam necessariamente a posição da editora.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Luciene Borges

CONSELHO EDITORIAL Lydia Del Picchia, Leonardo Lessa e Tiago Penna

FOTOGRAFIAS Guto Muniz, Laura Bastos, Biana Aun

PROJETO ORIGINAL DA CAPA Otávio Santiago

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Milton Fernandes

COORDERNAÇÃO EDITORIAL Cláudia Rajão

PRODUÇÃO EDITORIAL Cecília Luttembarck

REVISÃO ORTOGRÁFICA Erick Ramalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE | SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS,

C129
v.2

Cadernos de dramaturgia do Galpão Cine Horto : oficinão, volume 2. - Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

184 p. ; il.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-9[illegible]35-5[illegible]7

1. Galpão Cine Horto (Centro Cultural). 2. Teatro - Belo Horizonte (MG) - História. 3. Teatro - Estudo e ensino - Belo Horizonte (MG). 4. Teatro brasileiro - Belo Horizonte (MG) - História e crítica. I. Galpão Cine Horto (Centro Cultural). II. Título: Oficinão, volume 2.

09-0722. CDD: 792.098151
CDU: 792(815.1)
17.02.09 19.02.09 011129

MODELO

Centro de Pesquisa e Memória do Teatro | Galpão Cine Horto
Rua Pitangui, 3613 – Horto | 31030-065
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil | Tel: 55 31 3481.5580
www.galpaocinehorto.com.br | centrodepesquisa@galpaocinehorto.com.br

Fino Traço Editora Ltda.
Rua dos Caetés, 530 sala 1113 – Centro | 30120-908
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil | Tel: 55 31 3212 9444
www.finotracoeditora.com.br | editor@finotracoeditora.com.br

SUMÁRIO

Cadernos de Dramaturgia do Galpão Cine Horto. Série Pé na Rua..... 7

A experiência musical no projeto Cine Horto Pé na Rua
Fernando Muzzi 11

PÉ NA RUA 2005 – PAPO DE ANJO 15

Ensaios

Procurando um balão vermelho ou *Papo de Anjo*
Lydia Del Picchia.....17

A criação da dramaturgia de *Papo de Anjo*
Júlio Maciel.....21

Texto

Arande Gróvore 27

FICHA TÉCNICA..... 71

PÉ NA RUA 2006 – NO BAILE.....73

Ensaios

Como chegamos "No Baile"
Simone Ordones 75

A construção da dramaturgia em *No Baile*
Glicério Rosário 79

Texto

Arande Gróvore 83

FICHA TÉCNICA..... 103

PÉ NA RUA 2008 – CIRCO DO LIXO 105

Ensaios

A construção do espetáculo *Circo do Lixo* *107*
Eduardo Moreira *107*

A dramaturgia de *Circo do Lixo* *109*
Ivana Andrés *109*

Texto

Circo do lixo *113*

FICHA TÉCNICA *141*

CADERNOS DE DRAMATURGIA DO GALPÃO CINE HORTO

SÉRIE PÉ NA RUA

Desde o início de sua formação, o Grupo Galpão teve seu trabalho ligado ao teatro popular, de rua, e sempre procurou estabelecer em todas as atividades que realiza uma linguagem acessível, que dialogue diretamente com a cidade, suas necessidades políticas e sociais e, acima de tudo, seus habitantes. Pensando em fortalecer esse diálogo com a comunidade e outros artistas, estabelecendo um vínculo definitivo com a cidade de Belo Horizonte, o grupo criou, em 1998, o Galpão Cine Horto, centro cultural situado no prédio de um antigo cinema, bem próximo à sua sede.

O Galpão Cine Horto surgiu com o propósito de se tornar um espaço de trocas, aprofundamento, pesquisa, formação e fomentação do teatro na capital mineira. Seu primeiro projeto, o Oficinão, uma oficina de reciclagem para atores com experiência com duração de um ano, teve início juntamente com sua inauguração e serviu de base para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de diversos outros projetos, entre os quais se destaca, hoje, o Centro de Pesquisa e Memória do Teatro. O CPMT, através de sua biblioteca, videoteca, selo editorial e do portal Primeiro Sinal, tem como objetivo organizar e disponibilizar para o público da área informações atualizadas e consistentes sobre teatro. A criação do selo Edições CPMT foi uma importante iniciativa que visa registrar, preservar e valorizar a pesquisa sobre teatro e a dramaturgia brasileira contemporânea. A presente publicação visa disponibilizar os textos dramatúrgicos escritos especialmente para espetáculos de teatro de rua produzidos nas seis primeiras edições do projeto Cine Horto Pé na Rua.

O projeto Cine Horto Pé na Rua foi criado em 2005, como desdobramento do Oficinão, a partir de uma demanda dos próprios atores participantes da edição de 2004, que, após montarem o espetáculo

de palco *In Memoriam*, manifestaram o interesse de experimentar uma montagem para a rua. O Galpão Cine Horto decidiu então criar um novo projeto de pesquisa e criação artística voltado para o teatro de rua, resgatando a essência do teatro do Galpão e trazendo, para uma nova geração de atores, a disciplina, o risco e o frescor que fazem da rua um espaço de atuação privilegiado.

De lá pra cá já foram seis edições realizadas, tendo a experimentação e a diversidade como pontos marcantes entre os espetáculos, que trouxeram ao público de Shakespeare a Tom Zé. Os quatro primeiros trabalhos tiveram na direção integrantes do Grupo Galpão e parceiros: Chico Pelúcio e Lydia Del Picchia em *Papo de Anjo*, Simone Ordones, em parceria com Glicério Rosário em *No Baile*, Eduardo Moreira em parceria com Chico Aníbal em *Circo do Lixo* e Inês Peixoto em parceria com Laura Bastos em *Arande Gróvore*. Nas duas edições seguintes, o Galpão Cine Horto abriu espaço para que diretores convidados pudessem desenvolver novos trabalhos, experimentando também novas linguagens: *Sonho de Uma Noite de São João* contou com a direção de Paulinho Polika e *Não se dá um 'sim' assim à-toa* foi dirigido por Fernando Linares, ambos antigos parceiros do Grupo Galpão.

A variedade de temas e a versatilidade dos espetáculos geraram novos desdobramentos para o Galpão Cine Horto. Em 2006, o centro cultural deu início ao projeto Cine Horto Na Estrada, que visa ampliar sua atuação para outras regiões do país, levando espetáculos e atividades para cidades do interior de Minas Gerais e outros estados. A cada ano, os espetáculos produzidos no Cine Horto Pé na Rua circulam por diversos festivais e eventos do Brasil e até mesmo do exterior, como aconteceu com *Arande Gróvore*, que se apresentou no Festival de Teatro de La Habana, em Cuba, no ano de 2009.

A coleção *Cadernos de Dramaturgia do Galpão Cine Horto* teve sua primeira série, dedicada ao projeto Oficinão, lançada em 2009. Agora, chega ao público a segunda série da coleção, resultante do projeto Cine Horto Pé na Rua. Essa publicação é mais uma importante ação de registro do Centro de Pesquisa e Memória do Teatro, através de seu selo editorial Edições CPMT, criado em parceria com a Editora Argvmentvm (agora Fino Traço Editora). Além dos *Cadernos de Dramaturgia*, o selo publica, anualmente, a *Re-*

vista Subtexto de teatro e também lançou, em 2010, os livros *Cena Invertida – Dramaturgias em Processo*, do Grupo Teatro Invertido, e *Grupo Galpão – Uma história de encontros*, de Eduardo Moreira, em parceria com a DUO Editorial. O lançamento de mais uma publicação de extrema relevância para a memória e a difusão da produção dramatúrgica mineira é também um impulso para que iniciativas semelhantes aconteçam.

A EXPERIÊNCIA MUSICAL NO PROJETO CINE HORTO PÉ NA RUA

Fernando Muzzi[1]

No primeiro contato com o Galpão Cine Horto, como integrante da equipe de profissionais que atuaria na montagem do espetáculo do Oficinão 1998, acompanhei a pesquisa musical feita pelos atores para *Noite de Reis*. Fizemos uma viagem para as margens do rio São Francisco, para perceber toda a sonoridade da região e, assim, ver de perto onde seria levado o barco de Shakespeare pelas mãos de nosso diretor Chico Pelúcio. Como não havia vivido esta experiência antes, percebi que não era muito diferente de uma pesquisa musical feita por músicos, mas nesta se acrescentava uma nova lente, que tornou todo o trabalho mais interessante. É como se estivéssemos olhando através de uma câmera fotográfica e trocássemos a lente para obter uma visão mais ampla. Este processo também ocorreu na montagem de *O homem que não dava seta* (Oficinão – 2002) e percebi que acompanhar a pesquisa musical dos atores é um passo certeiro para o sucesso da trilha sonora.

Em 2004, fui convidado novamente pelo Chico para montar um espetáculo com o elenco do Oficinão que já havia produzido *In memoriam* e que, durante todo o ano, havia expressado a vontade de montar um espetáculo de rua. Achei genial, pois o Galpão Cine Horto daria a oportunidade de levar esta arte para vários públicos em diversos lugares e com toda a riqueza e experiência do Grupo Galpão. Mas era também um desafio. Na rua, assim como o texto, cenário, figurino, interpretação e preparação dos atores, o desafio é

1. Cantor e compositor, autor de diversas trilhas sonoras para o teatro, parceiro do Grupo Galpão e do Galpão Cine Horto. Atuou na equipe de três edições do projeto Cine Horto Pé na Rua (2005, *Papo de Anjo*; 2006, *No Baile* e 2008, *Arande Gróvore*).

muito maior também para a composição da trilha sonora. Até aquele momento, ainda não sabíamos que ali surgiria o projeto Cine Horto Pé na Rua e o espetáculo *Papo de Anjo* (2005).

Começamos o trabalho e uma nova e rica experiência surgiu. Os atores traziam as músicas como propostas para a sua cena. Surgiram músicas de domínio público, composições próprias e também parcerias entre nós. Muito interessante foi a palestra sobre a linguagem dos sinos que tivemos com Jason Barroso Santa Rosa e Chiquinho Assis, que nos falaram sobre os diferentes toques e significados. Além da tão conhecida hora da missa, os sinos anunciam também casamentos, nascimentos de crianças (com toques diferentes para cada sexo), óbitos, etc. Dessa palestra surgiu a vontade de harmonizar toda a trilha com sinos. Pensamos em montar um vibrafone de sinos, o que só não foi possível pela dificuldade de encontrarmos sinos que soassem notas afinadas para criar os intervalos necessários para a composição das harmonias e melodias. Usamos os sinos, então, para marcar as mudanças de cenas e de espaço. A trilha tinha que ser dinâmica, pois a dramaturgia propunha isto e uma diversidade de ritmos. Abrimos com um cortejo que representava o profano e o sagrado, e pontuamos o espetáculo com músicas de roda, lúdicas, *funk*, samba; usamos surdo, caixa de maracatu, palmas, violão, cavaquinho, acordeão, pandeiros, violino, ganzás, apitos de efeitos diferentes e muito canto. Tudo executado ao vivo pelos atores.

No ano seguinte fui convidado pela Simone Ordones para fazer a direção musical e composição da trilha sonora do espetáculo *No Baile*, da segunda edição do Cine Horto Pé na Rua. Simone trazia uma proposta musical oposta à de *Papo de Anjo* e, a princípio, muito difícil, pois é muito mais "clássica" e não tínhamos atores instrumentistas. Como fazer um baile sem uma orquestra? Como faríamos uma música que despertasse a vontade do público de dançar? Não só para a música, mas para o cenário e figurino, como fazer um baile na rua sem aquele glamour, sem a iluminação adequada? Bom, para toda proposta se encontra um caminho e uma solução. A dramaturgia e a direção nos deram este caminho e conseguimos fazer um baile sem deixar nada a desejar.

Durante o processo de pesquisa, tivemos uma palestra, ministrada pelo músico mais experiente em Minas Gerais neste assunto,

Célio Balona, que nos contou estórias maravilhosas de baile. E fomos à luta. Os atores e a direção fizeram a pesquisa musical, que incluiu músicas tradicionais de baile (Ray Conniff), Noel Rosa, marchas e boleros. Para a execução da música a solução foi gravarmos em estúdio. Numa parceria com Sérgio Moreira, gravei os *playbacks* e todo o suporte musical necessário, com exceção de duas cenas. A abertura e a cena dos malandros que contracenavam com o público foram apresentadas ao vivo. Montamos uma roda para o início que acabou conhecida por nós como "catraca". Nesta apresentávamos três ritmos diferentes, cantados simultaneamente. Dividimos o elenco em três grupos que giravam, virados para o público, e as pessoas ouviam um *fox*, uma marcha e uma valsa. Ficou bem interessante!

Em 2007, o sucesso do projeto já estava confirmado e então montamos *O circo do lixo,* com direção de Eduardo Moreira. Tínhamos um tema importantíssimo, o da necessidade de reciclagem do lixo, um texto inteligente, com personagens que foram adaptados pela direção e um elenco forte, que nos trouxe uma enorme inspiração. Afinal de contas, não é todo dia que se tem a oportunidade de compor uma trilha sonora para uma meia velha e rasgada, uma panela de pressão estragada, uma garrafa, um pneu careca, uma dupla de urubus e uma velha estátua de praça pública. Esta montagem me trouxe ainda a alegria de me tornar parceiro de Ivana Andrés, autora do texto. A trilha, podemos dizer, foi composta por diversas mãos. Eduardo e o elenco selecionaram músicas dos Beatles, filmes, noticiários de TV e parte da sonoplastia. Eu compus o tema do espetáculo, os temas de alguns personagens, com letras extraídas do texto, parte da sonoplastia e uma adaptação para o hino do Flamengo com nova letra feita pelo Eduardo. Pelo ritmo do espetáculo e pela presença de uma sonoridade mais completa que as músicas gravadas traziam, optamos por gravar as composições também. Eu e Sérgio Moreira fizemos os arranjos e gravamos a voz dos atores com a direção de Valéria Braga. O resultado final foi excelente. Concebemos um espetáculo dinâmico, alegre e muito bem recebido pelo público de todas as idades.

Arande Gróvore é o nome do espetáculo do Cine Horto Pé na Rua 2008, dirigido por Inês Peixoto e Laura Bastos. Montado com parte do elenco do Oficinão 2007, que integrou a peça *Lúdico Circo*

da Memória, para a qual tive a oportunidade de fazer também a composição da trilha e direção musical, *Arande* resultou em um espetáculo de rara beleza e de diversas novas experiências. Com texto e canto ditos em "gromelô", pode ser levado a qualquer parte do mundo e será entendido sem a necessidade de qualquer adaptação. A sonorização é fixada em um dos rodantes que leva as atrizes e compõe o cenário. Para a composição da trilha sonora, me inspirei em músicas dos compositores Koyaanisqatsi e Phillip Glass, pesquisadas pela direção. O efeito minimalista trouxe o clima que a dramaturgia e a direção necessitavam. Porém, fiz uma adaptação na sonoridade, utilizando, no lugar de pianos, sintetizadores e instrumentos eletrônicos, instrumentos como viola caipira, violão e acordeão. Foi uma descoberta maravilhosa quando, no estúdio, comecei a gravar a viola caipira. Esta, que eu sempre ouvi e usei em temas melancólicos e festivos, não deixou a desejar para criarmos o clima "tenso" e de suspense do espetáculo. Em nova parceria, Sérgio Moreira gravou e assina os arranjos comigo. As letras que escrevi em português foram traduzidas por Paulo André, dramaturgo da peça, para o "gromelô". A sonoridade das palavras e as rimas foram adaptadas com uma perfeição maravilhosa, contribuindo para traduzir o ambiente de estranha e divertida familiaridade do espetáculo. Viva o teatro!

PÉ NA RUA
2005

Papo de Anjo

GALPÃ
CINEHORT

PROCURANDO UM BALÃO VERMELHO OU *PAPO DE ANJO*

Lydia Del Picchia[1]

É impossível falar de *Papo de Anjo* sem voltar ao espetáculo que deu origem à sua pesquisa, *In Memoriam*, do Oficinão 2004, dirigido por Chico Pelúcio, Julio Maciel e Lydia Del Picchia (*Cadernos de Dramaturgia* – série Oficinão 2). Foi dali, daquele grupo de atores, que surgiu a necessidade de um espetáculo de rua que se utilizasse da linguagem popular, de cantigas de roda, brincadeiras de criança, um toque interiorano dentro da cidade, um ar de praça, de gente simples.

Durante o processo do Oficinão 2004 os atores já demonstravam claramente o desejo de produzir um espetáculo para a rua, mas questões de planejamento e produção acordadas anteriormente, dentre elas as datas previstas para a estreia e temporadas (novembro, dezembro e janeiro – chuva na certa em BH!), inviabilizaram a realização da empreitada. Foi quando o elenco propôs o pacto à equipe de criação de que, logo após a estreia de *In Memoriam*, daríamos início a um espetáculo de rua, também com direção do Chico e minha, e, à princípio, bancado pelo bolso dos próprios atores, pois não havia no Galpão Cine Horto um projeto em que a nova montagem pudesse se encaixar. Providenciamos então a caixinha que cobriria as primeiras despesas: as aulas de circo e música, na busca de recursos físicos para a atuação em espaços abertos.

Somente quando os primeiros esboços de personagens e cenas começaram a aparecer é que vislumbramos a possibilidade de, espremendo um pouco de cada projeto e enxugando ao máximo o

1. Atriz e diretora de teatro, integrante do Grupo Galpão, assina a co-direção de *Papo de Anjo*, em parceria com Chico Pelúcio.

orçamento, conseguir abrigar o espetáculo, que veio a ser o primeiro do projeto Cine Horto Pé na Rua. Realizamos com essa montagem um desejo antigo de toda a equipe: o de levar os espetáculos aqui produzidos para fora do nosso espaço, para a rua – como nas origens do Grupo Galpão –, compartilhando com toda a cidade o trabalho desenvolvido no Galpão Cine Horto.

Partindo da premissa de que a rua exige do ator uma maior preparação física e vocal e uma maior capacidade de improvisar, devido aos imprevistos que nos impõe, a direção propôs o primeiro desafio ao grupo: que possibilidades poderíamos criar, ou explorar, para o ator crescer diante das plateias ao ar livre, sem lançar mão de recursos tecnológicos? Como ganhar tamanho (corpo) e volume (voz) aos olhos do público? Com as aulas de circo, realizadas na Spasso Escola de Circo duas vezes por semana, começamos a experimentar algumas dessas possibilidades – pernas de pau, andar sobre latões, pinguelas, etc. Todos esses recursos foram de fato utilizados e contribuíram muito na montagem, habilmente incorporados por Wanda Sgarbi, cenógrafa e figurinista da mesma montagem.

Dramaturgicamente, o ponto de partida foi dar vida a personagens que habitam qualquer praça de qualquer cidade: crianças, namorados, idosos, mendigos, etc. O mote era o de encontros e desencontros, desejos e despedidas. Que tipo de relações furtivas ou duradouras acontecem a partir daquele espaço público? Pequenos esquetes começaram a ser trabalhadas pelos atores, que sugeriam personagens, figurino, texto e trilha sonora para as cenas, que eram desenvolvidas separadamente, com toda liberdade de escolha para a linguagem: poética, realista, clownesca, com utilização de máscaras, etc.

Convidamos então a terceira ponta do triângulo da direção de *In Memoriam* (Oficinão 2004), o ator e diretor Júlio Maciel, para conduzir a dramaturgia. Júlio, por sua vez, preferiu compor outra tríade com as diretoras e atrizes Bete Penido e Ana Domitila (coordenação e pesquisa dramatúrgica, respectivamente), criando a equipe que provocaria o elenco, compilaria improvisações, sugeriria temas para a concretização do texto, a partir de um rico processo colaborativo, numa busca de todos os envolvidos em construir, juntos, um espetáculo. Segundo Bete,

> este espetáculo reflete um pouco de cada um de nós que participamos dele: desejos, expectativas, inquietações e, principalmente, da vontade de nos lembrarmos de nossa inocência, da pureza da nossa criança interna que sobrevive valentemente à dureza do amadurecer. Todos somos anjos. Viemos do céu e nos esquecemos.

Na parte vocal, o exercício de falar em coro foi desenvolvido de maneira que não parecesse um *jogral*, mas ajudasse a pontuar informações importantes, quando queríamos chamar a atenção do público. Também as músicas foram pensadas de forma a contribuir com a dramaturgia e não simplesmente para ilustrar ou colorir uma cena, tornando-se muitas vezes a base sobre a qual as cenas foram construídas. Os atores trouxeram para os ensaios canções de domínio público, compuseram sua própria trilha, se utilizaram de citações, paródias e, nesse ponto, a participação de Fernando Muzzi como diretor musical foi fundamental. Ele acompanhou de perto os ensaios, compondo músicas especialmente para a trilha do espetáculo, encontrando pérolas, fazendo parcerias com o elenco, deixando-se contaminar pela história do Anjo Gabriel e participando ativamente na construção de sua trajetória.

Aos poucos, o espetáculo foi tomando forma. Costumávamos fazer ensaios ao ar livre, para que os atores pudessem se habituar à atmosfera caótica, mas ao mesmo tempo rica e estimulante das ruas. Num desses ensaios, a partir de uma cena apresentada por duas atrizes, apareceu o fio condutor do espetáculo: um anjo, afilhado de Nossa Senhora (que acabara de perder seu lugar na igreja e fora transferida para uma praça cheia de pombos), que se encanta com as crianças que vê brincando com um balão vermelho na praça e faz um pedido especial para sua madrinha: o de passar um dia na Terra, como gente, para poder conhecer de perto as pessoas.

Durante a montagem, tivemos ainda o auxílio luxuoso da visita de Jason Barroso Santa Rosa,[2] que nos encantou com sua pesquisa sobre a linguagem dos sinos, em que faz uma espécie de inventário

2. Coordenador da pesquisa, para o IPHAN, "A linguagem dos sinos", de 2005, juntamente com a ajuda do etnomusicólogo Chiquinho Assis, que possibilitou o tombamento dos toques dos sineiros como patrimônio histórico imaterial.

sobre os diferentes toques de sinos – só em São João Del Rei sobrevivem mais de trinta –, cada um com seu significado próprio, variando um pouco de cidade para cidade. Consta na pesquisa que os sinos são batizados antes de serem instalados nas torres das igrejas e que recebem nomes de pessoas, como Elias, Jerônimo, etc. Daí o anjo do espetáculo, Gabriel, ter sido batizado como Jerônimo antes de descer à Terra como gente. Os sinos nos ajudaram a pontuar as passagens de cenas, além de trazerem a memória encantadora das cidades do interior, da hora da missa e do sagrado.

Já na abertura do espetáculo o trajeto de uma santa é acompanhado por uma procissão de duas máscaras – uma sagrada e uma profana – e não há textos, mas sim uma mistura de sons de sinos com ritmos religiosos e batucadas, que deixa bem clara a intenção de brincar com os dois universos. A música "faz a vez" da dramaturgia e instaura a atmosfera que conduz o público ao mundo daqueles personagens. Está feito o pacto.

Papo de Anjo botou pela primeira vez seu pé na rua em um ensaio aberto durante o Festival de Cenas Curtas do Galpão Cine Horto, em maio de 2004, estreando logo em seguida no Festival de Inverno de São João Del Rey, com um elenco de treze atores. Um espetáculo de duração longa para espaços abertos – 1:40h – semi-itinerante (durante a apresentação o público segue os atores por duas vezes), trocas de cenários e personagens, mas, a despeito de tudo isso, mostrou-se valente e cumpriu uma linda trajetória pelas praças de BH e do interior de Minas, de São Paulo (a convite das unidades do SESC – SP), Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro e tantos festivais de teatro, cativando o público por onde passou nos seus cinco anos de (r)existência.

Pudemos constatar, mais uma vez, o que penso ser o grande trunfo dos espetáculos de rua, inclusive para a sobrevivência econômica de seus componentes: a mobilidade, a capacidade de adaptação aos espaços, a real democratização do teatro para os espectadores, pois na rua nem sempre podemos selecionar – e é bom que isso não aconteça – quem vai assistir. São faixas etárias, classes sociais, culturas, religiosidades, profissões e pontos de vista totalmente diversos os que passam pelo espaço da cena, um espaço que originalmente é de todos, pois é público, é a rua!

A CRIAÇÃO DA DRAMATURGIA DE *PAPO DE ANJO*

Júlio Maciel[1]

Com a colaboração de Bete Penido[2] e Ana Domitila[3]

Escrever um artigo sobre a criação dramatúrgica de um espetáculo feito há mais de cinco anos é um grande desafio. A memória falha, as fantasias se misturam e alguns fatos, certamente, se perdem no tempo. Mas essa missão pode se tornar uma grande aventura, quando se tenta escrever sobre um momento cheio de encantamentos e descobertas. Sendo assim voltemos ao passado.

A equipe

No ano de 2005, Chico Pelúcio e Lydia Del Pychia assumiram a tarefa de dirigir a primeira edição do projeto Cine Horto Pé na Rua, e fui convidado para assumir a dramaturgia do processo.

Eu já havia participado de algumas montagens do Oficinão, a maioria delas com dramaturgia criada durante os ensaios, em processo colaborativo. Mas, nessas montagens, o meu papel havia sido de diretor ou coordenador, nunca o de dramaturgo. Aceitei esse novo desafio após a garantia de poder contar com uma equipe de

1. Ator e diretor de teatro, integrante do Grupo Galpão, assina a dramaturgia de *Papo de Anjo*.

2. Atriz e diretora de teatro, assina a Coordenação Dramatúrgica de *Papo de Anjo*.

3. Atriz, diretora e professora de teatro, assina a Pesquisa Dramatúrgica de *Papo de Anjo*.

dramaturgia. Convidei, então, as diretoras e atrizes Bete Penido e Ana Domitila para, juntos, pensarmos o que viria a ser o espetáculo *Papo de Anjo*.

No início, os papéis foram bem delimitados. Bete seria responsável por coordenar a dramaturgia, avaliar o material produzido e dar coerência à criação. Ana Domitila teria a missão de pesquisar o tema proposto e dar base teórica para a construção do texto. E eu exerceria a função de dramaturgo, ou seja, de criar e, também, escrever cenas a partir das propostas apresentadas pelos atores e direção. Mas, como todo bom processo coletivo, a maior parte do tempo as funções se misturaram. Não que cada um tivesse deixado de responder por seus papéis no processo, mas muitas cenas foram feitas a seis mãos, em acaloradas discussões sobre a construção delas. Outras vezes, cada um produzia o seu próprio material, resultando ao final num espetáculo de dramaturgia compartilhada e, a meu ver, em um texto mais rico e criativo.

A Criança Divina

A base conceitual do texto foi o livro *A Criança Divina e o Herói*, escrito pelo psiquiatra e professor Claudio Naranjo. Nele, o autor discorre sobre os significados ocultos na literatura infantil e apresenta um estudo dividindo a escrita de clássicos infantis em duas vertentes: a Criança Divina e o Herói.

As aventuras do Herói têm uma matriz patriarcal onde "um jovem entra em um mundo mágico e se vê obrigado a enfrentar obstáculos e figuras míticas como dragões ogros e feiticeiras ou qualquer outra personificação do poder do mal". Ao final de sua trajetória, ele retorna vitorioso e amadurecido. Transformado pela experiência adquirida, e tornando-se um benfeitor de seu povo. Aquele que derrota o mal e restaura a justiça e a paz.

A Criança Divina, ao contrário do Herói, tem uma matriz matriarcal. Ela pertence ao mundo mítico e, por essa razão, sua aventura é travada no mundo real. Ela vem ao mundo como um Deus em forma de criança, trazendo conhecimento e ensinamento aos homens

comuns. Ela não se transforma durante a aventura, pois já é perfeita. A sua vinda provoca, principalmente, a transformação daqueles que entram em contato com sua pureza e sabedoria. Na busca de entender a Criança Divina começou a nossa aventura dramatúrgica.

Um dos exemplos mais conhecidos da Criança Divina é *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint Exupéry, que descreve o encontro de um aviador, após cair com seu avião no deserto, com a figura de um menino vestido de príncipe, que dizer ter vindo de um pequeno planeta. O aviador duvida, todo o tempo, das histórias que o menino conta, sobre suas aventuras de viagens por outros planetas. Mas, ao final da história, quando o menino cumpre seu destino e desaparece, após morrer, mordido por uma serpente, o aviador constatará que foi profundamente transformado. E a partir desse momento se torna irrelevante para ele se tudo aquilo, que o Príncipe contou, foi verdade ou, simplesmente, fruto de sua imaginação.

O Anjo e a Madrinha

O resultado do primeiro exercício, proposto pela direção aos atores, foi a realização de um ensaio aberto em uma praça pública da cidade, com a apresentação de personagens criadas por eles, os atores. Neste ensaio, músicas infantis, propostas pela direção, se misturavam a figuras curiosas, ainda inconsistentes, esboços, criados pelos atores, do que ainda viriam a se tornar personagens durante o desenvolvimento do processo. Algumas destas figuras chamaram nossa atenção, entre elas um Diabo, em perna de pau; uma curiosa estátua de Nossa Senhora, personificada por uma atriz; e um menino de rua. Esses três personagens iluminaram nossas ideias. Estavam praticamente prontos.

Um Diabo e uma estátua de Santa provocaram rapidamente nossa imaginação, por serem figuras antagônicas, em constante conflito. O menino de rua, proposto pela atriz Gyu Duarte, nos cativou, instantaneamente, com sua vivacidade e doçura. Ele precisava de um olhar especial de todos nós. Assim nasceu a nossa Criança Divina.

De menino de rua ele foi transformado no pequeno anjo Gabriel, que, de tanto observar a praça do alto, vendo as crianças tomando sorvete e brincando, teve o desejo de se tornar um humano também. E não resistindo a essa tentação, pede para a sua madrinha, a estátua de Nossa Senhora, que lhe permita a graça de se tornar uma criança. Nossa Senhora reluta em aceitar a ideia, pois sabe que a condição humana trará muito sofrimento a Gabriel, mas ele insiste. Com a ajuda do Diabo, que revela a Gabriel que, se o pedido for feito com fé, a Santa não terá como negar, pois a função de uma Santa é atender aos pedidos dos suplicantes. Gabriel faz o pedido conforme o Diabo lhe instruiu e não resta outra opção à Santa a não ser atender o desejo do pequeno anjo. Mas lhe impõe duas condições: ele poderá ser criança por apenas um dia, devendo retornar à sua condição divina quando o sino bater seis horas da tarde, a hora do Ângelus. Se Gabriel não retornar dentro do prazo estipulado, perderá a sua condição divina para sempre. A outra condição é que Gabriel deixe suas asas com ela enquanto sua aventura durar.

Este foi o mote de *Papo de Anjo*, a ideia central do espetáculo, um pequeno anjo que deseja ser gente e quando travestido de humano passa a questionar e influenciar todos os verdadeiros humanos, adultos e crianças, que cruzam o seu caminho.

Estes esquisitos seres humanos

O espetáculo foi dividido em um prólogo, em que o Anjo toma a decisão de se tornar uma criança e recebe a permissão da Santa.

As cenas subseqüentes do espetáculo são sobre o encontro de Gabriel com os humanos, transeuntes da praça, onde a peça se passa, e as consequências desses encontros. Ao final, chega o momento decisivo, no qual Gabriel deve tomar a decisão de ou voltar à sua origem divina ou se perder em meio aos humanos, tornando-se, também, um mero mortal.

Os encontros de Gabriel com os humanos foram criados por todos do núcleo de dramaturgia de acordo com suas ideias de como o mundo real poderia ser influenciado pela presença divina. Assim

nasceram as cenas do Anjo com as personagens: os moleques; o pipoqueiro e a vendedora de balas, disputando pelo ponto de venda; o homem paranoico; as mendigas; as vizinhas fofoqueiras; a bela; o jardineiro e a Rosa; a gorda; o suicida e os malandros; a cigana; a velha dos pombos; o noivo e a noiva, culminando na cena final, em que Gabriel reencontra a Santa, a sua madrinha, na hora do Ângelus.

Todas as cenas foram entremeadas de canções infantis, de domínio público, re-trabalhadas pelo parceiro Fernando Muzzi, e foram realizadas ao vivo pelos atores, juntamente com brincadeiras infantis propostas pela direção, o que trouxe um encantamento particular para cada cena.

A decisão final

O ponto de maior conflito em toda a criação dramatúrgica, como não poderia deixar de acontecer, foi sobre qual deveria ser a decisão de Gabriel: voltar a ser anjo ou se "perder" como criança mortal entre os humanos. Nesse momento, todos, atores, diretores, dramaturgos e colaboradores, discutiram por vários dias. As opiniões se dividiam e o consenso parecia impossível. De acordo com o livro *A Criança Divina e o Herói*, ao final Gabriel deveria morrer para os humanos e renascer como um ser Divino, voltar para o lugar de onde veio. Mas o desejo do Anjo de se tornar "eternamente" uma criança era tão forte que seduziu a todos, como se ele mesmo estivesse nos pedindo essa permissão. Ao final, resolvemos escutá-lo, contrariando todos os tratados e estudos. Então, Gabriel se tornou um menino. Depois de muita reflexão, concluímos que, afinal, as crianças e os anjos são feitos da mesma matéria.

PEÇA

PAPO DE ANJO

PERSONAGENS

Aninha
Avó
Baloeira
Bela
Cigana
Coro
Coro
Das Dor
Diabo
Gabriel
Gorda
Homem
Jardineiro
Malandros
Mendigas
Mina
Moleque 1
Moleque 2
Noiva
Noivo
Pipoqueiro
Pivete
Pombos
Rosa
Santa
Socorro
Suicida
Tina
Tonha
Toninho
Velha
Vizinhas

DIA

Roteiro de cenas

Espaço 1:

Cena 1 – Procissão / Santa
Cena 2 – Crianças brincando
Cena 3 – Tríade
Cena 4 – Briga dos meninos
Cena 5 – Pipoqueiro, Homem Neurótico e Baloeira

Espaço 2:

Cena 6 – Mendigas
Cena 7 – Vizinhas
Cena 8 – Bela
Cena 9 – O Jardineiro e a Rosa
Cena 10 – Gorda
Cena 11 – Malandros e Suicida
Cena 12 – Cigana
Cena 13 – Velha dos Pombos

Espaço 1:

Cena 14 – Casamento
Cena 15 – Final

* Espaço 1 *

Cena 1 – Abertura (Procissão / Carnaval / Apresentação Santa)

** Um bloco, ora cantando músicas de procissão, ora de carnaval, vai chegando à praça. Em cima de um pedestal, veem uma Santa.*

Treze de maio
Vestida de branco
Ela apareceu
Trazendo no cinto
As cores do céu

Ave, Ave, Ave Maria
Ave, Ave, Ave Maria

Um anjo descendo
Num raio de luz
Assim era o terço
Da mãe de Jesus

Ave, Ave, Ave Maria
Ave, Ave, Ave Maria.

(Música carnaval)

Ave Maria
Menina que Deus amou e escolheu
Pra Mãe de Jesus, o filho de Deus
Maria, que o povo inteiro elegeu
Senhora e Mãe da fé

Ave Maria, Ave Maria,
Ave Maria, Mãe de Jesus.

(Música carnaval com Folia do Divino)

Folia do Divino
O divino Espírito Santo,
Vossa casa a visitar
Também vem pedir uma esmola
Pras seu dia festejar,oiá
Quando der a sua esmola

Não se ponha a reparar
Ele é pobre pra pedir
Mais é rico pra ajudar.

** O bloco passa e a Santa fica. Ela começa a falar que preferia ser uma imagem igual àquelas que moram na igreja, porque lá é silencioso, fresquinho e os fiéis sempre levam velas e flores para colocar aos pés delas. E além do mais, as Santas das igrejas sempre são levadas para dar uma voltinha quando tem procissão e até visitam as casas dos fiéis. Reclama do barulho, do calor e dos pombos da praça, apesar de gostar muito das pessoas que vão à praça.*

Melô da Santa

Quando eu morava na igreja era tão lindo:
As pessoas me levando velas,
Cantando coisas bonitas.
Em tempos de novena me levavam pra passear,
Ficava uma semana em cada casa, em cada lar.

Já fiquei na sua casa, tá lembrado

Sabia todas as fofocas, aquele cheiro de café com bolo,
Era quase parte da família, era um a mais!

Mas agora...

Ninguém tem tempo mais pra isso
Me deixaram aqui na praça, eu fiquei meio sem graça,
Diz que é pra me homenagear...

Eu não quero ser ingrata,
Mas é que aqui na praça eu fiquei desprotegida...

(Uns dias chove, noutros dias bate sol,
Mas o que eu quero lhe dizer...)

Na primavera eu tenho alergia das flores, no inverno eu gripo o tempo todo,
E no verão... (trrrr)

– Pombo filho da p... (óóóóó)
Pomba!
Oh, pombinho, você tem a praça inteira e vem justo em cima de mim?

Tudo que eu queria era voltar pra igreja (pra igreja)
E ter a minha tranqüilidade de volta (de volta)
Quentinho no inverno, fresquinho no verão...

Ô, meu velho, será que eu não mereço um cantinho lá na igreja?

Cena 2 – Crianças brincando

** Um casal de crianças entra, brincando com um enorme balão vermelho*

Ai ôna
Ai ôna – ôna – ê
Ai mini – mini – má
Macarrão com tuti – fá
Tuti – fá – iá – iá
Papaga – iá – iá

** Ouve-se um sino tocando, a cena congela. Gabriel aparece por detrás da Santa e começa a correr em volta dos meninos. A Santa o chama de volta. Ele se esconde novamente, revoltado.*

SANTA: Gabriel! Aí não é lugar pra anjo, não!

** As crianças recomeçam a brincar.*

Ai ôna
Ai ôna – ôna – ê
Ai mini – mini – má
Macarrão com tuti – fá
Tuti – fá – iá – iá
Papaga – iá – iá"
Uni sap – sap – sap
Uni sep – sep – sep
Uni sop – sop – sop
Uni sup – sup – sup!
Pulando corda

Senhoras e Senhores
Um homem bateu em minha porta
E eu abri!
Senhoras e senhores, põem a mão no chão.
Senhoras e senhores, dêem uma rodadinha...
E vá pro olho da rua!

** Brincando de roda.*

Don-don baby
Don-don baby, mama salâmica
Yu-yu shake, mama salâmica

Geme-geme iú-papá
Geme-geme pá
Geme-geme iú-papá
Geme-geme (pá).

* *Ouve-se o sino tocando novamente, a cena congela. Gabriel aparece por detrás da Santa e começa a correr em volta dos meninos. A Santa o chama de volta.*

SANTA: Psiu! Volta aqui, Gabriel!

GABRIEL: Madrinha, deixa eu ser gente?

SANTA: Ser gente? Não pode, Gabriel?

GABRIEL: Mas porque todo mundo pode e eu não posso?

SANTA: Porque você é um anjo, meu bem!

GABRIEL: Por favor, madrinha, só um pouquinho!

SANTA: Ô, Gabriel, ser gente não é fácil, não. Gente chora, sente fome, dor; gente tem passado e futuro, não é como aqui, que só tem o presente.

GABRIEL: E daí? Deixa, deixa, deixa!

SANTA: Para de ser teimoso, Gabriel, vai voar com os pombos, vai...

GABRIEL: Voar com os pombos? Eu já estou cansado de voar com os pombos... *(canta)*

Coco de mio
Quero ser gente (coco de mio).
Quero ser gente (coco de mio)
Quero ser gente, ó madrinha!

(Santa)
Mas para quê? (coco de mio)
Mas para quê? (coco de mio)
Mas para quê, Gabriel?

(Gabriel)
Pra jogar bola, (coco de mio)
Tomar sorvete, (coco de mio)
Molhar na chuva, ó madrinha!

* *Crianças vão descongelando a cena aos poucos, Gabriel se diverte no meio delas.*

(todos)
Pra pular corda (coco de mio)
Brincar de pique (coco de mio)
Ir namorar, ó Santinha!

Cena 3 – Tríade

SANTA: Pára! Ai, minha Nossa senhora, que sou eu... Quem pôs essas ideias na sua cabeça só pode ter sido o diabo!

DIABO: *(de longe)* Alguém me chamou?

(todos)
Pra pular corda (coco de mio)
Brincar de pique (coco de mio)
Ir namorar, ó Santinha!

** Diabo entra em cena, jogando bombinhas, gritando e espantando as crianças, que correm assustadas.*

DIABO: Ah, sai, meninada, seus pestinhas! Vamos dar o fora do meu ponto! Mas que inferno!

GABRIEL: Olha só o que você fez! Espantou todo mundo!

DIABO: Mas quem foi que me chamou?

SANTA: Ninguém te chamou, mas, já que você está aqui, quero saber que ideias são essas que você andou colocando na cabeça do Gabriel! O menino não me deixa em paz!

DIABO: Mas eu nem sei do que eu estou sendo acusado, Minha senhora!

GABRIEL: Ô madrinha, deixa eu ir embora com eles?

DIABO: Ah, então o anjinho está querendo ser gente... Dessa vez eu sou inocente; infelizmente, porque eu acho uma ótima ideia!

GABRIEL: Viu só, madrinha? Deixa, só por um dia, por favor?

SANTA: Já falei que não! Além do mais, você não pode ir sozinho!

GABRIEL: O diabo me acompanha!

SANTA: Bate na boca três vezes. Vê se eu vou te deixar na mão desse filhote de cruz credo!

DIABO: Alto, lá! Eu também já fui anjo, A senhora esqueceu?

SANTA: Anjo caído, *caidasso*, você quer dizer!

DIABO: Questão de ponto de vista, "hoje eu estou onde o povo está...".

SANTA: Mas você não vai saber se cuidar, Gabriel.

GABRIEL Se a senhora não deixar, eu nunca vou saber!

SANTA: O perigo de ser gente, Gabriel, é que, quando a gente é gente, a gente se esquece de como a gente é gente aqui... Ai, gente!

GABRIEL Eu prometo, eu juro que não vou esquecer.

SANTA: Mas, pra você ser gente, você tem que tirar suas asas.

GABRIEL O quê? A minhas asas?

DIABO: É isso mesmo, você já viu gente de asa?

GABRIEL Já! Lá na Igreja, na coroação! Por que eu não posso ser igual a eles?

SANTA: Porque não!!! Ponto final!

GABRIEL: Então tá, eu tiro as minhas asas!

SANTA: Ai, meu Deus, que provação!

DIABO: Fala pra ela que é seu desejo.

GABRIEL: É o meu desejo, madrinha.

DIABO: Fala que você está fazendo um pedido.

GABRIEL: Eu estou fazendo um pedido.

SANTA: Você venceu, Gabriel! Ouvir pedidos e atender desejos é o que eu devo fazer. Eu permito que você seja gente, mas só por um dia. E você tem que estar de volta até às seis da tarde, na hora do Ângelus, ou correrá o risco de se perder.

GABRIEL: Tá bem!

SANTA: Vem cá, deixa eu te batizar... Preciso de um nome...

DIABO: Que tal Sadam?... Bin Laden?... Bush?...

SANTA: Cala a boca, coisa ruim. Vai ser nome de sino, para quando você escutar o seu toque se lembrar de onde veio. Pode escolher: Elias ou Jerônimo?

GABRIEL: Jerônimo!

SANTA: Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A partir de agora esta criança vai se chamar Jerônimo. E que Deus o proteja.

GABRIEL – *Oba!*

**Gabriel sobe no pedestal da Santa. O Diabo, esperto, ajuda a tirar-lhe as asas, enquanto o coro canta.*

Subir no vento
Determinei subir no vento
Eu fui no país da lua
Arrecebi uma friagem tua
Eu vi a terra diferente

Mas o corisco ia passando de repente
Com o corisco eu me abracei
Desci pra terra eu aplantei
Aplantei pra nascer semente.

SANTA: Lembra, até as seis da tarde... E cuidado...

GABRIEL: Que é isso madrinha, eu sei me cuidar...

Cena 4 – Briga dos meninos

** Entra em cena, novamente, o casal de crianças com o balão vermelho.*

TONINHO: Anda logo, Aninha!

ANINHA: Tô indo, Toninho!

TONINHO: Vem pegar a bola!

GABRIEL: Posso brincar também?

TONINHO: Só se você for o peruzinho!

** Brincam os três. Entram dois moleques maiores.*

MOLEQUE 1: Ai! Só se for o peruzinho, que bonitinho!

MOLEQUE 2: Tão jogando balão, bando de mulherzinha?

Melô dos mano
Olha aí, meu mano, entrou na área errada.
Fica esperto, passa reto,
Não te mete na parada;

Essa praça tem dono, essa praça tem chefe.
Se você não é dos nossos
Não te mete, não e mete!

Olha aí meu irmãozinho, não te liga no bobão.
Ele é grande no tamanho
Mas no fundo é criançãoo;

Essa praça não tem dono, essa praça não tem chefe.
Se você quer botar banca
Vai levar é um tabefe!

** Os dois grandões enfrentam Gabriel.*

MOLEQUE 1: Ah, é? Então vem pra você ver...

ANINHA: É isso aí, garoto, vai lá, pega o balão!

** Gabriel corre para pegar o balão, que acaba estourando*

ANINHA: Ô, o garoto estourou meu balão!

TODOS: Ô, pirralho burro!

** Os quatro partem para cima dele.*

Olha aí, camaradinha que a gente nem conhece,
fez bobeira nessa praça
vai saber o que acontece!

** Começam a bater no Anjo, que cai no chão. Todos saem correndo, Gabriel fica sozinho na praça. Levanta, tenta falar com sua madrinha, mas esta não o escuta mais; virou uma estátua.*

GABRIEL: Madrinha! Madrinha... fala comigo. Agora só na hora do Ângelus!

Cena 5 – Pipoqueiro, Homem Neurótico e Baloeira

** Ouve-se o pipoqueiro gritar de fora.*

PIPOQUEIRO: Ô, abre alas, que eu quero passar! Ô, abre alas, que eu quero passar! Tenho pipoca pra você comprar!

CORO: Pipoca!!! *(cantam)*

Pipoca
Pipoca, pipocar, pipoca boa!
Chacoalha pra estourar.

Cê gosta de pipocar com a patroa?
Mané quer é pipocar

Eu pipoquei, tu pipocô.
Ele gritou: vão pipocar!
Nós pipocão, vós pipocai
Eles, eu não.

** Pipoqueiro percebe Gabriel, que ainda sente a dor da surra.*

PIPOQUEIRO: Olá, garoto, você está se sentindo bem?

GABRIEL: Minha barrida dói.

PIPOQUEIRO: Deve ser fome. Quer uma pipoquinha?

GABRIEL: Não.

PIPOQUEIRO: Nunca vi um menino que não quisesse pipoca. De onde você é?

GABRIEL: De lá...

PIPOQUEIRO: Sei... *(O pipoqueiro faz uma mágica para Gabriel, que se surpreende e sorri)*

GABRIEL: Engraçado! O lenço sumiu!... Faz isso de novo?

PIPOQUEIRO: E o din-din?

GABRIEL: Din-din? Quem é você?

PIPOQUEIRO: Eu sou o Mané Pipoca!

** O pipoqueiro cumprimenta Gabriel. Entra um homem vestido com capa de chuva e um guarda-chuva aberto sobre a cabeça. Gabriel e Pipoqueiro se surpreendem com ele. Gabriel vai até o homem.*

GABRIEL: *(Olhando para o céu e depois para o homem)* Por que você está vestido assim?

HOMEM: Com o tempo do jeito que está, pode chover a qualquer momento.

GABRIEL: Como é seu nome?

HOMEM: Não posso dizer. Questão de segurança...

GABRIEL: O meu eu digo. É...

HOMEM: Não! Por favor, não fale, eu não quero me envolver.

GABRIEL: Por que você é tão preocupado?

HOMEM: Apenas prevenido. O mundo está uma loucura. Você tem lido os jornais?

GABRIEL: Eu...

HOMEM: Não leia! Não leia, é melhor não! Dá medo até de saber.

PIPOQUEIRO: A pipoca é um real!

HOMEM: Quem é aquele sujeito?

GABRIEL: É seu Mané Pipoca.

HOMEM: Não se deve conversar com estranhos, menino.

PIPOQUEIRO: – A pipoca é um real.

HOMEM: Isso não me cheira bem...

GABRIEL: Eu gosto desse cheirinho!

** Entra a Baloeira.*

BALOEIRA: Ão-ão, ó o balão.

GABRIEL: Ei, ó o balão!

HOMEM: Suspeitíssimo!

BALOEIRA: Ão-ão, ó o balão.

PIPOQUEIRO: A pipoca é um real!

** Cria-se uma disputa entre Pipoqueiro e Baloeira, que se transforma em uma onomatopeia de sons de sinos.*

BALOEIRA: Ó o balão!

PIPOQUEIRO: É um real!

BALOEIRA: Balão!

PIPOQUEIRO: Real!

HOMEM: Chega! Acho melhor irmos embora. Esta praça está cheia de pessoas esquisitas. Eu vou primeiro, por ali. Depois você sai por lá, é mais seguro. Adeus. Se alguém perguntar por mim, você não me viu!

** Gabriel se aproxima da Baloeira.*

BALOEIRA: Ão... ão... ó o balão.

GABRIEL: Você tem mais balão?

BALOEIRA: Pra que mais balão?

GABRIEL: Eu queria um vermelho.

BALOEIRA: Tem din-din?

GABRIEL: Din-din?

BALOEIRA: É... Din-din!

GABRIEL: *(Para o pipoqueiro)* O que é din-din?

PIPOQUEIRO: Você não sabe?

GABRIEL: Não.

PIPOQUEIRO: Não quer pipoca, não sabe o que é din-din, de que planeta você veio? Din-din é o que move o mundo!

GABRIEL: O que move o mundo é o vento.

PIPOQUEIRO E BALOEIRA: O vento?!? O que move o mundo é se *"monsieur have money pra comprar!"*

> ***Coro***
> *Ê, monsieur have money pra comprar,*
> *monsieur have money pra comprar,*
> *olê-rê, olá-rá,*
> *só pra comprar!*

GABRIEL: Din-din, *money*...

PIPOQUEIRO E BALOEIRA: Dinheiro, *l'argent*, *la plata*, bufunfa, *cash*!

PIPOQUEIRO: Eh... deixa pra lá! Um dia ele vai entender o que a gente quer dizer.

GABRIEL: Um dia... mas eu só tenho hoje.

PIPOQUEIRO: *(Indo embora)* Então, hoje pode ser o começo do fim. Ou o fim do começo. Ou o fim do Serafim!

GABRIEL: Eu preciso tanto de um balão vermelho!

BALOEIRA: Só se tiver din-din!

GABRIEL: Eu posso pedir pra minha Madrinha!

BALOEIRA: Você tem uma Madrinha?

GABRIEL: Tenho. *(Olha para a Santa, imóvel)* Mas eu só vou me encontrar com ela na hora do Ângelus.

BALOEIRA: E você vai me pagar?

GABRIEL: Vou.

BALOEIRA: Então, vão. Ão-ão, ó o balão!

** Baloeira aponta para outro ponto da praça, onde se vê um balão vermelho. Um acordeão, junto com os sinos, toca durante a caminhada para conduzir o público.*

⋆ Espaço 2 ⋆

Cena 6 – Mendigas

** O público chega, uma mendiga em cena, tocando o sino.*

SOCORRO: Que beleza!

TONHA: Oh Socorro, pára de bater esse sino. Não sabe que mulher que toca sino não casa?

SOCORRO: Ah, mas eu num tô boa pra casar mais não.

TONHA: Mas num tá morta. Vamo toma nosso *breakfast*.

SOCORRO: Ah, hoje num tô podendo falá em comida. Tô numa ressaca de dá dó. A azeitona da empadinha não me fez nada bem...

TONHA: Te avisei pra não misturar cachaça com groselha... Mas uma cheiradinha, num vai fazê mal! *(cheiram)*. Mais uma, mais uma. *(cheiram de novo)*

** O latão começa a se mexer sozinho.*

TONHA: Cê tá vendo o que eu tô vendo?

SOCORRO: Eu acho que nós cherâmo demais.

TONHA: É o busão!

SOCORRO: Peraí motorista!

TONHA: Freia ele!

SOCORRO: Então dá o sinal!

** As duas param o latão e o levantam. Das Dor sai de dentro do latão.*

DAS DOR: Ô suas muié, suas praga, que barulheira é essa! Assim eu num consigo drumi. Cês tão é viajando mais que o Lula! *(para o público)* Ocê viu meu Brad? E ocê viu o meu Pitt? Brad Pitt! Ô Brad Pitt! *(puxa seus cachorros de dentro do latão)* Vamos, que eu vou levar ocês pra passear.

TONHA: Mexe com isso não, Das Dor. Olha o que eu trouxe pra nós. *(Tira uma garrafa de cachaça)* Vamo tomá um refresco!

SOCORRO: Peraí que eu vou pegar as taça.

DAS DOR: Deixa pra lá, Socorro! Vamo rodá o cachimbo da paz, pra selá a amizade.

SOCORRO: Primeiro eu!

Moda da pinga
Com a marvada pinga é que me atrapaio
Eu entro na venda e já dou meu taio
Pego no meu copo e dali não saio
Ali mesmo eu bebo ali mesmo eu caio
Só pra carregar é que eu dô trabaio;

Cada vez que eu caio, caio deferente
Meaço pra trás e caio pra frente
Caio devagar, caio de repente
Vou de corrupio, vou diretamente
Mas sendo de pinga eu caio contente.

DAS DOR: *(Olha para o público em volta e propõe pras outras duas mendigas)* Gente, vamo aproveitá que a praça tá cheia! Vamo dá sentido a nossas vidas! Vamo fazer a coleta pra sede zero!

** Estendem a mão para o público e começam uma coreografia.*

Canto da Mendiga
Ô, que mão abençoada
Da moça que deu a esmola
São Cosme e São Damião

Seja sua companhia
Quer na vida, quer na morte
Ele seja seu padrinho;

Deus te pague a boa esmola
Já que eu não posso pagar
São Francisco das Chagas
Te bota a santa bênção
Toda hora, todo dia
Na casa da moradia.

** Durante a música, entra o anjo. Ele se senta no alto do carrinho dos sinos e observa as mendigas, depois desce e senta em um latão.*

GABRIEL: Oi. Vocês viram um balão vermelho por aqui?

DAS DOR: Que balão, menino. Num tá vendo que nós tamo ocupadas!

GABRIEL: O que vocês estão fazendo? Posso brincar com vocês?

DAS DOR: Nós tamo é fazendo trabalho voluntário!

TONHA: Mas quê disgrama de menino é esse? O quê cê tá fazendo na minha casa?

GABRIEL: Casa? Vocês moram aqui?

TONHA: Cê num tá vendo aqui as casa?

DAS DOR: Os automóvi?

SOCORRO: Ah, deixa pra lá. Criança num intendi nada. Ô garouto, como é que ocê chama?

GABRIEL: Jerônimo.

SOCORRO: Oh! Jerônimo é o nome do meu sino!

GABRIEL: Foi a minha Madrinha que me pôs nome de sino, pra eu me lembrar de onde eu vim. Que cheiro ruim é esse?

SOCORRO: Mas que fedentina é essa, Das Dor?

DAS DOR: Ô Socorro, larga a mão de cê injuada! Por isso é que gosto dos meus cachorro: num pregrunta nada. Tudo obediente. *(Vira pra plateia)* Cês num acham?

TONHA: É, mas ocê num tomô banho hoje não, Das Dor...

DAS DOR: Num tomei banho... Se Brad e Pitt já me lamberam todinha! *(elas caem na gargalhada)*

TONHA E SOCORRO: Ê catinga de fedô de mau cheiro insuportávi!

DAS DOR: Ah, eu num queria mesmo... Hoje eu vou é na inauguração do condomínio "Brad the Pitt".

** Entram duas mulheres com o rosto todo esticado, com bochechas enormes, com bustos e bundas grandes, mas estão de roupão e com lenços no cabelo.*

VIZINHAS: Ô mulher burra, é "Under the Bridge"!

TONHA E SOCORRO: É debaixo da ponte mesmo!

TONHA: E vamo logo que diz que vai ter buffet com breakfast e tudo!

AS MENDIGAS: (animadas) Vamo!!!

**As mendigas saem, implicando com as vizinhas e vice-versa. Gabriel continua em cena.*

Cena 7 – Vizinhas

** Vizinhas dão três beijinhos.*

TINA E MINA: Iuhoo!

MINA: Ô Tina!

TINA: Ô Mina!

MINA: Olha como a praça está cheia de gente.

TINA: Vamos nos apresentar.

VIZINHAS

Ouvi dizer
Eu sou Mina
E Eu sou Tina
E nos somos as vizinhas
E ficamos na janela para olhar
Os que passam pela praça
Os cachorros e as crianças
E outras coisas que não da pra comentar

Ouvi dizer
Ouvi falar
Nos dá janela vemos a vida passar

Ouvi dizer
Ouvi falar
Mas isso não, mas isso não é fofocar.

TINA: É apenas preocupação pelo próximo, né, Mina?

MINA: Isso. Consciência cristã!

Ouvi dizer
Ouvi falar
Que chegou um anjo nesta praça de manhã
Ouvi dizer
Ouvi falar
Que é alto , loiro e que voa pelo ar.

MINA: E que tem olhos azuis!

TINA: E é grandão, bonitão o anjo! Olha lá Mina! Aquele ali parece um anjo!

** Vizinha aponta para um homem da plateia*

MINA: Quem?

TINA: Aquele ali!

MINA: Ai! Você tem razão, Tina! Um pão desses só pode ser anjo. Arrasta uma asinha pra gente, você não vai se arrepender.

TINA: Ou, pelo menos, dá uma peninha pra gente?

GABRIEL: Mas ele não é anjo.

MINA: Fica quieto pirralho. Tá querendo atrapalhar o nosso negócio?

GABRIEL: Mas é verdade.

TINA: Cala a boca, você não entende nada de anjo!

MINA: É, vai embora, vai. O que você quer aqui?

GABRIEL: Eu estou procurando um balão vermelho?

VIZINHAS: Balão vermelho... a gente ta procurando um anjo!

GABRIEL: Mas...

MINA: Quer saber? Cansei.

TINA: Eu também. Vamos embora.

** Aparece Bela, de uniforme escolar.*

TINA: Ai, outra criança!!

MINA: Eu odeio crianças!

** Vão saindo e conversando.*

Cena 8 – Bela

** Bela vai entrando em cena.*

BELA: Ai, essa minha vó é uma chata!

GABRIEL: Oi!...

BELA: Ai que susto!!

GABRIEL: Por que você está assim?

BELA: Assim como?

GABRIEL: Desse jeito aí, meio assim ...

BELA: Porque ninguém quer brincar comigo.

GABRIEL: Eu posso brincar com você. Vamos brincar de balão?

BELA: Ah, não. Eu que mando! *(começam a brincar)*

Atirei o pau no gato
Atirei o pau no gato – to
Mas o gato – to
Não morreu – reu – réu;

Mentira, meu gato morreu

Minha mãe, mãe, mãe;

** Gabriel está no canto da cena, junto do público. Aos poucos vão entrando pombos, ciscando pelo espaço. Cantam.*

Também morreu – reu – reu
Só ficou, só ficou minha avó e eu.

BELA: Só ficou minha avó e eu.

GABRIEL: Ah... então, vamos brincar de alguma coisa...

BELA: Estátua!

GABRIEL: Onde?

BELA: Estátua não fala...

GABRIEL: ...

BELA: Ah, vamos brincar de circo!

** Bela começa a andar na madeira, cantando uma música de circo.*

GABRIEL: Mas aí é muito baixo... *(os dois procuram uma maneira de ficar mais alto, veem os latões no chão)*

Juntos – Já sei!

BELA: Finge que tem uma música tocando! *(O acordeão começa a tocar, eles preparam os latões para colocar a pinguela)* E a lona vai ser azul!

GABRIEL: Da cor do céu!

BELA: E o chão, de que cor?

GABRIEL: Dessa cor mesmo... *(colocam a pinguela sobre os latões)*

BELA: E essa vai ser nossa corda-bamba. *(Sobem, Gabriel começa a andar na pinguela)*

BELA: Parou a música! Você não pode andar aí!

GABRIEL: Por que você pode andar e eu não?

BELA: Porque eu sou a bailarina do circo; aqui é muito alto, não é para qualquer um não...

GABRIEL: Mas eu já sou acostumado com alturas.

BELA: Ah sei. Por acaso você voa?

GABRIEL: Voo. Mas deixei minhas asas no céu.

BELA: Que burro! Onde já se viu deixar as asas no céu?

GABRIEL: ...

BELA: Já sei! Você vai ser o príncipe e eu a princesa!*(dá a mão para o Gabriel beijar. Gabriel põe a mão igual Isabela)* Não, você tinha que beijar a minha mão! *(continua, dando instruções a Gabriel)* Agora você tem de ir pra floresta, matar o Dragão, roubar seu coração, entrar no castelo, dar o sangue para o bruxo beber, subir na torre e me beijar!

GABRIEL: Tudo isso?

BELA: É, senão eu não vou ser sua princesa.

GABRIEL: Mas eu não sei se quero uma princesa.

BELA: Quer sim. Todo mundo quer uma princesa...

GABRIEL: Mas será que tem princesa pra todo mundo?

BELA: Você quer porque eu estou mandando!

** Gabriel desce da pinguela para ir embora.*

BELA: *(Surpresa)* Onde você está indo?

GABRIEL: Ué... Estou indo para a floresta matar o dragão. Não foi isso que você pediu? *(Bela sorri, fazendo "sim" com a cabeça)*

** Começa a música. Gabriel entra na brincadeira de príncipe, Bela assiste a tudo e se diverte.*

Modinha

Menininho, se eu te pedisse,
De modo que ninguém visse
De modo que ninguém visse
Um beijo, você me dava...

Menininho, se eu te pedisse,
De modo que ninguém visse
Um beijo, você negava...
Ou dava, ou dava?

** Gabriel sobe na pinguela para dar um beijo em Bela.*

GABRIEL: Pronto, agora eu já posso te beijar.

BELA: Agora eu não quero mais...

GABRIEL: Ué, por quê?

BELA: Porque você é muito baixinho, magrelo, não tem cara de príncipe!

AVÓ: *(Voz de fora)* Bela!

CORO: Ô Bela!

BELA: Minha avó! Eu tenho que ir.

GABRIEL: Não, fica mais um pouco...

CORO: Já pra casa, Bela!

BELA: Não posso. Me ajuda a desmanchar o circo.

GABRIEL: Ah, não, o circo fica!

BELA: O circo é meu! *(Eles desmancham a pinguela)*

GABRIEL: Por que o circo não pode ser de todo mundo?...

BELA: Porque não! O circo é só meu.

GABRIEL: Ei, não vai por aí, não, que é muito longe. Nem por aí.Vai por lá ó.

** Bela sai.*

Cena 9 – O Jardineiro e a Rosa

** Entra o Jardineiro cantando.*

JARDINEIRO

Ei margarida, oi violeta.
Gardênia e tulipa
Minha camélia, acorda azaleia
Hortência e manacá

Cheira perfume, aroma begônia.
Flor de maracujá
Cravo do campo, dama da noite,
Selvagem bromélia

Cuidado com o vento, o sol e a chuva,
Guarda-te pra mim
Copo de leite, brinco de princesa,
Precioso jasmim.

GABRIEL: O que você está fazendo?

JARDINEIRO: Cuidando das flores. Sou o jardineiro desta praça. Como é o seu nome?

GABRIEL: Jerônimo.

JARDINEIRO: O meu é Jorge, muito prazer.

** Entra Rosa, cantando. O jardineiro não consegue esconder a sua paixão.*

Rosa vermelha
Sou rosa vermelha.
Ai meu bem-querer
Beija-flor sou tua rosa.
Hei de amar-te até morrer.

Seu beijo doce tem sabor do mel da cana
Sou sua ama, sua escrava, meu senhor
Sou sua cana, seu engenho, seu moinho
Tu és feito um passarinho que se chama beija-flor.

GABRIEL: Nossa, que linda! Quem é ela?

JARDINEIRO: É a Rosa, a flor mais bonita desse meu jardim!

GABRIEL: Gente que é flor... E o vestido dela é da cor do balão que eu estou procurando. Sabe, eu estourei um balão...

JARDINEIRO: Depois você acha outro balão, menino. Ela não é mesmo lindíssima? Daria tudo o que tenho por um beijo dela.

GABRIEL: E o que você tem?

JARDINEIRO: Eu? Muito pouco para ela gostar de mim. *(suspira)*

** Gabriel se aproxima de Rosa, enquanto o jardineiro sobe na escada para tentar ouvir a conversa.*

ROSA: O quê que é, menino? Vai ficar aí parado? Nunca me viu não?

GABRIEL: Não.

ROSA: É cada um que me aparece... Sai daqui. Se alguém me vê conversando com você, vou ter problema.

GABRIEL: Por quê?

ROSA: Um dia você vai entender.

GABRIEL: Um dia...

ROSA: Agora chispa, porque você tá empatando meu expediente.

GABRIEL: Seu o quê?

ROSA: Meu trabalho. Meu Deus, o que eu fiz para merecer isso? Ô menino, vai conversar com aquele moço ali, vai.

GABRIEL: Ah, é o Seu Jorge, o jardineiro. Ele disse que você...

ROSA: Eu sei muito bem o que as pessoas falam de mim.

** O Jardineiro observa tudo e fica muito nervoso. Resolve chamar Gabriel.*

JARDINEIRO: Ô, menino, sai daí.

** Gabriel se aproxima do Jardineiro.*

JARDINEIRO: O que foi que você disse pra ela?

GABRIEL: Eu?

JARDINEIRO: Já ia dar com a língua nos dentes, né?

GABRIEL: Acho que ela ficou brava.

JARDINEIRO: Ah é? Então, vai lá consertar sua bobagem.

GABRIEL: Eu não. Não é você que cuida das flores?

JARDINEIRO: Eu não posso, eu sou muito tímido. Vai, anda logo.

** Gabriel volta.*

ROSA: De novo? Mas será o Benedito?

** Jorge faz tanto esforço para ouvir a conversa, que desequilibra e cai da escada.*

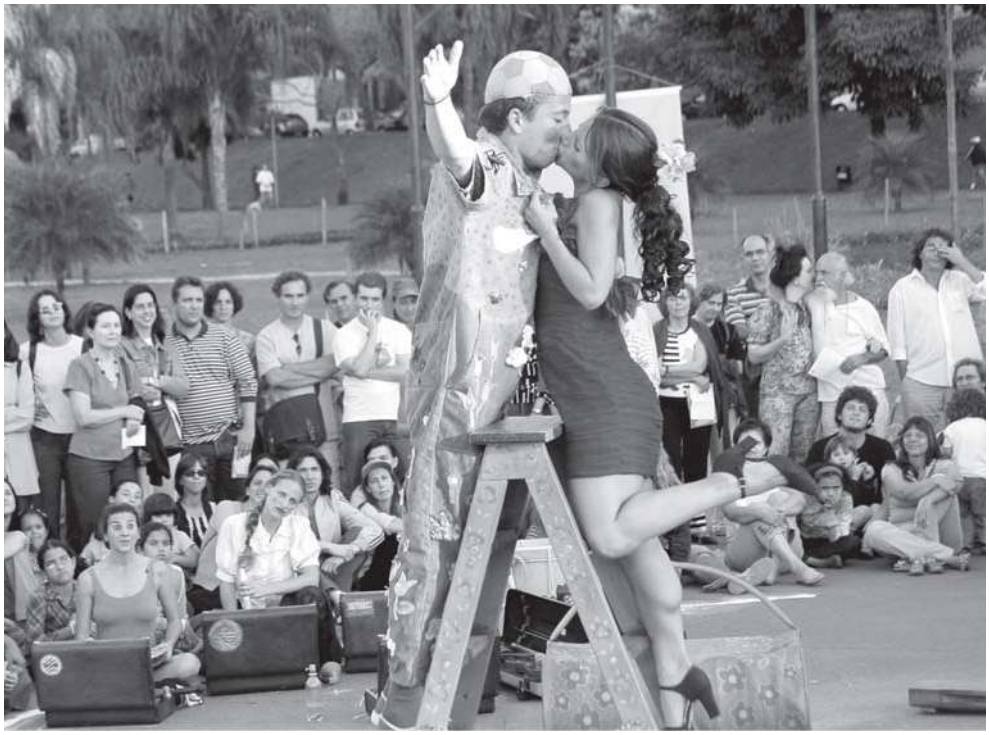
GABRIEL: Não, é o Jorge!

** Rosa e Gabriel caem na gargalhada e correm para acudir o jardineiro.*

ROSA: Você se machucou? É Jorge seu nome, não é?

JARDINEIRO: Não, quer dizer, sim, quer dizer, sim, meu nome é Jorge e não, eu não me machuquei. Me desculpe, eu não queria ...

ROSA: Não tem problema, seu Jorge, eu já estou acostumada.



Digamos assim: não sou uma pessoa certa para conversar com crianças.

JARDINEIRO: Não é isso, a senhorita é muito certíssima... Eu só queria dizer... Eu só estava dizendo para o garoto... O quê que eu estava dizendo mesmo? Ah, eu estava dizendo que a senhorita é muito... Muito...

ROSA: Cuidado, seu Jorge... Sou mulher da vida, mas exijo respeito.

GABRIEL: Mulher da vida? Nossa, que lindo! Ela é mulher da vida!...

JARDINEIRO E ROSA: Psiu! Menino, não é bem assim...

GABRIEL: Mas então, o que é mulher da vida?

JARDINEIRO: Mulher da vida é uma pessoa que... É melhor a senhorita explicar.

ROSA: Nada disso. O senhor é homem, saberá explicar melhor.

JARDINEIRO: Bem, digamos que... Mulher da vida... É como uma rosa que, de tão linda, todos os homens querem possuí-la.

Rosa Morena

Ô Rosa, rosa morena
Rosa morena eu sou
Ô Rosa, rosa morena
Só tu és o meu amor;

Tu de lá , e eu de cá
Passa um riacho no meio
Tu de lá dá um suspiro
Eu de cá suspiro e meio.

ROSA: Uma linda explicação, seu Jorge. A mais gentil que já ouvi em toda a minha vida. *(dá um beijo no jardineiro)*

Você diz que eu sou sua,
Se eu sou sua eu não sei.
O mundo dá muitas voltas
E eu não sei de quem serei.

A rosa também se muda
Para o campo ou o deserto
De longe também se ama
Quem não pode amar de perto.

ROSA: Bom... Já vou indo, como se diz: "Tempo é dinheiro; din-din". Adeus, Jorge, foi um prazer conhecê-lo. Eu quase me apaixonei... *(para Gabriel)* Tchau, menino. *(Rosa sai e encontra com a Gorda, entrando)*

Cena 10 – Gorda

GORDA: Ai, seu Jorge, que bom que o senhor ainda está aqui.

JARDINEIRO: Eu já estava de saída, Dona Regina.

GORDA: Eu trouxe um lanchinho para o senhor.

JARDINEIRO: Não precisava se incomodar.

GORDA: Como não? O senhor está tão magrinho e trabalha tanto.

JARDINEIRO: É a vida, dona Regina, muitos jardins para cuidar.

GORDA: Um homem tão interessante como o senhor deveria ter um emprego melhor.

JARDINEIRO: Mas eu gosto do que faço, senhora.

GORDA: Senhorita, por favor; sou viúva. O senhor sabia que fui bailarina quando era pequena? Olha, ainda me lembro de uns passinhos. *(começa a fazer uns passos de balé)*

JARDINEIRO: Muito bacana D. Regina, muito bonito, mesmo. Agora preciso ir, que já estou atrasado.

GORDA: Sabe, Jorge, tenho andado muito só e pensei que, se senhor desejar arrumar o meu jardim, eu...

JARDINEIRO: *(saindo)* Lamento, dona Regina, estou realmente muito ocupado...

GORDA: Seu Jorge... Seu Jorge... O senhor esqueceu o seu sanduíche. Droga! Ah...

** Dá de ombros e começa a cheirar a sacola com o lanche que trouxe. Prepara seu ritual para começar a comer, enquanto dança. Quando vai morder o sanduíche, percebe que Gabriel a observa.*

GORDA: E você, quem é? Não adianta vir pedir nada; estou muito pobrinha.

GABRIEL: Mas eu... *(Entra um menino de rua)*

PIVETE: Ei, dona, me dá?

GORDA: Não é possível! A gente não pode nem mais comer sossegada, que é cercada por esses pivetes. Não tenho nada!

PIVETE: Me dá um trocado?

GORDA: Nem trocado e nem inteiro, ouviu?

PIVETE: Então, me dá um pedacinho do seu sanduíche?

GORDA: Que sanduíche?

PIVETE: Aí atrás, ó, eu tô vendo?

GABRIEL: Ei moça, você tem dois sanduíches. Dá o do seu Jorge pra ele.

GORDA: Sai pra lá. *(Gorda espanta Gabriel e fecha a sacola)*

PIVETE: Oh, dona! Escuta o moleque!

** Para se ver livre das crianças, a Gorda tira uma lasquinha do pão e dá para o menino.*

GORDA: Agora vê se some daqui.

PIVETE: Ô munheca de vaca! *(O Menino vai para um canto da cena, xingando Gorda)*

GABRIEL: Me dá um pedaço também?

GORDA: Ah não! Se você quiser, peça um pedaço a ele. *(O pivete que está de longe faz não com cabeça)*

GABRIEL: Eu só queria experimentar, e a senhora tem tanta comida!

GORDA: Que tanta comida, tá doido? Eu ainda não comi nada hoje. E se eu der pra todo mundo que me pede, vou acabar morrendo de fome. Eu não posso tirar da minha boca pra te dar, entendeu?

GABRIEL: Mas eu não quero o da sua boca, eu quero o da sua mão.

* *O pivete, que estava de longe olhando, passa correndo e rouba a sacola da mulher.*

PIVETE: Aí, Gorda, roubei mesmo, na alta!

GORDA: Socorro! Pega ladrão, pega ladrão!

Cena 11 – Malandros

* *Os malandros entram, desenvolvendo um jogo de pantomima. Entra a Suicida, cantando, com uma garrafa de veneno na mão, uma faca na cabeça e uma corda em volta do pescoço.*

SUICIDA

Tentei de tudo pra que a vida desse certo,
Mas o azar me procurou.
Tudo dá errado, todos fogem do meu lado.
Agora só posso chorar.

Por que será que a vida me trata deste jeito?
Eu não consigo acreditar.
Nada acontece da maneira que eu quero,
Com tudo hoje hei de acabar!

SUICIDA: Adeus, mundo cruel; adeus, minha mamãe; adeus, todos vocês que aí estão...

GABRIEL: Não! Não faça isso!

SUICIDA: Mas não é possível! Nem para se matar a gente tem sossego neste mundo! Alguém tira esse moleque daqui?

** Os Malandros pegam Gabriel*

SUICIDA: Adeus, mundo cruel; adeus, todos vocês...

** Os Malandros correm e amparam a Suicida, que se joga para trás.*

SUICIDA: Adeus! *(Ela se joga)*

MALANDROS: Não! *(Levantam a Suicida)*

SUICIDA: Sim! *(Ela se joga e eles a levantam)*

MALANDROS: Não!

SUICIDA: Chega!!! Já estou ficando tonta. Vocês não estão entendendo? Minha vida não tem solução. Eu sou sempre a última da fila. Corro para pegar o ônibus e ele fecha a porta na minha cara. Toda vez que saio para caminhada, piso no cocô de cachorro; isso quando o cocô não vem de cima, e ainda me dizem que isso dá sorte! Que sorte? Chega! Basta! Eu não aguento mais! Parem de tentar me salvar, eu quero morrer.

GABRIEL: Mas, se você morrer, o mundo vai acabar para você.

SUICIDA: Pois que acabe. Este mundo nada me deu, além de desgosto.

GABRIEL: Minha senhora, pense só por um segundo: há mil razões pra vivermos neste mundo!

MALANDROS

Minha senhora, pense só por um segundo:
Há mil razões pra vivermos nesse mundo.

SUICIDA: Me dê uma só!

A natureza cada dia na janela

Com suas flores colorindo o despertar.

SUICIDA: Mas elas morrem no meu jardim.

Elas não morrem, simplesmente se transformam

Em outras flores que perfumarão seu lar.

SUICIDA: Ah! Mas eu sou feia.

MALANDROS: Isto é verdade!...

SUICIDA: Ninguém olha pra mim. Sou tão sozinha!

GABRIEL: Sozinha? Mas se tem tanta gente no mundo! Olha só em volta de nós.

SUICIDA: Quem?

** Silêncio. Olha para a plateia e para os Malandros. Ninguém esboça reação. Vendo isso, Gabriel escolhe um homem da plateia e o mostra para ela.*

GABRIEL: Este aqui.

SUICIDA: Mas ele é careca!

MALANDROS: Já existe Capiloton!

** Gabriel escolhe outro homem.*

GABRIEL: Este.

SUICIDA: Olha a cara de safado! Aposto que é casado!

** Gabriel escolhe uma mulher.*

GABRIEL: Então, ela?

SUICIDA: Mas ela é mulher!

MALANDROS: Tem gente que gosta!

GABRIEL: Ah, já sei! Um dos dois. (aponta para os Malandros)

** A Suicida olha para os Malandros com um sorrisinho de quem gostou da sugestão.*

MALANDROS: Psiu! Quieto menino!

De jeito algum isso pode acontecer,
Malandro é malandro, sempre livre tem que ser.
E nessa vida sempre fomos vagabundos,
Seu problema é tão profundo
Que nem dá pra compreender.

MALANDROS: Então, adeus!

SUICIDA: Adeus! De que vale o meu carrão...

MALANDROS: Carrão?

SUICIDA: De que vale meu avião...

MALANDROS: Avião?

SUICIDA: De que vale minha mansão...

MALANDROS: Mansão?

SUICIDA: De que vale um dinheirão, se eu não tenho um coração?

** Os Malandros subitamente se interessam pela Suicida.*

MALANDROS: Ai, meu Deus, que mulherão! Será que rola um mensalão?

SUICIDA: Só se for no meu colchão.

MALANDRO 2: E o jantar lá no Bolão?

SUICIDA: Eu pago com o meu cartão.

GABRIEL: E você me dá um balão?

SUICIDA: Ah, meu bem, agora não!

Venha com a gente sem rumo e sem direção
Pois nessa vida nada tem explicação
Seja feliz, agora que somos três
E todos os seus problemas
Vão sumir de uma só vez!

** Saem os três, cantando, Gabriel fica novamente sozinho.*

Cena 12 – Cigana

** Cigana vem falando de fora.*

CIGANA: Lê-se a mão, jogam-se cartas e búzios, traz a pessoa amada de volta em tempo recorde. Cobro barato! E se ela não voltar, eu também trabalho com rogação de praga, mandinga, macumba e outras coisas mais. Cobro barato!

GABRIEL: Você viu? Eles vão viver felizes para sempre!

CIGANA: Até o din-din acabar...

GABRIEL: Quem é você?

Cigana Brasileira – I
Sou cigana brasileira,
Gosto de hablar espanhol.
Estou na praça ou na feira,
Faça chuva ou faça sol.

Me dê sua mão que eu quero ler
Falar de sorte ou de dor
Te aconselho, para não se perder
Transformar tu vida em flor.

CIGANA: Adivinho o passado, o presente e o futuro.

GABRIEL: O que é o futuro?

CIGANA: É uma coisa que ainda vai acontecer daqui a pouco, amanhã, depois...

GABRIEL: E como você sabe o que vai acontecer?

CIGANA: Eu leio, está escrito na palma da mão.

GABRIEL: Dá pra saber tudo mesmo?

CIGANA: Claro, você só precisa me dar um din-din que eu te conto tudo!

GABRIEL: Mas eu não tenho din-din! Eu quero saber, ninguém me ajuda. Eu não tenho din-din, eu não sei pra que serve din-din, eu detesto din-din!

CIGANA: Não precisa ficar assim. Mas eu só vou te dar uma resposta!

GABRIEL: Só preciso de uma mesmo.

** A Cigana pega a mão de Gabriel.*

CIGANA: Mas o que é isso? Está tudo em branco! Você não tem linhas!

GABRIEL: Linhas?

CIGANA: Menino, sua história ainda não está escrita.

GABRIEL: Mas como posso escrever a minha estória?

CIGANA: Tendo o ontem, o hoje e o amanhã.

GABRIEL: Mas eu só tenho hoje, e eu preciso saber onde eu posso encontrar o meu balão vermelho.

CIGANA: Eu só leio o que está escrito.

GABRIEL: Você falou que adivinhava tudo.

** Entram os Pombos.*

POMBOS: Ela é mentirosa!!!!Mentirosa!!!!

GABRIEL: Mentirosa?

CIGANA: Que mentirosa o quê!!

Não deboche de mim
porque eu nasci assim
conversando com estrelas e pombos
sei de tudo e de todos
do princípio e do fim.

Cena 13 – Velha dos Pombos

Vida de Pombo

Vida de pombo
voar pelo ar sem descanso
vida de pombo
escolhendo a pessoa pra carimbar;

a vida de pombo não é vida a toa
só voa, que voa, sem nunca parar
os seres humanos são bem esquisitos
inventam problemas aonde não há;

a gente não entende o porque disso tudo
a vida é tão simples: comer e borrar
vâmo cagar!!!

** Escuta-se de longe a velha resmungando.*

VELHA: Que porcaria!!

POMBOS: A velha está chegando... essa velha só fica reclamando... é insuportável... mas é ela que dá de comer para a gente... prrr....é o milho bom.

VELHA: Que porcaria o preço desse milho, eu já falei pra ele que não dá pra aumentar o preço todo dia. E o atendimento? Uma falta de educação... e os jovens de hoje em dia são perigosos... Eu não estou acreditando! Ninguém concertou o banco, mais já liguei para prefeitura, e nada! Todo mundo acha que velho é lixo. Ai meu deus, deixa eu sentar. Quem sujou o banco??? Esses pombos... *(limpa o banco enquanto os pombos comentam entre si)*

POMBOS: Eu não, eu não.... fui eu... melhor cagar no banco do que na santa, né? Prrr...

VELHA: Ah, meus pombinhos eu trouxe milho para vocês... *(joga milho para os pombos que chegam perto dela)*

POMBOS: Mi, mi, mi, mi olha o mi-lho bom.

Mi, mi, mi, mi olha o mi-lho bom.

VELHA: Ai, vida de pombo que é boa!

POMBOS: Mi, mi, mi, mi olha o mi-lho bom.

VELHA: Ah, meus pombinhos, se não fosse por vocês... Mas também,

se não fosse por mim, vocês morriam de fome. *(Espanta os pombos)* Chega, chega, que o milho tá caro.

** Os pombos chegam perto de Gabriel, que tenta espantá-los, mas eles não o deixam. A velha vê Gabriel e fica um pouco assustada.*

VELHA: Quem é você?

GABRIEL: Jerônimo.

POMBOS: Gabriel.

GABRIEL: Não... Pxiiii. É Jerônimo.

POMBOS: É Gabriel.

GABRIEL: Xô, xô. Voem, pombos!

VELHA: Jerônimo ou Gabriel?

GABRIEL: É Jerônimo mesmo! E você?

VELHA: Para quê você quer saber meu nome?

GABRIEL: Para te chamar.

VELHA: Olha aqui, se você está querendo me roubar, eu estou armada, eu tenho uma arma aqui.

GABRIEL: Cadê?

VELHA: Eu não vou te mostrar.

GABRIEL: Por quê?

VELHA: Porque eu não quero e pronto!

GABRIEL: Quantos anos você tem?

VELHA: Isto é pergunta que se faça? Por que você quer saber?

GABRIEL: Você é cheia de linhas...

VELHA: Mas que falta de educação.

GABRIEL: Você tem um balão vermelho? Eu queria tanto um... Onde será que está o Seu Mané Pipoca?... Eu queria brincar mais de circo... E um balão... Eu quero ser gente...

** Gabriel está cansado, começa a se deitar aos poucos, e acaba dormindo no banco da praça. A velha fica desconcertada com aquela situação, mas aos poucos vai se afeiçoando ao menino.*

VELHA: Coitadinho, tão cansado! Também as crianças de hoje têm tanta coisa pra fazer: é escola, natação, inglês, informática... Não têm mais tempo de serem crianças. Dorme, menino, dorme, descansa um pouquinho *(Começa a cantar uma canção de ninar, fica olhando Gabriel dormir por um tempo, sai de cena)*

Gabriel
Gabriel, se você me pedisse a lua,
Eu te daria.
E se me pedisse o sol,
Eu também te daria.
E se me pedisse uma asa?
Uma asa eu também, eu também te daria.

** Toca o sino, acordando Gabriel.*

GABRIEL: Nossa, eu dormi! O dia tá quase acabando.

** Toca o sino novamente, entra o Noivo correndo.*

GABRIEL: Ei, que horas são? Já está na hora do Ângelus?

NOIVO: Hora do Ângelus? Está na hora do meu casamento. Você viu minha noiva por aí?

GABRIEL: Noiva? Eu preciso encontrar minha Madrinha. O sino já tocou me chamando.

NOIVO: Esse sino é do meu casamento, menino. Me ajude a encontrar minha noiva que eu te ajudo a encontrar sua Madrinha.

GABRIEL: Tá bom.

NOIVO: Está vendo alguma coisa?

GABRIEL: Nada.

NOIVO: E aí?

GABRIEL: Não; também daqui de baixo fica difícil.

NOIVO: Então vem cá, sobe nas minhas costas. *(Gabriel sobe nos ombros do Noivo para procurar a Noiva)*

GABRIEL: Achei!! Ela está lá com a minha Madrinha. Ih, ela está chorando...

NOIVO: Então vamos lá, depressa. *(Saem)*

** Começa a tocar a música de passagem de cena, todos se levantam e conduzem o público para o último espaço.*

⁎ VOLTA AO ESPAÇO 1 ⁎

Cena 14 – Casamento

** Entram a Noiva e Gabriel, correndo, vindo de lados opostos, quase se trombam. A Noiva tenta escapar de Gabriel.*

GABRIEL: Ei, você tá chorando! Você está triste? Você tá com fome?

** Noiva tenta responder ao anjo, mas não consegue porque está chorando muito.*

GABRIEL: Eles te bateram porque você estourou um balão?

NOIVA: Não. É que hoje é o dia do meu casamento.

GABRIEL: E você tá triste por isso?

NOIVA: Não, hoje é o dia mais feliz da minha vida! *(começa a chorar de novo)*

** O Noivo chega à praça.*

NOIVO: Meu amor, o que você está fazendo aqui? Tá todo mundo te esperando na igreja.

** A Noiva chora e não consegue falar.*

NOIVO: Calma, meu amor! O que está acontecendo?

NOIVA: É que eu não quero te fazer sofrer.

NOIVO: Você não me ama mais?

NOIVA: Claro que amo... Mas tem coisas que são tão diferentes entre a gente. Acho que não vai dar certo.

NOIVO: Mas como a gente vai saber, se não experimentar?

GABRIEL: Eu falei a mesma coisa pra minha madrinha.

CORO: Em briga de marido e mulher não se mete a colher.

NOIVO: Olha, meu bem, você está nervosa.

NOIVA: Não é isso. É que você é muito teimoso... muito cabeça dura!

NOIVO: Não fala assim, fofucha.

NOIVA: Fofucha? Eu detesto quando você me chama de fofucha!

NOIVO: Eu também odeio quando você me chama de cabeça dura.

NOIVA: Eu não quero chegar em casa e encontrar o seu sapato no meio da sala, a cueca no chão do banheiro...

NOIVO: Eu nunca reclamei de você fazer um varal de calcinhas no *box* do banheiro!

NOIVA: E você, que é incapaz de levantar a tampa do vaso pra fazer xixi?

NOIVO: Ah, é? E a sua escova cheia de cabelo no armário; parece uma peruca!

NOIVA: E quem se acha o dono do controle remoto...

NOIVO: Olha aqui, se você está arrependida, a gente vai lá e desfaz tudo. Vamos?

NOIVA: Não, espera! Me promete que vai mudar?

NOIVO: Eu vou tentar, mas não posso prometer.

NOIVA: Tá vendo como você é cabeça dura?

NOIVO: Chega, Fofucha. Eu já tou cansado desse papo. Eu estou indo, te espero no altar. Pense bem e faça o que você quiser. *(sai)*

NOIVA: Não me deixa aqui, assim! Cabeça dura!

GABRIEL: O que é cabeça dura?

NOIVA: Deixa pra lá. Casamento é coisa muito importante, eu não sei se estou pronta.

GABRIEL: Mas ele não é o seu príncipe?

NOIVA: Não sei. Eu não sei o que faço da minha vida.

GABRIEL: Eu também não sei, apesar de ainda não ter uma vida.

NOIVA: É uma decisão muito séria.

GABRIEL: Eu também tenho que tomar uma decisão importante agora.

NOIVA: O meu coração está disparado.

GABRIEL: É assim que eu estou me sentindo. Parece que todos os sinos do mundo estão tocando no meu peito.

NOIVA: Acho que eu vou desistir...

GABRIEL: Não! Você tem que tentar! Você tem que escrever a sua história.

NOIVA: Mas eu estou com medo do futuro. É um voo muito alto, sabe?

GABRIEL: Ah, mas voar é fácil, é só não olhar para baixo.

NOIVA: Você acha mesmo?

GABRIEL: Claro!

NOIVA: Então eu vou, você é um anjo! Me deseje boa sorte! *(Vai saindo, correndo)*

GABRIEL: Boa sorte! Mas e eu?

NOIVA: Escuta o seu coração.

Cena 15 – Final

** Quando a noiva parte, os sinos tocam, anunciando a hora do Ângelus. A Santa se descongela.*

SANTA: Ah, como eu adoro a hora do Ângelus! Todos os sinos tocando... *(Percebe Gabriel, que está a seus pés)* Gabriel, ainda bem que você voltou.

GABRIEL: Madrinha, que saudades!

SANTA: Mas, Gabriel, só se passou um dia...

GABRIEL: É... só foi um dia, né? Madrinha, eu quero fazer um outro pedido.

SANTA: Pode falar, filho, mas eu acho que já sei o que é.

GABRIEL: É que hoje eu aprendi tanta coisa, conheci tantas pessoas diferentes... Teve um moço que queria me dar pipoca, uma menina que me ensinou a construir um circo; sabia que tem gente que mora na rua? Ei, eu conheci uma mulher da vida! A Senhora sabia que a minha mão ainda não tem linhas? Eu quero escrever a minha história!

SANTA: Ai, meu Deus, de novo essa provação?

GABRIEL: Deixa! Eu quero ver as flores do Jorge crescer na primavera!

SANTA: Ai, Gabriel, quando você teima, hein?

GABRIEL: Eu quero ficar. Eu quero ser gente! E, além do mais, eu ainda não encontrei o meu balão vermelho.

SANTA: É que você ainda não entendeu, Gabriel.

* *Neste momento passa a Velha dos pombos, carregando um balão vermelho.*

O Balão
O balão pode ser seu, ou ser do céu.
E também como a lua ser de ninguém
Já vivi minha fantasia
Se quiser, meu balão a você eu daria.

GABRIEL: Madrinha, olha eu já entendi.
Vou em busca dos meus sonhos,
fique com o seu.
Meus balões vou conquistar
Os meus desejos
Já não tenho minhas asas
Mas eu quero voar.

SANTA: Então, Gabriel, você vai mesmo ficar?

GABRIEL: Vou, e ponto final.

SANTA: E você vai se cuidar?

GABRIEL: Vou, Madrinha.

SANTA: Está bem Gabriel. Eu permito que você seja gente, agora, para sempre.

GABRIEL: Oba!!!!

** Gabriel vai saindo e cruza com o Diabo, chegando*

DIABO: Ei, menino, aonde você vai?

GABRIEL: A lugar nenhum. Aliás, a todos os lugares. Eu vou ficando por aqui.

DIABO: Mas e a Senhora, por que esta com essa cara de borocoxô, todas xoxolenta?

SANTA: Gabriel decidiu ficar.

DIABO: Ah, então o anjinho resolveu cair na vida.

CORO: Cair na vida!!

DIABO: Ainda bem, porque olha o que sobrou da asinha dele. *(joga uns restos de pena)*

GABRIEL: Madrinha, eu prometo que vou vir sempre por flores em seus pés.

SANTA: Com o tempo você vai se esquecer de onde venho, igual a todos os anjos que vêm para a Terra.

DIABO: Isso é muito natural, todo mundo que desce esquece da gente daqui. Se esquecem da senhora, e passam a lembrar só do papaizão aqui, não é?

SANTA: Cale a boca, seu coisa ruim. Mas por que você demorou tanto?

DIABO: Estava em campanha, solidificando as bases. Isto faz parte do meu trabalho como homem público. Estou onde o povo está! Seja rico, seja pobre, com credo ou sem credo, eu não tenho preconceitos. Mas e a Senhora, não vai mais voltar para a Igreja?

SANTA: É...

CORO: Fica, fica, fica!

SANTA: "Se é para o bem de todos, diga ao povo que fico!".

DIABO: Ai, que bom. Eu pensei que fosse ficar aqui sozinho nesta praça. Já estava ficando com Saudades.

SANTA: Eu também ia sentir a sua falta. Afinal o bem não sobrevive sem o mal...

DIABO: E depois da noite ou da chuva?

CORO: Vem o sol.

DIABO: E que uma rosca sem o parafuso?

CORO: Se dá mal.

SANTA: Então vamos festejar as nossas diferenças.

DIABO: Jura?

SANTA: Juro!

DIABO: Jura, jura?

** Os atores vão cantando e se colocando no meio da cena. Quando acabam de cantar, o Diabo tira todos, ficando apenas Gabriel no centro .*

Juro, juro
Eu juro!
Juro que o bem não sobrevive sem o mal
Que depois da noite ou da chuva vem o sol
Juro que pra vir é necessário você ir
Que sem uma rosca o parafuso se dá mal;

Não existe choro sem motivo pra chorar
Não existe paz quando não tem com quem brigar
Só vai acordar aquele que adormeceu.
E eu só vou sorrir quando ver um sorriso seu.
Eu juro!
Juro que eu quero um final Feliz!!!

GABRIEL: Madrinha, chegou a minha hora!

SANTA: Não! Ainda está cedo.

GABRIEL: Não, tá tarde, olha!

SANTA: Você tem certeza de que quer mesmo ir?

GABRIEL: A gente nunca tem certeza, mas alguma coisa me diz que eu tenho que ir.

SANTA: Fica mais um pouco...

GABRIEL: Madrinha, não fala assim, que meu coração já esta dividido. Eu já estou até me sentindo sozinho, nem os pombos estão mais comigo.

SANTA: E Gabriel, isto já é coisa de gente. Solidão. Vá procurar amigos, gente como você.

GABRIEL: Mesmo que ele seja careca?

SANTA: Sabe...

OS DOIS – *Eu achava que esta hora nunca fosse chegar...*

** Gabriel corre para beijar os pés de sua Madrinha.*

SANTA: E que Deus te abençoe meu filho!! Vai Gabriel, vai ...

Música final

Voo com meus pés
Voo com minha alma
Voo com meus amigos
Sem as asas posso voar;

Por ruas estreitas
Vou ganhando avenidas
Vou traçando minhas linhas
Minha história quero contar;

Conhecendo gente
Aprendendo com as pessoas
Tanta sede nesta vida
Tanta água para rolar;

Se o meu coração
Pulsa leve e tranquilo
Eu então me encontro livre para voar.

** Os atores agradecem e passam o chapéu.*

Fim

PAPO DE ANJO

Direção: Chico Pelúcio e Lydia Del Picchia

Dramaturgia

Coordenação: Bete Penido

Texto: Julio Maciel

Pesquisa: Ana Domitila

Direção musical e arranjos: Fernando Muzzi

Elenco: Amanda Vargas, Florência Santángelo, Germán Milich, Glauco Mattos, Gyuliana Duarte, Jimena Klempert, Juliana Martins, Kika Bruno, Layla Roiz, Leila Verçosa, Louisa Maria e Marcelo Oliveira

Técnico/ Contra-regra: Bruno Peixoto

Preparação vocal: Mariana Brant

Preparação circense: Rogério Sete Câmara

Figurino e adereços: Wanda Sgarbi

Assistente de figurino: Elisa kacowicz e Poliana Espírito Santo

Costureira: Heloisa Ferreira Rocha

Equipe apoio figurino: Alexndre Amaral, Cida Nogueira, Eunica Ferreira Batista, Flávia Gomide, Francisco Xavier Campos, Maria Inês Valadares, Maria Juliana Costa e Wagner Teixeira da Silva

Objetos de cena: Marcos Lustosa

Estagiária de objetos de cena: Cristiane Guerra

Pernas-de-pau: Tião Vieira

Fotografia: Guto Muniz

Ilustração: Patrícia Caetano

Design gráfico: Glaura Santos e Laura Guimarães

Distribuição de peças gráficas: Rose Campos

Produção e realização: Galpão Cine Horto

PÉ NA RUA
2006

No Baile

GALPÃ
CINEHORT

COMO CHEGAMOS "NO BAILE"

Simone Ordones[1]

Colaboração de Glicério Rosário[2] e Lydia Del Picchia[3]

Meu primeiro encontro como participante da segunda edição do Projeto Cine Horto Pé na Rua aconteceu em abril de 2006, junto com a coordenação do Galpão Cine Horto. Quando fui convidada a conduzir a direção do projeto, apesar de ficar bastante animada com a possibilidade de voltar a dirigir um espetáculo de rua, fiquei também preocupada com o tempo que teríamos para levantar o espetáculo, pois estávamos, no Grupo Galpão, em ano de turnês, o que me tiraria por várias vezes de Belo Horizonte. Por causa disso, nossa primeira providência foi trocar a data de estreia do espetáculo, que na sua primeira edição havia sido em junho, e adiá-la para início de setembro. A segunda, por sugestão minha, foi a de convidar, para dividir a direção, o ator e diretor Glicério Rosário, com quem eu já havia trabalhado durante bastante tempo na extinta Cia. Sonho e Drama e numa última vez, justamente quando dirigi um espetáculo de rua, *O Pastelão e a Torta*, no qual ele havia atuado. Eu sentia que tínhamos a química necessária para o trabalho.

Também a configuração da equipe aconteceu de maneira atípica, pois a maioria dos atores do Oficinão 2005 (que participaram da montagem de *Estado de Sítio*) já estava comprometida com outros projetos para aquele ano, desfalcando a ideia inicial de elenco que eu

1. Atriz e diretora de teatro, integrante do Grupo Galpão, dirigiu o espetáculo *No Baile*, resultado da segunda edição do projeto Cine Horto Pé na Rua.

2. Ator e diretor do teatro, ex-integrante do Grupo Trama e da Cia Sonho e Drama, assina a direção de *No Baile* juntamente com Simone Ordones.

3. Atriz e diretora de teatro, integrante do Grupo Galpão, assina a co-direção de *Papo de Anjo*, em parceria com Chico Pelúcio.

havia pensado: nosso projeto era fazer um grande baile, às antigas, que aconteceria num tabuleiro de xadrez, na rua, com música ao vivo executada pelos próprios atores e, certamente, queríamos em algum momento vários casais, dançando e preenchendo o espaço. Precisávamos de uma praça, o que era fácil encontrar. E desde o princípio queríamos a participação da plateia. Gostaríamos de reproduzir uma época de sonhos. Considerávamos que, se o público pudesse "dançar" conosco, o clima mágico dos anos dourados seria revivido. Diante da impossibilidade de termos o elenco inicialmente pensado, resolvemos então convidar outros atores que quisessem se agregar ao projeto, começando por aqueles que houvessem passado por edições anteriores do Oficinão, ou que já tivessem algum vínculo com o Galpão Cine Horto. Além do desejo deles em participar, precisávamos também equilibrar o número de atrizes e atores, totalizando 06 casais. Surgiu, assim, um elenco oriundo dos Oficinões *Por toda minha Vida* (2000), *Cães de Palha* (2001), *O Homem que não dava Seta (*de 2002), *A vida é Sonho* (2003) e *In Memoriam* (2004).

Começamos os ensaios na primeira semana de maio. A meta era estrearmos em setembro, portanto tínhamos quatro meses de muito trabalho. Sem texto, apostamos na construção de personagens interessantes que pudessem estar em um baile. Entre estudos, brincadeiras e reflexões (tivemos assistência teórica com alguns estudiosos dos Anos Dourados, para nos dar referências históricas: JK, arquitetura, etc.), juntamente com a dramaturgia, pensamos em vários tipos. Definindo as personagens, as situações em que eles se conheceriam foram dando rumos e recebendo rumos da dramaturgia. Cada ator recebeu a tarefa de escolher uma música de Noel Rosa como "tema" para seu personagem. O conflito e o mote se definiram: o baile seria pano de fundo para a promoção de um político corrupto.

Além de todos os obstáculos comuns à construção de qualquer espetáculo, dirigir em dupla era um desafio a mais. Para minimizar essa condição, traçávamos um plano diariamente, antes das noites de ensaio. Como não tínhamos um texto, a improvisação seria o caminho. Cabia à direção dar subsídios para os atores-criadores. Propúnhamos exercícios para os atores produzirem material e

investirmos em textos a partir deles. Adotamos muitos exercícios inspirados na diretora norte-americana Viola Spolin, jogos individuais e também de integração. Mas foi, sem dúvida – apesar do tema, da época e do espaço definidos de antemão –, o trabalho do ator o que deu grande conteúdo à criação. Acreditávamos que, somente com bons personagens, com atores tendo propriedade e intimidade com o gesto, o corpo e o imaginário de suas criações teríamos um bom espetáculo.

O teatro de rua era um novo desafio para os atores, que tinham pouca experiência neste espaço de atuação. Precisávamos de um cenário simples para montar e desmontar, mas que tivesse alguma imponência, afinal era um baile dos Anos Dourados. Espacialmente adotamos a relação semi-arena, o que obrigava a uma atuação com três frentes. A expressão física dos atores foi trabalhada, exigindo uma movimentação amplificada. Contamos com Helena Mauro, professora de técnica vocal, que, além da preparação musical, desenvolvia com os atores a voz das personagens, a projeção e articulação: trabalharíamos sem microfones individuais e, somente nos números musicais, lançaríamos mão de um com pedestal, bem ao estilo *crooner*.

Completando a equipe técnica, Fernando Muzzi colaborou nas composições e arranjos musicais da montagem. Tínhamos uma trilha gravada com músicas famosas dos bailes da época Dourada e citações originais de Muzzi. Para aprender dança de salão os atores tiveram aula com Fernanda Nogueira, bailarina da Cia. Mimulus. Alexandre Rousset e Tereza Bruzzi foram os criadores do cenário e figurino. O ator e diretor Eduardo Moreira, juntamente com Glicério Rosário, se encarregou da dramaturgia.

O que nos alimentou neste processo todo, foi a alegria de toda a equipe, que deu suporte ao projeto que queria apostar no "sonho" como necessidade inerente para as pessoas viverem. E, para terminar, ficamos com a Zefa, personagem de *No Baile*: "Aqui não é espaço pra brigá, aqui é lugar prá sonhá. Eu preciso daqui, eu preciso sonhá!".

A CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA EM *NO BAILE*

Glicério Rosário[1]

Colaboração de Eduardo Moreira[2]

Falar do processo dramatúrgico de *No Baile* é um exercício saudoso! Poucas vezes participei de um processo em que texto, cena e atores traduzissem tão bem uma proposta inicial, que buscava um ambiente alegre e leve. A proposta, no caso, era o saudosismo de uma época que a maioria de nós não viveu: a nostalgia das horas dançantes na época de ouro dos bailes! O ponto de partida era um lugar ou, mais do que isso, um estado de espírito. Um salão de baile onde tudo acontecia e "a gente acreditava que podia ser feliz", como dizia o locutor da peça. Algo que o cinema já havia retratado de maneira primorosa pelas mãos do diretor italiano Ettore Scola, no filme de mesmo nome e que nos serviu de inspiração.

As primeiras conversas sobre o trabalho com a atriz Simone Ordones, escolhida para dirigir a segunda edição do Projeto Cine Horto Pé na Rua e que, por sua vez, me convidou a dividir com ela a direção, apontavam para um espetáculo que trouxesse o lirismo dos anos dourados, que fosse cômico, popular, e, é claro, de rua. Como a premissa era a de desenvolvermos um processo de construção dramatúrgica colaborativa, convidamos então o ator e diretor Eduardo Moreira para ser o responsável, juntamente comigo, pela dramaturgia. Era preciso que estivéssemos a reboque

1. Ator e diretor do teatro, ex-integrante do Grupo Trama e da Cia Sonho e Drama, assina a direção de *No Baile* juntamente com Simone Ordones.

2. Ator e diretor de teatro, integrante do Grupo Galpão, assinou a dramaturgia de *No Baile* juntamente com Glicério Rosário.

das propostas dos atores, que deveriam trazer os primeiros esboços de personagens, de ações e de conflitos. A dramaturgia foi sendo construída lado a lado com a cena e, mais do que um exercício de modalidade de escrita cênica, foi um compartilhamento de formas de dizer de uma época.

A partir das primeiras improvisações, começaram a surgir os tipos que viriam a povoar aquele universo dançante. Cada ator foi trazendo sua tradução de um sonho que pudesse ser vislumbrado num baile, a partir de uma personagem. Eram trabalhadores como *a faxineira*, *o chefe do serviço de limpeza*, *o músico da orquestra*, *o* crooner, *o apresentador*, *o político*, *o malandro*, *o jeca*, *a mocinha do interior, ingênua e sonhadora*, *a alcoviteira*, *a oportunista*, *a casamenteira*, *a deprimida*, *a romântica*, *a insegura*, *a bêbada*, *o político demagogo*, *o tímido*, *o cafajeste*, etc. Eram todos personagens que frequentariam aquele baile. Alguns se consolidaram e ganharam forma, outros ficaram no meio do caminho.

Num processo em que tanto a direção quanto a dramaturgia foram divididas em duas – ou multiplicadas por dois– as cenas iam aparecendo e sendo propostas de todos os lados e precisávamos estar atentos aos sinais e às possibilidades que apareciam, para que a escolha das situações pudesse ser costurada sem deixar a sensação de uma colcha de retalhos e contribuísse de fato com o nosso roteiro. O fato é que a dramaturgia ia sendo construída por e para aqueles atores, como um grande amálgama, onde já não se sabe bem quem criou aquela fala ou encontrou aquela outra situação. O grande desafio foi, sem dúvida, conseguir criar relações e estabelecer conflitos que juntassem aqueles fragmentos num todo, dando um sentido e encontrando uma trama comum. Como todo bom processo colaborativo, *No Baile* passou por muitas voltas, revoltas e desconstruções e, mesmo depois da estreia, os textos e cenas continuavam a ser repensados e refeitos.

A pesquisa musical, conduzida pelo bom humor e pela competência de Fernando Muzzi, nos mostrava o clima leve e de crítica sutil e, também nesse lugar, as contribuições das pesquisas e dos desejos dos atores foram muito bem-vindas, pois conseguimos misturar chorinho com o *rock* balada de Elvis, marchinha com bolero e música de fossa; tudo coube no nosso sonho. Creio que o

questionamento social que *No Baile* traz, tem leveza e humor graças ao espírito das músicas pesquisadas.

Dividir a construção dramatúrgica com o Eduardo Moreira foi um exercício, tenho de confessar, desigual. O trabalho foi, no meu caso, facilitado, pois também participei da dobradinha da direção. Eu fiquei em posição privilegiada, pois estava no dia a dia com os atores, nos aquecimentos e nos ensaios, podendo observar de perto o brotar das cenas. Assim, minha dinâmica de proposição dramatúrgica foi quase que a de um copista: praticamente transcrevia o resultado cênico que eu e Simone Ordones já havíamos estimulado e conduzido nas experimentações com os atores. Daí a facilidade que tive, e o prazer, em substituir um dos atores em apresentações posteriores à temporada inicial – triplo prazer e envolvimento!

O resultado desse processo foi, sem dúvida, uma dramaturgia tão vinculada ao espetáculo apresentado por aqueles atores, que muitas vezes fica difícil reconstruí-la como objeto escrito isolado daquele contexto.

Entre um texto escrito isoladamente por um autor e um escrito concomitante ao processo de construção cênica, considero não haver garantias de que um ou outro seja superior em resultado de qualidade artística, e tanto um como outro pode ser bom ou ruim. Há bons textos que se transformam em maus espetáculos e, por vezes, uma encenação consegue transformar um texto mediano em um bom espetáculo.

Para os que viveram, viram ou pretendam reconstruir esta aventura, boa festa! E que celebrem sempre o sonho e a alegria de se viver.

PRIMA DIA

NO BAILE

PERSONAGENS

Adelaide
Fidêncio Fidélis
Jorginho Canivete
Maria das Graças
Mercedes
Sérgio Augusto
Sirene
Thiago Cerqueira
Tia Clara
Tião
Waldomiro Praxedes
Zefa

** Espetáculo de rua para seis atores e seis atrizes. O cenário deve ambientar um salão de baile, com algumas mesas e cadeiras nos cantos, balcão e um palco no centro, ao fundo. Cenário, figurinos e música ambientam a década de 60, época de ouro dos bailes.*

** Os atores chegam em meio ao público, cumprimentando as pessoas, elogiando suas roupas, sugerindo que estão prontos para o baile, etc., de modo a ambientar um clima alegre. Em coro, cantam trecho da música* ***No baile da flor de liz****, de Noel Rosa.*

No Baile da flor de Liz
Quem dançou pediu bis
Mas acabou-se o que era doce
Quem comeu arregalou-se
Quem não comeu suicidou-se
Quando a música parou
A orquestra então falou:
"Cavaleiros ao balcão!"
E o tal doce de coco
Que era bom, mas era pouco
Não sobrou para você!

** Dirigindo-se à plateia, dizem, em falas divididas:*

ATORES E ATRIZES: Hoje tem baile! Hoje tem baile?... Hoje tem baile!?... Ah, os bailes!... Encontros de amor... de corpos... de corpos que dançam!... Louvada seja a dança!... Ela libera o homem do peso das coisas matérias!... Quer dançar?... Sim!... O toque das mãos... a mão na cintura... A mão no ombro!... E as músicas!?... Bolero!... Tchá-tchá-tchá!.. Fox!... Valsa!

** Saem dançando, fazendo o ritmo das músicas. Zefa, uma faxineira faz-tudo, mal-humorada, entra, limpando o salão, cantando uma música engraçada, brega. Ao limpar o microfone, percebe que ele está ligado. Certifica-se de que está só e arrisca realizar um sonho secreto: ser cantora!*

ZEFA: *(Sem graça)* E ahora, com nustedi!... Zefa Cariño!

** Como num sonho, surge a banda e a acompanha na execução musical. Ela canta "Quicás", junto com a banda de seus sonhos. Deslumbra-se, admirando a banda. No momento do "grand finale" de Zefa, entra Serginho e chama sua atenção.*

SERGINHO: Zefa! O que fazes aí?!

ZEFA: *(Assustada, inventa desculpas, ao mesmo tempo em que procura a banda)* Nada não, Sô Sérgio, eu tava limpando...

SERGINHO: O microfone não precisa de limpeza! Já limpaste os banheiros?

ZEFA: Não, eu tô...

SERGINHO: Vá, vá, vá, vá...

** Ele se diverte em vê-la atrapalhar-se. Senta-se e vai tirar pó do seu paletó. Começa a imaginar alguém dentro do paletó. Certifica-se de que não há ninguém por perto e conversa com o paletó*

SERGINHO: Como?!... Queres dançar com a minha pessoa!?

** Música. Ele dança com o paletó. Os outros atores e atrizes entram e dançam coreografados ao seu redor. Ao final, saem todos os casais, deixando Serginho a sós com o paletó. Ele se curva para trás, como se para ser beijado pelo paletó. É flagrado por Tia Clara e Maria das Graças.*

TIA CLARA: *(Surpreendendo Serginho dançando com o paletó)* Serginho, meu filho, o que é isso? Está delirando?

SERGINHO: *(Sem graça)* Nada não, Tia Clara... Estava a ensaiar como é que recepcionarei os convidados de hoje...

TIA CLARA: E então, tudo bem?

SERGINHO: *(Elogioso a ela, num gracejo)* Melhor agora! *(Dá três beijinhos afetados)*

** Maria das Graças estende-lhe a mão, indicando que a beije; ele finge que não a vê.*

SERGINHO – Tia Clara, tudo certo para o baile desta noite?

TIA CLARA – Ah, vai ser deslumbrante!

** Maria das Graças, vingando-se do desdém, chama a atenção para uma sujeira no salão.*

MARIA DAS GRAÇAS: *(Apontando a sujeira)* Hum, hum!

TIA CLARA: O que significa isto, Serginho?

SERGINHO: Contactarei a faxineira para limpar! *(Sai, desdenhando Maria das Graças)* Zefa! *(Sai)*

TIA CLARA: Isto mesmo, vá, pois tenho uns assuntos a tratar com minha sobrinha. Minha filha, a primeira coisa que chama a atenção

em uma moça distinta, fina e educada é a maneira de andar. Nunca olhe para o chão, sempre para o alto. Mantenha um certo ar de desatenção. Uma superioridade desleixada.

MARIA DAS GRAÇAS: Como assim, titia?

TIA CLARA: Ora, Minha filha, como nos desfiles das misses.

MARIA DAS GRAÇAS: Ah, eu adoro os desfiles de misses. Como eu adoraria um dia poder desfilar como miss.

TIA CLARA: Ah, nos meus tempos de juventude, eu frequentei muito as passarelas. Eram bailes chiquérrimos.

** Entra a música de concurso de miss – as atrizes desfilam. Junto com elas, está Maria das Graças, representando sua Tia Clara, na juventude.*

APRESENTADOR: E agora, com vocês, toda a graça, toda a beleza da nossa mulher mineira. Miss Divinópolis, Varginha, Conceição do Mato Dentro, Montes Claros e Miss Belo Horizonte. *(Elas fazem poses de exibição)* E a grande vencedora do Concurso de Beldades do nosso estado é... Clara dos Antes... A nossa miss.

MARIA DAS GRAÇAS: (*Fazendo papel de Clara jovem; chorando, emocionada*) Ai gente, estou tão emocionada. Eu queria dedicar esse prêmio à mamãe e ao papai e dizer que o meu livro predileto é *O pequeno príncipe*, de Saint Exupéry.

** As outras misses saem frustradas. Fim do sonho de Tia Clara.*

TIA CLARA: Ah, que sonho!

MARIA DAS GRAÇAS: E nesse baile de hoje, titia, haverá cavalheiros?

TIA CLARA: Claro! Mas não espere muito do baile desta noite. Os fazendeiros não têm estilo, mas têm dinheiro, e os filhos podem ser um bom partido. Veja!

** Os atores fazem um desfile. As atrizes anunciam qual o curso que eles estudam e dão notas. Maria das Graças e Tia Clara assistem. Entra Jorginho Canivete.*

ATRIZES: Direito!... *(Dão nota 10.)*

** Entra Cerqueira.*

ATRIZES: Engenharia!... *(Dão nota 7.)*

** Entra Tião.*

ATRIZES: Veterinária!?... *(Dão nota 3.)*

** Entra Fidêncio e as atrizes não dizem nada.*

MARIA DAS GRAÇAS: E este, titia?

TIA CLARA: *(Desconcerta-se e desconversa)* Este é passado!

ATRIZES E MARIA DAS GRAÇAS: Passado?!

TIA CLARA: Mal passado!

** Os atores fazem uma exibição e saem.*

SERGINHO: *(Espevitado e ansioso)* Tia Clara! Está na hora de abrirmos o salão! Ah, é no baile que todos os sonhos se realizam!

TIA CLARA: Onde os desejos se encontram!

SERGINHO: Que felicidade poder abrir aquela porta e ver entrar pessoas em busca de sonhos! *(Dando mãos às duas)* Estão prontas? *(Vai em direção à porta e para)* Zefa, assim que eu abrir a porta, música! *(Ela se posta na vitrola)*

** Em clima de emoção, Serginho, com gesto bastante eloquente, abre as portas do salão. Música de gala. Os quatro, em pose, esperam a entrada dos convidados. Ninguém surge. Frustram-se. Esperam. Vem surgindo o primeiro convidado.*

SERGINHO: *(Gritando, eufórico)* Tá chegando, gente; tá chegando, gente!

** Tia Clara e Maria das Graças apressam-se em assentar-se, em pose elegante. Zefa corre para se esconder atrás do balcão. Tião aparece na porta. É desajeitado, roceiro. Trajes de jeca, rústico. Serginho é tomado de paixão repentina, fica sem ação.*

TIÃO: Bão? Eu sou Tião! *(Aperta fortemente a mão de Serginho)*

SERGINHO: *(Encanta-se mais pela forte sacudida de seu braço)* Serginho! *(Após um tempo)* Convite! *(Tião entrega o convite todo amassado. Ele pega e o conduz)* Por aqui, Seu Tião. O baile é todo vosso! *(coloca-o em uma cadeira)* Bebes?

TIÃO: Cachaça!

SERGINHO: Zefa, cachaça! *(Afasta-se e fica observando-o de longe)*

** Zefa traz cachaça e lhe serve. Ele joga um tanto no chão, para o santo, bebe o restante de uma golada. Devolve o copo. Zefa sai.*

TIÃO: *(Acena, chamando Serginho. A ele, meio segredado)* Cê... sabe dançá?

SERGINHO: *(Surpreso)* Claro!

TIÃO: Cê pode me ensiná?

** Os dois de pé, Serginho vai ditando ritmo e indicando dois pra lá, dois pra cá. Desengonçado, Tião experimenta.*

TIÃO: Oh!... Mais é facim, né?

SERGINHO: Agora é só o senhor treinar com alguém! *(Fica de braços abertos em pose de dança, se oferecendo)*

TIÃO: É mesmo!

** Sem perceber a insinuação, Tião dirige-se até a mesa em que está Maria das Graças. Ela o percebe e faz cara de nojo.*

TIÃO: Bão?... Eu sou Tião!

MARIA DAS GRAÇAS: *(Elegante e desdenhosa)* Maria das Graças!

** Ele dá uma forte sacudida no braço dela, que se assusta.*

TIÃO: Vão dançá!

TIA CLARA: *(Cochichando)* Futuro veterinário, hein!

** A contragosto, Maria das Graças se levanta e dança. Ela começa a se incomodar com um forte cheiro, até concluir que vem dele.*

MARIA DAS GRAÇAS: *(Interrompendo bruscamente a dança, com cara de nojo)* Ah... que cheiro de curral! *(deixa-o no salão e volta pra mesa, reclamando)* Ah, titia. Aqui só tem gente chata, feia, mal-educada e que fede! *(Pega a capa de um LP de Elvis Presley)* Ah, Elvis!...

** As atrizes, em coro, repetem: "Elvis!". Vão entrando, envolvendo Maria das Graças numa fantasia: o show de Elvis Presley. Tião se transforma no astro e vai para o palco.*

MARIA DAS GRAÇAS: ... como eu gostaria que você viesse me buscar...

** Tião, transformado em Elvis Presley, interpreta "It's now or never!". Ao final da música, quando Elvis vai beijar Maria das Graças, ela sente, novamente, o cheiro forte de Tião e quebra o sonho, saindo da pista, gritando com nojo.*

MARIA DAS GRAÇAS: Ah!... Que cheiro de curral! *(Volta pra sua mesa)*

** Tião volta furioso para sua mesa. Vêm entrando Jorginho Canivete e Fidêncio. São recebidos na porta por Serginho.*

SERGINHO: Convite!

JORGINHO: *(Malandro, graceja)* Com quem?

** Serginho percebe o tipo e barra sua entrada. Fidêncio vai à frente e apresenta seu convite. Serginho vai pegá-lo e Fidêncio o deixa cair no chão. Ao se abaixar para pegá-lo, Serginho não percebe que Fidêncio oculta a entrada de Jorginho Canivete.*

SERGINHO: *(Levantando-se)* Bem-vindo, o baile é todo vosso... *(Percebe que os dois já entraram, com um único convite, mas deixa pra lá. Sai)*

JORGINHO: *(Rindo, a Fidêncio)* Rapaz, o baile é lugar ideal pra exercer a malandragem! *(Aperta a mão de Tião, cumprimentando-o. Olha em volta)* Mas o lugar está meio vazio. *(Percebe Tia Clara e Maria das Graças e joga charme)* A não ser pela loirinha ali, do lado da titia!

FIDÊNCIO: *(Olha e reconhece Tia Clara. Surpreso)* Clara! *(Ela corresponde à surpresa e vira-se rápido. Sente-se mal)*

MARIA DAS GRAÇAS: *(Acudindo-a)* Titia! Zefa, água! *(Serginho e Zefa vêm socorrê-la)*

JORGINHO CANIVETE: *(Estranhando a situação)* Malandro, você conhece a coroa?!

FIDÊNCIO: *(Meio atordoado)* É uma longa história! *(Desconversa)*

** Vem chegando Cerqueira com sua namorada, Adelaide. Serginho vai recepcioná-los.*

SERGINHO: Convite! *(Pega os dois convites, que Cerqueira lhe entrega. Estende a mão para Adelaide)* Serginho!

ADELAIDE: *(Sotaque carregado)* Adelaide!

SERGINHO: *(Gentil)* Não és daqui!

ADELAIDE: (*Feliz, dá-lhe uma forte bolsada no peito)* Pernambuco! Como que tu adivinhou!?

SERGINHO: *(Sem graça pela violência do afeto)* Pelo sotaque!... Sejam bem-vindos! O baile é todo vosso! *(Sai)*

** O casal entra animado e deslumbrado com o salão. Cerqueira apresenta Adelaide aos seus amigos Jorginho Canivete e Fidêncio. Descaradamente, eles se insinuam para ela, Cerqueira nem percebe.*

CERQUEIRA: Adelaide!

JORGINHO: *(Apresentando-se, galanteador)* Jorginho Canivete, ao seu dispor!

FIDÊNCIO: *(Idem, finge admirar seu colar, mas mira seus seios*) Hum, que lindo, hein?

ADELAIDE: *(Ingênua)* Gostou! É de minha mãe... *(Percebe a malícia dele)* Oh, atrevido! *(Irritada, arrasta Cerqueira para as cadeiras.)*

JORGINHO: *(Chamando Cerqueira*) Malandro!

** Cerqueira deixa Adelaide acomodada e vai até os dois.*

JORGINHO CANIVETE: Que pedaço, hein!

FIDÊNCIO: Tá gamado!?

CERQUEIRA: Ah, que nada!... A mulher dos meus sonhos, é...

** Neste momento, entra a trilha sonora que anuncia a chegada de Sirene. Enquanto ela se encaminha até a porta, Fidêncio e Jorginho Canivete vão reconhecendo nela as características que Cerqueira, sonhador, enuncia sem vê-la.*

CERQUEIRA: ... magra!...

FIDÊNCIO E JORGINHO CANIVETE: *(Olham-se, confirmando a magreza de Sirene)* Magra!

CERQUEIRA: ... tem um andar diferente...

FIDÊNCIO E JORGINHO CANIVETE: *(Olham-se, após perceberem que Sirene anda cambaleante, bêbada*)... um andar diferente!

** Sirene chega à porta do Baile e, antes mesmo que Serginho lhe peça o convite, joga-o na cara. Quase o atropela, sem prestar a atenção nela.*

CERQUEIRA: ... tem um olhar solitário...

FIDÊNCIO E JORGINHO CANIVETE: *(Observando-a percorrer o olhar melancólico pelo salão)*... um olhar solitário...

CERQUEIRA: ...ah, e tem que ser um pouco curvada!

TODOS OS PERSONAGENS E ATORES, EXCETUANDO SIRENE: Curvada!?

CERQUEIRA: ...é, pra ficar da minha altura!

** Fidêncio e Jorginho Canivete giram o rapaz, mostrando-o Sirene.*

CERQUEIRA: Oh... gamei!

** Sirene avança para o balcão e toma um copo, que Zefa iria servir para Tia Clara. Toma-o num só gole. Todos a estranham.*

JORGINHO CANIVETE: Ah, paixão é coisa pra otário. Malandro que é malandro não se deixa levar. E como bom professor que sou, vou ensinar. Primeiro: nunca olhe de frente, sempre de lado, jogando charme!

CERQUEIRA: *(Experimentando com Sirene)* E se ela não olhar?

JORGINHO CANIVETE: *(Fitando uma mulher do público)* Sempre tem alguém olhando!

** Jorginho Canivete aponta a pessoa escolhida na plateia para Cerqueira e Fidêncio. Vão até ela.*

JORGINHO CANIVETE: Calma...

CERQUEIRA: A gente só quer saber o seu nome...

FIDÊNCIO: O seu telefone...

JORGINHO CANIVETE: E o que você vai fazer depois do baile.

OS TRÊS: Qual o seu nome?

** Escutam o nome dela e fazem um sambinha com o nome.*

Ô Fulana, moça bonita
Não precisa ficar acanhada
Ou fazendo fita
Só quero o seu telefone
Seu voto sincero
Você pode escolher
Entre...

JORGINHO CANIVETE: *(Anuncia-se)* ...o malandro!

FIDÊNCIO: *(Aponta para Cerqueira, zombando)* ...o baixinho!

CERQUEIRA: *(Dando o troco à Fidêncio)* ...ou o Magrelo!

FIDÊNCIO: E o escolhido pela moça bonita é?

** Os três se alinham para a escolha, mas, malandro, Jorginho Canivete empurra os dois para trás e se oferece como escolhido. Dá uma flor para a Fulana.*

JORGINHO CANIVETE: Uma flor, para a mais linda donzela! *(Entrega)* Em matéria de malandragem, o papai aqui é professor. Olha só o que eu faço com a loirinha. *(Chegando à mesa em que Maria das Graças e Tia Clara estão sentadas. Fala à Tia Clara)* Eu poderia dançar uma música com a sua... *(pisca para o público)* irmã!

TIA CLARA: *(Feliz, sorri lisonjeada)* Oh... é sobrinha! *(Consente que ele dance com ela)*

** Música. Jorginho Canivete dança com Maria das Graças. Tia Clara observa que os dois estão ficando muito apertados um contra o outro e interrompe a dança. Jorginho sai rindo e aponta Sirene a Cerqueira, para que ele a convide.*

CERQUEIRA: *(A Sirene)* Q..q.. qu... quéqu... quééé dan... daaannçár?

** Sirene, meio indiferente, pega o copo de bebida e vai dançar com ele. Adelaide fica furiosa e vai até a mesa de Tião.*

ADELAIDE: *(A Tião)* Vão dançá!

TIÃO: Ôh, é claro!

* *Tião pega-a e dançam pelo salão. Adelaide o conduz para dançarem próximo de Cerqueira e Sirene. Não consegue conter-se de ciúme e raiva.*

ADELAIDE: *(Interrompendo bruscamente a dança com Tião)* Ôxe, pra mim chega! Vou resolver esse negócio é agora! *(Vai em direção ao palco, pega o microfone. Zefa, a pedido dela, desliga a música)*

SERGINHO: *(Tentando interrompê-la)* Não senhorita...

ADELAIDE: Ô seu Sérgio, é que eu quero fazer uma declaração de amor!

SERGINHO: Ah, então pode!

ADELAIDE: Ô seu nanico gaguejador duma figa. Tu pensa que pode me trazer no baile e me deixar assim! Pois veja só o que eu te digo!*(Ela canta)*

Entrando, num baile dançante,
Com um naniquinho
Que é muito galante
Quando uma celerada
Flerta com seu par
E lhe dá uma cantada!

O quê é que você faria?
Coro dos atores: eu nesse caso, nem me mexia!

Sentada, olhando a cachorra
Que da minha mão
Tirou meu pão,
E finge que não sabe nada
Que é uma coitada,
Mas é uma safada!

O que é que você faria?
Coro dos atores: Eu nesse caso, ameaçaria!

Se alguém lhe oferecesse.
Um gole pequeno
De um grande veneno
Sabendo que seu pretendente,
Que está enfeitiçado,
Também foi roubado!

Me diga o que você faria!
Coro dos atores: eu neste caso até mataria!

** Retoma a fala, ainda ao microfone.*

ADELAIDE: Eu neste caso, desaparecia... Ô nanico!... Você não é nanico, não! Você é meu gigante, meu pau-de-sebo, minha Torre Eiffel! Larga essa lambisgoia e vem ficar comigo!

SIRENE: *(Indignada)* Lambisgoia!? Olha aqui, minha filha. Fique sabendo que de homem eu só quero uma coisa: distância!

ADELAIDE: Pois não parece!

SIRENE: Pois fique sabendo que o quê eu vim fazer aqui, você e todo mundo logo vão ficar sabendo!

ADELAIDE: É o que veremos!

** Saem cada uma para um lado. Surge Mercedes na porta do salão, para alívio de Serginho, que tentava apartar a discussão.*

SERGINHO: Mercedes!! *(Percebe que se descuidou, olha para os lados, fala em segredo)* Que bom que chegastes!

MERCEDES: *(Apresentando-lhe)* Convite?

SERGINHO: *(Lembrando-se, fala para todos ouvirem)* Ah... convite! Convite! Entre o baile é todo vosso!

** Música. Mercedes entra, dominando o salão. Todos os homens percebem-na. Ela joga com a situação, seduz com o andar. Como num filme, com ações coreografadas, pede fogo, acende o cigarro, todos aos seus pés.*

MERCEDES: Vamos bailar?

** Os homens se atropelam para dançar com ela. Descartando um e pegando outro, dança com Jorginho Canivete, Tião e Fidêncio. Quando vai dançar com Cerqueira, a música acaba.*

MERCEDES: *(Beijando a ponta do nariz dele)* Acabou la musica, naniquito!

SERGINHO: *(Puxando-a para um canto, segredando)* Mercedes, não foi pra isso que viestes!

MERCEDES: Onde esta mi mesa?

SERGINHO: Balcão!

MERCEDES: *(Indiginada)* Balcão!?

SERGINHO: Pssssiu! *(olha pra os lados, despistando. Percebe que Praxerdes está chegando. Eufórico)* Ele está chegando! Ele está chegando!

** Todos estranham o entusiasmo de Serginho. Ele vai para o palco e pega o microfone.*

SERGINHO: Senhoras e senhores, gostaríamos de agradecer presença de todos no nosso baile. E lembrar que este baile conta com a generosa colaboração de Valdomiro Praxedes, homem que é filho e orgulho de nossa terra e que por acaso é candidato a Deputado Federal. Aquele em que eu, você, nós todos podemos e devemos confiar... com vocês... Valdomiro Praxedes.

** Ele entra de modo triunfal, com música **Meu Brasil**. Sempre sorrindo, cumprimenta todos, troca pequenos passos com Maria das Graças e Tia Clara.*

SERGINHO: Valdomiro Praxedes! Gostaríamos de convidar a vossa pessoa para subir no palco e dizer umas palavras!

** Valdomiro Praxedes faz cara de que não precisa, de que não estava preparado, mas sobe.*

SIRENE: É hoje que eu desmascaro esse desgraçado.

VALDOMIRO PRAXEDES: *(No palco, ao microfone, chama Zefa)* Minha cara amiga, você aqui da minha esquerda! Suba aqui, no palanque! *(Ela sobe)* Como é o seu nome?

ZEFA:*(Surpresa e sem graça, fala no microfone gritado)* ZE-FA!

VALDOMIRO PRAXEDES: Aplausos para Zefa! *(Todos aplaudem)* Eu, Valdomiro Praxedes, tenho o maior orgulho de compartilhar o meu palanque com esta legítima representante do povo! Eu adoro abraçar o povo! *(Puxa Zefa e dá-lhe um abraço exagerado. Pergunta a ela)* Assim está bom? *(aperta mais)* Ou assim, mais paternal? *(Sorri exageradamente, querendo mostrar-se feliz. Empurra Zefa para fora do palanque, sem ao menos perceber que ela quase cai no chão. Ele não desgruda os olhos da plateia e o sorriso falso do rosto)* Minhas caras amigas, meus caros amigos... É com incomparável satisfação que nos encontramos aqui nessa noite de confraternização e alegria. E é com incomensurável dever de ofício que convido a todos a

reverenciar nossa padroeira e nossas tradições e a levarem consigo esse nosso santinho...

TIÃO: Viva São Sebastião!

VALDOMIRO PRAXEDES : *(Não entende a interrupção, mas estimula um "viva" coletivo.)*Viva! *(Todos gritam "Viva!". Ele retoma o discurso)*... nosso santinho (*Tira a filipeta de sua campanha*) para divulgarem junto aos seus, familiares e amigos, nossa campanha em prol do desenvolvimento e das tradições da nossa terra querida!

** Ele finaliza num crescente e pára em pose exaltada, esperando aplausos. Como eles não vêm, Serginho salva a situação.*

SERGINHO: *(Puxando aplausos)* Êêêêhhhh!!! *(Todos aplaudem)*

VALDOMIRO PRAXEDES: Tem candidato que é "bossa nova", eu sou o candidato "pé-de-valsa", aquele que dança com o povo! Música!

** Entra a música.*

VALDOMIRO PRAXEDES: (*Ele desce para o salão, olhando, perguntando*) Alguém para dançar?

** Apesar de Adelaide se oferecer, ele finge que não a vê e finge encontrar, por acaso, uma mulher que aceitou: Mercedes. Ela está em pose, esperando-o. Ele pisca o olho para ela, escondido. Dançam alguns passos muito bem ensaiados, com um "grand finale"*

VALDOMIRO PRAXEDES: *(A todos)* O baile é de vocês!

** Ele vai saindo, sorridente. Mercedes o interrompe*

MERCEDES: Valdomiro, no está se esquiciando de algo?

** Ele para, confere se ninguém está vendo e lhe entrega um bolo de dinheiro. Ela sai contando o dinheiro e o põe no decote. Música. Todos bailam sozinhos, sem par, mas mantém os braços em pose, como se estivessem com alguém.*

ZEFA E SERGINHO: *(Entre os bailantes, ele segurando um vestido, ela um paletó. Dizem juntos)* E a flecha do cupido não acerta uma!

** Zefa dá o vestido para Tião, Serginho dá o paletó para Maria das Graças. Cada personagem masculino falará seu sonho para o vestido. Cada personagem feminino falará para o paletó.*

TIÃO: *(Com o vestido que pegou de Zefa)* O meu sonho era aquela loirinha de olho azul. Ah, se eu pegasse aquela potranca de jeito, não

tinha chance da felicidade me largá. (*Passa o vestido para Jorginho Canivete).*

MARIA DAS GRAÇAS: *(Com* o *paletó que pegou de Serginho)* Pois eu queria aquele moço moreno, garboso. Ele tem uma ginga que só de pensar me deixa as pernas bambas. *(Passa o paletó para Adelaide)*

JORGINHO CANIVETE: *(Com o vestido)* A loirinha tá no papo, mas meu sonho mesmo é aquela pernambucana. Êta mulher arretada!*(passa para Cerqueira)*

ADELAIDE: *(Com o paletó)* Pois eu gosto mesmo, é dos baixinhos... Dizem que são bem dotados e que são fogosos! *(Passa o paletó para Sirene)*

CERQUEIRA: *(Com o vestido)* Meu sonho é aquela mulher que está sempre com um copo na mão... Ela deve ser tão inteligente, mas tão inteligente, que chega até a dar medo na gente. *(Passa o vestido para Valdomiro)*

SIRENE: *(Com o paletó)* Aquele desgraçado! Ainda hei de te ver se arrastando aos meus pés! (*Passa o paletó para Mercedes)*

PRAXEDES: *(Com o vestido)* Pois meu sonho, além de ser Presidente do Brasil, é de me enroscar naquela paraguaia, mulher esguia, danada, que quando fala nos deixa sonhando com aquela língua enrolada. *(Serginho pega o vestido)*

MERCEDES: Pois mi sueño no és com nadie. Que el amor para mi nos és algo para amadores y si para profesionales. El amor no se vive, el amor se gana. Y si possible em dólares. *(Zefa pega o paletó.)*

** Os atores formam casais ao redor de Fidêncio e Tia Clara. Enquanto dançam, os atores e atrizes dizem o texto do diálogo de Fidêncio e Tia Clara. Estes dois estão ao centro, apaixonados, mas sem se permitirem o contato.*

ATORES: Clara!

ATRIZES: Fidêncio!

ATORES: Você está linda!

ATRIZES: Faz tanto tempo!

ATORES: Nunca te esqueci!

ATRIZES: Eu tentei...

ATORES: Vamos esquecer tudo?

ATRIZES: Não podemos mais...

* *Os casais de atores/atrizes ao redor se desfazem. Todos os atores e atrizes convidam pessoas da plateia para dançar. Os atores e atrizes conversam com seus pares e apresentam o par de uma atriz para o par de um ator, sugerindo que um quer dançar com outro. Deixam o novo casal dançando. Valdomiro observa os bailantes. Sirene o mira constantemente. Em dado momento, Sirene sobe no palco, interrompe a música e fala ao microfone.*

SIRENE: Eu sou filha do sonho. Eu sou companheira da dor. Eu vim pra libertar! Eu vi e não vou me calar! Eu sei e não vou me esconder! Um homem que mente e que mata, rouba a grana e esconde a pata. Festas, comida, bebida, encher a pança com leviandade! E como é que se paga tanta futilidade?! É com o dinheiro do povo, roubado por Valdomiro Praxedes!

* *Sirene e Valdomiro Praxedes estão em extremos opostos. Os bailantes, incluindo o público que estava dançando, ficam entre os dois, ouvindo a discussão que acontece.*

VALDOMIRO PRAXEDES: *(Despistando, nervoso)* Meus amigos, vamos lá, não interrompam a música. O baile não pode parar. Música!

* *Música retorna. Sirene a interrompe de novo.*

SIRENE: O que não pode parar é a sua ganância, sua hipocrisia, demagogo fajuto...

VALDOMIRO PRAXEDES: Meus amigos, esse senhora bebeu um pouco demais...

SIRENE: Eu bebi e bebo, mas eu nunca desgracei a vida de ninguém...

PRAXEDES: Vamos dançar...

SIRENE: Este senhor, candidato a deputado federal, foi meu amante...

VALDOMIRO PRAXEDES: (*Desesperado)* Dançar?... Beber?...

SIRENE: E como sua amante, sou testemunha de suas falcatruas...

VALDOMIRO PRAXEDES: Serginho, tire essa comunista daqui!

* *A partir daqui, após cada fala, a personagem vai para um dos dois blocos de pessoas que se formam: os que apoiam Valdomiro Praxedes, e o outro, ao lado de Sirene. O público, que dançava, agora testemunha local da discussão, junto com Zefa, fica no meio, entre os dois blocos.*

SERGINHO: Senhorita! Retire-se agora ou a minha pessoa te retirarte-ás!

CERQUEIRA: Aí, ninguém toca na moça, se não vai se ver comigo!

MARIA DAS GRAÇAS: Quem você pensa que é, seu nanico! Valdomiro Praxedes não se rebaixa.

MERCEDES: Rebaixa si. Além de me pagar, para fingir que danza con el pueblo, Valdomiro adora ficar de cuatro e ser mi cachorrito!

TIA CLARA: Sua paraguaia desclassificada! Não nos misturamos com essa gentinha.

FIDÊNCIO: Antigamente a senhora não pensava assim!

TIÃO: E eu posso ser gentinha, mas sou trabalhador viu dona!

ADELAIDE: E eu sou muito digna, viu!

JORGINHO CANIVETE: Ai, titia, a pernambucana tem razão!

VALDOMIRO PRAXEDES: Isto tudo é uma armação política para prejudicar minha campanha! Mas o povo *(Olha para o público, principalmente os que foram dançar e se encontram no salão)*, sabe quem eu sou! Vem, Zefa!

SIRENE: Fascínora! Demagogo! O povo quer é lutar pra se libertar! Vem, Zefa.

BLOCO DE VALDOMIRO: Vem, Zefa!

BLOCO DE SIRENE: Vem, Zefa!

ZEFA: Ocês me dão sussego! Tem dó! *(Sai do meio deles, indo sentar-se emburrada no palco)*

SIRENE: Este lugar me sufoca! *(Sai)*

CERQUEIRA: *(Indo atrás)* Si-Si-Sirene! Sirene! *(Volta-se para Maria das Graças)* Nanico é a mãe! *(Sai)*

ADELAIDE: *(Indo atrás)* Naniquinho! Naniquinho! *(Para o público)* Ôxi, de que adianta vir toda enfeitada? *(Sai)*

JORGINHO CANIVETE: *(Indo atrás)* Adelaide! Adelaide! *(Voltando-se para Maria das Graças, faz um charme e lhe joga um beijo. Sai)*

TIÃO: *(Saindo)* Ô Maria das Graças... ocê é ilusão!

MERCEDES: *(Saindo)* Valdomiro, ainda me deve duzentos dólares, hein! Não me pagaste do último baile! *(Maliciosa)* Cachorrito! *(Sai)*

* *O público é deixado de lado, considerando que ele fará sua escolha de ir com os outros ou ficar com Valdomiro Praxedes.*

VALDOMIRO PRAXEDES: *(Aos que ficaram)* A plebe é tão sentimental!

TIA CLARA: Valdomiro, francamente... cachorrito!

VALDOMIRO PRAXEDES: Bobagem, bobagem... A campanha não pode parar! Venham, acompanho vocês até o carro! *(Ele sai, sorriso de campanha, dando tchau a todos. Saem deixando somente Zefa, Serginho e/ou algum público no salão)*

SERGINHO: *(Melancólico, olhando o salão)* O sonho é tão fugaz!... Zefa, feche tudo e apague a luz... *(Sai)*

ZEFA: Cum Deus, sô Sérgio... *(olha para algum possível público ainda no salão, indicando que devem sair. Arruma o espaço e para, reflexiva)* No baile num é lugar de briga, de discussão, de política. Tá certo que a gente tem que dá um jeito nesse povo que rouba e não deixa a gente vivê... mas aqui, no salão... é lugar pra gente, cantá... dançá... se diverti... sonhá... O povo precisa sonhá... Eu preciso daqui! *(olha pro microfone)* Eu preciso sonhá!

* *Vai até o palco e canta* ***Quiça****, enquanto os atores entram em casais e dançam pelo salão. No fim da música, retomam o coro que abriu o espetáculo, com Flor de Liz.*

No Baile da flor de Liz
Quem dançou pediu biz

Mas acabou-se o que era doce
Quem comeu arregalou-se
Quem não comeu suicidou-se
Encontrei muito funil
A chorar junto ao barril
Quando o chope esgotou
Houve a tal pancadaria
Com a qual se anuncia
Que o baile terminou.

** Agradecem o público.*

Fim

NO BAILE

Direção: Simone Ordones e Glicério Rosário
Dramaturgia: Eduardo Moreira e Glicério Rosário
Elenco/Personagens:

Ana Medeiros – Mercedes
Janaina Morse – Zefa
Maíra Cesarino – Maria das Graças
Marina Utsch – Sirene
Marlene Nunes – Tia Clara
Polyana Horta – Adelaide
Beto Militani – Tião
Euber Silva – Jorginho Canivete
Fabiano Lana – Thiago Cerqueira
Nil César – Sérgio Augusto
Ricardo Andrade –Waldomiro Praxedes
Zé Lucio Martins – Fidêncio Fidélis

Preparação vocal e musical: Helena Mauro
Preparação de dança de salão e coreografias: Fernanda Nogueira
Pesquisa musical: Simone Ordenes e Admar Fernandes
Arranjos musicais: Fernando Muzzi
Trilha sonora: Gravada em estúdio por Sérgio Moreira
Figurinos e cenários: Tereza Bruzzi e Alexandre Rousset
Costureira: Marlene Alvim Dias
Execução de cenário: Marcus Lustosa
Oficina de Máscara Neutra: Kali Quinn
Fotografia: Guto Muniz
Design Gráfico: Glaura Santos e Laura Guimarães
Produção e realização: Galpão Cine Horto

Ficha Técnica

Equipe Pé na Rua 2006

Maquiagem: Ana Medeiros

Assistente de cenários e figurinos: Marlene Nunes, Fabiano Lana, Nil César e Zé Lúcio Martins

Programação visual de objetos de cena: Fabiano Lana

Produção: Janaina Morse

Assistentes de produção: Milena Pitombo e Euber Silva

PÉ NA RUA
2007

Circo do Lixo

GALPÃ
CINEHORT

A CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO *CIRCO DO LIXO*

Eduardo Moreira[1]

Tudo começou com o desejo de fazer uma peça para crianças e adultos, e que falasse da preservação do meio ambiente, e que, de alguma maneira, pudesse contribuir com a luta diária de evitar a destruição do planeta. Uma luta, aliás, que parecemos perder diariamente.

Pelo pouco tempo disponível de trabalho, tentei descartar logo de cara a perspectiva de construir uma dramaturgia do zero. A sorte foi que encontrei um texto de Ivana Andrés (*O circo do lixo*) que tratava da questão seríssima e urgente do lixo. Foi uma coincidência, porque há algum tempo tinha vontade de montar os textos de Ivana, que, além de ágeis, inteligentes e com grande vivacidade dramatúrgica, sempre tratam as crianças com inteligência e sem nenhum tipo de ranço pedagógico. Sempre tive muita vontade de montar, por exemplo, *O Urubu Vegetariano*, que é um texto excelente.

Tendo o grupo de atores com que trabalharia (a turma que acabara de montar *Quando o Peixe Salta*, no Oficinão 2006) e o texto definido, a fase seguinte foi desmontar completamente a dramaturgia e, partindo da ideia inicial da Ivana, desconstruir e reconstruir um novo texto que fosse expressão daqueles atores jovens e com um enorme potencial criativo, com quem estava trabalhando. E assim foi: criamos novos personagens e buscamos características e situações que enriquecessem as propostas pela dramaturgia original – uma meia velha e rasgada, uma panela de pressão estragada, uma garrafa e um pneu careca. A essa turma juntou-se uma dupla de urubus e uma velha estátua de praça pública "toda cagada pelos pombos".

1. Ator e diretor de teatro, integrante do Grupo Galpão, assinou a direção e dramaturgia de *Circo do Lixo*.

A proposta básica era cada ator desenvolver um exercício em que a história do personagem fosse apresentada. Como se tratava de um bando de perdedores que estavam jogados num monte de lixo, à espera da terrível chegada do caminhão que os levaria para o lixão, cada um relatava um passado de glórias até o momento da queda e da degradação. O ponto de partida era relatar cenicamente esse caminho, que começava de onde eles vinham, passava pelo momento traumático da queda e chegava até o presente de decadência e de lamúrias.

Nesse percurso a criação sempre partiu da proposta dos atores. Cada um deles trouxe ideias cênicas que foram dando o substrato para o universo de cada um dos personagens e a relação deles com os outros. Isso tudo, claro, tendo como inspiração, e ponto de partida, o texto original, extremamente vivo, de Ivana Andrés; que, por sinal, foi de extrema generosidade para comigo e com o grupo, apoiando e se entusiasmando com as reviravoltas que muitas vezes propúnhamos ao seu roteiro.

Circo do lixo foi sendo, assim, desmontado e reconstruído várias vezes pelos improvisos dos atores, minhas propostas de inclusão de personagens e de diálogos, num movimento constante de idas e vindas. A vivacidade da encenação era fruto certamente desse "pertencimento" que os atores e a direção tinham de tudo o que era dito e encenado. Só para dar um exemplo – se Javier Galindo, o ator que faria um dos urubus, é colombiano, seu personagem teria necessariamente que ser um colombiano que tocava maracá. Um urubu que, apesar de usar a camisa do Flamengo, era estrangeiro e tinha vindo da Colômbia.

O espetáculo conseguiu estabelecer uma comunicação poderosa com o público não só infantil, mas também adulto. E esse poder é, sem sombra de dúvida, fruto dessa apropriação da dramaturgia feita pelos atores. Sendo um texto original de Ivana Andrés, *Circo do Lixo* sofreu significativas mudanças escritas por mim, mudanças essas que, por sua vez, eram a cara de Cléo, do Gabriel, do Henrique, de Javier, do Pedro, de Fillizola, da Marina, da Margareth, do Chico Aníbal e também do Muzzi, da Fernanda e da Valéria, e de toda equipe com que eu tive o privilégio de trabalhar. Como em todo o bom teatro, o ator foi o centro e dele partiam todas as células criativas.

A DRAMATURGIA DE *CIRCO DO LIXO*

Ivana Andrés[1]

Quando iniciei a escrita do texto *Circo do Lixo*, em 1992, a necessidade de reciclagem do lixo já estava consolidada como questão ecológica fundamental. A associação do lixo crescente com o consumo desenfreado e descartável já era senso comum, bem como a necessidade de se mudarem valores humanos e éticos na direção de se alcançarem padrões sustentáveis de consumo. Caso contrário, iríamos nos afundar numa grande montanha de lixo, num planeta deserto e exaurido.

Era época da Rio-92 e vivíamos o impacto da Agenda 21, principal produto da Rio-92, voltada para o século que se avizinhava. Nessa carta se sugeriam ações que, não deixando de atender às necessidades básicas do indivíduo, pudessem reduzir pressões ambientais e o desperdício perdulário de recursos não renováveis da sociedade do descartável. "É urgente mudar a si mesmo para viver de modo sustentável, promovendo e adotando formas de consumo, produção e reprodução que respeitem e salvaguardem os direitos humanos e a capacidade regeneradora da Terra".[2]

Naquela época eu já havia escrito alguns textos teatrais para crianças e jovens, sempre tendo como personagens os animais. Era para mim um grande desafio e um grande estímulo o tentar colocar-me "do ponto de vista de seres não-humanos" que dividem conosco o prazer e a dor de viver neste planeta. Mas era a primeira vez que escrevia sobre objetos. Procurei nomes sugestivos, como Paneloca

1. Escritora, dramaturga, autora do texto *Circo do Lixo* e dramaturga do espetáculo homônimo, montado na terceira edição do projeto Cine Horto Pé na Rua.

2. RIBEIRO, Maurício Andrés, Ecologizar, 4ª Edição, Editora Universa, Brasília, 2009.

para uma panela velha, Cordovil para uma corda puída, Méinha para uma meia furada, Pneudro para um pneu careca, Scabidú para um cabide usado, e Telefurúnka Mitishubicha, Phillipsina do Grãodiente para uma TV velha e ultrapassada. Relembrando o processo de criação da época, talvez eu tenha escolhido os objetos a partir de apelidos engraçados que eles me sugeriram. Isso iria "puxar personalidades próprias" bem mais humanizadas do que eu poderia supor.

Como acontece com tantos outros dramaturgos, os personagens criaram vida própria e o texto foi sendo conduzido por eles. O importante para mim era colocar como problema central dessa peça teatral infanto-juvenil a necessidade de reciclar coisas, objetos e, por que não, pessoas. Para serem reciclados eles teriam de ser objetos usados, velhos, empoeirados, descartados numa esquina qualquer. E o desejo de viverem e principalmente sobreviverem à morte com a passagem do caminhão do lixo faria com que eles tentassem encontrar uma saída. Cordovil era o "sabidão", aquele que introduziu a palavra "reciclar" e depois a ideia de eles se reciclarem por dentro, desenvolverem a autoestima e se mostrarem para os transeuntes através de um circo, o *Circo do Lixo*. Quem sabe alguém se interessaria em adotá-los, em reciclá-los? Naquela primeira versão, a fim de dar um pouco mais de "tempero", a peça se chamava *O circo lixo do rabo quente*.

Lembro-me do dia em que o ator Chico Aníbal me ligou, dizendo que o ator e diretor Eduardo Moreira queria montar o *Circo do Lixo* para a rua, dentro do projeto Cine Horto Pé na Rua. Como esquecer uma proposta tão além de minhas expectativas? Fiquei tão feliz e honrada, e também tão surpresa, que só muito tempo depois soube quem tinha deixado com ele a cópia datilografada, corrigida com *durex* e corretivos e depois xerocada (foi a minha amiga Wanda Sgarbi). Depois de 15 anos, a cópia estava amarelada e um pouco amassada, mas legível!!

Depois foram reuniões prazerosas com a presença do Eduardo e de toda a equipe que trabalharia na montagem. No primeiro encontro, Eduardo me perguntou, com delicadeza, se poderia mexer no texto.

"É todo seu, mas eu quero acompanhar. Estou aqui para aprender."

Foi realmente um período de grande aprendizado.

Sei o quanto todo autor é apegado ao próprio texto, pois não deixa de ser um pedaço de si mesmo, uma criação, quase comparável a um filho.

Por este motivo eu disse a eles que ficassem totalmente livres para construírem e desconstruírem o que desejassem, e só me chamassem para ver os ensaios quando fosse chegado o momento. Depois de algum tempo me avisaram que não seriam apenas cortes, pois o Eduardo estava escrevendo. Fiquei curiosa e "doida" para ver tudo, para chegar o dia do "meu ensaio aberto".

Naquela noite em que eles passaram o ensaio de trechos da montagem, me olhavam "com o rabo do olho", temerosos... E eu fui me encantando com tudo aquilo. Vi o quanto um trabalho primoroso de corpo, de voz, de interpretação e sobretudo uma grande direção, poderiam acrescentar ao texto original. E fui apresentada a 2 urubus espertos e simpáticos, a uma garrafa de uísque adorável, que nos remetia à Inglaterra dos Beatles e a uma estátua sábia e econômica nas palavras. A estátua do Centurião Romano substituiu com muito maior consistência o papel de "sabe tudo" que eu havia atribuído ao personagem Cordovil. Afinal, ela, sendo uma estátua, estava ali há anos observando tudo e todos do alto do seu pedestal. Ela acompanhou as inovações tecnológicas e o descarte de aparelhos e equipamentos que se tornavam obsoletos a cada dia.

A modificação no personagem TV foi fundamental para tornar o texto mais leve e engraçado, sem deixar de lado o seu caráter de personagem prepotente. Em 1992, eu havia acabado de ler o livro *Os Teledependentes*, que criticava duramente a relação criança–TV de uma forma um tanto radical. Meu personagem sofreu influência desta leitura e confesso que ficou meio chato...

Lembro-me de que, enquanto esperava para ver os ensaios do grupo, senti a necessidade de escrever mais. O resultado foi a conclusão de mais textos infanto-juvenis com argumentos insólitos, influenciados, é claro, pela montagem do Circo do Lixo.[3]

O resultado foi uma montagem lúdica, despojada de cenários complexos, pois o cenário é a própria praça de qualquer cidade

3. Para mais textos da autora, acessar: www.oficinadeteatro.com.br

em que for encenada. É a esquina dos aflitos onde encontramos a toda hora sacos de lixo, na maior parte das vezes sem nenhuma separação.

Assisti várias vezes à montagem, sempre primorosa e encantadora. Tornou-se um espetáculo para crianças de todas as idades, que riem em momentos diferentes: há os jovens e adultos que morrem de rir no momento que nos remete romanticamente para o Abbey Road dos Beatles, há momentos em que crianças riem às gargalhadas e aqueles em que ouvimos risadas de todos os timbres, vindas de todas as idades.

CIRCO DO LIXO

PERSONAGENS

César Augusto
Cordovil
Meinha
Paneloca
Pneudro
Punk
Scotch
Televisão
Urubonildo
Urubozildo

** Praça na Esquina dos Aflitos. No centro, uma estátua de Centurião Romano. Pelo espaço, espalhados uma série de caixas e sacos de lixo. Entram os personagens ao som de um estridente James Brown: Urubonildo e Urubozico, dois urubus, Méinha, uma meia calça furada, Cordovil, uma corda puída, Pneudro, um pneu careca, Scotch, uma garrafa de whisky vazia e Paneloca, uma panela de pressão velha. Um homem tira uma melancia do bolso, come e joga a casca no chão. A casca de melancia no chão causa uma reação de indignação dos personagens, que vão saindo e se esgueirando dos sacos e das caixas. Eles cercam o empregado, que, apavorado, sai correndo.*

URUBONILDO: *(Rindo)* É isso aí, pessoal, tem que jogar duro com essa gente sem educação.

MÉINHA: Eita, que povo porco, sô!

CORDOVIL: Queria ver ele jogar casca de melancia no meio da sala da casa dele!

PNEUDRO: É por causa de gente assim que isso aqui tá um chiqueiro.

MÉINHA: E que chiqueiro!

PANELOCA: Tudo misturado, sem nenhum cuidado.

PNEUDRO: Eu mesmo... Fiquei todo enrolado com uma porção de sacos plásticos de supermercado.

CORDOVIL: E eu.. Pior ainda.. Misturado com escalopinhos ao sugo podre.

SCOTCH: Eco! E eu tive meu rótulo manchado por restos de feijão.

MÉINHA: Pois eu vim toda amassada no meio de latas de milho e de palmito. Que ultraje!

PANELOCA: E minha tampa... Ficou presa numa garrafa plástica de guaraná *diet* que me deixou toda enjoada.

TODOS: Eco! Que horror!

URUBONILDO: *(Do alto de uma caixa)* E o pior de tudo: nem sombra de uma apetitosa carniça.

SCOTCH: Não compreendo... o que ser carniça?

CORDOVIL: (*Fechando o nariz)* Carniça! Coisa podre! Ai que fedor!

TODOS: (*Em coro*) Ai que fedor!

PANELOCA: Que coisa assustadora!

PENEUDRO: Aterrorizante!

SCOTCH: *Disgusting, my dear, disgusting*!

MÉINHA: *Dis-* o que?

SCOTCH: *-gusting…* Nojento, desagradável, perturbador, insuportável... como achar melhor.

URUBONILDO: Ah, deixa de história, pessoal. É o tal negócio: gosto não se discute. É igual torcer por time de futebol.

TODOS: *(Sussurram)* Acho que ele ficou chateado. Fala com ele... com jeito. Com carinho.

MÉINHA: Qual é a sua graça?

URUBONILDO: Urubonildo dos Santos Xavier da Silva, mais conhecido pelo codinome de Urubonildo Bom-de-Bico. Relações públicas do clube recreativo "Temos algo de podre".

MÉINHA: Encantada; Méinha. Uma meia muito fina e delicada.

PANELOCA: Paneloca, panela de pressão com muita história.

CORDOVIL: Cordovil. Uma corda meio velha e estragada, mas que ainda dá no laço.

SCOTCH: Johnny, uma velha garrafa de uísque 12 anos, *please*.

PNEUDRO: Pneudro, um pneu rodado e careca.

URUBONILDO: Sejam bem-vindos à esquina dos aflitos!

CORDOVIL: Ei; mas como fomos chegar a essa situação?

PNEUDRO: Nós fomos jogados aqui.

PANELOCA: Desprezados sem nenhuma consideração.

MÉINHA: Puxa, isso aqui é terra de ninguém!

CORDOVIL: É, ninguém cuida de nada!

URUBONILDO: Hum, e vocês não sabem da missa a metade!

MÉINHA: Que missa? Que metade?

URUBONILDO: Ah, o meu Cumpadre Urubozildo, que adentra a ribalta, pode explicar pra vocês.

URUBOZILDO: (*Dando uma volta pelo espaço e pousando)* E aí, pessoal? (*dando uma geral)* Puxa vida, nem um pedacinho de carne podre, hein?

PERFUMADO
Johnson
PARA ADULTOS
TALCO

URUBONILDO: Qual é, meu chapa? Tamo mermo com azar!

URUBOZILDO: Pode crer. No meio de tanta porcaria espalhada... Nenhum sinal de uma carnicinha. Só esse monte de lixo velho.

CORDOVIL: *(Como porta-voz da indignação de todos)* Olha aqui, senhor Urubozildo da Silva... Mais respeito hein?

SCOTCH: Lixo velho é a senhora sua mãe!

URUBONILDO: Ei, calma, pessoal! É que o meu cumpadre aqui é dos estrangeiro, sacou? Ele veio lá de uma tal Colômbia e não domina assim tão bem o idioma.

URUBOZICO: *(Cantarola uma música de sua nação)*

URUBONILDO: Ele não quis ofender...

PNEUDRO: Tudo bem, mas afinal, que história é aquela da missa?

URUBONILDO: É que eles não sabem pra onde vão, meu velho.

URUBOZILDO: Ih, coitados!

URUBONILDO: É, coitados.

TODOS: Como assim, coitados?

URUBONILDO: Conta pra eles, que eu traduzo pra plateia

URUBOZILDO: É, bem... é que amanhã será pior.

URUBONILDO: (*Pedindo para eles atrasarem a reação. Para o público)* Amanhã será pior.

TODOS: Pior?

URUBOZILDO: Que isso aqui é só uma passagem.

URUBONILDO: Isso aqui é só uma passagem.

MÉINHA: Uma passagem...

URUBOZILDO: Daqui vocês vão para...

SCOTCH: *My God*, virar caco de vidro em cima de muro?!

URUBOZILDO E URUBONILDO: O Lixãooooo!!

PANELOCA: Pelo amor de Santíssimo! No meio de ratos, baratas, urubus!

MÉINHA: Oh! (*Ela desmaia*)

PNEUDRO: Bem que meu primo Zé Pirelli tinha dito – depois de ficar careca, nosso destino ou é ser triturado ou então virar depósito de mosquito de dengue. Que horror!

URUBONILDO: Calma aí, rapaziada! Quem sabe não existe uma solução? Pensem na gente – se continuar assim, acabamos morrendo de fome.

URUBOZILDO: Nem te conto... Semana passada, meu cumpadre Urubuzico teve uma bruta dor de barriga porque comeu uma garrafa plástica misturada com bife podre.

URUBONILDO: É, esse pessoal não ajuda a gente. Deviam separar bem as coisas.

URUBUZILDO: Vidro pra lá. (*Scotch se posiciona)*

URUBONILDO: Papel pra cá.

URUBOZILDO: Metal para acolá. (*Paneloca se posiciona)*

URUBONILDO: Plástico mais pra lá... O resto pra lá. E aqui, bem no meio, uma deliciosa e suculenta montanha de carne passada...

URUBOZILDO: Estragada!!

URUBONILDO: (*Lambendo os beiços)* Putrefata ao ponto!

Canção dos urubus
Ai que vida boa
É papar uma carniça
E plainar no azul do céu
Sempre a sonhar
O meu maior prazer
É poder bicar
Um buxo no almoço
Uma carne podre no jantar
E quanto pior o cheiro
Aquele podre de amargar
Mas eu me delicio
No almoço, no meu lanche e no jantar.

** Urubus vão saindo de cena.*

URUBOZILDO: Valeu, pessoal! Boa sorte para vocês!

URUBONILDO: Nós vamos dar um rolé no lixo sanitário. Depois a gente volta! Valeu! Arrá! Uhuu! O lixão é nosso!

** Saem voando. Pausa.*

SCOTCH: Que tipos, como falar em *Portuguese*, hã? Extravagantes!

PANELOCA: Bem estranhos!

MÉINHA: Ah, eu achei eles simpáticos!

PNEUDRO: Pessoal, pessoal. Acorda!

CORDOVIL: Eu?

PNEUDRO: Não, seu burro, desperta! Logo, logo o caminhão de lixo passa por aí e...

TODOS: E...?

PNEUDRO: (*Fazendo mímica com sons estranhos*) Seremos triturados sem dó nem piedade.

MÉINHA: *(Desmaia outra vez*) Oh!

* *Todos saem correndo, escondem-se atrás das caixas e se cobrem com sacos de lixo.*

SCOTCH: Não... Eu vou reivindicar meu status de cidadão de primeiro mundo.

MÉINHA: Primeiro o quê?

SCOTCH: Primeiro mundo! Ah, esses países subdesenvolvidos e tropicais!

PANELOCA: Ih, deixa de coisa, ô língua enrolada. Você tá é na esquina dos aflitos, sente a pressão...

PENEUDRO: É bem no meio do tiroteio, se liga!

MÉINHA: Ai, que saudades da minha gaveta tão quentinha com minhas amigas meias, calcinhas, biquínis...

SCOTCH: Oh, minha adega de bebidas... Tão organizada!

PANELOCA: Ai, meu armário de cozinha! Sempre tão areado!

CORDOVIL: *(Espirra*) É, meu depósito de material, tão empoeirado!

PNEUDRO: É, pois é. Vamos logo nos preparando... (*Ameaçador*) Não vai dar outra!

TODOS: Outra?

PANELOCA: Como assim?

PNEUDRO: Vamos parar no lixãoooooo!

CORDOVIL: Enterrados como uma porcaria qualquer?

MÉINHA: Desprezados como inúteis?

PANELOCA: Como trastes dispensáveis?

SCOTCH: *Useless*... Uns inúteis!

PANELOCA: Desvalidos!

MÉINHA: Destroçados!

PNEUDRO: Desqualificados!

TODOS: Ai, ai, ai!

** Os cinco cantam:*

Ai mas que desgraça
Mas que desgraça
Que não tem graça
Depois de uma vida de uso e abuso, ai ai ai ai ai ai ai
Pneu careca
Meia rasgada
Corda puída
Panela furada
Garrafa mamada
Ai ai ai ai ai ai ai...
Ai mas que desgraça, uma chalaça
Depois de uma vida de uso e abuso, ai ai ai ai ai ai
Pneu careca
Meia rasgada
Corda puída
Panela furada
Garrafa mamada
Ai ai ai ai ai ai ai...

MONUMENTO: Ai, ai, ai, ai, ai... Chega! Chega de tantas lamúrias! Quer saber? Vocês não passam de uns pobres coitados que não sabem o que fazer, nem para onde ir!

SCOTCH: *What is that?*

CORDOVIL: Deus do céu, eu nunca vi uma estátua falar.

MÉINHA: Quem é esse chapa?

PANELOCA: Nunca vi um soldado mais balofo que esse...

MONUMENTO: Olha só a porca em lata falando do toucinho.

SCOTCH: Oh, meu velho, *what´s the matter*? *No, no, no*. Qual é a tua?

MONUMENTO: Ah, eu já tô de saco cheio de ficar mofando nessa praça de que ninguém cuida, cheia de pombo fazendo cocô na minha cabeça e ainda ter que aguentar essa lamúria de vocês o tempo inteiro. Pois, pra mim, vocês estão chorando de barriga cheia. Já pensaram o que é ser monumento de praça em plena esquina dos aflitos? (*entra 1 música de* punks*)* Além dos pombos que me cagam sem parar, olha só o que acontece com a gente, com essa gente que não sabe se comportar. *(para os outros)* Fiquem quietos, senão acaba sobrando para vocês!

* *Entram os punks – Eles dançam e bebem. Um deles vai até os pés da estátua e urina neles. Cara de desalento do monumento. Outro vem e picha a barriga do monumento. Outro chuta o pneu, rola a panela, atira a corda de um lado para o outro, cheira a garrafa e a empurra. Eles saem, gargalhando.*

MONUMENTO: Tão vendo? Esse é o meu dia a dia. Já vejo a hora que me arrancam desse pedestal e me levam para ser derretido.

MÉINHA: Aaaaaaaaahhhhhhh, já foram? Tadinha da Dona estátua!

MONUMENTO: *(Galante)* Dona não!

MÉINHA: Qual é a sua graça?

MONUMENTO: César Augusto, Centurião Romano que lutou nas longínquas terras dos Gauleses. E a senhorita?

MÉINHA: Méinha. Muito prazer. Uma meia feminina e delicada!

CORDOVIL: Cordovil. Uma velha corda meio estragada, mas que ainda te dá um nó, hein?

SCOTCH: *Hi*, Scotch. Uma velha garrafa 12 anos legítima da Escócia. *Nice to meet you*!

PNEUDRO: Pneudro, um pneu rodado e furado!

** Paneloca não quer se apresentar.*

MONUMENTO: E você aí, gordinha?

PANELOCA: Respeito viu, balofo! Paneloca. Panela de pressão com muita história…

MONUMENTO: Ih, já vi tudo. Panela velha e estragada.

PANELOCA: Panela velha é que faz comida boa...

MONUMENTO: Ridícula! (*Percebendo a chegada de Urubonildo e Urubozildo)* Ih, só faltava mesmo chegar os fedorentos de fraque pra coisa ficar completa.

URUBONILDO: Qual é a sua, monte de lata?

URUBOZILDO: Seu problema não é com a gente.

URUBONILDO: Seu problema é com as pombas.

MONUMENTO: Ai, as pombas!

URUBONILDO: Nós só viemos dar um rolé e ver se nossos amiguinhos aqui tão numa boa.

URUBOZILDO: E aí, pessoal, alguma luz no túnel?

URUBONILDO: Alguma luz no túnel?

MONUMENTO: Eles estão aqui reclamando. Pois se eu fosse eles, parava de chorar e ia à luta.

CORDOVIL: Como assim?

MONUMENTO: Ah, sei lá! Fazia alguma coisa por si mesmos! Quer saber? Deem um trato na aparência, na autoestima…

URUBONILDO: É isso aí, nosso herói de lata!

URUBOZILDO: Falou e disse, efeméride!

MONUMENTO: Se vocês foram abandonados por seus antigos donos, quem sabe agora alguém não reaproveita vocês?

MÉINHA: Ah, aquela perua desalmada que só pensa em comprar coisas novas e abandona as velhas amigas...

PNEUDRO: Aquele imprudente que não parava de cair em buracos e dar cavalos de pau nas curvas…

SCOTCH: Oh, aquele cachaceiro que me sugou até a última gota!

PANELOCA: Aquela gulosa que me consumiu até o fim das forças e da pressão.

CORDOVIL: Bem, precisamos fazer alguma coisa para mudar nossos destinos.

MÉINHA: Fazer o quê, dona corda?

SCOTCH: O quê? Voltar aos antigos donos?

PANELOCA: O quê?

CORDOVIL: O quê?

PNEUDRO: O quê? Pedir aposentadoria!

MONUMENTO: Aposentadoria? Essa é muito boa! Aposentadoria para objetos usados! Descanso remunerado para sucatas. Ora pombas! Pombas? Eu odeio pombas!

PNEUDRO: Aposentadoria sim! E por que não? Pois não vê que eu saí da fábrica brilhante e cheio de cabelos e borracha nova? E depois esta é a minha história...

MOTORISTA: Quantos contos custa?

BORRACHEIRO: 35!

MOTORISTA: Põe na conta. *(Canta)* "Só deixo o meu cariri, no último pau de arara..."

TODOS: (*Entrando*) "Só deixo o meu cariri no último pau de arara..."

** O Relato de cada um é encenado por todos.*

MOTORISTA: Pode subir. Isto aqui é igual coração de mulher, sempre cabe mais um. Vamos, subam que o pneu é novo, bom e cabeludo. (Os passageiros se comprimem. O motorista lança mão de um chicote e chicoteia o pneu como burro de carga). Eia, Pneudro! Eia e não arreia!

PNEUDRO: Eia...

TODOS: (Cantam dois refrões) Só deixo meu cariri no último pau de arara...

PNEUDRO: Ai, que peso, que peso pesado, que trem judiado!

MOTORISTA: Mais rápido, força, que carro de caminhoneiro é machão como o dono!

** Todos correm, fazem curvas perigosas, o motorista sempre chicoteando Pneudro.*

TODOS: (Cantam um refrão)

PNEUDRO: Não, ele bebeu de novo! Seu pinguço!

PASSAGEIRO: (Entrando) Este bando de retirante usa Rexona?

MOTORISTA: Usa, usa...

PASSAGEIRO: Então cabe mais um. (Entra passageiro e o carro arreia)

TODOS: (Cantam um refrão, passageiro senta!)

PNEUDRO: Ai, meu São Cristóvão! Socorro! (entra um prego gigante) Lá vem um prego de todo tamanho! Vira, vira, seu burro, não vê o prego no chão? Não quero nem ver! Socorro! Vai me furar!

Estrondo, todos explodem para os lados

PNEUDRO: Tá vendo, seu Cordovil? Era assim o tempo todo. Quando não era prego gigante, era lama, asfalto quente. E agora que estou rodado e careca, nada de aposentar?

CORDOVIL: Aposentar pra que?

PNEUDRO: Para ser brinquedo e rodar na mão da criançada!

Todos viram crianças e brincam com Pneudro

MENINO: Pega ele aí, não deixa cair.

MENINA: Caiu...

PNEUDRO: Cair assim é bom. Meu sonho é tão simples, é só brincar.

PANELOCA: (Batendo com a colher em tampas de panela) Meu sonho é ser artista, baterista da escola de samba da mangueira!

TODOS: Eta, você é esquentada que só vendo!

PANELOCA: Esquentada com samba é pouco para mim. Foi assim que aconteceu. (Todos assumem novos personagens.) Durante anos

eu fui esquentada e esfriada. Do fogão para a geladeira, da geladeira para o fogão. Aguentando a batucada do feijão fervendo na minha barriga e só podendo soltar o vapor da raiva por um buraquinho da tampa. Até que um dia...

COZINHEIRA: Eu sei, madame, que as visitas estão chegando e não tem nada na geladeira. Mas a gente dá um jeito, põe mais lenha no fogo e mais água no feijão. (Sai)

FOGO: Se segura, dona Panela de Pressão. Hoje eu solto meu fogo até pelo rabo!

FEIJÃO: Estou vendo que hoje o samba vira frevo e o frevo, carnaval. Sou feijão graúdo, mas, como bom carioca, sei dançar miudinho também.

** A cozinheira volta com lenha que atiça o fogo.*

FOGO: Segura a tampa que já vou começar...

FEIJÃO: 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1... Fogo!

PANELOCA: Socorro, help, S.O.S dos fogões! Tá quente, tá fervendo, tá pelando! (Sopra) Fum, fum, piuíí...!

AJUDANTES DA COZINHEIRA: É lenha na fogueira e fogo no feijão! (Bis)

PANELOCA: Não aguento, vou estourar os miolos, a cuca tá fundindo, tô ficando doida, louca, Paneloca, loca, loca! Tum!!

** Tudo estoura, voa pelos ares.*

MONUMENTO: Arre, D. Paneloca, que estrago a senhora fez. Mas também que vida!

MÉINHA: Pois, se todo mundo pensa que ser meia calça de mulher é só frescuras, está redondamente enganado. No começo minha dona era toda cuidados. Me calçava devagarinho, pois sou fininha, quase rasgando. De repente, ai, nem quero lembrar.

SCOTCH: De repente o quê, Méinha?

MÉINHA: Ela arrumou um namorado. Ai, que horror!

** Dois namorados dançam lambada.*

NAMORADA: Que noite, que festa, que pé de valsa é você, meu amor! Deixa eu entrar em casa. Dá cá um beijinho sem barulho que a mamãe pode acordar.

VOZ DO PAI: Genilda Raimunda! Entra pra dentro que a chinela vai estourar na sua bunda!

NAMORADO: Um minuto mais, querida, só um instante. Hoje você está tão linda com este vestido, este sapato e essa incrível meia brilhante. Deixa eu tocar só um pouquinho...

NAMORADO: Ai, ai, ai, hum, hum...

NAMORADA: Furou! Você furou minha meia de estimação! Desastrado, violento! E furão! (Dá-lhe um tapa, ele sai para um lado ela para o outro)

MÉINHA: (Chora) E aí lá fui eu para a lata de lixo. Que vida curta para uma meia tão bonita!

MONUMENTO: Vida curta, mas movimentada, cheia de paixões e de amor.

SCOTCH: Pois a minha, nem te conto, foi movida por ciúme e desgosto.

PANELOCA: Como assim, língua enrolada?

SCOTCH: Oh, é melhor nem contar..

PNEUDRO: Ah, deixa de coisa, saiote, desabafa!

MÉINHA: É, desabafa que isso vai te consolar.

SCOTCH: Pois eu fui criado em *Scotland*, nos mais puros carvalhos de malte. Minha infância eu passar em berço de ouro.

DAD: *(Entra dad) Hi, Scotch*!

SCOTCH: *Hi, Dad... Stop, dad, stop, dad, stop! Go! (Sai Dad)*

DAD: Scotch atrevido!

SCOTCH: Depois de 12 anos de estudos *and* formação fui tentar a vida na Inglaterra. *(Forma-se a faixa de pedestre).* Até que fui parar num *shopping.* Toda hora uma funcionária muito simpática e zelosa me espanava e cuidava para que nem um cisco de poeira se alojasse em mim. (*Cena da balconista passando um espanador no SCOTCH. Faz cosquinhas. Ele se diverte) Stop! Go!* Até o dia em que um brasileiro, muito distinto, veio à loja e me comprou. Passei a morar num armário escuro e cheio das garrafas mais estranhas e sofisticadas. Todas as tardes, aquele distinto senhor me pegava e tomava um *cowboy*, *understand*? (*Todos fazem montaria* cowboy*)* Até o dia em que a mulher do distinto senhor resolveu lhe dar um pé na bunda. Resultado: o distinto senhor bebeu tudo o que estava dentro de mim, me sugou como um aloprado e, não satisfeito, me atirou pela janela como um traste imprestável. (*A narrativa é acompanhada pela ação do distinto senhor com a mulher).* Fui chutado por não sei quantas ruas e esquinas… Até que vim parar aqui. *What a shame*! Na esquina dos aflitos!! *Don´t touch me! No, don´t touch me. This is the end!*

PNEUDRO: É o fim do caminho.

PANELOCA: Nós somos lixo mesmo.

MÉINHA: Estamos perdidos.

SCOTCH: Inútil, a gente somos inútil.

CORDOVIL: Calma, calma, chega de lamúrias. Todos nós somos velhos, carecas, feios e rasgados. Não veem que também sou uma corda de bacalhau já por um fio? Cada fibra minha conta uma estória diferente: já fui âncora de navio, já viajei amarrando carga de caminhão, já lacei muito boi bravo. Mas provei o gostoso da vida ao ser uma coisa linda, maravilhosa, inesquecível.

TODOS: O quê?

CORDOVIL: Corda bamba num circo.

** Música de circo, repique de tambor. Entra o apresentador.*

APRESENTADOR: E agora, senhoras e senhores, chegamos ao ponto alto deste belíssimo espetáculo. O Grande Circo de Moscou possui um número arriscado que põe todos de coração na boca. A linda e delicada bailarina Geni atravessará a corda bamba sem rede nenhuma em baixo. Tudo depende de uma simples corda e da sua perícia em atravessá-la. Atenção, que rufem os tambores: 5, 4, 3, 2, 1... E lá vai a nossa Geni! Um passo, dois, três, quatro passos... Mas o que é isto? Isso não estava no programa. Ela parou, mas parou por quê? Atenção, ela abaixa e se prepara para dar uma pirueta no ar... É um momento de muita tensão, cruzemos os dedos... Agora! (Geni cai) Meu Deus, a linda e delicada bailarina Geni se espatifou no chão como um tomate podre e a culpa foi de quem? De quem?

TODOS: De quem?

APRESENTADOR: Dele! (Apontando para Cordovil)

CORDOVIL: Eu!? Pois esse foi o meu auge e minha desgraça. A linda e delicada bailarina Geni se desequilibrou e espatifou no chão como um tomate podre. O número acabou um fiasco e a culpa foi da corda que aqui vos fala, que já não tinha resistência suficiente. *(Todos ficam tristes)*

MÉINHA: (Tentando reanimá-los) Viva o Grande Circo de Moscou!

TODOS: Viva!

PANELOCA: Viva, mas... Cadê o circo?

PNEUDRO: Estamos é aqui na esquina dos aflitos...

URUBONILDO: Calma pessoal, relaxa!

URUBOZILDO: Relaxa!

URUBONILDO: Quem sabe, vocês não têm uma outra chance e começam vida nova.

URUBOZILDO: É isso aí! Por falar em vida nova, tá na hora da gente dar um rolé pelo lixo sanitário. Quem sabe a gente descola algum tira gosto.

URUBONILDO: Ih, meu velho, as coisa por lá tá dura...

URUBOZILDO: Pois é, outro dia, quando fui bicar um restinho de comida bem passadinha e fedorenta, levei uma baita de uma pedrada no cocoruto da minha asa.

URUBONILDO: Gente desalmada esses humanos!

URUBOZILDO: Os ricos consomem, consomem e consomem e depois não sabem o que fazer com toda essa sujeira...

URUBONILDO: Aí vêm os pobres, catam o resto e ainda maltratam a gente...

URUBONILDO E URUBOZILDO: Os lixeiros da Natureza!

URUBONILDO: (Encarando a plateia) Ô racinha mais fajuta esses humanos! (saem os dois)

** Os personagens se despedem tristes dos urubus.*

MÉINHA: Eles sim são felizes!

PNEUDRO: Ai como seria bom ser pneu de avião e voar pelos céus como os urubus!

SCOTCH: É, mesmo que tivesse que comer coisa podre!

PANELOCA: Melhor comer coisa podre do que virar porcaria.

CORDOVIL: Somos lixo!

MONUMENTO: Ai, lá vêm vocês de novo com essa lamúria. Daqui a pouco começam com aquela musiquinha "ai ai ai"... É melhor fazer alguma coisa ao invés de ficar esperando o caminhão do lixo!

PANELOCA, SCOTCH, MÉINHA E CORDOVIL: O caminhão do lixo, socorro!

** Sons confusos, misturados com sirene de polícia, pneus rangendo, música tema de James Bond. Os nossos personagens ficam paralisados por um tempo, tentando identificar o que é aquilo. Eles começam a comentar em voz baixa, tentando não chamar atenção.*

CORDOVIL: Que será esse barulho esquisito?

MÉINHA: Ai, ai, ai, vai ver que ele tem razão, chegou a hora do caminhão do lixo!

TODOS: O caminhão do lixo!!!

PANELOCA: (*Ajoelhando-se)* Pai nosso que estás no céu, santificado seja o vosso nome...

PNEUDRO: É o nosso fim que eu já tinha previsto!

** Vindo da plateia, surge um personagem com enormes antenas.*

TV: Câmbio, Câmbio.. *Play*, ligando.. Fazendo contato. (*A TV cambaleia pelo espaço. Parece bêbada. Tenta se equilibrar. Todos acompanham a sua movimentação)*

PANELOCA: Vixe, quem é essa criatura?

MÉINHA: Parece que é mais uma doida da esquina dos aflitos.

PNEUDRO: Ai, ai, ai, que esse lugar tá ficando cada vez mais difícil!

SCOTCH: Esse troço parece que tomou umas e outras.

CORDOVIL: Ei, você, qual é o seu nome?

TV: RARR , SHIIIII , xrzauuuuu, rassssfummm... pum!

(Explosão. Todos que estão em volta saem correndo e se escondem.)

TV: *(Sai da TV o Pato Donald)* Ih, não tô conseguindo sintonizar quem eu sou!

PANELOCA: Ih, tô achando que ela perdeu a memória!

TV: (*Música tema da FOX)* Ufa, pensei que nunca mais fosse funcionar! Tive de concentrar todas as minhas forças na porca-roca da parafuseta estragada. Deu trabalho, mas já estou aqui de novo... Pronta para deixar todos embevecidos e admirados à minha frente. *(Hipnose da Família Adams)*

CORDOVIL: Como assim?

PANELOCA: Que conversa é essa?

TV: Ora, meus filhos... Vocês não se ligaram? Fiquem antenados! Vocês até agora não me reconheceram? *(Música do Silvio Santos e Chacrinha. Música de novela)*

TODOS: A Novela!

TV: Ele, um Americanno bem sucedido. *Hi, Hello*! Ela. Uma humilde vendedora de rosas! Oi, loirinho, você aceita uma rosa por um real? Até que o destino se encarregaria de separá-los.

TODOS: Nãoooo!

TV: Vem aí a nova novela das oito... Rosa Vendida!

** Música da TV. Canta:*

Arreda pedra, tum, tum
Retira o passo, pra trás
Abre passagem para a grande maioral!

Eu sou milhares em um
É só girar meus canais
Que invento gente para encher um carnaval!

Super, super, super, super televisão
Sou dona do mundo da comunicação (bis)

PANELOCA: Ué, e como é que vossa excelência veio parar assim na esquina dos aflitos?

CORDOVIL: Ih, coitada, acho que a senhora vai ter uma bruta decepção...

MÉINHA: Ai, coitadinha...

SCOTCH: Mais uma desiludida!

TV: Como assim, seus montes de coisas velhas e imprestáveis? *(Correria. Música tema do Jornal Nacional)*

TV: Ei, onde estou?!

PANELOCA: No lixo, ué, igual a nós.

TV: Mas lixo onde?

PNEUDRO: Lixo de esquina. Desta esquina aqui, igual a qualquer outra.

TV: Quer dizer que fui jogada no lixo como um traste velho. Eu, que vivi no lugar mais nobre da sala de jantar, instalada como uma

rainha no alto de uma prateleira a comandar todas as mentes da casa. No lixo? (Grita) Quem foi que me jogou no lixo?

PNEUDRO: Quem? Seu dono com certeza. Igual a nós.

PANELOCA: Depois de muito uso e abuso. Igual a nós.

SCOTCH: Talvez seu dono quisesse comprar uma televisão nova. Igual a nós.

TV: (Gritando) Parem de falar "igual a nós". Eu não sou igual a vocês. Deus me livre! Um punhado de lixo descartável! Vocês são iguais a cascas de banana misturadas com ossos de galinha!

CORDOVIL: Alto lá! Descartáveis não!

MONUMENTO: Eles são objetos mutantes recicláveis. Hora de morfá! (Música dos *Power Rangers*)

TV: O quê!!! Ah, ah, ah. Reciclar vocês? Uma garrafa vazia e mamada, uma panela furada e sem alça e um trapo de meia, acompanhados por um pneu careca e um pedaço de corda. Vocês estão loucos?

CORDOVIL: Olha aqui sua Televisona, televizinha, televisoca ou o que mais quiser chamar...

TV: Olha aqui, você, meu amor... você sabe com quem está falando? Acho que não. Vamos nos apresentar? Telefurúnka Mitishubicha, Phillipsina do Grãodiente.

MONUMENTO: (*Despertando)* D. Grãodiente, a senhora quer saber mesmo da verdade... A mais pura verdade?

TV: Como assim, monte de lata velha?

MONUMENTO: A senhora perdeu o bonde da história, foi atropelada pelo avanço da tecnologia. Depois da senhora vieram o vídeo cassete, o DVD, o controle remoto, a TV plana, a TV de plasma, o *i-pod*, i-pude e o novo i-... A senhora foi ultrapassada e sucateada!

** Tiroteio*

TV: Sucateada? E agora mais uma etapa do Soletrando! A palavra é Sucateada!

TV: (*Pausa, caindo em si)* su – ca – te – a – da. Que vergonha! Que desgosto! (*Vai saindo)* Estou deprimida. Preciso de um Lexotan. Vou desligar, tô desligando... (*Sai de cena)*

** Músicas de despedida da TV*

SCOTCH: *Poor girl*. Pobre criatura! Desistiu de lutar!

MÉINHA: Ai que dó!

PANELOCA: Muito mimadinha, dá no que dá!

CORDOVIL: É, uma pessoa pouco acostumada a lutar pela vida.

PNEUDRO: Figura pouco rodada. Acostumada ao conforto da sala.

MONUMENTO: É, e se vocês não agirem logo, vão acabar que nem ela!

TODOS: Como assim?

MONUMENTO: Triturados pelo caminhão de lixo!!

TODOS: (*Todos saem correndo e se escondem. Cordovil é o único que fica)* O caminhão de lixo!!

MONUMENTO: Ei, cambada de lesados... será que não veem que podem ser aquilo que sonharem?

CORDOVIL: É... ser aquilo que sonharam!

MONUMENTO: O Pneudro ser brinquedo, a gorducha baterista... e eu, quem sabe uma bela peça de museu bem elegante, sempre cheirosa e polida! E você, Méinha?

MÉINHA: Ah, o meu... Boneca de meia, toda enfeitada de fitas e lãs coloridas.

SCOTCH: Oh, I would love ser uma garrafa decorada com areia pintada e virar artesanato em Ceará e ser comprado por algum compatriota, you now? Comidinha da mamãe e dinheirinho do papai.

PANELOCA: Mas como, se estamos aqui nesta lixeira, nesta poeira?

MONUMENTO: É só levantar a cabeça...

CORDOVIL: A cabeça!

MONUMENTO: Sacudir a poeira e dar a volta por cima.

CORDOVIL: A volta por cima.

MONUMENTO: Fazer a si mesmo belo, atraente e reciclável.

CORDOVIL: Reciclável. Reciclável?

TODOS: Reciclável?

PNEUDRO: Reciclável, o que é isso?

** Monumento começa a cantar. Seguido por todos:*

Ser reciclável, posso sim
É recomeçar depois do fim (bis)

É renascer em outra mão
Se transformar de sopetão
Tirar da vida uma lição
Se libertar;

É conhecer o seu lugar
Aonde e com quem juntar
Também saber se separar
Dizer adeus;

Se sou banana vou pra lá
Se sou latinha fico aqui
Se sou poeira
Fico em todo lugar;

Pois tudo é lixo, pode crer
Mas lixo agora quer crescer
Talvez um dia até em luxo
Eu posso ser.

PNEUDRO: Mas, como se tornar reciclável?

SCOTCH: Quem vai fazer isto?

MÉINHA: O que temos que fazer?

MONUMENTO: Se mostrar atraente para toda essa gente que por aqui passar. Ver se alguém te leva, te transforma em outra coisa, te recicla.

MÉINHA: E passa alguém aqui com toda essa sujeira?

MONUMENTO: É, do jeito que anda essa praça....

PANELOCA: Só passa bandido e doidão!

** Objetos percebem o público. Brincadeira com a plateia. Música no fundo.*

MÉINHA: *(Reparando o público)* Ah, mas olha só aquele ali, bem bonitinho!

PANELOCA: Ih, tô vendo um outro aqui, deste lado, pra lá de ajeitadinho.

SCOTCH: Oh, aquele ali.. tem cara de que gosta de uns goles...

CORDOVIL: Ih, eu me amarrei foi naquela de cabelo loiro!

PNEUDRO: Olha só! Tá cheio de criança! Ali, ali, ali...

TODOS: As crianças! Viva!

MÉINHA: Vou fazer de tudo para atrair a garota que estiver com uma linda carinha de boneca.

PNEUDRO: E eu vou começar a girar e a rodar feito louco só para alguém me levar.

** Todos cantam*

Ocê que passa nessa rua
Apressadim que só pensando
Não vê que embaixo dessa lua
Tem nóis aqui te esperando;

Não vê que aqui nesta esquina
Apertadim num saco plástico
Tem corda boa, meia fina
Que nem precisa de elástico;

Tem pneu gordo bom de briga
Já rodadim quase no fim
Panela velha, velha amiga
E uma garrafa de vidrim.

CORDOVIL: Meus velhos, vamos seguir as palavras do nosso companheiro monumento. (*Os outros se aproximam)* Temos que atrair as pessoas para que elas nos...

MÉINHA: Reciclem!

SCOTCH: Recontextualizem...

PNEUDRO: Reutilizem!

PANELOCA: Reaproveitem!

PNEUDRO: Mas como isso vai ser possível?

PANELOCA: Só se a gente fizer mágica...

SCOTCH: *Magic!*

PNEUDRO: Isso, um número de mágica para atrair a atenção deste público!

PANELOCA: Assim eles descobrem que podem nos reutilizar!

MÉINHA: A gente pode fazer isso juntos!

CORDOVIL: E aproveitar para dar uma geral nesta esquina, que tá quase um lixão, né?!

** Eles se ajuntam numa roda. Música. Eles começam um número de mágica para atrair o público. Fazem um número e saem de cena. Entram Urubonildo e Urubozildo. Eles pensam.*

URUBONILDO: Aí, Zildo, como vão as coisas?

URUBOZILDO: Assim, assim. Nossa! Que limpeza que tá isso aqui, heim!?

URUBONILDO: É, nada bom pra gente, né?

URUBOZILDO: E cadê aquele pessoal simpático? Será que eles foram mandados para o lixão?

URUBONILDO: Puxa, coitados. Viraram farelo de galinha.

URUBOZILDO: Triturados no caminhão de lixo.

** Urubozildo faz com a boca um toque de silêncio como se fosse uma corneta. Eles se põem em posição de luto. São interrompidos pelo monumento.*

MONUMENTO: Que brincadeira é essa ai, hein, ô agente funerário?

URUBONILDO: Brincadeira nada! Tamos aqui prestando nossas últimas homenagens aos colegas do lixo.

URUBOZILDO: Inocentemente triturados pela infâmia do caminhão de lixo.

URUBONILDO: Olha só! Tudo vazio! Não sobrou nem um resquício para contar suas historias.

MONUMENTO: Ih, que nada! Eles se deram bem! Tanto fizeram, tanto pensaram, que acabaram por montar um número de circo.

URUBOZILDO: Sei, e daí?

MONUMENTO: Daí que eles foram adotados por uma trupe de circo.

URUBOZILDO: E o que é que eles fazem nesse tal de circo?

MONUMENTO: Ué, cada um arrumou algum tipo de utilidade. O Pneu se juntou a outros colegas, e virou um cenário de brinquedos. A Meia virou uma linda boneca de pano no colo da filha de uma atriz. A Panela, aquela gordinha atrevida, arrasa na bateria de um percussionista afro-brasileiro. A corda faz um número de dança com uma bailarina indiana.

URUBOZILDO: E aquele meu colega estrangeiro?

URUBONILDO: É, a Garrafa? Ela foi para Europa?

MONUMENTO: A garrafa... bem... ela não teve seu sonho completamente realizado, mas ela hoje serve água gelada, todos os dias, para os artistas da trupe. Feliz, na medida do possível, na geladeira fria e escura do camarim.

URUBONILDO: Puxa! Isso sim que é final feliz!

URUBOZILDO: É, manero. Vamos dar o fora que nos também temos que defender o nosso.

MONUMENTO: Não, espera! Ficou faltando aquela, a televisão!

URUBONILDO: A deprimida?

URUBOZILDO: Ela também foi recolhida pela tal da trupe e seguiu como doação direto para o retiro dos artistas lá em Jacarepaguá. *(Urubonildo e Zildo montam o personagem da TV)* Lá ela fica no alto da parede e é adorada pelos velhinhos que pouco veem a televisão, mas a escutam na maior altura.

URUBOZILDO: Hã? Gordura? Valeu pessoal! E até a próxima!

URUBONILDO: Até a próxima!

** Saem os Urubus e todos os outros atores. Fica só o monumento*

MONUMENTO: É, e assim termina esta historia. Com o final feliz, como convém a uma história para as crianças. Porque, afinal de contas, sempre nos resta acreditar e ter esperanças de que um dia o ser humano vai

dar a volta por cima e cuidar de seu planeta. Cuidando, por exemplo, de cada esquina, de cada praça, do lixo que sai da sua casa... bem, e se vocês acham que todos realizaram seus sonhos...bem, estão redondamente enganados. É o caso da estátua que aqui vos fala. Que continua a ser um velho e desprezado monumento na esquina dos aflitos.

** Entra música final. Cada ator entra com um objeto na mão, cantando.*

Bem, mas, quem sabe, com a colaboração do nosso generoso público, que acabou de assistir a este espetáculo, nós não conseguimos uma verbinha para reformar a esquina dos aflitos e dar um trato na estátua que aqui vos fala?

** Música continua. Os atores agradecem e passam o chapéu.*

Fim

CIRCO DO LIXO

Direção: Eduardo Moreira e Chico Aníbal

Texto: Ivana Andrés e Eduardo Moreira

Elenco/Personagens:

Cléo Magalhães – Scotch, uma garrafa de *whisky* vazia

Gabriel Castro – Urubonildo/*Punk*/Televisão

Henrique Limadre – Pneudro, um pneu careca

Javier Galindo – Urubozildo/*Punk*/Televisão

Luiz Fernando Filizolla – César Augusto, estátua de centurião romano

Margareth Serra – Paneloca, uma panela de pressão velha

Marina Viana – Meinha, uma meia calça furada/*Punk*

Pedro Chaib – Cordovil, uma corda puída

Músicas: Fernando Muzzi

Arranjos: Fernando Muzzi e Sérgio Moreira

Cenário e figurino: Marney Heitmann

Assistente de cenário: Janaina Beling

Costureira: Maria Vieira

Adereços: Fernanda Paredes

Coreografia e preparação corporal: Fernanda Vianna

Preparação vocal: Valéria Braga

Pintura dos objetos: Estevão Machado

Pintura da lona: Vishnu Multiarte

Confecção dos objetos: Daniel Sotero

Assessoria Mágica: Mister Rossi

Confecção das mágicas: Vicente Freitas

Trilha sonora: gravada no Estúdio SM

Grafitte da Capa: Marcelo Gomes Assis

Fotografia da Capa: Guto Muniz

Produção: Galpão Cine Horto

Músicas:

"Ai que desgraça!!" – Ivana Andrés/ Fernando Muzzi

"Apertadim, apressadim" – Ivana Andrés/ Fernando Muzzi

"Canção dos urubus" – Eduardo Moreira/ adaptação Fernando Muzzi

"O circo do lixo Ivana" – Andrés/ Fernando Muzzi

"Samba final" – Eduardo Moreira/ adaptação Fernando Muzzi

* Trecho da letra de Ivana Andrés, tirado da música "Circo do Lixo"

"Ser Reciclável" – Ivana Andrés/ Fernando Muzzi

"Tema da televisão" – Ivana Andrés/ Fernando Muzzi

GRUPO GALPÃO

Atores

Antonio Edson
Arildo de Barros
Beto Franco
Chico Pelúcio
Eduardo Moreira
Fernanda Vianna
Inês Peixoto
Júlio Maciel
Lydia Del Picchia
Paulo André
Rodolfo Vaz
Simone Ordones
Teuda Bara

Equipe

Coordenação de Produção	Gilma Oliveira
Consultoria de Planejamento	Romulo Avelar
Assessoria de Planejamento	Ana Amélia Arantes
Assessoria de Comunicação	Paula Senna
Produção Executiva	Beatriz Radicchi
Produção Executiva	Evandro Alves
Iluminação e sonoplastia	Alexandre Galvão
Iluminação	Wladimir Medeiros
Cenotécnica	Helvécio Izabel
Sonorização	Vinícius Alves
Gerência administrativa	Arlene Marques
Auxiliar Administrativo	Andreia Oliveira
Estagiário de Comunicação	Ana Alyce Ly & João Luis Santos
Recepção	Gabrielle Silva
Serviços Gerais	Marlene de Oliveira
Auxiliar de Serviços Gerais	Elton John

Patrocínio Exclusivo PETROBRAS

GALPÃO CINE HORTO

Direção geral Chico Pelúcio

Conselho gestor Beto Franco, Chico Pelúcio, Leonardo Lessa, Lydia Del Picchia e Romulo Avelar

Coordenação geral Leonardo Lessa

Coordenação de planejamento e projetos Fernanda Werneck

Assistente administrativo Vanessa Fonseca

Assistente de planejamento Cristina Ribeiro

Coordenação de produção Gustavo Ruas

Produção executiva Giovanna Almeida

Coordenação Técnica Bruno Cerezoli

Técnicos Orlan Torres (Sabará) e Rodrigo Marçal

Assistente técnico Wellington Santos

Coordenação do Centro de Pesquisa e Memória do Teatro (CPMT) Luciene Borges

Bibliotecária Fernanda Christina da Costa

Bibliotecário assistente Tiago Carneiro

Editor de conteúdo do portal Primeiro Sinal Marcus Vinícius Souza

Estagiário técnico do portal Primeiro Sinal Guilherme Augusto Freitas

Direção pedagógica Lydia Del Picchia

Coordenação pedagógica dos cursos e oficinas Juliana Martins

Coordenação pedagógica dos núcleos de pesquisa Kenia Dias

Coordenação pedagógica dos projetos especiais Fábio Furtado

Secretária de cursos Cláudia Rodrigues

Equipe pedagógica Ana Domitila, Gláucia Vandeveld, Juliana Martins, Kelly Crifer, Kenia Dias, Rita Maia e Tarcísio Ramos

Coordenação do projeto sócio-cultural Conexão Galpão Reginaldo Santos

Atores-monitores Camila Morena, Dayane Lacerda e Fabiano Lana

Gerência administrativa e financeira Maria José dos Santos

Auxiliar administrativo Leandro Dias

Gerência operacional William Gomes

Recepcionista Cláudia Maria

Porteiro Eberton Pereira

Segurança Odelmo Marques da Silva Júnior

Serviços gerais Juarez Pereira, Maria Márcia e Rozeli Dias

Assessoria de comunicação Tiago Penna

Assistente de comunicação Caio Otta

Estagiário de comunicação Filipe Silva

Programação Visual 45 jujubas

Fotografia Guto Muniz / Casa da Foto

Cadernos de Dramaturgia do
Galpão Cine Horto

VOLUME 1

Pé na Rua 2005 – Papo de Anjo

Pé na Rua 2006 – No Baile

Pé na Rua 2007 – Circo do Lixo

redatores Lydia Del Piccha, Júlio Maciel, Simone Ordones, Glicério Rosário, Jussara Trindade, Eduardo Moreira e Ivana Andrés

colaboradores Ana Domitila, Bete Penido

VOLUME 2

Pé na Rua 2008 – Arande Gróvore

Pé na Rua 2009 – Sonho de Uma Noite de São João

Pé na Rua 2010 – Não se Dá um "Sim" Assim à-toa

redatores Inês Peixoto, Laura Bastos, Paulo André, Eduardo Moreira, Paulinho Polika, Mariana Arruda, Fernando Linares, Renata Emrich e Lucas Fabrício Silva Araújo

Galpão Cine Horto

Cadernos de Dramaturgia do Galpão Cine Horto

PÉ NA RUA

Volume 2

FINO TRAÇO
EDITORA

Belo Horizonte
2011

Todos os direitos reservados à FinoTraço Editora Ltda.
© Galpão Cine Horto

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da Editora. As ideias contidas neste livro são de responsabilidade do seu autor e não expressam necessariamente a posição da editora.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Luciene Borges

CONSELHO EDITORIAL Lydia Del Picchia, Leonardo Lessa e Tiago Penna

FOTOGRAFIAS Guto Muniz, Laura Bastos, Biana Aun

PROJETO ORIGINAL DA CAPA Otávio Santiago

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Milton Fernandes

COORDERNAÇÃO EDITORIAL Cláudia Rajão

PRODUÇÃO EDITORIAL Cecília Luttembarck

REVISÃO ORTOGRÁFICA Erick Ramalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE | SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS,

C129
v.2

Cadernos de dramaturgia do Galpão Cine Horto : oficinão, volume 2. - Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

184 p. ; il.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-9[illegible]35-5[illegible]7

1. Galpão Cine Horto (Centro Cultural). 2. Teatro - Belo Horizonte (MG) - História. 3. Teatro - Estudo e ensino - Belo Horizonte (MG). 4. Teatro brasileiro - Belo Horizonte (MG) - História e crítica. I. Galpão Cine Horto (Centro Cultural). II. Título: Oficinão, volume 2.

09-0722. CDD: 792.098151
CDU: 792(815.1)
17.02.09 19.02.09 011129

MODELO

Centro de Pesquisa e Memória do Teatro | Galpão Cine Horto
Rua Pitangui, 3613 – Horto | 31030-065
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil | Tel: 55 31 3481.5580
www.galpaocinehorto.com.br | centrodepesquisa@galpaocinehorto.com.br

Fino Traço Editora Ltda.
Rua dos Caetés, 530 sala 1113 – Centro | 30120-908
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil | Tel: 55 31 3212 9444
www.finotracoeditora.com.br | editor@finotracoeditora.com.br

SUMÁRIO

Cadernos de Dramaturgia do Galpão Cine Horto. Série Pé na Rua... 7

A experiência musical no projeto Cine Horto Pé na Rua
Fernando Muzzi.....11

PÉ NA RUA 2008 – ARANDE GRÓVORE 15

Ensaios

Arande Gróvore
Inês Peixoto e Laura Bastos 17

A construção da dramaturgia em *Arande Gróvore*
Paulo André..... 23

Arande Gróvore
Jussara Trindade..... 25

Arande Gróvore
Eduardo Moreira 29

A Grande Árvore – *Arande Gróvore*
Inês Peixoto, Laura Bastos e Paulo André..... 31

Texto

Arande Gróvore 37

FICHA TÉCNICA 65

PÉ NA RUA 2009 – SONHO DE UMA NOITE DE SÃO JOÃO..... 67

Ensaios

Ensaio reflexivo sobre a criação de *Sonho de Uma Noite de São João*
Paulinho Polika.....69

Um outro sonho
Mariana Arruda *71*

Texto

Sonho de uma noite de São João *79*

FICHA TÉCNICA *105*

PÉ NA RUA 2010 – NÃO SE DÁ UM "SIM" À-TOA 107

Ensaios

Não se dá um "sim" assim à-toa
Fernando Linares *109*

A Elaboração da Dramaturgia em *Não se dá um "sim" assim à-toa*
Renata Emrich *117*

As várias faces de *Não se dá um "sim" assim à-toa*, espetáculo do projeto Cine Horto Pé na Rua, edição 2010
Lucas Fabrício Silva Araújo *123*

Texto

Não se dá um "sim" à-toa *127*

FICHA TÉCNICA *149*

CADERNOS DE DRAMATURGIA DO GALPÃO CINE HORTO

SÉRIE PÉ NA RUA

Desde o início de sua formação, o Grupo Galpão teve seu trabalho ligado ao teatro popular, de rua, e sempre procurou estabelecer em todas as atividades que realiza uma linguagem acessível, que dialogue diretamente com a cidade, suas necessidades políticas e sociais e, acima de tudo, seus habitantes. Pensando em fortalecer esse diálogo com a comunidade e outros artistas, estabelecendo um vínculo definitivo com a cidade de Belo Horizonte, o grupo criou, em 1998, o Galpão Cine Horto, centro cultural situado no prédio de um antigo cinema, bem próximo à sua sede.

O Galpão Cine Horto surgiu com o propósito de se tornar um espaço de trocas, aprofundamento, pesquisa, formação e fomentação do teatro na capital mineira. Seu primeiro projeto, o Oficinão, uma oficina de reciclagem para atores com experiência com duração de um ano, teve início juntamente com sua inauguração e serviu de base para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de diversos outros projetos, entre os quais se destaca, hoje, o Centro de Pesquisa e Memória do Teatro. O CPMT, através de sua biblioteca, videoteca, selo editorial e do portal Primeiro Sinal, tem como objetivo organizar e disponibilizar para o público da área informações atualizadas e consistentes sobre teatro. A criação do selo Edições CPMT foi uma importante iniciativa que visa registrar, preservar e valorizar a pesquisa sobre teatro e a dramaturgia brasileira contemporânea. A presente publicação visa disponibilizar os textos dramatúrgicos escritos especialmente para espetáculos de teatro de rua produzidos nas seis primeiras edições do projeto Cine Horto Pé na Rua.

O projeto Cine Horto Pé na Rua foi criado em 2005, como desdobramento do Oficinão, a partir de uma demanda dos próprios atores participantes da edição de 2004, que, após montarem o espetáculo

de palco *In Memoriam*, manifestaram o interesse de experimentar uma montagem para a rua. O Galpão Cine Horto decidiu então criar um novo projeto de pesquisa e criação artística voltado para o teatro de rua, resgatando a essência do teatro do Galpão e trazendo, para uma nova geração de atores, a disciplina, o risco e o frescor que fazem da rua um espaço de atuação privilegiado.

De lá pra cá já foram seis edições realizadas, tendo a experimentação e a diversidade como pontos marcantes entre os espetáculos, que trouxeram ao público de Shakespeare a Tom Zé. Os quatro primeiros trabalhos tiveram na direção integrantes do Grupo Galpão e parceiros: Chico Pelúcio e Lydia Del Picchia em *Papo de Anjo*, Simone Ordones, em parceria com Glicério Rosário em *No Baile*, Eduardo Moreira em parceria com Chico Aníbal em *Circo do Lixo* e Inês Peixoto em parceria com Laura Bastos em *Arande Gróvore*. Nas duas edições seguintes, o Galpão Cine Horto abriu espaço para que diretores convidados pudessem desenvolver novos trabalhos, experimentando também novas linguagens: *Sonho de Uma Noite de São João* contou com a direção de Paulinho Polika e *Não se dá um 'sim' assim à-toa* foi dirigido por Fernando Linares, ambos antigos parceiros do Grupo Galpão.

A variedade de temas e a versatilidade dos espetáculos geraram novos desdobramentos para o Galpão Cine Horto. Em 2006, o centro cultural deu início ao projeto Cine Horto Na Estrada, que visa ampliar sua atuação para outras regiões do país, levando espetáculos e atividades para cidades do interior de Minas Gerais e outros estados. A cada ano, os espetáculos produzidos no Cine Horto Pé na Rua circulam por diversos festivais e eventos do Brasil e até mesmo do exterior, como aconteceu com *Arande Gróvore*, que se apresentou no Festival de Teatro de La Habana, em Cuba, no ano de 2009.

A coleção *Cadernos de Dramaturgia do Galpão Cine Horto* teve sua primeira série, dedicada ao projeto Oficinão, lançada em 2009. Agora, chega ao público a segunda série da coleção, resultante do projeto Cine Horto Pé na Rua. Essa publicação é mais uma importante ação de registro do Centro de Pesquisa e Memória do Teatro, através de seu selo editorial Edições CPMT, criado em parceria com a Editora Argvmentvm (agora Fino Traço Editora). Além dos *Cadernos de Dramaturgia*, o selo publica, anualmente, a *Re-*

vista Subtexto de teatro e também lançou, em 2010, os livros *Cena Invertida – Dramaturgias em Processo*, do Grupo Teatro Invertido, e *Grupo Galpão – Uma história de encontros*, de Eduardo Moreira, em parceria com a DUO Editorial. O lançamento de mais uma publicação de extrema relevância para a memória e a difusão da produção dramatúrgica mineira é também um impulso para que iniciativas semelhantes aconteçam.

A EXPERIÊNCIA MUSICAL NO PROJETO CINE HORTO PÉ NA RUA

Fernando Muzzi[1]

No primeiro contato com o Galpão Cine Horto, como integrante da equipe de profissionais que atuaria na montagem do espetáculo do Oficinão 1998, acompanhei a pesquisa musical feita pelos atores para *Noite de Reis*. Fizemos uma viagem para as margens do rio São Francisco, para perceber toda a sonoridade da região e, assim, ver de perto onde seria levado o barco de Shakespeare pelas mãos de nosso diretor Chico Pelúcio. Como não havia vivido esta experiência antes, percebi que não era muito diferente de uma pesquisa musical feita por músicos, mas nesta se acrescentava uma nova lente, que tornou todo o trabalho mais interessante. É como se estivéssemos olhando através de uma câmera fotográfica e trocássemos a lente para obter uma visão mais ampla. Este processo também ocorreu na montagem de *O homem que não dava seta* (Oficinão – 2002) e percebi que acompanhar a pesquisa musical dos atores é um passo certeiro para o sucesso da trilha sonora.

Em 2004, fui convidado novamente pelo Chico para montar um espetáculo com o elenco do Oficinão que já havia produzido *In memoriam* e que, durante todo o ano, havia expressado a vontade de montar um espetáculo de rua. Achei genial, pois o Galpão Cine Horto daria a oportunidade de levar esta arte para vários públicos em diversos lugares e com toda a riqueza e experiência do Grupo Galpão. Mas era também um desafio. Na rua, assim como o texto, cenário, figurino, interpretação e preparação dos atores, o desafio é

1. Cantor e compositor, autor de diversas trilhas sonoras para o teatro, parceiro do Grupo Galpão e do Galpão Cine Horto. Atuou na equipe de três edições do projeto Cine Horto Pé na Rua (2005, *Papo de Anjo*; 2006, *No Baile* e 2008, *Arande Gróvore*).

muito maior também para a composição da trilha sonora. Até aquele momento, ainda não sabíamos que ali surgiria o projeto Cine Horto Pé na Rua e o espetáculo *Papo de Anjo* (2005).

Começamos o trabalho e uma nova e rica experiência surgiu. Os atores traziam as músicas como propostas para a sua cena. Surgiram músicas de domínio público, composições próprias e também parcerias entre nós. Muito interessante foi a palestra sobre a linguagem dos sinos que tivemos com Jason Barroso Santa Rosa e Chiquinho Assis, que nos falaram sobre os diferentes toques e significados. Além da tão conhecida hora da missa, os sinos anunciam também casamentos, nascimentos de crianças (com toques diferentes para cada sexo), óbitos, etc. Dessa palestra surgiu a vontade de harmonizar toda a trilha com sinos. Pensamos em montar um vibrafone de sinos, o que só não foi possível pela dificuldade de encontrarmos sinos que soassem notas afinadas para criar os intervalos necessários para a composição das harmonias e melodias. Usamos os sinos, então, para marcar as mudanças de cenas e de espaço. A trilha tinha que ser dinâmica, pois a dramaturgia propunha isto e uma diversidade de ritmos. Abrimos com um cortejo que representava o profano e o sagrado, e pontuamos o espetáculo com músicas de roda, lúdicas, *funk*, samba; usamos surdo, caixa de maracatu, palmas, violão, cavaquinho, acordeão, pandeiros, violino, ganzás, apitos de efeitos diferentes e muito canto. Tudo executado ao vivo pelos atores.

No ano seguinte fui convidado pela Simone Ordones para fazer a direção musical e composição da trilha sonora do espetáculo *No Baile*, da segunda edição do Cine Horto Pé na Rua. Simone trazia uma proposta musical oposta à de *Papo de Anjo* e, a princípio, muito difícil, pois é muito mais "clássica" e não tínhamos atores instrumentistas. Como fazer um baile sem uma orquestra? Como faríamos uma música que despertasse a vontade do público de dançar? Não só para a música, mas para o cenário e figurino, como fazer um baile na rua sem aquele glamour, sem a iluminação adequada? Bom, para toda proposta se encontra um caminho e uma solução. A dramaturgia e a direção nos deram este caminho e conseguimos fazer um baile sem deixar nada a desejar.

Durante o processo de pesquisa, tivemos uma palestra, ministrada pelo músico mais experiente em Minas Gerais neste assunto,

Célio Balona, que nos contou estórias maravilhosas de baile. E fomos à luta. Os atores e a direção fizeram a pesquisa musical, que incluiu músicas tradicionais de baile (Ray Conniff), Noel Rosa, marchas e boleros. Para a execução da música a solução foi gravarmos em estúdio. Numa parceria com Sérgio Moreira, gravei os *playbacks* e todo o suporte musical necessário, com exceção de duas cenas. A abertura e a cena dos malandros que contracenavam com o público foram apresentadas ao vivo. Montamos uma roda para o início que acabou conhecida por nós como "catraca". Nesta apresentávamos três ritmos diferentes, cantados simultaneamente. Dividimos o elenco em três grupos que giravam, virados para o público, e as pessoas ouviam um *fox*, uma marcha e uma valsa. Ficou bem interessante!

Em 2007, o sucesso do projeto já estava confirmado e então montamos *O circo do lixo,* com direção de Eduardo Moreira. Tínhamos um tema importantíssimo, o da necessidade de reciclagem do lixo, um texto inteligente, com personagens que foram adaptados pela direção e um elenco forte, que nos trouxe uma enorme inspiração. Afinal de contas, não é todo dia que se tem a oportunidade de compor uma trilha sonora para uma meia velha e rasgada, uma panela de pressão estragada, uma garrafa, um pneu careca, uma dupla de urubus e uma velha estátua de praça pública. Esta montagem me trouxe ainda a alegria de me tornar parceiro de Ivana Andrés, autora do texto. A trilha, podemos dizer, foi composta por diversas mãos. Eduardo e o elenco selecionaram músicas dos Beatles, filmes, noticiários de TV e parte da sonoplastia. Eu compus o tema do espetáculo, os temas de alguns personagens, com letras extraídas do texto, parte da sonoplastia e uma adaptação para o hino do Flamengo com nova letra feita pelo Eduardo. Pelo ritmo do espetáculo e pela presença de uma sonoridade mais completa que as músicas gravadas traziam, optamos por gravar as composições também. Eu e Sérgio Moreira fizemos os arranjos e gravamos a voz dos atores com a direção de Valéria Braga. O resultado final foi excelente. Concebemos um espetáculo dinâmico, alegre e muito bem recebido pelo público de todas as idades.

Arande Gróvore é o nome do espetáculo do Cine Horto Pé na Rua 2008, dirigido por Inês Peixoto e Laura Bastos. Montado com parte do elenco do Oficinão 2007, que integrou a peça *Lúdico Circo*

da Memória, para a qual tive a oportunidade de fazer também a composição da trilha e direção musical, *Arande* resultou em um espetáculo de rara beleza e de diversas novas experiências. Com texto e canto ditos em "gromelô", pode ser levado a qualquer parte do mundo e será entendido sem a necessidade de qualquer adaptação. A sonorização é fixada em um dos rodantes que leva as atrizes e compõe o cenário. Para a composição da trilha sonora, me inspirei em músicas dos compositores Koyaanisqatsi e Phillip Glass, pesquisadas pela direção. O efeito minimalista trouxe o clima que a dramaturgia e a direção necessitavam. Porém, fiz uma adaptação na sonoridade, utilizando, no lugar de pianos, sintetizadores e instrumentos eletrônicos, instrumentos como viola caipira, violão e acordeão. Foi uma descoberta maravilhosa quando, no estúdio, comecei a gravar a viola caipira. Esta, que eu sempre ouvi e usei em temas melancólicos e festivos, não deixou a desejar para criarmos o clima "tenso" e de suspense do espetáculo. Em nova parceria, Sérgio Moreira gravou e assina os arranjos comigo. As letras que escrevi em português foram traduzidas por Paulo André, dramaturgo da peça, para o "gromelô". A sonoridade das palavras e as rimas foram adaptadas com uma perfeição maravilhosa, contribuindo para traduzir o ambiente de estranha e divertida familiaridade do espetáculo. Viva o teatro!

PÉ NA RUA
2008

Arande Gróvore

GALPÃ
CINEHORT

ARANDE GRÓVORE

Inês Peixoto[1] e Laura Bastos[2]

Arande Gróvore nasceu da ideia de contar uma história embaixo de uma árvore, usando bicicletas como recurso cenográfico e tendo como conteúdo inicial os contos populares brasileiros recolhidos da oralidade por Câmara Cascudo e Sílvio Romero.

Esta ideia foi desenvolvida para a quarta edição do projeto Cine Horto Pé na Rua, com os atores oriundos do projeto Oficinão 2007, propiciando-lhes mais um trabalho em grupo, uma nova imersão, agora, no teatro de rua.

No primeiro encontro, nos perguntamos: por que queríamos montar um espetáculo para crianças? Por que queríamos montar um espetáculo *de rua* para crianças? A resposta acenava à nossa frente, na Praça de Santa Tereza, uma antiga praça de Belo Horizonte, um lugar de passagem e de encontros, onde atravessam pessoas de leste a oeste e de norte a sul da cidade, pertencentes a todas as classes. Naquela ocasião, aquele espaço público ensolarado estava repleto de crianças e jovens que corriam, jogavam bola, andavam de bicicleta, tomavam sorvete e brincavam de tudo o que a imaginação pudesse alcançar. Era uma meninada esperta, ávida por desafios que os fizessem superar o medo, estavam loucos por aventuras. Essas crianças da Praça viviam a vida que queríamos trazer para a peça! E por incrível que pareça, estavam no mundo e viam tudo com seus próprios olhos, sem filtros, estavam longe da televisão obesa, do sofá dorminhoco e, mais, sobreviviam sem o incontrolável controle remoto. Estavam ali experimentando a vida juntos, sem perder tempo com isolamentos, sem se ocupar com entretenimentos enlatados de meia-tigela que teimam em menosprezar os menores só porque são menores. Elas

1. Atriz e diretora de teatro, membro do Grupo Galpão, dirigiu o espetáculo *Arande Gróvore*.

2. Atriz e diretora de teatro, dirigiu o espetáculo *Arande Gróvore* em parceria com Inês Peixoto.

pulavam, jogavam e assobiavam, sem preocupação com modismo, consumismo, tudo isso era bobagem. Sabiam aproveitar o dia. E nós? Queríamos aprender a aproveitar o dia com elas!

Foi diante desse cenário que nos unimos para realizar este projeto. Iniciamos nosso processo com uma oficina de *Conta Contos* com Elisa Almeida, que nos foi bastante reveladora. Queríamos mergulhar nas palavras, no encadeamento de ideias e criar paisagens de uma maneira dinâmica e encantadora. Era necessário, em primeiro lugar, provocar em nossos contadores-atores o poder de visualização de imagens, a segurança na sequência da narração de fatos, a habilidade para descrever lugares e personagens com riqueza de detalhes, sempre atentos ao início e ao fim do conto. Precisávamos colocar em prática a máxima que diz que "a arte de contar histórias é a arte de contá-las outra vez".

Então, mergulhamos numa série de experimentações, com algumas histórias pré-escolhidas. E, debruçados nelas, os atores trabalharam em grupo, cada um narrando um parágrafo, sem que se perdesse o ritmo e o encadeamento da história. Fizemos exercícios de narrar com os olhos vendados, para estimular o poder de visualização interior das paisagens e narramos com as mãos amarradas para trás, para que a força das palavras e do olhar ganhassem realce com a ausência de gestos.

Experimentamos a língua do pê e constatamos a profusão de gestos que aparecem quando achamos que não estamos sendo entendidos. Fomos criando uma intimidade com a construção linguística dos contos tradicionais. Todos eles apresentam uma estrutura narrativa muito bem costurada assim como o uso de certas palavras que parecem ser chaves no desenvolvimento das histórias. Aos poucos, fomos tocando nossas memórias infantis, levados pelas coletâneas de Câmara Cascudo e Silvio Romero e por todas as histórias que tínhamos guardadas, despertando, na criança que fomos, os valores mais simples e caros que podíamos encontrar. Foi quando pedimos que cada ator criasse uma pequena cena usando o personagem que exerceu maior fascínio sobre sua infância. Apresentados os exercícios, propusemos várias trocas de personagens, para que os atores se apropriassem das ideias e memórias dos outros. Esse resultado foi fundamental para o caminho que mais tarde tomaríamos.

Acreditamos que um olhar muito atento sobre as possibilidades lançadas e a disponibilidade para aproveitar ao máximo o material criativo oferecido em cena são grandes segredos da direção. Os atores muitas vezes liberam, de maneira inesperada, excelentes pistas que passariam despercebidas se não estivéssemos bastante atentas.

Durante o processo, o grupo também exercitou muito a escrita, tendo cada um a tarefa de criar histórias a partir de comandos dados pela direção. Surgiram daí imagens interessantes, inclusive o delicioso e trabalhoso jogo do andar de costas. Esse jogo serviu como base de nossa pesquisa corporal, que assimilou um trabalho de técnicas circenses, dificultadas pelo deslocamento de costas. Assim, durante a montagem das cenas, aplicamos jogos baseados em diagonais com movimentações de amarelinha, bastões com jogos de memória, quadrados e noção de espaço. A rua pede uma constante busca das diagonais que permita uma abertura na cena de, no mínimo, 240 graus.

O universo dos contos tradicionais brasileiros é de uma riqueza extraordinária. Mergulhamos no conteúdo maravilhoso e mestiço desse material e escolhemos algumas histórias que nos davam possibilidades de cena. Tínhamos cinco mulheres e dois homens. No segundo mês do processo, seguimos com cinco mulheres e um homem. Decidimos, então, montar uma primeira célula, composta por uma mãe e quatro filhas, peregrinando por uma terra longínqua, mortas de fome e cansaço. De repente, elas avistam uma árvore. Sentam-se e descansam. Ali teria que acontecer um conflito. Até então, não utilizamos palavras, somente imagens. Nesse exercício, as atrizes nos brindaram com uma cantiga composta com palavras estranhas, que foi uma preciosa matriz para as palavras que surgiriam adiante. Eram estas palavras:

> DACOBELA JETACOM, JETICOBA TANTIBAM, LANTIQUEBA ZETACOM, TUTILEBA LEBAJAM.

Montamos esse primeiro exercício, embalados pela trilha sonora dos músicos Koyaanisqatsi e Phillip Glass, que nos inspirou muito na conquista de uma atmosfera de terra desolada. Depois de várias reuniões entre direção e dramaturgia, realizada pelo ator Paulo André,

decidimos que, a partir daquele começo, iríamos trazer fragmentos de vários contos para criar a nossa história. Tínhamos predileção pelos contos de *O Bicho Manjaléu* – em que um pai, ameaçado de morte, vende as filhas a um cavaleiro encantado; pela história do *Papagaio do Limo Verde* – onde as três irmãs invejosas com um olho, dois olhos e três olhos, respectivamente, bisbilhotam e descobrem que sua vizinha, que a cada dia fica mais rica e bonita, vive um romance secreto com um papagaio que, ao cair da noite, pousa em sua janela e se transforma em príncipe trazendo-lhe brilhantes, ouro e noites de amor; e pelos contos de *Enganar a Morte* – em que o herói, com muita esperteza, consegue o que parecia impossível: dá o truque na famigerada antes de entregar sua alma. No mais, vieram para as situações referências de *A Bela e a Fera, Pele de Asno*, e os personagens com genealogias de encantamento, desde bruxas, duendes, pássaros encantados até vovozinhas e tudo mais que pudéssemos abraçar.

Começamos introduzindo uma fruta proibida nessa árvore que a mãe e suas quatro filhas encontraram no caminho. Comer ou não comer? Eis a questão. E é claro que elas comem. A desobediência abre portas para a aparição de uma terrível fera. Encontramos assim um caminho para nossa história.

Vamos entrar na floresta escura? Este convite aparece em quase todos os contos. E no nosso também. Inclusive para nós, que estávamos no comando do processo. Sentimos que havia particularidades em nossa terra longínqua, e que ousaríamos experimentar uma maneira também particular de dizer nossas palavras. Decidimos criar uma língua que foi construída pela dramaturgia de Paulo André, num árduo trabalho de observação diário das cenas que iam sendo construídas. Criamos entre nós o objetivo de encontrar a palavra necessária e o gesto essencial. Fizemos uma pesquisa no livro *A história dos gestos*, de Câmara Cascudo. Então, tudo começou a fluir. Com o desenvolvimento do desenho das cenas, pudemos construir nossos quadriciclos, que foram montados com pedaços de bicicletas recolhidos na campanha "Doe sua Bicicleta Velha".

A direção tinha apresentado a ideia de um cenário desenvolvido em cima de bicicletas modificadas desde a primeira reunião do projeto. O cenotécnico Helvécio Izabel acompanhou os ensaios e desenvolveu a construção de acordo com as necessidades cênicas.

Surgem, então, nossos objetos rodantes, repletos de traquitanas que possibilitaram uma cenografia criativa e ágil. Uma estrutura autônoma, que carrega todo o material usado durante o espetáculo, incluindo o equipamento de som e luz que funcionam a base de bateria. Dessa maneira, nossa trupe, ao final do espetáculo, parte sem deixar nenhum vestígio no espaço cênico.

A música foi composta por Fernando Muzzi, especialmente para as cenas que íamos construindo, com letras em português, logo sendo substituídas por palavras do nosso "gromelô", linguagem afetiva criada por Paulo André, com pequenas sugestões de todos.

A pesquisa para a execução dos figurinos e adereços, realizada pela direção, tem origem na reutilização de roupas e objetos em desuso. Fomos em busca de uma estética de sobreposições em tons que se confundissem com o verde das folhas e o marrom dos troncos das árvores. Tons esmaecidos, às vezes quase apagados, de uma infância longínqua, num tempo em que tínhamos tempo para criar um mundo imaginário com qualquer objeto que estivesse ao alcance das mãos. Foi então que juntamos nossos cabos de vassoura, panelas e colheres de pau, guarda-chuvas, escadas, espumas, meias, linhas e agulhas e começamos a bordar nosso reino de *Arande Gróvore*. Entramos na reta final do trabalho, inspiradas pelas ilustrações aquareladas e bucólicas de histórias contadas ao redor da fogueira ou no alpendre de uma casa antiga numa cidadezinha brasileira qualquer. Olhamos pela lente do simples e do encantado, transformando sombrinhas em noite, em pássaro e em morada da morte. Vasculhamos armários e gavetas em busca de tecidos e objetos abandonados. Todos tiveram que experimentar a agulha e o bordado. Todos foram convidados a dar um ponto de acabamento em seus figurinos.

Ao invocarmos *Mnemosyne* – a Deusa da Reminiscência – que funda a cadeia da tradição, conseguimos tornar nossa história viva e humana, recheada de gestos e canções, embebida de nossas experiências recontadas pela ótica do maravilhoso. Para além de um espetáculo, temos a felicidade de ter criado mais um conto para crianças. Um conto que nasceu de nossas escolhas compartilhadas nesse encantado encontro.

Nesta edição, vocês poderão apreciar a bela proposta dramatúrgica de *Arande Gróvore* e a delicadeza literária de *A Grande*

Árvore. O texto, assim como a peça, convida ao jogo, à brincadeira, estimula a imaginação e a fantasia de crianças de todas as idades. Ao acompanhar a saga de Querãe Mamida, Mador, Magir, Mamar, Massur e Besto em busca de um final feliz, o leitor se sentirá transportado para outro tempo, quando a felicidade era mais simples e quase sempre ao alcance de nossas mãos. Bastava ter coragem para entrar no bosque escuro...

A CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA EM *ARANDE GRÓVORE*

Paulo André[1]

Quando Inês Peixoto me convidou para fazer a dramaturgia daquele que viria ser o espetáculo *Arande Gróvore*, dirigido por ela e Laura Bastos, topei imediatamente. Nem me espantei com o ineditismo da tarefa. Afinal nunca havia feito nenhuma dramaturgia de nenhum espetáculo de teatro. Exceto nos *workshops* do Grupo Galpão, em que escrevo uma coisinha aqui e ali (tarefa que todos os atores do Grupo Galpão fazem também). Mas a possibilidade de trabalhar com os contos populares de tradição oral, relendo os incríveis autores Silvio Romero e Câmara Cascudo, juntamente com a proposta das diretoras de escrevermos a "nossa" história, configuravam uma oportunidade tentadora e irrecusável.

E foi assim que começamos, junto com um maravilhoso elenco de jovens atores, a ler e a nos divertir com todas aquelas histórias geniais, escolhendo as que mais nos fascinavam, descobrindo novas obras, também de cunho popular da tradição oral, como *Os Contos de Enganar a Morte*, de Ricardo Azevedo. Fomos então percebendo a profunda e imediata identificação com aquele universo. Uma identificação comum e de igual intensidade para todos nós, cada vez mais íntima. Parecia que aquelas histórias estavam impregnadas em nós, tatuadas em nossas memórias, herdadas através das memórias de nossos antepassados. Aquelas histórias estavam em nosso DNA.

Um dia, começamos uma oficina de "contação" de histórias, ministrada pela contadora Elisa Almeida, e, em um dos exercícios proposto por ela, tivemos a prova de que aquelas histórias de tradição oral estavam tão impregnadas em nós, tão carregadas de

1. Ator do Grupo Galpão, assina a dramaturgia do espetáculo *Arande Gróvore*.

afeto, que poderiam ser contadas dizendo somente "blá blá blá" em vez de palavras! Através do gesto, da linguagem afetiva, elas podem ser contadas! Como nos divertidos exercícios de "gromelô" experimentado com o diretor Paulo José nas oficinas do Grupo Galpão em 2004! Então, porque não contar nossa história numa língua inventada?

Todos concordavam que aquilo seria possível!

E seguimos assim, com mais este ingrediente. Inventando palavras, trocando os sentidos, "torcendo" a nossa língua e criando outros significados para velhas palavras conhecidas, construindo e destruindo frases e expressões.

E não é que funcionou? Funcionou e funciona até hoje, pois o grupo ainda apresenta essa nossa *Arande Gróvore*.

Aproveito para dizer que, apesar de assinar esta dramaturgia, ela é resultado de um trabalho coletivo e conta com a colaboração de TODOS os envolvidos na sua produção, e que a presente edição deste texto dramatúrgico, sem sua encenação, sem o gesto, sem a colaboração do texto cênico, é incompleta, mas rica e plena como registro de uma divertida aventura. Esperamos que o conto que o antecede, elaborado pela equipe de direção e dramaturgia especialmente para essa publicação, facilite sua compreensão.

ARANDE GRÓVORE

Jussara Trindade[1]

Pergunto-me: em que cidade encontra-se, ainda, uma árvore capaz de representar essa poderosa e arquetípica Grande Árvore sob a qual se pode encenar o drama da existência? Mesmo na Praça do Porto, onde o espetáculo foi apresentado durante o XIV Encontro Nacional de Teatro de Rua de Angra dos Reis e que parecia ser o melhor espaço, as árvores, embora lindas e antigas como a imagem do título exigia, estavam todas confinadas em diminutos espaços de terra à sua volta, cercadas pelo calçamento de pedras portuguesas que domina todo o chão da praça. Essa súbita consciência acerca da precariedade de nossa arquitetura urbana é, talvez, a primeira de várias reflexões que *Arande Gróvore* é capaz de estimular. Mas há outras, ainda mais sutis.

Já no título, o espetáculo do Galpão Cine Horto anuncia que, embora indicado para "crianças de todas as idades", trata-se de uma verdadeira jornada arquetípica, isto é, conta a história de todos nós em busca de plenitude como seres humanos, tal qual os contos de fada o fizeram durante séculos em todas as culturas. Abordando alegoricamente conteúdos psíquicos nada "infantis" – o despertar da sexualidade, a perda do lar, a solidão, a morte e renascimento, a busca do amor – essas histórias se passam sempre no tempo e lugar do *...Era uma vez*, onde acontecimentos fantásticos irão mudar, definitivamente, a vida do(a) protagonista.

1. Professora licenciada em Música e Musicoterapeuta, formada pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. Fez especialização em Psicomotricidade e Pedagogia do Movimento. Mestre e doutoranda em Teatro pela UNIRIO. Articuladora da Rede Brasileira de Teatro de Rua e moderadora do Núcleo de Pesquisadores de Teatro de Rua. Autora dos livros *Tá Na Rua: teatro sem arquitetura, dramaturgia sem literatura, ator sem papel* (2008) e *Teatro de Rua no Brasil: a primeira década do terceiro milenio* (2010).

Na famosa obra *A psicanálise dos contos de fada*, Bruno Bettelheim comenta:

> O que sucede aos heróis e heroínas nos contos de fada é semelhante e comparável aos ritos de iniciação nos quais o noviço entra ingênuo e desinformado, e sai no final num nível de existência aprimorado com que não sonhava no início da viagem sagrada, pela qual consegue a recompensa ou a salvação. Tornando-se verdadeiramente ele mesmo, o herói ou a heroína torna-se digno de ser amado.[2]

O Galpão Cine Horto criou uma saborosa miscelânea de elementos arquetípicos presentes também em fontes remotas, como no mito cristão do Jardim do Éden. Ao comerem o fruto proibido da Árvore do Conhecimento, Adão e Eva perdem a inocência e *veem* que estão nus. Expulsos do paraíso, dão início a uma vida adulta. No espetáculo, quatro irmãs encontram um fruto mágico que nasce da *Arande Gróvore*. Contrariando as recomendações da mãe, as três mais velhas o devoram, não deixando nada para a caçula. Mas são punidas com um estranho e cômico efeito "digestivo": seus rostos são deformados pela bizarra aparição de olhos anormais. Parodiando de forma bem-humorada o mito cristão, as irmãs desobedientes também passam a "ver" o mundo de outro modo; contudo, trata-se de uma visão distorcida, que está mais a serviço da maledicência do que da sabedoria. Depois, quando a irmã mais nova é aprisionada pelo verdadeiro dono do fruto – um tenebroso personagem, misto de homem e ogro –, que vem exigir sua "paga" pela infração cometida, estamos diante do chamado "ciclo do noivo-animal", com todo o seu conteúdo simbólico da iniciação sexual da mulher. Dos contos de fada que abordam o tema, *A Bela e a Fera* é certamente o mais conhecido hoje, devido à versão adocicada dos Estúdios Disney.

Mas, então, entra em cena o mito pré-cristão de Eros e Psiquê: a "irmãzinha", agora já apaixonada por esse estranho que lhe concede graças incomensuráveis (em troca de uma vida de reclusão), é subitamente "expulsa" de seu ninho de amor quando permite que a mãe e as irmãs invejosas descubram a verdadeira identidade de seu

2. BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

carcereiro. No mito grego, Eros é incumbido pela deusa Afrodite de levar a bela princesa Psiquê para ser sacrificada. Mas o deus, apaixonado, rapta a jovem e a leva para sua morada "nas nuvens", para onde retorna todas as noites. Exige, entretanto, que ela nunca tente vê-lo. Quando isso acontece, o deus a expulsa pela traição e Psiquê passa por incríveis provações, incluindo-se uma viagem aos Infernos! No espetáculo, é nessa viagem iniciática pelo mundo que a "pequenina" encontra seus poderes mais profundos, representados por personagens mágicos como um duende, uma menina e sua boneca, um palhaço chorão, um ser de sabedoria com três cabeças, um pássaro mágico e a Morte em pessoa, que nossa heroína engana com o som de uma viola encantada. Finalmente, a jovem heroína encontra outro fruto mágico e o leva para o ogro, que está morrendo de tristeza. Ele o come, desfazendo assim o feitiço que o transformara em monstro. Final feliz!

Vale a pena mencionar, ainda, outros importantes elementos do espetáculo: esta emocionante história é contada e cantada em *gromelô*, uma língua criada especialmente para as falas das personagens e que não tem absolutamente nada de aleatório. É surpreendente o nível de detalhamento pelo qual passou esse processo de construção linguístico, com abundantes trocas de fonemas entre palavras (tal como no próprio título, ou no nome da "mãe", Querãe Mamida, entre outros), o uso de prefixos ou diminutivos que evocam conotações específicas, como os nomes das irmãs (Mador, Magir, Mamar, Massur) e as ligam implacavelmente à mãe, como um cordão umbilical sonoro; ou o termo "nininha" para referir-se à irmã caçula. Irresistivelmente musical, essa fala carrega em sua construção a deliciosa dislalia pela qual toda criança passa quando está aprendendo a construir palavras, e que a faz dizer "a máquina da *Môquina* (Mônica) enguiçou!", por exemplo, mostrando ser um recurso poderoso para captar a atenção dos pequenos.

É preciso, ainda, fazer justiça à inventividade das maravilhosas engenhocas "rodantes" que levam o elenco para dentro do espaço de atuação. Elas foram construídas com peças de bicicletas velhas doadas ao Projeto Pé na Rua, coordenado por Laura Bastos, Inês Peixoto e Paulo André em 2008; isto mostra inclusive a preocupação do grupo em realizar um processo de criação conectado a uma

prática social relevante para a comunidade da capital mineira onde se situa o Galpão Cine Horto. Finalmente, gostaria de ressaltar a criatividade do espetáculo também no âmbito da musicalidade; o grupo foi muito feliz ao "mixar" o canto dos temas musicais *ao vivo* com bases instrumentais gravadas previamente. É uma solução inteligente para o difícil problema de colocar atores cantando em cena sem um apoio instrumental. Enfim, um belo espetáculo que conquista, realmente, "todas as idades".

Angra dos Reis, 10 de maio de 2009

ARANDE GRÓVORE[1]

Eduardo Moreira[2]

Adorei o espetáculo *Arande Gróvore*, dirigido por Inês Peixoto e Laura Bastos, com texto do Paulo André, para o projeto Cine Horto Pé na Rua do Galpão Cine Horto. Acho que o trabalho apresenta um estilo refinado de teatro, respondendo com muita sabedoria e perspicácia a uma série de encruzilhadas e nós em que o teatro de rua se encontra.

Antes de mais nada, é puro teatro de rua, usando com muita inteligência e sensibilidade o espaço público. Dentro da distinção, aliás profundamente reducionista e simplista, que divide teatro de rua e teatro na rua, o teatro feito em espaços abertos e públicos se encontra numa encruzilhada entre, de um lado, uma espetacularização, onde o ator simplesmente não existe, e, de outro, rituais de autocelebração, em que o público normalmente fica alijado, e o "barato" acontece só dentro da "roda". Do primeiro rol de classificação fazem parte espetáculos bastante comuns na Europa, que abusam de fogos de artifícios, efeitos de luz, guindastes, utilizações bombásticas de ocupação do espaço. E ao final, fica a pergunta: e o ator, cadê o ator? No segundo, vemos espetáculos que primam por uma participação permanente da plateia, sendo muito mais uma manipulação frequentemente desinteressante do que efetivamente um jogo de troca.

Arande Gróvore me parece um passo à frente nesse impasse. O espetáculo usa o universo dos contos de fadas e propõe um jogo de magia com a plateia que se estabelece pela presença de uma grande árvore (*Arande Gróvore*) e os personagens que chegam em bicicletas mágicas, que transportam todo o figurino e o cenário utilizados na encenação. É a concretização da essencialidade brookiana do teatro. Nada de efeitos, nada de recursos, apenas a mágica e poderosa presença

1. Texto publicado no *blog* do Grupo Galpão em 28 de julho de 2008.

2. Ator e diretor de teatro, integrante do Grupo Galpão, assinou a direção e dramaturgia de *Circo do Lixo*.

do ator, capaz de transportar o espectador para outros mundos, como os dos contos de fadas. O chão de terra batido, com a poeira levantada em volta de uma frondosa árvore, me faz lembrar dos tapetes que instauram novos mundos nas montagens de Peter Brook.[3] A encenação está tão organicamente inserida no local proposto, que a peça, com toda a simplicidade, acaba nos transportando para outros mundos.

Outro elemento fascinante e ao mesmo tempo instigante é a criação de um "gromelô", uma língua inventada pelos atores, direção e dramaturgia, que é completamente compreensível e consegue ao mesmo tempo nos transportar para lugares distantes e próximos. É profundamente roseano, podendo ser a língua de seres de um sertão profundo do Brasil, ou da Armênia, ou uma espécie de aramaico. Em sua pesquisa acerca de um teatro pré-expressivo, Eugenio Barba[4] dizia que, quando criava seus espetáculos, procurava privilegiar o olhar de três tipos de espectadores – a criança, o louco e o espectador sem nenhum tipo de referência cultural. É esse ponto de vista que transparece no espetáculo. Os figurinos, magistralmente criados pelas diretoras, nos transportam para um rincão de Minas ou para os Bálcãs ou o interior da Espanha. Existe uma ancestralidade cigana no ar. Não sabemos direito que estranhos e fascinantes seres são aqueles, mas sabemos que eles estão no nosso inconsciente coletivo, nos carregando para um lugar que não identificamos direito qual é, mas que está dentro de nós.

Isso porque eles despertam magicamente o lúdico que resiste dentro de nós. E incrível é um espetáculo de caráter eminentemente popular, profundamente brasileiro (*vide* Silvio Romero e Câmara Cascudo) e, ao mesmo tempo, que pode ser feito e entendido em qualquer lugar do planeta. Tudo isso com uma simplicidade e uma clareza de objetivos que saltam aos olhos. Sutileza e refinamento acessíveis ao louco, à criança e ao ser desprovido de preconceitos culturais que ainda pode aflorar de dentro de cada um de nós.

---

3. Diretor de teatro britânico, um dos mais importantes criadores da atualidade. Diretor de Mahabarata e autor de *Porta Aberta* e *O Espaço Vazio*, entre outros livros.

4. Diretor teatral italiano, fundador do Odin Teatret e principal referência do teatro antropológico no mundo.

A GRANDE ÁRVORE – *ARANDE GRÓVORE*

Inês Peixoto,[1] Laura Bastos[2] e Paulo André[3]

Era uma vez um reino distante, onde a água era escassa, a comida era pouca e quase não havia mais árvores. O sol castigava a terra e destruía a esperança daqueles que por ali passavam. Nessa terra perambulava uma mulher, Querãe Mamida, com suas quatro filhas, Mador, Magir, Mamar e Massur. Elas viviam pra lá e prá cá, à procura de alimento, água e de uma sombra para descansar.

Um dia, depois de muito andar, Querãe Mamida avistou uma grande árvore. A mulher e as filhas, exaustas e com fome, rumaram para debaixo da frondosa árvore. Ali, sentaram para descansar e recuperar as forças. Então, em uníssono, as quatro meninas gritaram: "Temos fome!". A mãe abriu a matula que carregava consigo, dali tirou um pequeno pedaço de pão e repartiu entre as pobres meninas famintas. As filhas comeram e logo repetiram: "Temos fome!". A mãe respondeu, severa: "É o que temos para hoje. Vamos dormir, que a fome passa. Amanhã arranjamos mais comida".

Enquanto se ajeitavam para repousar, uma das filhas viu, no alto da árvore, uma linda e grande fruta vermelha, e disse: "Olha lá! Olha lá! Vamos apanhar a fruta grandona! Aquela bitela vai matar a nossa fome!". Quando viu a fruta, Querãe Mamida, com grande pavor, impediu que as filhas a colhessem, dizendo: "Não façam isso! Esta é uma árvore encantada! A fruta desta árvore deve ser uma fruta mágica. Vocês não percebem que esta árvore é a única que

1. Atriz e diretora de teatro, membro do Grupo Galpão, dirigiu o espetáculo *Arande Gróvore*.

2. Atriz e diretora de teatro, dirigiu o espetáculo *Arande Gróvore* em parceria com Inês Peixoto.

3. Ator do Grupo Galpão, assinou a dramaturgia do espetáculo *Arande Gróvore*.

sobrevive nesta terra em brasa? Esta fruta é a fruta proibida! Vocês não podem comê-la! Vamos dormir, eu já disse.".

Passado um tempo, a mãe caiu em sono profundo. As filhas fingiram dormir. Depois se levantaram silenciosamente e alcançaram a fruta, subindo uma sobre as outras. A irmã caçula, Massur, tentou impedir as irmãs. Mas elas não lhe deram ouvidos.

A primeira mordeu a fruta e a passou para a segunda, que fez o mesmo e a passou para a terceira, que passou o último pedacinho à irmã caçula, que, temerosa, o recusou. As meninas comeram até se fartar!

De repente, um terrível rugido tomou conta do espaço. A mãe e as quatro filhas se levantaram apavoradas quando viram surgir, perto delas, Besto, uma figura horrenda, mistura de homem e fera, que gritou: "Vocês comeram a minha fruta! E agora devem me pagar!".

"Somos pobres, senhor, não temos como pagar", respondeu a mãe, assustadíssima.

Besto repetiu, ainda mais bravo: "Esta é a árvore mágica, Arande Gróvore! E vocês comeram a Muta Árgica, minha fruta mágica! Vocês devem pagar.".

As filhas nem se mexiam de tanto pavor! A mãe pegou o único objeto de valor que ainda lhe restava, um espelho velho, e deu para Besto. Quando Besto se viu refletido, deu um urro e gritou: "Me paga com uma filha!!!!". Querãe Mamida, com um fio de voz respondeu: "Minhas filhas não! Elas são a único tesouro que tenho!". "Dá-me uma filha em pagamento!", gritou a fera.

Mador, a filha mais velha, tentou dar para Besto um feijão mágico que tinha guardado para quando conseguissem terra para plantar. Besto não o quis.

Magir e Mamar tentaram hipnotizar Besto com um antigo medalhão que herdaram do pai, quando este morreu. Cantaram uma canção mágica, Besto caiu no sono, mas logo despertou e parecia ainda mais furioso.

Massur, a caçula, tentou entregar para Besto uma rosa vermelha que ela trazia guardada no coração. Besto cheirou-a, recusou a rosa e gritou: "Eu quero Massur! Ela será a paga de minha fruta mágica!"

A mãe ficou inconformada e respondeu: "Minha filhinha não!!!!". Mas de nada adiantou. A fera desapareceu, levando Massur.

Desesperadas, Querãe Mamida, Mador, Magir e Mamar se puseram a chorar. Foi quando as meninas começaram a sentir uma tremenda dor de barriga. Correram para detrás do tronco da grande árvore e aliviaram a dor soltando malcheirosos traques. Quando saíram detrás da árvore foi um espanto!

Mador tinha um enorme olho no meio da testa, Magir tinha três olhos na testa e Mamar tinha cinco olhos na testa! Elas estavam amaldiçoadas pela Muta Árgica! E, assim, a pobre mãe voltou a perambular sem destino com suas três filhas monstrengas.

Enquanto isso, Besto chegava ao seu castelo com Massur. A mocinha, muito assustada, entrou e ficou paralisada diante de tanto luxo. O castelo era todo enfeitado de ricas pedras preciosas e sedas vindas do oriente. Quando o sol se pôs, Besto soltou um urro e se transformou num belíssimo príncipe. Massur ficou deslumbrada. Então, ele revelou que, por uma maldição, se transformava em fera de dia e, à noite, voltava a ser príncipe. E que ninguém nunca poderia saber daquilo. Só ela, que tinha um bom coração e que não tinha comido da fruta mágica, saberia deste segredo. Massur, que se encantou pela beleza e educação do moço, prometeu guardar segredo e sentiu que sua vida seria feliz ali.

Querãe Mamida e suas filhas monstrengas andaram vários dias procurando Massur e perguntando onde morava Besto, até que avistaram um lindo castelo. Era para lá que a fera tinha levado Massur. Elas se esconderam num buraco perto do muro do castelo e ficaram ali, espiando.

Um dia, viram Massur passeando pelo jardim com um lindo vestido feito de guloseimas e ficaram curiosas. No outro dia, viram Massur passeando com um lindo vestido feito de brinquedos. E no terceiro dia, viram Massur com um lindo vestido feito de letras e histórias. As irmãs ficaram intrigadas e muito invejosas. Querãe Mamida deu ordem para Mador, a filha mais velha, visitar Massur no castelo, passar a noite por lá e tentar descobrir o que se passava lá dentro.

Massur recebeu a irmã no jardim e ficou assustada com a terrível aparência dela. Por mais que Mador pedisse para entrar no castelo, Massur não permitia. Quando chegou a noite, Massur ofereceu à irmã um suco encantado com dormideira e ela dormiu

a noite inteira sem perceber nada do que acontecia lá dentro com o Besto. Então, Mador voltou para junto da mãe e das irmãs sem nenhuma novidade.

Querãe Mamida ordenou que a segunda filha, Magir, fosse até o castelo. E o mesmo se passou com ela. No outro dia, a mãe ordenou que a terceira irmã, Mamar, fosse até o castelo. E o mesmo se passou com ela.

Então, Querãe Mamida, muito desconfiada, foi ter com Massur. A mocinha ficou muito feliz em encontrar com a mãe e não deixou que ela entrasse no castelo. Quando Massur serviu o suco encantado com dormideira, Querãe Mamida, mais esperta do que as filhas, fingiu que o bebeu e, ao anoitecer, entrou sorrateiramente no castelo.

Lá dentro, Massur estava junto a Besto, transformado em príncipe, jantando à luz de velas, trajando um lindo vestido feito de papel de bala. A mãe e as filhas monstrengas surpreenderam o casal, e Besto começou a ter terríveis convulsões, se transformando imediatamente em fera. "Massur, você me traiu!", gritou Besto. "Não! Eu nunca faria isso! Eu tentei te proteger! Eu amo você!", respondeu Massur. Besto, desesperado, juntando as últimas forças, disse: "Agora, Massur, eu nunca mais voltarei a ser um príncipe. Somente uma Muta Árgica poderia me salvar, mas suas irmãs a comeram. Massur, você precisa encontrar outra Muta Árgica para me salvar!".

E, dizendo isso, deu para Massur uma trouxinha com os vestidos que lhe dera, se transformou em fera e sumiu. Nessa hora o castelo ficou encoberto por uma densa nuvem negra. Querãe Mamida e as quatro filhas saíram dali correndo. Massur, chorando a perda do amado, disse para mãe que sairia pelo mundo em busca da fruta que salvaria seu príncipe.

A mãe, então, entregou à Massur uma pena de pássaro encantada e disse: "Essa pena é do Flapão Rei, rei dos pássaros. Quando você quiser retornar para casa, levante a pena e peça a ele que te traga de volta. Assim, Massur, sozinha, carregando somente a pena encantada e sua trouxinha de vestidos bonitos, saiu mundo afora.

Na primeira floresta em que ela entrou, encontrou um gnomo, que lhe disse que a Muta Árgica estava trancafiada pela Morte. E

que era muito perigoso tentar chegar até ela. O gnomo propôs uma adivinha para Massur em troca de uma viola encantada. Massur acertou a pergunta do gnomo, ganhando assim a viola mágica que, quando tocada, fazia com que qualquer um dançasse sem conseguir parar.

No dia seguinte, Massur encontrou uma menina que tinha uma boneca que estava triste porque não tinha um bolo de aniversário. Massur deu a elas seu vestido de guloseimas. Elas ficaram muito alegres. Cantaram "Parabéns pra você" e, como agradecimento, indicaram o perigoso caminho até a Muta Árgica.

No segundo dia, Massur encontrou um palhaço que chorava sem parar porque tinha perdido suas brincadeiras e fazia tudo atrapalhado. Ela deu a ele o vestido de brinquedos, que o deixou muito feliz. Agradecido, o Phalhaço Chororento mostrou o caminho da Morte para Massur.

No terceiro dia, já muito cansada, Massur encontrou com as Cutricas, que eram três irmãs velhinhas e desmemoriadas que moravam na terra do esquecimento. Quando elas viram a mocinha, a prenderam em sua casa e fizeram com que ela limpasse a poeira de séculos da choupana velha. Massur, cansada de tanto trabalhar, esperava em vão que as Cutricas lhe indicassem o caminho da Morte. Quando a menina percebeu que elas o sabiam, mas não se lembravam mais de nada, deu a elas o vestido das letras e histórias. As Cutricas começaram a se lembrar de um monte de coisas do passado e ficaram tão felizes e agradecidas que apontaram o caminho da Morte para Massur.

A pobre menina chegou muito assustada à floresta onde morava a morte chamada Foi-se. Foi-se tinha um pé carregadinho de Muta Árgica, mas disse que só daria uma fruta em troca da vida de Massur. Massur tentou negociar com a morte e já estava quase desistindo quando se lembrou de uma coisa: a viola mágica!

"D. Foi-se, posso fazer um último pedido antes de morrer?", perguntou Massur. "Pode", respondeu D. Foi-se. "Eu queria tocar minha viola".

"Toca logo menina!", disse a D. Foi-se, mal-humorada.

Massur começou a tocar e D. Foi-se começou a dançar. Quanto mais Massur tocava, mais D. Foi-se dançava. "Pare! Pare! Não

aguento mais!", dizia D. Foi-se, desesperada. Massur então negociou com ela: "Só paro se a senhora me der uma Muta Árgica!".

D. Foi-se, já exausta, sem ter como sair da armadilha, deu uma Muta Árgica para Massur e foi embora toda torta e dolorida de tanto dançar!

Na mesma hora, Massur puxou a pena de Flapão Rei e pediu que o grande pássaro a levasse de volta ao Reino de Arande Gróvore.

Voando nas costas do grande pássaro, Massur chegou ao castelo, que estava completamente envolto por espinhos e aquela densa nuvem negra.

Querãe Mamida e as monstrengas estavam rezando junto ao leito de Besto, que estava por um fio de vida. Massur ajoelhou-se junto ao amado e levou a fruta delicadamente para perto da boca da fera doente. Besto mordeu com dificuldade a Muta Árgica e, no mesmo instante, se transformou no lindo príncipe que era. O encanto foi finalmente quebrado!

Besto tirou um pó mágico de dentro do bolso e, soprando sobre as irmãs de Massur, fez com que o encanto delas se quebrasse também. Elas voltaram a ser Mador, Magir e Mamar !

O príncipe, que se chamava Prince Fromose, pediu a mão de Massur em casamento e a declarou Princenita Fromose de Arande Gróvore !

Eles se casaram e foram todos morar no belíssimo castelo. Massur e Prince Fromose, Querãe Mamida, Mador, Magir e Mamar foram felizes para sempre no Reino de Arande Gróvore !

Assim me contaram, assim eu conto! Quem quiser que aumente um ponto!

PEÇA

ARANDE GRÓVORE

PERSONAGENS

Besto
Cutrica
Cutrica Marco
Flapão Rei
Foi-se
Mador
Magir
Mamar
Massur
Mileide Nobreca
Neneca Festine
Phalhaço Chororento
Querãe Mamida
Tananam
Túlio Ornellas

UM DIA

** Cena vazia. Em um grande cortejo, surge a Mãe, Querãe Mamida, seguida de suas quatro Filhas. Mador, a filha mais velha, é seguida por Magir, a segunda, que é seguida por Mamar, a terceira, e, por último, Massur, a filha mais nova. Estão montadas em seus rodantes. Fazem um grande cortejo entrando em cena. Vêm de uma longa e estafante caminhada.*

QUERÃE MAMIDA: *(Alertando as filhas pelo caminho)* – Dodaico!

** As Filhas cantam uma antiga e estranha canção.*

FILHAS: *(Cantando)*

Dacobela Jetacom
Jeticoba Tantibam
Lantiqueba Zetacom
Tutileba Lebajam.

** Querãe Mamida avista uma grande árvore e, mostrando a árvore para as filhas, diz:*

QUERÃE MAMIDA: Vere!

FILHAS: *(Juntas)* Vere!

QUERÃE MAMIDA: Arande gróvore!

FILHAS: *(Juntas)* Arande gróvore!

** Querãe Mamida desce de seu rodante carregando seu velho caldeirão e conduz as Filhas até a sombra da grande árvore. As Filhas brincam de roda em volta da árvore. Cantam. Todos se sentam sob a sombra da árvore e contemplam, aliviadas, a árvore e seu entorno. As Filhas, famintas, procuram comida por toda parte. E levando as mãos até suas barrigas vazias, dizem para Querãe Mamida:*

FILHAS: Fonho! Fonho, Querãe Mamida!

** Querãe Mamida pega seu velho caldeirão. Mexe e remexe com sua velha colher e oferece comida às filhas, dizendo:*

QUERÃE MAMIDA: Gororobe!

FILHAS: *(Respondendo animadas)* Gororobe!

QUERÃE MAMIDA: *(Passando a colher para filha mais velha)* Gororobe, Mador!

** Mador tira um pouco de comida e passa a colher para Magir, dizendo:*

MADOR: Magir!

** Magir também tira um pouco de comida e passa para Mamar.*

MAGIR: Mamar!

** Mamar faz o mesmo, a passa para Massur, e diz:*

MAMAR: Massur

** Massur pega a colher e diz:*

MASSUR: Gororobe!

** E devolve a colher para Mamar, que a passa para Magir, que a devolve para Mador, que a entrega para Querãe Mamida, que a coloca dentro do velho caldeirão.*

** Todas comem. As Filhas, depois de terem comido, ainda estão famintas. Apontando novamente suas barrigas, dizem:*

FILHAS: Querãe Mamida, fonho! Fonho!

QUERÃE MAMIDA: *(Pedindo silêncio)* Rush rush! *(Mostrando o caldeirão vazio)* Gororobe finito.

FILHAS: Gororobe finito?

QUERÃE MAMIDA: Gororobe finito! *(Tenta acalmar as Filhas)* Zizum! Zizum!

** As Filhas, ainda com fome, deitam-se, contrariadas. Querãe Mamida também se deita depois de verificar se as Filhas acataram sua ordem. Ao apoiar a cabeça no velho caldeirão, este escapa e cai no chão, fazendo um grande ruído. As Filhas acordam ainda com fome e falam juntas num grande alvoroço:*

FILHAS: Fonho, Querãe Mamida! Gororobe!

QUERÃE MAMIDA: *(Acalmando as filhas)* Rush rush! Gororobe finito. Zizum, zizum!

** As Filhas se acomodam novamente. Silêncio. Querãe Mamida certifica-se de que tudo está bem. Também se deita. Silêncio. Mamar, depois de se aninhar com as irmãs, avista, no alto da árvore, uma grande e bonita fruta. Excitada, acorda as irmãs.*

MAMAR: *(Mostrando a fruta às irmãs)* Vere!

IRMÃS: *(Vendo a fruta juntas)* Vere!

MAMAR: Muta!

IRMÃS: *(Juntas)* Muta!

** Novo alvoroço. Filhas acordam Querãe Mamida. Ela levanta-se e vê a fruta. Chega mais perto da árvore e olha a fruta com bastante atenção entre as folhas da copa. Assusta-se quando percebe que se trata de uma fruta mágica e se dirige às filhas, apreensiva:*

QUERÃE MAMIDA: Rush rush! Dodaico! Muta árgica. Node quemer! Goripe! Muta árgica!

IRMÃS: *(Curiosas)* Muta árgica?

QUERÃE MAMIDA: Zizum, zizum!

MAGIR: *(Com malícia para as irmãs)* Zizum! Zizum!

** As irmãs entendem o sinal de Magir e se aninham, fingindo que se preparam para dormir. A Mãe vigia tudo atentamente. Vai mais uma vez até a árvore e observa, temerosa, a fruta no alto da copa. Volta para perto das filhas sempre vigilante. Mador, percebendo a ronda de Querãe Mamida, diz:*

MADOR: *(Convidando falsamente a mãe para dormir)* Zizum, Querãe Mamida! Zizum!

** Querãe Mamida, desconfiada, se ajeita para dormir. As Filhas cantam a antiga e estranha canção ninando Querãe Mamida. Ela dorme. As Filhas certificam-se de que Querãe Mamida dorme e começam uma movimentação para alcançar a fruta.*

MAGIR: *(Maldosa)* Muta árgica!

FILHAS: *(Rindo silenciosamente)* Muta árgica!

MADOR: *(Com receio de a mãe acoradar)* Rush rush!

** Querãe Mamida se mexe e quase acorda. As Filhas cantam novamente a canção para ninar Querãe Mamida. Ela dorme. Massur adverte as irmãs.*

MASSUR: *(Com muito medo)* Dodaico, Magir! Muta árgica! Node quemer, goripe!

** As irmãs não escutam os apelos de Massur.*

MAGIR: *(Silenciando a irmã caçula)* Rush, Massur!

MASSUR: *(Com medo crescente)* Node, Mador! Node, Mamar! Dodaico! Muta árgica!

** As irmãs alcançam e comem a fruta. Massur leva a mão à boca, assustada.*

** De repente, ouve-se um grande rugido. Rugido de uma grande fera. Querãe Mamida acorda. Toda a família se assusta e se ajunta em um canto da cena. Entra em cena a fera, Besto, montada em seu grande rodante. Ruge e bafeja. A família grita:*

TODOS: Besto! Besto!

** Besto cerca a família e diz:*

BESTO: *(Apontando para árvore)* Donde muta árgica mia? Muta árgica mia! Muta árgica mia!

** A família se assusta ainda mais. Besto se dirige a Querãe Mamida e exige que ela pague pela fruta mágica.*

BESTO: Muta árgica mia! Ju, paga mia!

QUERÃE MAMIDA: Node paga!

FILHAS: Node paga!

** Besto aponta para as filhas e diz.*

BESTO: Muta árgica mia! Ju paga mia!

** Todos se desesperam. Querãe Mamida está em choque. Ela se aproxima de Besto, tira do bolso um espelho. Olha-se no espelho e diz:*

QUERÃE MAMIDA: Dacobela!

** Querãe Mamida convida Besto para que ele se veja no espelho. Ele se vê e se assusta. Besto fica furioso! Ele aponta para as filhas. Exige que a mãe pague pela fruta roubada, dando a ele uma de suas filhas.*

BESTO: *(Insistindo)* Paga a Mafila!

QUERÃE MAMIDA: *(Num gesto protetor, tenta salvar sua prole)* Node mafila! Per ami de dor!

BESTO: *(Irredutível)* Jeu lever a mafila!

** Mãe se desespera! As filhas, então, decidem tirar a sorte e Mador é quem deve se entregar à Besto. Com muito medo, Mador se dirige a Besto. Besto se aproxima de Mador e fareja todo seu corpo. Mador treme de medo. Ela tira da bolsa feijões mágicos e mostra a Besto. Besto cheira aquilo. Bate na mão de Mador e diz:*

BESTO: Node Mador!

** E ruge furioso. Mador corre para junto das irmãs!*

** Magir e Mamar discutem, afobadas, quem será a próxima. Decidem ir juntas. Magir monta nas costas de Mamar. Besto fareja as duas. Elas tentam fugir. Mamar tira do pescoço um medalhão com a foto do pai. Mostra para Magir e diz:*

MAMAR: Querai Papido!

MAGIR: *(para as irmãs, ao longe)* Querai Papido!

** Magir mostra a Besto o medalhão e, balançando o colar pra lá e pra cá, hipnotiza Besto, que cai em sono profundo. Toda a família comemora o feito. Besto acorda com o barulho e ruge mais furioso ainda. A família se agrupa. Besto avança sobre elas e vê Massur, a filha mais nova, que tenta se esconder atrás da Mãe. Filhas dizem:*

FILHAS: Massur!

MASSUR: Jeu???

BESTO: *(Apontando para Massur)* Ju!

QUERÃE MAMIDA: *(Agarrando-se à filha)* Node! Massur Nininha!

FILHAS: Massur nininha!

BESTO: *(Chamando Massur)* Massur, veveca!

** Muito assustada, Massur se aproxima de Besto. Besto começa a farejar Massur, como fizera com suas irmãs. Massur tira da bolsa uma bonita flor e a mostra para Besto. Besto continua cheirando Massur e diz à Mãe:*

BESTO: Massur node quemeu muta árgica mia!

Todas concordam. Massur não comeu a fruta mágica.

QUERÃE MAMIDA: Node! Massur node quemeu muta árgica!

IRMÃS: Node quemeu!

BESTO: *(Concluindo)* Massur paga mia! Jeu lever mafila Massur!

** E Besto sai, levando Massur, que chora e grita.*

MASSUR: *(*Desesperada, às irmãs e à mãe*)* Querãe Mamida! Helpa! Helpa, Mador! Magir! Mamar! Helpa!

** A Mãe e as Filhas rezam e ainda tentam salvar Massur. Em vão! Besto leva Massur e a conduz para seu castelo. Querãe Mamida e Filhas choram inconsoláveis. Querãe Mamida, desesperada, bate nas Filhas com seu chicote e, chorando a perda da filha caçula, fala:*

QUERÃE MAMIDA: Jeu aviser! Jeu aviser! Dodaico! Node quemer muta árgica! Massur parteu! Besto leveu Massur! Massur nininha! Massur mafila!

** As Filhas choram silenciosamente. De repente, ouve um pum!*

IRMÃS: *(Juntas)* Ói! Traque!

Outro pum, e as três vão para o centro da cena

FILHAS: Traque? *(Tapando o nariz)* Fum!

MADOR: *(Com as mãos na barriga)* Ih! Cacarriga!

IRMÃS: *(Juntas com as mãos na barriga)* Cacarriga!

** E saem correndo. Vão para detrás da árvore. A Mãe observa, assustadíssima. Ela se espanta quando as filhas saem de trás da árvore. Querãe Mamida, horrorizada ao ver que Mador está só com um olho, bem no meio da testa, como um ciclope, diz:*

QUERÃE MAMIDA: Mador! A zóio! Mador!

MAMAR: *(Apontando para Magir, que está com três olhos)* Magir, tri zóio!

MAGIR: *(Apontando para Mamar, que surge com quatro olhos)* Mamar, Penca zóio!

** Magir e Mamar se olham e logo se desentendem. Assim começam uma rinha estranha e o desentendimento contamina Mador e Querãe Mamida, que também brigam. Grande confusão. A Mãe tenta, triste e furiosamente, acabar com aquilo.*

QUERÃE MAMIDA: *(Falando aos céus)* Masgração! Jeu aviser! Node quemer muta árgica! Masgração!

** E saem todas, lamentando a maldição. Montam em seus rodantes, cantando a terrível maldição que se abatera sobre elas...*

** Enquanto isso no castelo de Besto... Massur ainda lamenta a ausência das irmãs e de Querãe Mamida. Canta.*

MASSUR:

HELPA, QUERÃE MAMIDA, HELPA!
MUTA ÁRGICA JEU NODE QUEMEU!
HELPA-MI MADOR, MAGIR, MAMAR,
PER AMI DE DOR.

** E Besto sempre vigilante. Não desgruda os olhos de Massur. Vigia e persegue Massur. O sol se põe. Grilos cantam na mata e Besto percebe a chegada da noite.*

BESTO: *(Olhando o céu escurecer)* És naich...

** Começa a sofrer uma estranha e sutil transformação. Vai até seu castelo rodante e pega um grande e bonito guarda-chuva. É a noite que ele traz. Massur fica petrificada com tanta beleza. Então, diz boquiaberta.*

MASSUR: *(Vendo a noite)* Naich!

** Besto traz "a noite" até o proscênio e diz:*

BESTO: *(Explicando à Massur sua maldição)* És naich! Naich vene, jeu transfero a Prince! Dai vene, sos a Besto! És a masgração. Solo Massur libere masgração!

MASSUR: Libere masgração!

BESTO: Veveca, Massur!

** Massur se aproxima de Besto.*

BESTO: Massur pureca, simpla! Node quemeu muta árgica mia.

MASSUR: *(séria)* Node!

** Besto pede ajuda à Massur para se livrar desta maldição.*

BESTO: Ju aca i mi, hasté próksime luno. Nialguém pude vere Massur e Besto, hasté próksime luno!

MASSUR: Querãe Mamida pude vere?

BESTO: Node.

MASSUR: Mador, Magir, Mamar?

BESTO: Node! Nialguém!

MASSUR: Nialguém?

BESTO: Nialguém pude vere Massur i Mi, hasté próksime luno! Assi, masgração és rompe.

MASSUR: Masgração és rompe!

BESTO: Dodaico! Nialguém (pude vere Massur e Mi), hasté próksime luno!

MASSUR: Próksime luno!

BESTO: Massur acá i Mi és felica! Daí vene, sos a Besto! Massur tranquill. Naich vene, jeu turna mi transfero a Prince!

MASSUR: Prince fromose!

** Besto pega, atrás da grande "noite guarda chuva", um lindo vestido, todo feito de balas, e o oferece à Massur.*

BESTO: Vere, vestinito fromose tu ju!

MASSUR: *(felicíssima)* Vestinito fromose!

BESTO: Massur dacobela! Veveca Massur!

** Besto canta uma linda canção, levando "a noite" e Massur para dentro do castelo.*

BESTO:

NAICH VENE TU MASSUR
PRISCA LUNO TU MASSUR
A BAJUBA TU MASSUR
DACOBELA;

MI REINANTE TU MASSUR
JEU AMI MASSUR NININHA
JEU AMI MASSUR.

** Um galo canta. Amanhece o dia. Querãe Mamida e suas filhas acordam com o canto de Massur. Elas observam, de longe, Massur, que surge no castelo de Besto usando seu lindo vestido de balas, que Besto lhe dera. Ela canta:*

MASSUR:

MUTA PROBITA,
QUEMEU!
FROMOSE,
MASSUR LEVEU!

BESTO REINANTE MASSUR!
REINANTE FROMOSE MASSUR!
DONDE MADOR?
MAGIR, MAMAR?
SAUDODE VERE,
QUERÃE MAMIDA!

** Querãe Mamida e suas filhas observavam a cena, incrédulas. Querãe Mamida, muito desconfiada, fala:*

QUERÃE MAMIDA: Sinistro! Massur felica... Massur dacobela! Vestinito fromose... Vestinito bajuba!

FILHAS: *(Salivando)* Bajuba!

QUERÃE MAMIDA: Sinistro!

QUERÃE MAMIDA: *(Chamando as filhas)* Magir! Mamar! Veveca!

** As duas se aproximam.*

QUERÃE MAMIDA: Zuia reinante adentro.

MAGIR E MAMAR: Reinante adentro!

QUERÃE MAMIDA: Vere Massur i Besto!

MAGIR E MAMAR: Massur e Besto!

QUERÃE MAMIDA: És, és!

** Assim, a Mãe manda que as duas filhas espionem e descubram o que se passa com Massur e Besto no castelo. Elas se aproximam do castelo rodante.*

MAGIR E MAMAR: *(Chamando)* Massuuur! Ô Massur!

** Massur aparece com seu vestido de balas e vê as irmãs. Ela não se aguenta de tanta felicidade.*

MASSUR: *(Quer abraçar as irmãs)* Magir! Mamar! Saudode!

MAGIR E MAMAR: Saudode!

** Massur se espanta quando percebe a transformação nos rostos das irmãs.*

MASSUR: *(Apontando para os olhos das irmãs)* Magir! Tri zóio! Mamar, penca zóio! Dacoroca!

** Magir e Mamar explicam que aquilo é uma maldição por terem comido da fruta mágica.*

MAMAR: És a masgração!

MAGIR: És! Muta árgica! Cacarriga! Tri zóio!

MASSUR: Ahn!

** Olhando para Massur e seu bonito vestido de balas, dizem:*

MAGIR: Massur dacobela!

MAMAR: Vestinito fromose!

MASSUR: *(Oferecendo balinhas do vestido às irmãs)* Vestinito bajuba!

** As irmãs as aceitam animadas e logo perguntam, curiosas:*

MAMAR: Massur, donde Besto?

** Massur assusta-se com a pergunta e despista.*

MASSUR: *(Apontando para o castelo)* Besto reinante adentro.

MAGIR: *(Querendo entrar e ver o castelo)* – Massur, pude vere reinante adentro?

MASSUR: *(Com firmeza)* Node vere reinante adentro!

** As irmãs tentam entrar no castelo à força*

MAGIR E MAMAR: *(Insistentes)* Vere reinante adentro, vere reinante adentro, vere reinante adentro!

** Massur impede a entrada das duas irmãs.*

MASSUR: Node reinante adentro, node reinante adentro, node reinante adentro!

** Grilos cantam e Massur percebe que o sol está se pondo e que a noite se aproxima.*

MASSUR: Naich!

** E tem uma ideia para impedir que as irmãs se encontrem com Besto. Oferece, então, um suco de frutas com sonífero para elas.*

MASSUR: *(Maliciosa)* Jes enseja a trinquete?

MAGIR E MAMAR: *(Quase desconfiadas)* Trinquete?

MASSUR: Trinquete quisuque!

MAGIR E MAMAR: *(Concordando)* Trinquete quisuque! Chica!

** Masssur entra e sai do castelo com dois copos do suco e oferece às irmãs.*

MASSUR: Quissuque tantibam!

MAGIR E MAMAR: Quissuque tantibam! *(Brindam)* Trinquete!

** Bebem o suco e logo caem num sono profundo. Massur sorri com malícia e diz, entrando no castelo reinante:*

MASSUR: Naich vene! Vene Prince fromose!

** Besto canta e dá à Massur um lindo vestido feito de brinquedos.*

BESTO:

NAICH VENE TU MASSUR
PRISCA LUNO TU MASSUR
BRINCARIA TU MASSUR
PURECA
MI REINANTE TU MASSUR
JEU AMI MASSUR NININHA
JEU AMI MASSUR.

** O dia amanhece. Magir e Mamar acordam do lado de fora do castelo e se perguntam:*

MAGIR E MAMAR: Uãi! Donde Massur?

** Querãe Mamida, que aflita aguarda o retorno das filhas, chama por elas:*

QUERÃE MAMIDA: Magir? Mamar?

** As duas retornam para casa e são prontamente inquiridas pela Mãe.*

QUERÃE MAMIDA: Vere Besto?

MAGIR E MAMAR: Node Besto!

QUERÃE MAMIDA: Vere reinante adentro?

MAGIR E MAMAR: Node vere reinante adentro!

QUERÃE MAMIDA: I Massur?

MAGIR: Massur felica!

MAMAR: Massur dacobela! Vestinito fromose!

MAGIR: Vestinito bajuba!

MADOR: *(Interessadíssima, querendo uma bala)* Bajuba! Donde bajuba?

MAGIR E MAMAR: *(Passando as mãos na barriga)* Bajuba finito!

** Mador fica injuriada e Querãe Mamida, desconfiada.*

QUERÃE MAMIDA: Sinistro!

** Neste momento, Massur sai do castelo reinante rodante, cantando, feliz da vida e usando um lindo vestido feito de brinquedos.*

MASSUR:

MUTA PROBITA,
NODE QUEMEU!
BESTO FROMOSE,
MASSUR LEVEU!
BESTO REINANTE MASSUR!
REINANTE FROMOSE MASSUR!
DONDE MADOR?
MAGIR, MAMAR?
SAUDODE VERE,
QUERÃE MAMIDA!

** Terminada a canção, volta para o castelo. Querãe Mamida, que assistia a tudo, diz:*

QUERÃE MAMIDA: Sinistro! Massur felica. Massur dacobela! Vestinito brincaria!

FILHAS: Brincaria!

QUERÃE MAMIDA: Sinistro! *(Chama Mador)* Mador! Veveca!

** Mador se aproxima e Querãe Mamida ordena que ela vá ao castelo e veja o que se passa por lá.*

QUERÃE MAMIDA: Zuia reinante adentro!

MADOR: *(Feliz)* Zuia reinante adentro!

QUERÃE MAMIDA: Vere Massur e Besto!

MADOR: *(Maldosa)* Massur e Besto!

QUERÃE MAMIDA: *(Conduzindo Mador para fora de casa)* És, és!

** Mador se dirige para o rodante reinante. Chegando lá, chama por Massur.*

MADOR: Massuuuur! Ô Massur!

MASSUR: (Saindo do reinante) Mador! Saudode!

MADOR: *(Falsamente)* Saudode!

MASSUR: *(Vendo a transformação de Mador)* A zóio, Mador! Mador dacoroca!

MADOR: *(Explicando por que está só com um olho)* És a masgração. Muta árgica! Cacarriga! A zóio!

MASSUR: Ahn!

MADOR: *(Invejosa para Massur)* Massur dacobela! Vestinito fromose!

MASSUR: *(Mostrando o vestido feito de brinquedos)*Vestinito brincaria!

MADOR: *(Arrancando uma boneca do vestido, bastante irada)* Neneca, neneca!

** Mador custa a se controlar e comendo um pedaço da boneca, pergunta.*

MADOR: Massur, donde Besto?

** Massur, desconversando, responde.*

MASSUR: Besto reinante adentro.

MADOR: *(À parte)* Node besto... *(À Massur, fingindo ter fome, pede comida para entrar no castelo)* Massur, fonho, fonho! Vere reinante adentro! Reinante adentro, gororobe tantibam!

MASSUR: *(Negando com firmeza)* Node reinante adentro! Node gororobe!

** O sol se põe mais uma vez. Os grilos começam a cantar, anunciando a noite que se aproxima. Massur se apressa.*

MASSUR: Naich! *(Oferece à Mador o suco do sono)* Mador, trinquete quissuque?

MADOR: *(Aceitando animada)* Trinquete quissuque! Chica!

** Massur entra e sai, rapidamente, do castelo com um copo de suco para Mador.*

MADOR: *(Erguendo um brinde à irmã)* Trinquete!

** Imediatamente, Mador cai num pesado sono. Massur então sorri e diz:*

MASSUR: Naich vene, vene Prince fromose!

** Besto canta e dá mais um vestido à Massur. Um vestido feito de letras e ideias.*

BESTO:

NAICH VENE TU MASSUR
PRISCA LUNO TU MASSUR
SABIENTE TU MASSUR
DACONTENTE
MI REINANTE TU MASSUR
JEU AMI MASSUR NININHA
JEU AMI MASSUR.

** Amanhece. O galo canta e Mador acorda do lado de fora do castelo e diz:*

MADOR: Uãi! Donde Massur?

** Querãe Mamida, ansiosa, grita de casa para filha:*

QUERÃE MAMIDA: Mador?

** Mador volta rapidamente para casa. E a Mãe começa o inquérito.*

QUERÃE MAMIDA: Vere besto?

MADOR: Node besto.

QUERÃE MAMIDA: Vere reinante adentro?

MADOR: Node reinante adentro.

QUERÃE MAMIDA: I Massur?

MADOR: Mador felica, dacobela, vestinito neneca!*(Lembrando que Massur lhe havia oferecido um suco)* Naich, trinquete quissuque i zizum!

MAGIR E MAMAR: *(Também se lembram do suco)* És, trinquete quissuque i zizum!

QUERÃE MAMIDA: *(Muito desconfiada)* Trinquete quissuque i zizum... Sinistro!

** Massur entra novamente em cena, cantando e dançando. Desta vez, usando o lindo vestido feito de letras e ideias.*

MASSUR:

MUTA PROBITA,
NODE QUEMEU!
BESTO FROMOSE,
MASSUR LEVEU!
BESTO REINANTE MASSUR!
REINANTE FROMOSE MASSUR!
DONDE MADOR?
MAGIR, MAMAR?
SAUDODE VERE,
QUERÃE MAMIDA!

** Querãe Mamida observa tudo atentamente. Quando Massur volta para dentro do castelo, Querãe Mamida fala:*

QUERÃE MAMIDA: Sinistro! Massur felica! Vestinito sabiente! *(Chama as filhas e revela a elas o plano de ir ela própria até o castelo)* Querãe Mamida zuia reinante adentro! Querãe Mamida vere Massur e Besto. Querãe Mamida node trinquete quissuque zizum!

FILHAS: *(Maldosamente juntas)* És, és!

** E Querãe Mamida vai em direção ao reinante. Chegando lá, grita:*

QUERÃE MAMIDA: Massur! Ô Massur!

MASSUR: *(Surgindo)* Querãe Mamida! Saudode!

QUERÃE MAMIDA: *(Aabraçando a filha)* Massur! Saudode!

MASSUR: *(Feliz por ver a mãe)* Querãe Mamida dacobela!

QUERÃE MAMIDA: Massur dacobela! Vestinito sabiente!

MASSUR: *(Mostrando quanto aprendeu)* Massur sabiente! Vere! *(Escreve no caderno que traz consigo)* Que-rãe Ma-mi-da! Ma-dor, Ma-gir, Ma-mar!

QUERÃE MAMIDA: *(Feliz pela filha)* Hum, Massur sabiente! Tanti-bam! *(Subitamente)* Massur, donde Besto?

MASSUR: *(Despistando)* Besto? Besto reinante adentro.

QUERÃE MAMIDA: *(Firme)* Massur, Querãe Mamida pude vere reinante adentro?

MASSUR: *(Com medo)* Node vere reinante adentro, Querãe Ma-mida!

QUERÃE MAMIDA: *(À parte)* Sinistro!

** Outra vez mais o sol se põe e a noite chega junto com o cricrilar dos grilos.*

MASSUR: *(Assutada)* Naich! *(Lembrando-se do suco)* Querãe Mamida, trinquete quissuque?

** A Mãe pisca para a plateia.*

QUERÃE MAMIDA: *(Falsamenete)* Ah! Trinquete quissuque! Tantibam!

** Massur entra e sai com o copo do suco de dormideira e o entrega à sua mãe. Querãe Mamida então aponta para o céu e diz:*

QUERÃE MAMIDA: Zuia! Flap flap!

MASSUR: *(Procurando o pássaro)* Donde?

** Enquanto Massur procura o pássaro Querãe Mamida derrama a dormideira pelo chão e, quando Massur se volta para ela, ela finge que bebeu todo o suco e diz:*

QUERÃE MAMIDA: *(Referindo-se ao falso pássaro)* Flapeu! *(Devolvendo o copo)* Quissuque tantibam! *(Fingindo dormir)* Ô Massur, zizum! *(E cai num fingido sono profundo!)*

MASSUR: Naich vene, vene mi Prince fromose!

** Massur entra para o reinante e Querãe Mamida acorda do falso sono. Ela tenta espiar o interior do castelo. Chama as filhas, que observavam de longe. Mador, Magir e Mamar vão ao encontro de Querãe Mamida e, juntas, adentram o castelo/reinante.*
** Lá dentro elas surpreendem Massur e Besto.*

FILHAS: *(Juntas)* Ai, ai!

QUERÃE MAMIDA: Massur!

FILHAS: *(Juntas)* Besto és Prince?

** Ao perceber que fora flagrado, Besto começa uma estranha transformação e diz para Massur:*

BESTO: Masgração! Masgração! Massur, ju mi traieu! Masgração! Jeu neciso otre muta árgica! Sai Massur, pruscuça otre muta árgica! Solo otre muta árgica libere masgração! Jeu neciso quemer otre muta árgica! Pruscuça Massur! Pruscuça muta ágica!

BESTO:

MASSUR! MASSUR , JU MI TRAIEU!
JEU NECESO MUTA ÁRGICA QUEMER!
HELPA-MI MASSUR, A MUTA,
NECESO QUEMER!

** Besto sai. A paisagem se transforma. Massur está desolada. Querãe Mamida à frente da cena observa todo aquele estrago. Ela percebe o mal que ela e suas filhas fizeram. Massur diz à mãe:*

MASSUR: *(Despedindo)* Jeu sai, Querãe Mamida.

QUERÃE MAMIDA: *(Preocupada e aflita)* Donde sai, Massur?

MASSUR: *(Explicando à mãe sua missão)* Jeu sai tu pruscuça muta árgica, jeu sai tu libere masgração.

QUERÃE MAMIDA: *(Arrependida)* Perdone, mafila. Perdone!

** Massur diz que sim com a cabeça. Querãe Mamida tem uma ideia.*

QUERÃE MAMIDA: Vere!

** Tira da roupa uma pena de pássaro. É uma pena mágica que poderá ajudar Massur, em dificuldade.*

QUERÃE MAMIDA: Flana encantosa!

MASSUR: Flana encantosa?

QUERÃE MAMIDA: *(Explicando)* Flana encantosa de Flapão Rei! Flapão Rei helpa Massur in dificulidade. Flapão Rei returna Massur tu reinante di Prince Fromose di Arande Gróvore!

MASSUR: *(Pega a pena mágica muito feliz)* Degrado, Querãe Mamida!

QUERÃE MAMIDA: *(Abraçando a filha)* Sai Massur! Sai avante! Sai com Dor!

MASSUR: *(Saindo)* Ador, Querãe Mamida! Ador!

** Massur sai caminhando sozinha pela estrada. Querãe Mamida, Mador, Magir e Mamar acenam para Massur, que parte. Em um dado momento, Massur se vê sozinha e desprotegida. Senta-se e, desesperada, e começa a chorar. Chora muito. Muito e alto.*

** Então, por detrás da árvore, aparece um ser mágico.*

TANANAM: *(Tapando os ouvidos, muito incomodado com o choro de Massur)* Ô chororô! Per ami de Dor! Jeu neciso zizum!

** Massur para de chorar repentinamente e pergunta:*

MASSUR: Ju és qual?

TANANAM: Jeu sos Tananam.

MASSUR: Jeu sos Massur. Jeu pruscuça muta árgica tu libere masgração di mi Prince Fromose. Helpa Massur, helpa?

TANANAM: *(Assusta-se quando ouve "fruta mágica)* Muta árgica!!!!

MASSUR: Donde muta árgica és?

** Tananam revela que a "fruta mágica" é guardada pela "morte":*

TANANAM: Muta árgica és trancafiosa.

MASSUR: Qual trancafia muta árgica?

TANANAM: Foi-se!

MASSUR: *(Muito assustada)* Foi-se!

TANANAM: (*Avisando sobre o perigo e a necessidade de Massur enfrentar Foi-se)* Dodaico Massur. Ju necisa confrentar Foi-se. I tu confrentar Foi-se, Massur necisa Blenhola Árgica.

MASSUR: Blenhola Árgica?

TANANAM: Vere!

** Tananam tira do saco uma "viola mágica". Ele toca a viola e Massur começa a dançar sem vontade, comandada pelo som que sai da viola. Ela dança ao ritmo da música tocada por Tananam até pedir para que ele pare de tocar.*

MASSUR: Stopa! Stopa Tananam!

** Quando está para entregar a viola, Tananam para e diz:*

TANANAM: Inhantes... *(Propõe brincadeira de adivinha)* Qués qués? Finca dipé i zune rolano?

MASSUR: *(Pensa muito e responde)* Toró!

TANANAM: Cesposta rerta! Massur sabiente! *(Entrega a "viola mágica")* Sai Massur! Sai avante! Sai com dor!

** Massur sai carregando a "viola mágica". Pelo caminho, Massur vê, de longe, uma menina chamada Mileide Nobreca carregando sua boneca, Neneca Festine. Ela dá corda na boneca e começa cantar "Parabéns pra Você". É aniversário de Neneca Festine.*

MILEIDE NOBRECA: *(Cantando)*

Paraniiveréns
Paraniiveréns...

** Antes de chegar ao fim da canção, acaba a corda da boneca e ela se desmilingue-se. Mileide dá mais corda e tenta cantar toda chegar ao fim da canção mais uma vez.*

MILEIDE NOBRECA: *(Cantando)*

Paraniiveréns,
Paraniiveréns,
Parani tu, Neneca...

** Mais uma vez Neneca se desmilingue. Massur, que observava tudo de longe, se aproxima, chama Mileide, tira do saco o vestido Bajuba, que é todo feito de balas, e diz:*

MASSUR: *(Chamando Mileide)* Psite! *(Dá o vestido para a boneca)* Vestinito bajuba di paraniveréns!

** Cantam "Parabéns" pra Neneca. Neneca Festine, vendo o vestido, animadíssima, também canta.*

TODAS: *(Cantando)*

Paraniiveréns,
Paraniiveréns,
Parani tu Neneca,
Paraniiveréns!

** Finalmente a festa se conclui com a canção.*

MILEIDE E MASSUR: *(Saltitantes e felizes)* Salva Festine! Salva!!!

** Massur diz:*

MASSUR: Ju és qual?

MILEIDE NOBRECA: Jeu sos Mileide Nobreca!

MILEIDE NOBRECA: Jeu sos Neneca Festine!

MASSUR: Jeu sos Massur!

MILEIDE NOBRECA: *(Chamando-a para uma brincadeira)* Massur! Brincaria di rodante!

MASSUR: Jeu pude node... Jeu pruscuça muta árgica tu libere masgração di mi Prince Fromose! Helpa Massur, helpa?

MILEIDE E NENECA: (*Apreensivas)* Muta árgica...

MASSUR: Donde muta árgica és?

MILEIDE E FESTINE: *(Indicam um caminho para Massur)* Avante!

NENECA FESTINE: (*Advertindo sobre possíveis perigos)* Dodaico!

MILEIDE NOBRECA: *(Despedindo-se)* Sai com Dor!

MASSUR: *(Também se despede)* Degrado Mileide, degrado Festine!

** Massur segue avante, e Mileide e Neneca saem levando, contentes, o vestinito bajuba. Pelo caminho, Massur se encontra com o Phalhaço Chororento. Ele arma um circo e começa um número de gags. Massur observa e se diverte. Chororento percebe que é observado e convida Massur para entrar e assistir. As palhaçadas alegram Massur. Ao final do show ela se levanta e abraça Chororento. Ele retribui com um gostoso abraço. Massur abre o saco e dá a Chororento o Vestinito Brincaria, o vestido todo feito de brinquedos.*

MASSSUR: *(Entregando a ele o vestido)* Vestinito brincaria tu circadeiro.

** Phalhaço Chororento fica muito feliz com o presente. Massur então cochicha ao ouvido do Phalhaço. Ele se assusta e diz:*

PHALHAÇO CHORORENTO: *(Muito temeroso)* Muta árgica...

** Massur fala novamente ao ouvido de Chororento e ele responde.*

PHALHAÇO CHORORENTO: *(Confiante)* Sai avante!

** Chororento se despede de Massur e sai levando o vestido e seu "circadeiro". Massur se despede com um aceno.*

MASSUR: *(Agradecendo)* Degrado Phalhaço Chororento, degrado!

** Neste instante, entra em cena um grande embrulho branco. Girando. Para no centro da cena. Massur se espanta e aproxima da coisa. Ela toca a coisa. Uma, duas, três vezes... De repente, de dentro do embrulho branco surgem três velhinhas caducas. Massur pergunta:*

MASSUR: Ju és qual?

** As velhinhas, girando, respondem uma de cada vez, tentando se lembrar do próprio nome:*

1: Cu

2: Tri

3: Ca

JUNTAS: *(Finalmente se lembram)* Ah, Cutrica!

** Sempre girando, perguntam à Massur:*

2: I ju?

3: És

1: Qual?

MASSUR: *(Explicando)* Jeu sos Massur. Jeu pruscuça muta árgica tu libere masgração di mi Prince Fromose. *(Pedindo ajuda)* Helpa Massur, helpa?

CUTRICA: *(Surda)* Muta qual?

MASSUR: *(Falando mais alto e explicado)* Muta árgica. Donde muta árgica és?

** As Cutrica se reúnem. Tentam se recordar. Tricotam. Esquecem o que estavam fazendo e ordenam que Massur pegue um dos rodantes.*

CUTRICA: *(Apontando para um lado)* Lévite sá coisera!

** Massur obedece. Ao chegar com um rodante ao centro da cena, Cutrica grita:*

CUTRICA: Stopa!

** Não ficam satisfeitas com o resultado. Ordenam novamente que Massur leve o rodante para outro lado.*

CUTRICA: *(apontando outro lado)* Lévite sá trocera!

** Logo mudam de opinião. Massur se desespera.*

MASSUR: *(Irritada)* Stopa. Jeu neciso muta árgica!!! Donde muta árgica és???

** Finalmente respondem, cada uma apontando para um lado.*

CUTRICA: Avante!

** Massur ri da confusão e pergunta:*

MASSUR: Qual avante?

** Cutrica fica ainda mais confusa. Massur, então, tira do saco o "Vestinito Sabiente", o vestido feito de letras e ideias. Mostra para Cutrica, dizendo:*

MASSUR: Vestinito sabiente!

CUTRICA: *(Surda)* Vestinito qual?

** Massur entrega o vestido para Cutrica. Imediatamente, elas engolem o vestido e começam a sair, de dentro do vestido, letras e páginas e muita informação. Cutrica se lembra da resposta e monta o labirinto de rodantes feito por Massur no momento anterior. Falam apreensivas:*

1: Dodaico, Massur!

2: Muta árgica, és trancafiosa!

3: Foi-se trancafia muta árgica!

CUTRICA: Dodaico! Goripe!

** E perguntam à Massur:*

3: Qual

2: Trancafia

1: Muta árgica?

** Massur responde, muito assustada:*

MASSUR: Foi-se!

** Neste instante, surge de dentro da Cutrica a morte. Foi-se. Segurando uma enorme sombrinha preta, ela diz:*

FOI-SE: *(Apresentando-se)* Foi-se!

** Massur tenta fugir e Foi-se a persegue. Percebendo que não será possível mais fugir, Massur diz:*

MASSUR: *(Assustada)* Jeu sos Massur.

FOI-SE: *(Com desdém)* Massur!

MASSUR: *(Tremendo)* Jeu neciso muta árgica di Prince Fromose.

FOI-SE: *(Apontando para uma fruta presa em sua sombrinha)* Assô! *(Oferece a fruta muito sedutoramente à Massur)* Tom! Péguite!

** Massur tenta alcançar a fruta , Foi-se recua e diz:*

FOI-SE: Inhantes... *(Ameaçadora, pede que Massur a pague)* Paga mia!

MASSUR: *(Nega, assustada)* Node paga!

FOI-SE: *(Triunfante, pede a Massur que pague com a própria vida)* Paga vivalma de Massur!

MASSUR: *(Nega, ainda mais assustada)* Mi vivalma! Node vivalma!

FOI-SE: *(Ainda mais ameaçador*a) Node vivalma, node muta árgica... *(Explicando)* Tu libere masgração, Massur necisa muta árgica... Node muta árgica, Prince Fromose bau baú!

** Massur se desesepera.*

MASSUR: Node! *(Pensa e diz, fingindo ceder)* Jeu lever muta árgica de Prince Fromose i Foice lever vivalma di Massur.

FOI-SE: *(Triunfante, a morte entrega a fruta a Massur)* Tom. Lévite!

MASSUR: *(Com divertida malícia, lembrando-se da viola dentro do saco)* Inhantes... *(Pede um último desejo)* A ensejo di finação!

** Foi-se concorda.*

FOI-SE: *(Entediada)* Ensejo di finação...

MASSUR: *(Tirando a "viola mágica" do saco)* Pude blenholar a tinaquinho?

FOI-SE: *(Impaciente)* – Blenhola, Massur. Blenhola. *(Ameaçadora)* Solo a tinaquinho!

** Massur toca a viola e põe a morte para dançar. Depois de muito tempo dançando, já cansada, Foi-se diz:*

FOI-SE: *(Exausta)* Stopa! Massur, stopa!

** Massur responde rindo.*

MASSUR: *(Impondo condições)* Inhantes, muta árgica e node vivalma di Massur!

** E continua tocando a viola até que Foi-se, sem aguentar mais, concorda.*

FOI-SE: *(Rendendo-se)* Tom! Lévite!

** Entrega a fruta à Massur e diz:*

FOI-SE: *(Aliviada)* Uf! Sai Massur. Sai avante. Sai com carrego... Entochata.

** Foi-se se vai. Massur fica felicíssima. Guarda a fruta no saco e tira dele a Flana encantosa de Flapão Rei e, com muita fé, diz:*

MASSUR: Flapão Rei! Helpa Massur in dificulidade!

** Entra em cena um grande pássaro branco. Massur, extasiada, diz:*

MASSUR: *(Pedindo com reverência)* Flapão Rei, returna Massur tu reinante di Prince Fromose di Arande Gróvore!

** Massur monta em um rodante e o grande pássaro a conduz de volta para casa. Em casa, as irmãs e a mãe esperam por Massur.*

IRMÃS: *(Vendo Massur ao longe)* Massur!

MASSUR: *(Vendo as irmãs)* Mador, Magir, Mamar, saudode!

IRMÃS: *(Ansiosas)* Donde muta árgica és?

** Massur tira do saco a fruta. Magir, imediatamente, toma a fruta das mãos de Massur. As irmãs, endiabradas, fazem um "peru" com a fruta. Massur se desespera.*

MASSUR: Stopa, stopa! *(Pedindo ajuda à mãe)* Querãe Mamida, helpa!

** Querãe Mamida entra furiosa com seu chicote.*

QUERÃE MAMIDA: *(Às filhas)* Stopa! Paga muta!

IRMÃS: *(devolvendo a contragosto a fruta à Massur)* Perdone...

QUERÃE MAMIDA: *(Apressando Massur)* Veveca Massur, zune!

** E conduz Massur para o interior do castelo. Lá dentro está o Besto/Prince Fromose desfalecido em sua cama. Ele já nem abre mais os olhos. Massur*

se desespera. Passa a mão nos cabelos do Besto. Ele com muito esforço abre os olhos e vê Massur com a fruta nas mãos. Massur dá a fruta a Besto. Muito fraco e com muita dificuldade ele come a fruta e se inicia, mais uma vez, uma estranha transformação. De repente, ele salta da cama, forte e bonito! As irmãs dizem:

IRMÃS: *(Invejosas)* Prince Fromose!

** Prince sorri para Massur. Tira do bolso um pó mágico e sopra sobre o rosto das irmãs. Elas tossem e a maldição se desfaz. Elas voltam a ter a aparência de antes. Todas com dois olhos!*

MASSUR E QUERÃE MAMIDA: *(Às irmãs)* Dacobelas!

IRMÃS: *(Percebendo que voltaram ao normal)* Dacobelas!

** Prince se próxima de Massur e põe sobre sua cabeça um lindo véu de noiva. Toma Massur pelas mãos e diz:*

PRINCE FROMOSE: Princenita Fromose di Arande Gróvore!

** Eles se beijam. Todos cantam.*

TODOS:

SAI SAI CIRCADEIRO
PERMICENÇA I ADOR
CONTEU CONTA CONTO
CONTA CONTO CONTEU;

SAI SAI CIRCADEIRO
PERMICENÇA PER FAVIR
CONTEU CONTA CONTO
TU LEVER COM AMIR;

DEGRADO NININHA
DEGRADO NININHO
DEGRADO A TODOS AQUI
SAI SABIENTE AVANTE
I DINHORO NI SAQUI;

PAGA MIA MIA NI SAQUI.

Fim

ARANDE GRÓVORE

Direção: Inês Peixoto e Laura Bastos

Dramaturgia: Paulo André

Música: Fernando Muzzi

Cenografia Rodante: Helvécio Izabel e Inês Peixoto

Figurinos e Adereços: Inês Peixoto e Laura Bastos

Elenco/Personagem:

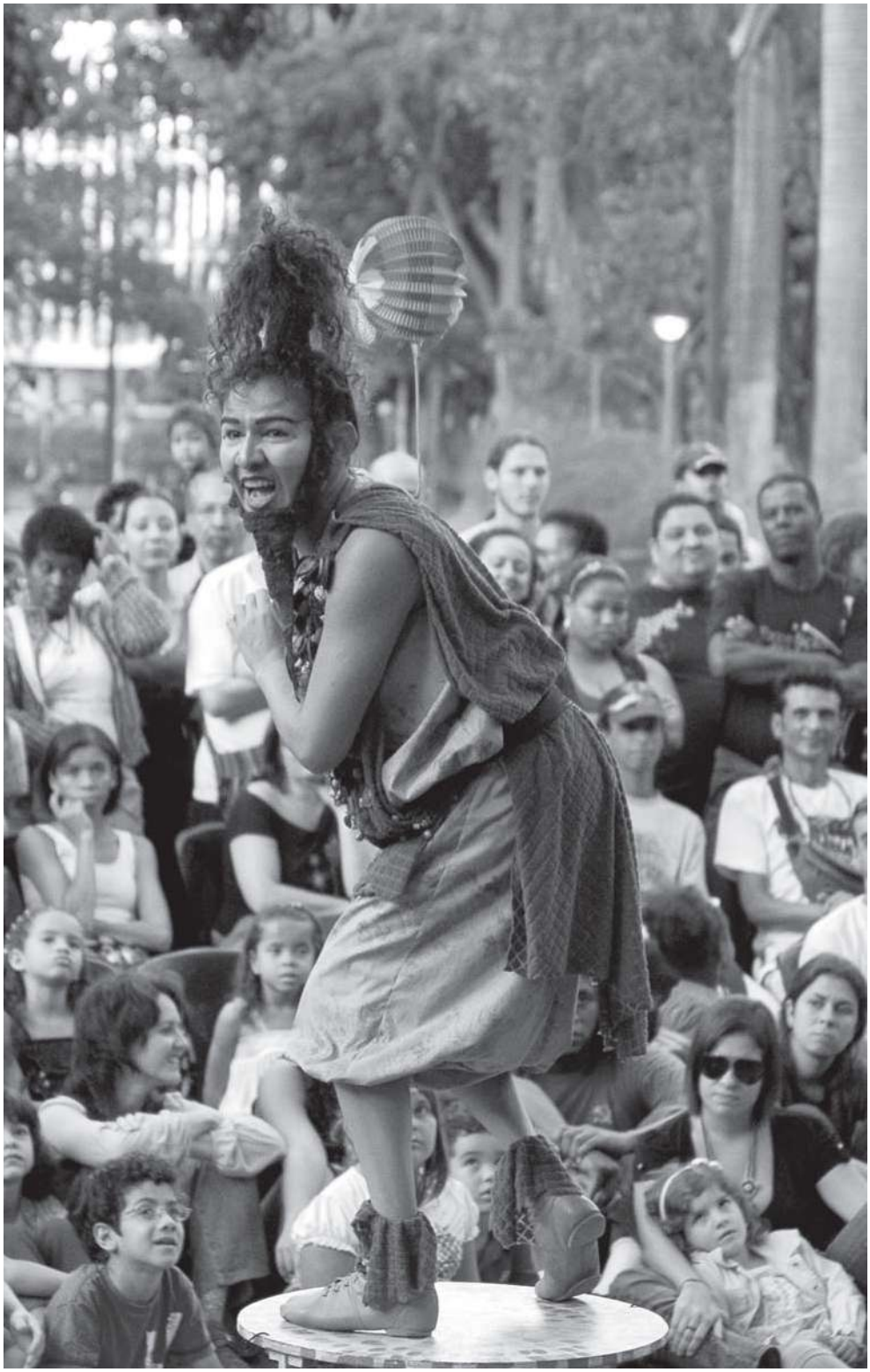
Dora Sá – Mador/ Neneca Festine / Cutrica
Gisele Milagres – Magir / Tananam / Foi-se
Luciana Bahia – Querãe Mamida / Cutrica / Flapão Rei
Maíra Cesarino – Mamar / Mileide Nobreca / Cutrica Marco
Marcelo Cordeiro / Túlio Ornellas – Besto / Phalhaço Chororento
Suzana Santos – Massur

Produção e Realização: Galpão Cine Horto

PÉ NA RUA
2009

Sonho de Uma Noite de São João

GALPÃO CINEHORT



ENSAIO REFLEXIVO SOBRE A CRIAÇÃO DE *SONHO DE UMA NOITE DE SÃO JOÃO*

Paulinho Polika[1]

Projeto Pé na Rua! Pé na Rua...

Só agora, depois de um longo tempo já distante deste espetáculo, é que paro novamente para relembrar tudo o que passou e concluo que foi realmente um sonho.

Dirigir uma peça de teatro é sempre um desafio e neste trabalho isso não foi diferente. Para começar, fui pego de surpresa por um telefonema do diretor Chico Pelúcio me convidando para dirigir a edição de 2009 do projeto Cine Horto Pé na Rua; sem titubear aceitei o convite e embarquei nesse sonho.

Logo, logo conheci os atores e me deparei com diferenças culturais e estilos de trabalho diversos pois, no elenco, havia atores de cidades e estados diferentes, e cada um trazia consigo características bem fortes, que acredito ter agregado ao espetáculo.

No início do processo já fizemos a velha pergunta: O que montar? Então partimos para um *workshop* a partir de textos de Shakespeare, que eram: *Comédia dos Erros, Como Gostais* e *Sonho de Uma Noite de Verão*, o que foi ótimo porque pude ver o poder criativo dos atores, a voz, o corpo e a força cênica de cada um. E

1. Ator e diretor de teatro e teatro de bonecos, dirigiu o espetáculo *Sonho de Uma Noite de São João*, resultado da quinta edição do projeto Cine Horto Pé na Rua (ano 2009).

o texto escolhido após esse momento foi *o Sonho de uma Noite de Verão*, que na nossa adaptação se chama *Sonho de uma Noite de São João*.

Eu, que sempre tive o desejo de montar um texto do Shakespeare e encontrei no elenco pessoas afins, como uma dramaturga, uma figurinista, etc., o que ajudou a fazer o processo ser mais orgânico e começamos a trabalhar. Convidei alguns parceiros para a criação da trilha sonora, que ficou com o Chico Flauta, e o trabalho físico com Alexandre Marques – o Macaco.

Como na maioria das vezes parto do espaço para construir as cenas, naturalmente fiquei com a função de cenógrafo, já que acredito que esse elemento é um ponto fundamental num processo de montagem.

A minha inspiração para criar o cenário foi o pintor modernista Alfredo Volpi, com suas bandeirinhas de cores tão singelas que logo me remeteram a esse universo da festa de São João. Além de ser uma estética que transportava o espectador para esse lugar do pitoresco e do simples.

Nesse sentido, o figurino veio a contribuir com suas peças nas cores de Volpi, seu classicismo shakespeariano e um pezinho nos figurinos usados pelos dançarinos de quadrilha. Pegando esse gancho a dramaturgia também se referia à quadrilha que Drummond escreveu em poesia e Shakespeare sugeriu em teatro.

E foi reunindo todos esses elementos: dramaturgia, trilha sonora, figurino, cenário, maquiagem, etc. que montamos esse espetáculo que para nós foi um sonho e que espero que, para o público, tenha sido um momento de alegria, prazer e diversão.

UM OUTRO SONHO

Mariana Arruda[1]

Adaptar Shakespeare. Ai de mim! Trabalhos para incontáveis verões. Texto que sempre me encantou, *Sonho de uma Noite de Verão* é uma mistura de elementos: o lirismo dos enamorados, o universo fantástico de seres da floresta, o meta-teatro dos atores-artesãos. Difíceis escolhas do que se manter, do que se cortar. Enorme tarefa esta de construir um novo sonho.

Sempre me instigou a construção de textos a partir de outros textos. E pensar em definir texto não só como obras literárias, mas como filmes, imagens e, aqui, em pensar o texto também como um espetáculo teatral (a interpretação dos atores, as canções, o cenário, o figurino e, até mesmo, o texto dramatúrgico, além de tantos outros elementos que constroem um espetáculo). Criar *Sonho de uma noite de São João* foi, então, não apenas uma simples adaptação do texto original de Shakespeare (que por si só nem merece ser adaptado de tão inteiro que é), mas uma tentativa transtextual de misturar outros textos, outras referências de obras de Shakespeare, do nosso Drummond, das nossas tradições de São João, das *gags* de palhaços, das imagens de Volpi, entre tantos outros textos referências.

1. Mariana Arruda é atriz e palhaça. Formada em Teatro pelo Centro de Formação Artística do Palácio das Artes (CEFAR) e mestre em Literatura e Outras Artes pela Faculdade de Letras da UFMG. Pesquisa dramaturgia do palhaço em seu grupo (Grupo Maria Cutia) e é professora de palhaçaria no Centro Universitário UNA e na Escola de Medicina da UNIFENAS–BH, e pesquisadora convidada do LADI – Laboratório de Dramaturgia da Improvisação da Escola de Belas Artes da UFMG e da LPI-BH (Liga de Improvisação). Trabalhou no núcleo de dramaturgia (também como atriz) dos espetáculos: *Concerto em Ré* e *Na Roda* (Grupo Maria Cutia) e *Arriscamundo* (Oficinão 2008). Apaixonada por Shakespeare e por esse texto, *Sonho de uma noite de São João* é seu único trabalho como dramaturga.

Por que São João? – eis a questão

A referência ao São João se fez forte ao encontrar uma tradução para o português de Portugal da obra. Sim, lá em Portugal o *Sonho de uma Noite de Verão* é traduzido e publicado com *Sonho de uma Noite de São João*. A escolha por nomear assim o nosso espetáculo não se dá então com a justificativa de se misturar a cultura do São João brasileiro, das bandeirinhas coloridas, das comidas típicas para se adaptar a obra de Shakespeare. Não. A referência ao São João logo no título se faz muito mais por essa referência (que nos trouxe o tradutor português) de pensar que na Europa, a menor noite do ano – na qual tudo pode acontecer –, se dá justamente no meio do verão, numa data recíproca ao nosso dia de São João. Esta data, conhecida e comemorada na Inglaterra e no norte da Europa no período elisabetano como *midsummer*, é a data em que todos saem para os bosques nos arredores das cidades para festejar, cantar e dançar, contar sonhos, brincar com feitiços e profecias. A mais curta noite do verão na qual festas e ritos são feitos no meio das florestas (noite esta na qual se passa toda a trama shakespeariana) é justamente a nossa noite de São João, que, na Europa (na Inglaterra, em Portugal), acontece no meio do verão, em junho. Assim, reza a lenda, Shakespeare escreveu sua peça para ser encenada numa festividade de São João, por encomenda de nobres noivos da corte.

Sonho de uma Noite de Verão foi um dos textos de Shakespeare mais encenados em todo o mundo e, segundo os estudiosos, a mais popular de suas obras no período elisabetano. Um texto que sempre admirei: Helena era meu sonho como atriz. Como dramaturga – o que só assumi oficialmente no finzinho do processo de montagem –, foi uma experiência e tanto: um grande estudo de tradução e de transtextualidade –, um pouco das práticas teóricas que tanto estudei no mestrado.

A base do trabalho girou em torno das teorias transtextuais de Gèrard Genette – um teórico francês que estudou a criação de textos como um palimpsesto, como uma rede infinita de textos sobre textos. E para recriar sobre a obra de Shakespeare, que sempre criou suas obras partindo de outras referências (princípio muito forte do Renascimento), imaginei então ser este um caminho digno

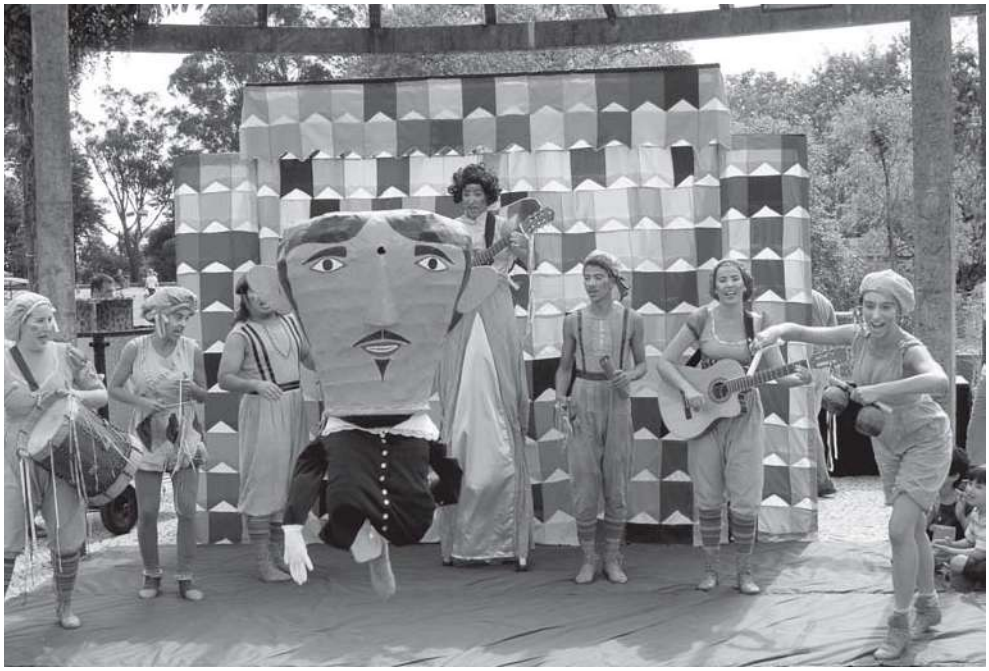
para este trabalho. No *Sonho*, por exemplo, estudos dizem ter "Sir" Shakespeare bebido em várias fontes, dentre elas elementos da mitologia grega (como os duques Teseu e Hipólita, além dos personagens gregos Hérmia e Lisandro) e romana (como a personagem Titânia) e da literatura clássica (como a história de Píramo e Tisbe que está presente em Ovídio e Chaucer). A transformação de Novelo em burro também pode estar relacionada com *O asno de ouro*, de Apuleio. Teseu e Hipólita vêm de Plutarco. Oberon está presente em vários romances medievais. A briga dos reis da floresta está também presente em Chaucer e o suco do amor vem de *Diana Enamorada*, de Jorge de Montemayor. Shakespeare a todo tempo cria com base em outros textos e faz uma nova obra.

Adaptando o verão para o São João

Em princípio, tudo começou como um grande estudo de traduções: das versões dramáticas traduzidas por Carlos Alberto Nunes e por F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes; das versões romanceadas de Ana Maria Machado e Adriana Falcão; da versão fílmica de Michael Hoffman; e das versões cênicas da *Cia de Dança do Palácio das Artes* sob a direção de Gabriel Vilela e da *Cia Sonho e Drama* (hoje ZAP 18) sob a direção de Cida Falabella. Um tanto de sonho como ponto de referência. No meio deste emaranhado de textos, comecei a lapidar o nosso sonho, partindo sempre das práticas transtextuais orientadas por Genette.

Os cortes de textos ditos foram fundamentais. Com todo o pesar, cortar palavras do maior dramaturgo de toda a história do teatro é doloroso, sofrido. Muitas foram as discussões com os atores e com a direção na tentativa de se manter alguns diálogos *ipsis literis*. Mas, no teatro, a cena e o todo sempre devem contar mais. Até hoje o espetáculo sofre outros cortes de frases, palavras e até cenas inteiras, pensando sempre na construção de uma obra melhor: mais concisa, mais clara, mais artística.

Excisões de personagens também foram necessárias. O duque Teseu e a duquesa Hipólita foram os últimos a serem cortados e talvez a maior perda narrativa que considero neste nosso texto: uma com-



plexidade no eixo narrativo que o *Sonho de uma Noite de São João* não tem. Teseu e Hipólita constroem, no texto original, outra ligação entre a corte e o universo fantástico da floresta. Titânia briga com Oberon fazendo referência ao suposto caso amoroso que o rei da floresta teve com a amazona Hipólita, que naquela noite se casará com o duque Teseu – que outrora foi enamorado da rainha das fadas, Titânia. O corte desta referência (que aparecia no primeiro diálogo entre Titânia e Oberon) transforma todo o conflito da floresta, que na nossa noite de São João se torna apenas uma briga pela posse do pajem indiano (que também é citado de forma bem rápida). Optou-se por um foco maior no núcleo dos enamorados e no quiproquó causado pelo feitiço do suco da flor – certamente o eixo narrativo mais lembrado quando pensamos na trama original de Shakespeare.

Muitas outras excisões de textos, de diálogos foram feitas. Incontáveis. Afinal, o teatro não é feito só de palavras e muitas palavras podem ser ditas pelo corpo, pelas ações dos atores. Ainda mais se pensando uma dramaturgia para um espetáculo de rua que por si só já exige um texto mais sucinto, mas ágil. Textos de personagens cortados passaram a ser ditos pelos que ficaram. Ações realizadas por uns personagens passaram a ser vividas por outros, como é o caso da festa de casamento no fim da narrativa que se dava no casamento

dos duques e passou a ser uma referência ao desfecho de conciliação entre Titânia e Oberon. Demétrio passa também a representar, logo na primeira cena do espetáculo, as funções desempenhadas pelos "finados" personagens Teseu e Egeu (pai de Hérmia), presentes no *Sonho* de Shakespeare e cortados aqui.

Em pequena escala, também sugeri acréscimos no texto. Pequenas inserções de brincadeiras com outras obras do Shakespeare foram construídas. Nas falas do Novelo, por exemplo, brinquei com joguetes hipertextuais que mencionam os títulos *Comédia dos Erros*[2] e *Trabalhos de Amor Perdidos*,[3] além de personagens como "um grande Otelo" e "um Capuleto formidável". Outra referência transtextual (desta vez paródica) fiz tomando como texto de partida o prólogo de *Henrique VIII*. O texto original:

> PRÓLOGO (Henrique VIII) – Hoje não venho provocar-vos riso. Cenas agora de mais peso e siso, sérias, graves e tristes, imponentes e nobres quadros, que vos hão de ardentes lágrimas arrancar é o que em verdade viemos aqui trazer. Quem de piedade for capaz, pode dar à nossa peça uma lágrima ou duas, porque ela essa homenagem merece. (...)

> PRÓLOGO (Sonho de uma noite de São João – versão de estreia – temporada 2009) – Hoje talvez venhamos provocar-lhes o riso, a graça, a emoção. Cenas de pouco siso e muita paixão. Para tal pacto, imaginemos nobres, enamorados, seres mágicos, artesãos. Pintemos juntos um cenário, um bosque, uma lua de verão. Honradas palavras de São Shakespeare escritas para uma noite de São João. Se esperais a verdade, contentai-vos com a ilusão. E nós, atores, que segredo não sabemos guardar, contamos tudo. E quem cúmplice se tornar pode dar à nossa peça uma risada ou duas, se ela essa homenagem merecer. Mas, tempo não percamos mais. Amanhã, noite de São João, o duque se casará e para a cerimônia encomendou uma grande encenação. Será que alguém aceitará essa tarefa de artesão? Aproveitem! Bom espetáculo. Agora nosso Sonho vocês verão.

---

2. "Nesta comédia há coisas que nunca agradarão e que poderão tornar a história de Píramo e Tísbe em uma verdadeira comédia dos erros." (fala do Novelo, cena VI).

3. "Tenho um recurso para arranjar tudo, para que nossa peça não nos custe horas de trabalhos de amor perdidos." (fala do Novelo, cena VI).

Outra citação presente no prólogo do *Sonho* foi o texto *Hamlet*. No trecho *E nós, atores, que segredo não sabemos guardar, contamos tudo*, fiz alusão à fala *Os atores não guardam segredo. Vereis como vão revelar tudo* (Hamlet, cena II do ato III) – frases ditas por Hamlet ao assistir ao prólogo da peça que escreve para ser encenada na corte (outro meta-teatro shakespeariano).

Além das referências à obra do próprio Shakespeare, também fiz tentativas de brincar com A *quadrilha* de Drummond. Na cena, sugerida por Lydia Dell Picchia em um ensaio, da corrida rápida dos enamorados, um atrás do outro no auge do quiproquó causado pelo feitiço do amor e na fala de Puck, com uma referência direta: *Helena, que amava Demétrio, que amava Hérmia, que amava Lisandro, que a amava também. Agora Hérmia está sozinha e Puck, que não devia ter entrado nesta quadrilha.*

Referências imagéticas também influenciaram a nova dramaturgia. Como a proposta da criação do cenário com base na obra do artista plástico Volpi[4] e da forte presença das bandeirinhas de São João em suas obras.

Essa cultura do São João brasileiro também foi um ponto de referência na criação dos figurinos. A palheta de cores fortes e vivas (base do figurino) toma como inspiração as tonalidades das bandeirinhas retratadas por Volpi; e a leve referência às pintinhas na bochecha dos atores faz referência à maquiagem típica dos festejos juninos. Os figurinos e cenário também tiveram como intertexto referências da C*ommedia dell'arte.* O macacão do Puck é todo formado por losangos de tecidos, como o do Arlequim; e o carrinho, que se torna palco para a trupe de artesãos, bebe na fonte das antigas carroças-palco dos atores mambembes das feiras medievais. O tom pastel do macacão, base de todos os figurinos do espetáculo, também toma como leve referência (nos cortes, nas golas, mangas e babados) um tom da corte elisabetana, do teatro feito na época de Shakespeare.

Nos diálogos, optei por um lirismo da falas na segunda pessoa do singular. A segunda do plural é um lirismo que só mesmo

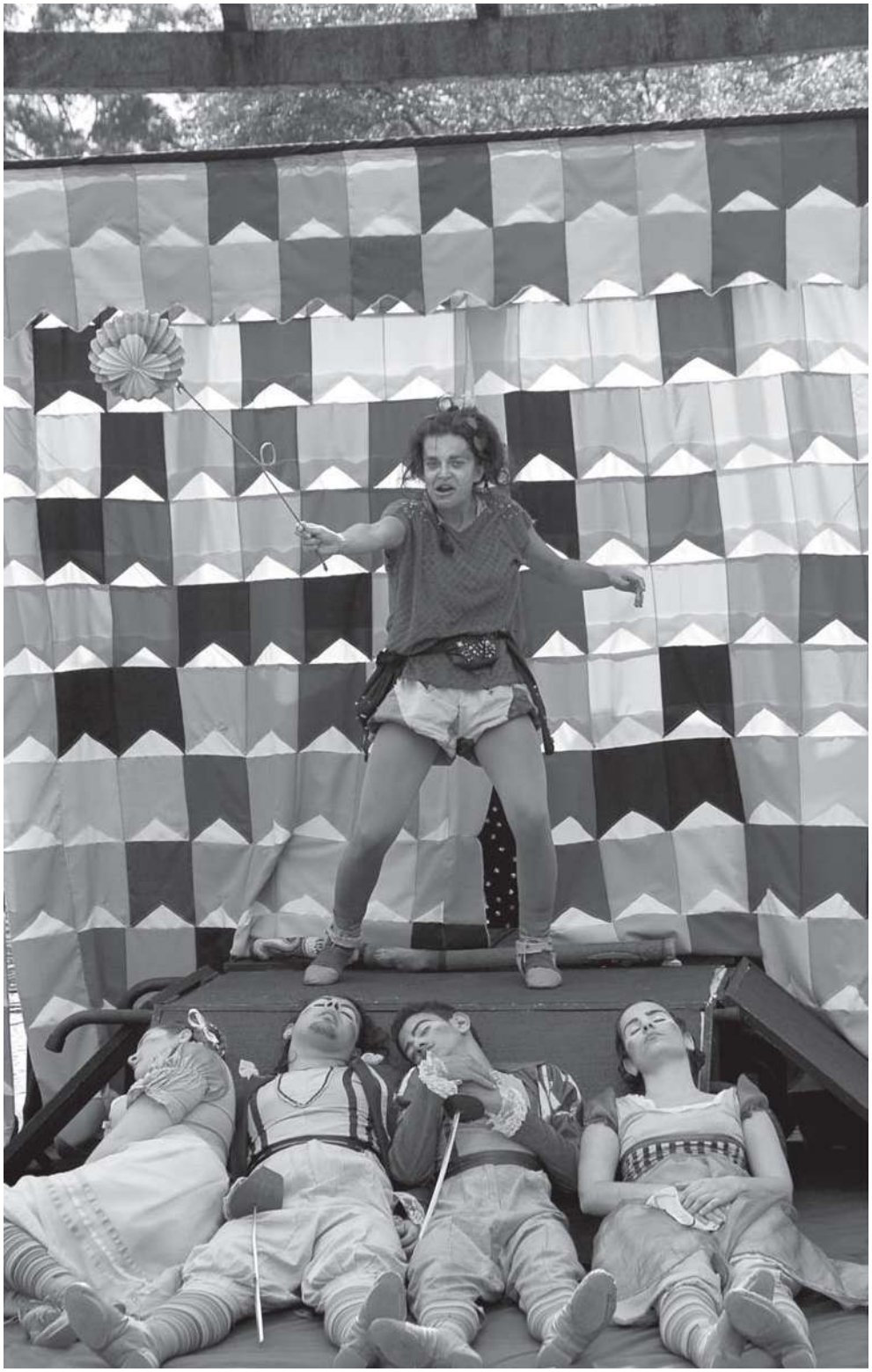
4. Alfredo Volpi (1896-1988) foi um grande pintor ítalo-brasileiro, considerado um dos artistas mais importantes da segunda geração do modernismo. Grande colorista, Volpi tem sua obra marcada pelas bandeirinhas juninas.

a poética de Shakespeare para sustentar. A tentativa era um texto popular e poético, sucinto e profundo, cômico e amoroso. Para o núcleo dos atores-artesãos, um investimento maior em *gag* de palhaços, em cascatas (tapas, quedas) e outros desenhos de cenas típicos da palhaçaria, da arte da bobagem. O personagem Pedro Marmelo – por ironia, também o dramaturgo da trupe de paspalhões que interpretei – foi construído como gago. Em suas falas, trabalhei com essa referência da gagueira para a criação e adaptação de textos que jogavam com a repetição das sílabas, com a dificuldade de se pronunciar palavras como um recurso cômico.

A inserção de elementos da cultura popular do Pará também foi uma forte referência, como a representação de São Shakespeare no cortejo por um boneco do tipo cabeçudo – típico dos festejos, bois e carnavais paraenses –, criado pelo grupo *In Bust Teatro com Bonecos*, de Belém. Da cultura paraense, também vieram outras referências textuais como o mapiguari (figura presente nas lendas amazônicas) no feitiço de Oberon a Titânia: *O primeiro que enxergar quando despertar deverás amar de coração, seja, sapo, saci ou mapiguari. Farás dele o teu querido e terás o peito rendido às flechas do Cupido.*[5]

Pensar a dramaturgia de um espetáculo nunca é apenas pensar o trabalho que o dramaturgo faz sozinho, horas e horas debruçado sobre o texto a ser adaptado. Uma dramaturgia é sempre feita nos ensaios, no levantar e lapidar das cenas pelos atores, pelo diretor, pelo cenógrafo, pelo figurinista, pelo diretor musical, pelo preparador corporal e também pelo dramaturgo. Em seguida, após a estreia, o texto corre mudando, sempre, em seu contato com o público. Assim o sonho de Skakespeare foi se transformando em um novo texto, um novo sonho coletivo – como o teatro é por excelência.

5. Estas referências foram trazidas pela atriz paraense Vandiléia Foro, que interpretou o personagem Oberon.



SONHO DE UMA NOITE DE SÃO JOÃO

PERSONAGENS

Chico Flauta
Flor-de-ervilha
Helena
Hérmia
Lisandro
Novelo
Oberon
Pedro Marmelo
Pino
Puck
Semente-de-mostarda
Titânia

Da obra de William Shakespeare
Adaptação de Mariana Arruda

** Entrada em cortejo.*

** Música.*

Sonho de São João

(Chico Bastos, Camila Morena e Mariana Arruda)

Nesta noite de São João
Seja inverno, seja verão,
Viemos de lá pra cá
Para juntos com ele sonhar;

Meu povo venha com a gente
Tão logo, que a história já segue em frente,
Depressa não se esqueça de ficar contente
Ligeiro, São Shakespeare fez a corrente;

Nosso palco, um colchão,
Nosso enredo, vocês verão,
Nosso público aqui é você;
Cuidado! Esta flor tudo pode fazer.

** Prólogo.*

Repente (versão 2010)

Oh, meu público querido, preste muita atenção,
Sou o prólogo cupido e trago a explicação
pra assistir à nossa peça, use a imaginação,
este chão vai virar bosque onde todos se encontrarão (ai, ai, ai, ai)

Tem homem que vira burro e homem que vira leão
Tem donzela apaixonada e namorado fujão
E os seres da floresta arrumando confusão,
Esta flor que dá trabalho pois ataca o coração (ai, ai, ai, ai)

Shakespeare escreveu seu sonho numa noite de verão
Mas sua terra é muito longe, seu São João é no verão,
No Brasil ou na Inglaterra, eis aqui esta questão,
De repente este repente introduz nossa versão (ai, ai, ai, ai)

** Prólogo versão de estreia – temporada 2009.*

** Hoje talvez venhamos provocar-lhes o riso, a graça, a emoção. Cenas de pouco siso e muita paixão. Para tal pacto, imaginemos nobres, enamorados, seres mágicos, artesãos. Pintemos juntos um cenário, um bosque, uma lua de verão. Honradas palavras de São Shakespeare escritas para uma noite de São João. Se esperais a verdade, contentai-vos com a ilusão. E nós, atores, que segredo não sabemos guardar, contamos tudo. E quem cúmplice se tornar pode dar à nossa peça uma risada ou duas, se ela essa homenagem merecer. Mas, tempo não percamos mais. Amanhã, noite de São João, o duque se casará e para a cerimônia encomendou uma grande encenação. Será que alguém aceitará essa tarefa de artesão? Aproveitem! Bom espetáculo. Agora nosso Sonho vocês verão.*

Cena I

** Entram Hérmia, Lisandro e Demétrio.*

DEMÉTRIO: Concorda, doce Hérmia. Teu pai deu-me seu consentimento para casar-me contigo. E como bem sabes, nossas leis concedem aos pais todos os direitos sobre os filhos e, se não te casares comigo, como é a vontade de teu pai, serás enclausurada num convento até a morte.

LISANDRO: Tens o amor do pai dela, Demétrio. Casa-te com ele.

DEMÉTRIO: Insolente! Tu, Lisandro, enfeitiçaste o coração da minha Hérmia.

LISANDRO: Arrogante! Tu, Demétrio, fez a corte a jovem Helena e conquistou-lhe o coração. E a coitada, apaixonada, o adora devotadamente.

DEMÉTRIO: Mentira! Lisandro, deixa o que é meu por direito. E tu, bela Hérmia, pensa mais um pouco. E na próxima lua – noite de São João – prepara-te para morrer sozinha num convento por desobediência à vontade de teu pai ou para casar-se comigo, como ele deseja. *(Sai)*

LISANDRO: Que há, meu amor? Por que tuas faces estão pálidas assim? Que aconteceu para murchar tão depressa essas rosas que vivem em teu rosto?

HÉRMIA: Talvez por falta de chuva, mas eu poderia inundá-las com a tempestade dos meus olhos. Se os verdadeiros amantes sempre foram contrariados, aprendamos, então, a suportar isso com paciência, já que é uma cruz tão inerente ao amor como os devaneios, as ilusões, os suspiros, as lágrimas...

LISANDRO: Porém, escuta-me, Hérmia: a sete léguas daqui mora minha tia, uma viúva muito rica que, por filhos não ter, me considera seu único herdeiro. Lá, gentil Hérmia, onde nossa rigorosa lei não tem valor, poderei casar-me contigo. Se me amas, foge da casa de teu pai na noite de amanhã e eu te esperarei no bosque, a uma légua da cidade.

HÉRMIA: Meu bom Lisandro, eu juro pelo mais potente arco do Cupido, que amanhã, sem falta, contigo estarei, no lugar combinado.

LISANDRO: Cumpre tua promessa, meu amor!

HELENA: Demétrio? Demétrio! *(Música tema de Helena)*

LISANDRO: Olha, aí vem Helena.

HÉRMIA: Bela Helena, por que tanta pressa?

HELENA: Eu, bela? Demétrio ama a tua beleza! Se como as enfermidades, contagiosa fosse a beleza, eu não sairia daqui sem antes me infectar da tua, ó bela Hérmia! Ah, me ensina com que artes conquistaste o coração de Demétrio.

HÉRMIA: Faço-lhe cara feia e ele me adora.

HELENA: Tivesse eu um rosto feio desde agora!

HÉRMIA: Ofendo-lhe, e ele me devota seu amor.

HELENA: Ah, se tamanha afeição alcançassem minhas súplicas de louvor!

HÉRMIA: Quanto mais o odeio, mais ele me ama.

HELENA: Quanto mais o amo, mais ele me odeia.

HÉRMIA: Se ele está louco, Helena, a culpa não cabe a mim.

HELENA: Não, mas cabe a tua beleza. Quem dera essa culpa fosse a minha!

HÉRMIA: Consola-te, doce Helena! Em breve Demétrio não me verá mais.

LISANDRO: Helena, vamos revelar-te nossos planos. *(Cochichos)*

HÉRMIA: Adeus, minha querida amiga, e que Santo Antônio te conceda teu Demétrio. Guarda tua palavra, Lisandro! *(Saindo)*

LISANDRO: Meus votos hei de cumprir, minha bela Hérmia. Adeus, Helena! E que Demétrio te ame tanto quanto o amas. *(Sai)*

HELENA: Ó cupido! Pra quê asas, se és cego? Sou considerada tão bela quanto Hérmia. Mas, de que adianta? Demétrio assim não pensa. Porque ele, quando Hérmia não via, me fazia juras noite e dia; mas, foi só Hérmia conhecer para todo o seu amor por mim se dissolver. Vou revelar-lhe a fuga da bela Hérmia e sua gratidão por mim será tão imensa e maior ainda será minha recompensa. Demétrio!

Cena II

** Música dos atores. Entram Novelo, Pino, Chico Flauta e Marmelo e montam o cenário do bosque.*

MARMELO: Muito bem. Aqui estão todos aqueles considerados capazes de representar o nosso interlúdio no casamento do duque e da duquesa.

NOVELO: Primeiro, meu caro Pedro Marmelo, conta-nos o enredo da peça; depois, lê o nome dos atores, e assim nos entenderemos.

MARMELO: Muito bem, a peça que escrevi se intitula: "A mui lamentável morte de Píramo e Tisbe".

NOVELO: Uma verdadeira obra-prima, posso garantir-lhes. E, de certo, muito divertida também. Agora, meu bom Pedro Marmelo, diga-nos quem fará cada papel.

MARMELO: Claro. Nick Novelo, o tecelão!

NOVELO: Presente. Dizei o papel que cabe a mim, meu bom Marmelo.

MARMELO: Coube a ti, Novelo, o papel de Píramo.

NOVELO: Que Píramo? Amante ou tirano?

MARMELO: Um amante que se mata galantemente por amor.

NOVELO: Para representar bem este papel será preciso derramar

algumas lágrimas. Se depender de mim, provocarei uma tempestade na plateia... Entretanto, é como tirano que me sinto melhor. Poderia representar um Capuleto de maneira formidável. Daria eu um grande Otelo ou qualquer papel de fazer arrebentar um gato, por exemplo: *Atirei o pau no gato, mas o gato não morreu. Dona Chica admirou-se com o berro que o gato deu.*

TODOS: Bravo. Bravíssimo!

MARMELO: Chico Flauta, o remendador de foles.

FLAUTA: Aqui estou, Pedro Marmelo.

MARMELO: Teu papel, Flauta, será o de Tisbe.

FLAUTA: Quem é Tisbe? Um bravo cavaleiro andante?

MARMELO: Tisbe é a dama que Píramo ama.

FLAUTA: Não, por favor, não me dê papel de mulher. Veja bem, já estou ficando com barba.

MARMELO: Isso não tem importância, homem. Representarás de máscara e podes usar uma voz fina, muito fina, finíssima.

NOVELO: Se eu puder ocultar o rosto, dai-me também o papel de Tisbe; falarei com uma vozinha monstruosamente pequena: "Tisne! Tisne! Ah, Píramo, meu grande amor! A tua querida Tisbe, a tua dama querida!".

MARMELO: Não! Não! Representarás Píramo, Novelo. E tu, Flauta, Tisbe.

NOVELO: Está bem; prossiga.

MARMELO: E, por fim, Pino, o marceneiro, ficará com o papel do leão.

PINO: Já está escrita a parte do leão? Por favor, dai-me logo a minha parte porque, como os senhores sabem, tenho muita dificuldade para decorar.

MARMELO: O papel não tem palavras, basta rugir.

NOVELO: Dai-me, também, o papel de leão. Hei de rugir de modo tal, que o duque exclamará: Que ruja de novo! Que ruja de novo! *(Ruge)*

MARMELO: Novelo, se representares com tamanha veracidade, vais assustar as damas.

NOVELO: Então agravarei de tal modo a voz, até rugir tão docemente como uma pombinha. Rugirei como um rouxinol. *(Ruge)*

MARMELO: Não! Senhores, aqui estão os papéis. Decorai-os! Amanhã à noite, nos encontraremos aqui, no bosque. Por favor, senhores, não falteis. *(Saem)*

Cena III

PUCK: Sou Puck, o espírito mais travesso que atravessa este bosque. Brinquedo faço de tudo porque é meu dever o mestre Oberon entreter. Mas agora meu senhor se mostra muito irritado. É que Titânia – sua amada, rainha das fadas – tem a posse de um gracioso menino da Índia e a ele dedica todos os seus cuidados. E o ciumento Oberon queria fazer do pajem indiano o primeiro cavaleiro do seu cortejo. Ela, porém, da criança não abre mão... Mas quem vem lá? São eles! Assistamos ao vivo ao encontro tempestuoso de Titânia e Oberon. E será tanta confusão que não haverá fada que não corra assustada.

** Entra, por um lado, Oberon e, por outro, Titânia.*

OBERON: A orgulhosa Titânia desfruta da lua do meu bosque.

TITÂNIA: O ciumento Oberon passeia pela minha floresta enluarada.

OBERON: Cala-te, presunçosa! Esqueces que sou teu senhor?

TITÂNIA: Então, sua senhora eu sou.

OBERON: Por que sempre Titânia há de contrariar seu Oberon? Não peço muito, apenas uma criança perdida, para dela fazer meu pajenzinho.

TITÂNIA: Deixa teu coração em repouso, Oberon. O Reino das fadas seria insuficiente para comprar-me esta criança. Sua mãe, uma sacerdotisa de minha ordem, por ser mortal, morreu no parto deste menino. Por amor a ela, educo-lhe o filho e, em sua memória, dele nunca me separarei.

OBERON: Quanto tempo pretendes permanecer neste bosque?

TITÂNIA: Até amanhã à noite neste bosque ficarei. Se quiseres fazer parte de nossas brincadeiras ao luar de São João, seja bem-vindo. Se não, poupai-me de vê-lo que também evitarei os lugares assombrados por ti. *(Sai)*

OBERON: Bem, segue o teu caminho, Titânia. Não sairás deste bosque sem que eu te castigue por esta injúria. Vem cá, meu gentil Puck.

PUCK: Aqui estou, meu senhor.

OBERON: Lembra-te daquela noite em que as estrelas fugiram de suas órbitas para escutarem o canto das sereias?

PUCK: Lembro-me.

OBERON: Nesse mesmo instante, o Cupido desce da lua e mira uma bela donzela. Porém, cego sem a luz das estrelas, erra seu alvo e sua flecha se esfria sob uma pequena flor chamada amor-perfeito. Seu suco, quando derramado sobre as pálpebras adormecidas, faz com que qualquer pessoa, homem ou mulher, se apaixone perdidamente pela primeira criatura viva que vir quando acordar. Vai depressa buscar-me essa flor.

PUCK: Claro, meu senhor. Darei a volta ao mundo em oitenta segundos. *(Sai)*

OBERON: Ah, quando Puck me trouxer a flor, com seu suco, hei de surpreender Titânia adormecida e o derramarei em seus olhos para

que, ao despertar, ela se apaixone pela primeira criatura que vir. E tão apaixonada ela há de ficar, que do pajem se esquecerá. Mas quem vem vindo aí?

Cena IV

** Entram Demétrio, seguido de Helena.*

DEMÉTRIO: Eu não te amo, portanto não me persigas. Onde estão Lisandro e Hérmia? Tu me disseste que eles estariam aqui. Vai-te embora e não me sigas mais!

HELENA: Não posso, Demétrio. Tu me atrais como imã, apesar do teu coração de ferro.

DEMÉTRIO: Eu te atraio? Eu te encorajo? Te faço galanteios? Ou, pelo contrário, não te digo claramente que não te amo nem posso te amar?

HELENA: Por isso mesmo é que te amo ainda mais. Sou seu cachorrinho, Demétrio. Podes me bater e mais fiel a ti hei de ser.

DEMÉTRIO: Estás louca? Fico doente quando olho para ti.

HELENA: E eu doente fico, quando não te vejo.

DEMÉTRIO: Volte para a cidade! Não tens medo de se arriscar tanto neste bosque à noite à mercê de um homem que não te amas?

HELENA: Tua honradez é meu maior escudo. Quando o teu rosto vejo, deixa a noite de ser noite; por isso, não presumo que seja noite agora. Nem falta a este bosque um mundo de pessoas, pois para mim és tu o mundo inteiro. Como, então, pode ser dito que eu estou só, se o mundo todo está aqui a me olhar?

DEMÉTRIO: Helena, não quero discutir contigo; deixa-me. Mas se me seguir, fica certa de que te maltratarei no bosque.

HELENA: No bosque, na rua...

DEMÉTRIO: na chuva, na fazenda.!

HELENA: Ora, Demétrio! *(Sai Demétrio)* Por que nós, mulheres, não temos armas como os homens nas lutas de amor? Não fomos feitas para conquistar, mas para sermos conquistadas. Demétrio? *(Sai)*

OBERON: Adeus, bela Helena! Um dia o feitiço muda e por ti este jovem há de clamar. *(Puck entra)* Seja bem-vindo, espírito travesso!Trouxeste a flor?

PUCK: Aqui está, meu senhor.

OBERON: Agora, meu bom Puck, vou até o leito de Titânia. Pega um pouco também e procura, na floresta, uma bela dama que está apaixonada por um jovem que a despreza. Unta os olhos dele. Tu o reconhecerás pela casaca que usa.

PUCK: Fica tranquilo. Saberei achá-lo, mestre. *(Saem)*

Cena V

TITÂNIA: E agora uma canção de fada e, após o coro, vamos à ronda diária! Cada fadinha tem um terço de minuto para suas tarefas. Flor-de-ervilha, vá matar as lagartas nocivas dos botões de rosas. E, tu, Semente-de-mostarda, vá buscar asas de morcegos para que couro não nos falte para os casacos dos pequenos elfos. Mas, antes de partir, cantai até que eu durma... *(As fadas cantam)*

Canção das fadas

(Música: Chico Bastos /Letra: Mariana Arruda)

Sapos nojentos e serpentes do mau, eis aqui nossa casinha.
Que nossas vozes os façam sumir enquanto dorme nossa rainha.
Canta conosco, doce rouxinol,
Este acalanto até o raiar do sol
Nina, nana, nina pra dormir
Que nossa melodia faça Titânia sorrir,
Que esta lua afaste qualquer magia,
Boa noite até vir o dia.

** Saem as fadas. Titânia dorme. Entra Oberon e espreme a flor nas pálpebras de Titânia.*

OBERON: O primeiro que enxergar quando despertar deverás amar de coração, seja mapiguari, sapo ou saci. Farás dele o teu querido e terás o peito rendido às flechas do Cupido. *(Sai)*

** Entram Lisandro e Hérmia.*

LISANDRO: Meu amor, estás prestes a desmaiar de tanto caminhar pelo bosque. Vamos descansar enquanto aguardamos a luz do amanhecer.

HÉRMIA: Está bem, meu bom Lisandro. Encontre um lugar para dormir que eu repousarei.

LISANDRO: De um punhado de relva, um travesseiro podemos fazer. *(Ele se deita ao lado dela)* O verdadeiro amor, selado com lealdade, faz dois corações num só leito sem maldade.

HÉRMIA: Lisandro, por carinho e cortesia, repouse um pouco mais longe. O pudor exige essa separação entre um homem solteiro e uma donzela. Boa noite, meu doce amigo. Que o teu amor dure tanto quanto a minha vida.

LISANDRO: Boa noite, minha donzela. Que acabe minha vida se antes acabar o meu amor a ti. *(Deitam-se distantes e dormem. Entra Puck)*

PUCK: Todo o bosque percorri sem encontrar jovem algum para os olhos florir. *(Vê Lisandro)* Usa casaca! Eis o homem de quem meu mestre falou. E aqui está a donzela apaixonada. *(Espreme a flor nas pálpebras de Lisandro)* Em teus olhos espremo o poder deste encanto e, com a sua magia, de noite e de dia, vá jovem ao encontro daquela formosa dama. Desperta assim que Puck partir. Oberon me chama e devo ir. *(Sai)*

** Entram Demétrio e Helena correndo.*

HELENA: Para! Espera por mim, Demétrio. Quanto mais ardente meu amor, menos ele se interessa por mim.

DEMÉTRIO: Helena! Venha cá. Fecha os olhos e conta até dez! *(Helena conta ansiosa)*

HELENA: Demétrio? Sim, é certo: sou feia como um urso e, de frente de tal monstro, foge Demétrio, quando amor demonstro. Mas, que vejo? Lisandro aqui? No chão! Morto? Não, não vejo sangue nem ferimento algum. Está dormindo. Lisandro, acorda!

LISANDRO: *(Despertando)* Helena, minha deusa...

** Helena corre. Lisandro a segue. Saem.*

HÉRMIA: *(Despertando)* Lisandro! Lisandro? *(Sai procurando Lisandro)*

** Em rápida passagem.*

DEMÉTRIO: Hérmia, Hérmia!

HELENA: Demétrio, Demétrio!

LISANDRO: Helena, Helena!

** Entra Puck e Oberon.*

OBERON: Puck, já puseste o filtro do amor no jovem que te ordenei?

PUCK: Encontrei-o adormecido. E a jovem donzela desprezada repousava ao lado dele. Quando ele despertar certamente com os olhos dela vai se cruzar.

OBERON: Ótimo, meu bom Puck! *(Saem)*

Cena VI

** Entram Marmelo, Novelo, Pino e Flauta.*

MARMELO: Aqui ensaiaremos, senhores. Este relvado verde servirá de palco; esta moita de espinheiros será a nossa coxia. E representaremos como se estivéssemos diante do duque, da duquesa, dos cavaleiros, do bobo da corte... de toda a realeza.

NOVELO: Senhor Marmelo... Nesta comédia há coisas que nunca agradarão e que poderão tornar a história de Píramo e Tísbe em uma verdadeira comédia dos erros. Primeiro: Píramo terá de sacar da espada para se matar, espetáculo insuportável para as senhoras.

FLAUTA: É verdade. Eu me assustaria.

PINO: Eu acho que devíamos renunciar essa matança.

NOVELO: De forma alguma. Tenho um recurso para arranjar tudo, para que nossa peça não nos custe horas de trabalhos de amor perdidos. Escreva-me um prólogo que dê a entender que não faremos mal a ninguém com nossas espadas e que Píramo não se mata de

verdade. E para maior tranquilidade das damas, dizei-lhes que eu, Píramo, não sou Píramo, mas Nick Novelo, o tecelão. Isso fará com que percam o medo e tudo acabará bem.

MARMELO: Muito bem; farei então esse tal prólogo. Um prólogo musical!

PINO: As damas não ficarão com medo do leão?

FLAUTA: Eu tenho medo de leão.

NOVELO: Senhores, será conveniente refletir sobre o caso. Trazer um leão – Deus nos acuda! – para o meio de senhoras, é uma coisa pavorosa, pois não há fera volátil mais terrível do que um leão com vida. É isso que precisamos considerar.

PINO: Portanto, basta outro *pólogo* para dizer ao público que não se trata de um leão de verdade.

NOVELO: Um prólogo não bastará. Será preciso que o ator encarregado deste papel se dirija ao público e diga: "Senhoras", ou "formosas

senhoras", "peço-vos", ou "suplico-vos" ou então "rogo-vos que não tenhais medo, que não tremais, minha vida responde pela vossa. Se pensais que eu vim aqui como um leão de verdade, nada valeria minha vida. Não, longe de mim tal coisa; sou um homem como os demais". E então, dirás seu verdadeiro nome, fazendo-as saber com toda a franqueza que é Pino, o marceneiro. E tudo acabará bem.

MARMELO: Muito bem; farei então outro prólogo! Mas ainda temos dois problemas. Como os senhores sabem, Píramo e Tisbe se encontram à luz do luar.

NOVELO: Nesse caso, basta deixar aberto uma parte da janela do grande salão onde representarmos e a lua brilhará pela fresta e tudo acabará bem.

MARMELO: Sim. Ou então um ator, segurando um objeto circular, pode declarar: eu vim representar o personagem lunar.

PINO: Eu vim representar o personagem lunar!

NOVELO: Mas, tu és o Leão, homem!

MARMELO: Precisamos de outro ator! *(Selecionam alguém do público)* Mas há outro problema: Como os senhores sabem, Píramo e Tisbe conversam através de um buraco no muro.

PINO: Não será possível trazer um muro para o salão.

FLAUTA: O que achas, Novelo?

NOVELO: Alguém terá de fazer o papel de muro.

MERMELO: Alguém terá de fazer o papel de muro. Quem fará o muro? Quem?

** Todos olham para Marmelo.*

NOVELO: Tu, Pedro Marmelo, poderias representar o papel de muro. Basta que tenha sobre si um pouco de argila, gesso ou cal e que ponha os dedos deste modo, para que Píramo e Tisbe falem através da fresta.

MARMELO: Mas eu sou o diretor!

NOVELO: Um ótimo muro, senhor diretor!

MARMELO: Pois sim. Farei o papel de muro. Comecemos então. Atores em seus lugares. Vamos ao nosso prólogo.

Música do prólogo

(Mariana Arruda)

Senhoras e senhores, vamos nós apresentar o fenomenal
Nosso interlúdio casamental-tal-tal
A dama ai do lado é Tisbe (saúde!)
Dama de sorriso angelical,
mas a barba em meio a sua face no fundo não é tão mal-mal-mal.
Ao centro, temos ele! Mui galante, perigoso, formoso e poderoso: Pipipi...
– Eu sou o Píramo da nova geração, eu vou te mostrar como é grande o meu... talento!
Por fim, este prólogo vem apresentar ele o leão.
– Mas não se preocupem, senhoras e senhores, ele não é verdadeiramente...
Um animal-mal-mal.
Diga-vos, leão!
– Miau!

** Entra Puck, ao fundo.*

PUCK: Que estúpidos trapalhões são estes que assim gritam tão perto do berço da rainha das fadas? Vão representar uma peça? Ótimo! Serei espectador.

MARMELO: Eu sou o muro! *(Induz a pessoa da plateia em cena a dizer: "eu sou o personagem lunar!". Leão ruge. Barulhos do feitiço de Puck sobre Novelo. Todos procuram Novelo)*

** Voltam Puck e Novelo, com cabeça de burro.*

NOVELO: "Se belo eu fosse, ó Tisbe, só a ti pertencia...".

** Fogem todos. Fica Novelo, que se despede da lua e fica só, cantando.*

TITÂNIA: *(Acordando)* Que anjo me desperta do meu leito de flores? Canta outra vez, gentil mortal, te peço. Tanto meus ouvidos estão apaixonados pela tua voz, quanto meus olhos pela tua formosura. E tua força mortal me obriga a dizer-te, a jurar-te que te amo.

NOVELO: Creio, minha senhora, que tenhas pouco motivo para isso. No entanto, para dizer a verdade, hoje em dia, a razão e o amor quase nunca andam juntos.

TITÂNIA: És tão sábio quanto belo.

NOVELO: Não sou uma coisa, nem outra. Se eu tivesse sabedoria suficiente para sair deste bosque já teria tudo o que necessito.

TITÂNIA: Não desejes sair deste bosque. Aqui ficarás, queiras ou não. Sou um espírito superior e eu te amo. Vem comigo. Porei fadas aos seus serviços. Semente-de-mostarda, Flor-de-ervilha. *(Entram as fadas)* Sejam amáveis com este gentil-homem. Dancem em torno dele. Alimentem-no com frutas frescas.

NOVELO: De todo o coração, agradeço a Vossas Senhorias. Por obséquio, qual é o teu nome?

FLOR-DE-ERVILHA: Flor-de-ervilha.

NOVELO: Flor-de-ervilha! Manda lembranças à senhora Vagem, tua mãe, e ao mestre Grão-de-bico, teu pai. *(Risos)* Qual é o teu nome, por obséquio?

SEMENTE-DE-MOSTARDA: Semente-de-mostarda.

NOVELO: Cara dama Semente-de-mostarda, conheço perfeitamente tua tristeza. O covarde hambúrguer, não satisfeito apenas com o ketchup, já devorou muitos cavaleiros de tua descendência. *(Risos)*

TITÂNIA: Fadas, escoltai-o até o meu recinto privado. E, com gentileza, amarrai-lhe a língua. *(Saem)*

Cena VII

OBERON: Ardo de impaciência para saber se Titânia já despertou e qual foi a primeira criatura que viu e pela qual se apaixonou. Mas eis que chega meu mensageiro. *(Entra Puck)* Então, espírito travesso, que divertimento noturno há agora neste bosque encantado?

PUCK: *(Cochicho)...* e encasquetei uma cabeça de burro no mais estúpido do bando de trapalhões. Nesse instante, Titânia acordou e imediatamente se apaixonou.

OBERON: Isso foi melhor do que eu esperava. *(Entram Demétrio e Hérmia)* Fica quieto.

DEMÉTRIO: Por que me rejeitas com tanta rudeza, se a amo com tanto ardor?

OBERON: Este é o jovem em que lhe ordenei pingar o suco da flor.

PUCK: Esta é a donzela, mas o cavalheiro não é o mesmo.

HÉRMIA: Longe de mim, chacal, monstro. Matou Lisandro enquanto eu dormia? Já que tens um pé manchado de sangue, manchas também o outro e mata-me igualmente.

DEMÉTRIO: Teu furor te engana, bela Hérmia.

HÉRMIA: Diga-me, então, se ele está vivo e salvo.

DEMÉTRIO: Se o disser, qual seria minha recompensa?

HÉRMIA: O privilégio de nunca mais me ver. *(Sai)*

DEMÉTRIO: Inútil segui-la no estado de irritação em que se encontra. Vou esperar até que fique mais tranquila. E no cansaço que ando, o melhor que faço é encontrar um canto para um breve descanso.

OBERON: Que fizeste? Espremestes o suco nas pálpebras de um amante fiel? Percorre o bosque, mais veloz que o vento, e acha Helena. Enquanto isso, eu vou untar os olhos deste rapaz.

PUCK: Já vou! Já vou! Vê como eu vou ligeiro, mais rápido do que a flecha de um guerreiro. *(Sai)*

OBERON: *(Espremendo a flor nos olhos de Demétrio)* Botão de rosa ferido pela flecha de Cupido, entra no coração deste jovem adormecido. Quando chegar aquela que por ele apaixonada está, faça-o rapidamente despertar.

** Volta Puck.*

PUCK: Meu senhor, Helena já está vindo pra cá. O rapaz sobre cujos olhos despejei o suco do amor por engano a segue e não para um instante de declarar sua paixão. Quer assistir a essa cena ridícula? Como são tolos os mortais.

** Entram Helena e Lisandro.*

LISANDRO: Helena, eu te amo. Havia perdido a razão quando a Hérmia jurei amor. Demétrio é que ama Hérmia. Que fique ele com ela.

DEMÉTRIO: *(Despertando)* Helena, deusa, ninfa, perfeita, divina.

HELENA: Oh, que inferno! Vejo que estão de acordo para me insultar.

LISANDRO: Demétrio, de todo o coração, renuncio, em teu favor, a todos os meus direitos ao amor de Hérmia. Fica com ela e conceda-me, então, todo o amor que a doce Helena dedicou a ti. Helena: a única que amo e amarei até a morte.

DEMÉTRIO: Lisandro, fica com tua Hérmia. Se algum dia tive amor por ela, está tudo acabado. Meu peito clama Helena, Helena, Helena. Mas eis que vem chegando a tua amada. *(Entra Hérmia)*

HÉRMIA: A noite, que dos olhos tira tudo, deixa o ouvido dez vezes mais agudo. Lisandro! Eu o encontrei guiada pelo som da sua voz. Por que me abandonou sozinha?

LISANDRO: Porque o meu amor não me permitia mais ficar. O meu amor por Helena.

HELENA: Hérmia também está do lado deles! Os três estão mancomunados nesta brincadeira para rirem de mim. Falsa Hérmia. Éramos amigas. Como pode agora se unir a estes homens para me insultar? Isso não é proceder como amiga, nem como mulher! Não se dirige só a mim este insulto, mas a todo o nosso sexo.

HÉRMIA: Estou espantada com tuas palavras, Helena. Eu não a insultei, pelo contrário: parece-me que és tu que me insultas.

HELENA: Então, não ordenastes Lisandro a me seguir, chamando-me de bela enquanto juras desprezar o seu amor, Hérmia? Não fizestes com que seu outro admirador, Demétrio – que ainda há pouco me repelia – me chamasse de deusa, de ninfa? Se tenho menos graças que tu, se conquisto menos amantes que teus encantos, se tenho a desdita de amar sem ser amada é um infortúnio que deveria excitar a tua compaixão e não o teu desprezo.

HÉRMIA: Não compreendo o que queres dizer.

HELENA: Sim, sim, continua, finge tristeza. Vou virar as costas e os senhores farão caretas, piscarão os olhos, continuarão a brincadeira. Vou-me embora.

LISANDRO: Fica, gentil Helena! Escuta: eu te amo. Amo-te e juro por minha vida, por esta vida que estou disposto a perder por sua causa.

HÉRMIA: Meu cajuzinho, para de zombar dela assim.

DEMÉTRIO: Eu afirmo que a amo mais do que ele jamais poderá amá-la.

LISANDRO: Helena, juro que mente quem ousa dizer que não te amo.

HÉRMIA: Lisandro, o que quer dizer com isto?

LISANDRO: Afasta-te, mulher desagradável.

HÉRMIA: Por que te tornaste tão grosseiro, meu querido?

LISANDRO: Para longe de mim, mulher venenosa.

HÉRMIA: Não estás brincando?

LISANDRO: Então devo feri-la, atacá-la, matá-la para provar que a odeio e que não a quero?

HÉRMIA: Que maior mal podes me causar do que isso de me odiar assim? Ai de mim! Impostora! Roubastes o coração do meu Lisandro.

HELENA: Ah que falsidade enorme.

HÉRMIA: Enorme? Estás comparando meu manequim ao teu só porque sou gordinha. Sou tão enorme assim, sua magricela?

HELENA: Senhores, não pensais que, por ela ser um pouco mais roliça, possa eu enfrentá-la.

HÉRMIA: Roliça? Ouvi outra vez. Saí da minha frente que vou enfrentá-la.

LISANDRO: Para trás, baleia! Bola de bilhar, melancia, lua cheia.

DEMÉTRIO: Mostra-te muito solícito com a dama que não amas, Lisandro. Mas, deixa que de Helena eu tomo conta.

LISANDRO: Vejamos qual de nós dois tem mais direitos sobre Helena. Segue-me se tiver coragem.

DEMÉTRIO: Seguir-te? Não! Irei junto contigo, cara a cara.

PUCK: Helena, que amava Demétrio, que amava Hérmia, que amava Lisandro, que a amava também. Agora Hérmia está sozinha e Puck, que não devia ter entrado nesta quadrilha.

** Saem Lisandro e Demétrio.*

HÉRMIA: És tu a causa dessa briga. Não, fica! *(Saem)*

HELENA: Olha a lua, Hérmia! *(Foge)*

OBERON: Puck, siga os dois rivais e imita a voz aguda de Lisandro para Demétrio. Depois, finge o timbre de Demétrio para Lisandro. Cansa os dois mortais até que durmam sem perceber que estão lado a lado. Então, com o suco da flor, conserta sua confusão.

PUCK: Sim, meu senhor! *(Sai)*

Cena VIII

** Titânia dança para Novelo. Oberon, atrás, invisível.*

NOVELO: Onde estão Flor-de-ervilha e Semente-de-mostarda? *(Fadas aparecem)* Por obséquio, cocem minha patela. Aqui, cocem também minhas omoplatas.

TITÂNIA: Queres ouvir música, meu doce amor? Ou diga-me o que preferes comer que eu mandarei trazer. Fadas, trazei, para o meu amado, maçãs do amor, canjicas, pés de moleques ou cocadas e...

NOVELO: Preferira um ou dois punhados de feno seco. Mas, por obséquio, não me perturbai. Sinto-me tomado por uma grande "exposição" para dormir.

TITÂNIA: Fadas, dispensadas. *(Saem fadas e entra música na flauta)* Agora meu amor, vem deitar em meu leito de flores para que eu acaricie tuas faces encantadoras, para que eu cubra de beijos tuas longas e belas orelhas. Isso! Dorme enquanto os meus braços de acalentam. Oh, como eu te amo! Como eu estou apaixonada por ti. *(Adormecem)*

** Oberon rouba o pajenzinho. Entra Puck.*

OBERON: Aproxima-te, Puck. Veja este delicioso espetáculo! Agora, que já tenho o pajenzinho, vou curá-la dessa cegueira do amor. *(Tocando os olhos de Titânia com a flor)* Como eras antes, serás; como antes vias, verás; pois com o botão de flor do Cupido, o feitiço se desfaz como é pedido. Titânia, minha flor, desperta, meu amor!

TITÂNIA: Meu Oberon, que pesadelo horrível! Sonhei que estava apaixonada por um burro.

OBERON: Ali está o teu amor.

TITÂNIA: Como isso foi possível?

OBERON: Gentil Puck, tira a cabeça de burro deste pobre coitado! E, minha rainha, já que fizemos nossa reconciliação, hoje, noite de São João, selaremos juntos nossos votos eternos. Vamos!

PUCK: Rei das fadas, a cotovia já anuncia a chegada da manhã.

TITÂNIA: Então, meu senhor, vamos depressa. Vamos em silêncio enquanto a lua ainda toma conta dos céus. *(Saem os dois)*

PUCK: Dorme como burro e acorda como gente. Quando os olhos abrir de repente, voltará a ver com teu próprio olhar de demente.

NOVELO: *(Despertando)* Quando chegar a minha deixa, por obséquio, me chamem. Minha réplica virá depois de: "Formosíssimo Píramo!". Mas onde estão todos? Se foram e me deixaram dormindo. Porém, tive uma visão extraordinária. Tive um sonho, que não há entendimento humano capaz de explicar. Não passará de um grande asno aquele que tentar explicá-lo. Parece-me que eu era... Parece-me que eu tinha.... Vou pedir a Pedro Marmelo que escreva uma balada a respeito desse sonho *(Sai)*

Cena IX

PUCK: Tenho ainda que encontrar os jovens apaixonados e desfazer meu engano, como mandou meu patrão. Opa! Lá vem um. *(Entra Lisandro)*

LISANDRO: Onde está, orgulhoso Demétrio? Fale!

PUCK: Aqui estou, covarde. Com a espada na mão a sua espera.

LISANDRO: Eu te pego! *(Sai Lisandro, na direção da voz)*

** Volta Demétrio.*

DEMÉTRIO: Lisandro, covarde, medroso, fugiu?

PUCK: Covarde és tu. Segue a minha voz, se és homem para lutar. *(Sai Demétrio e volta Lisandro)*

LISANDRO: Demétrio? Demétrio? Covarde! Fugiu.

DEMÉTRIO: Lisandro! Lisandro! Covarde! Fugiu.

** Os dois adormecem sem se verem. Voltam Helena e Hérmia. Se veem, brigam e são enfeitiçadas.*

HÉRMIA: Que os céus protejam Lisandro naquele duelo. *(Deita-se e dorme)*

HELENA: Abençoado seja o meu Demétrio. *(Deita-se e dorme)*

PUCK: *(Espremendo o suco da flor sobre os casai)* Dorme seu sono puro, deitado no chão duro. Que com o suco da flor, venha o amor! *(Confusão: Lisandro se apaixona por Demétrio. Hérmia por Helena. Puck refaz o feitiço)* Que com a flor de púrpura cor, faça-se o mais puro amor. Que Lisandro ame Hérmia e Demétrio ame Helena, em forte união, doce como canção. E que venha a luz do dia.

** Música Amanhecer Chico Flauta.*

** Os casais acordam.*

LISANDRO: Bela Hérmia, tudo que lembro é que fugi contigo pelo bosque para em algum lugar longe nos casarmos.

DEMÉTRIO: E a bela Helena me revelou a fuga e atrás dos dois eu vim. E a doce Helena, por amor, também veio atrás de mim. Porém,

eu não sei por obra de algum feitiço do luar de São João, meu amor por Hérmia se derreteu como um gelo jogado na fogueira. E agora, o único prazer dos meus olhos é Helena. E com ela quero me casar.

** Entram Oberon e Titânia.*

OBERON: Elfos e fadas, enquanto a aurora se atrasa, do meu leito nupcial vou lançar a bênção real.

LISANDRO: Tudo isso parece um sonho, meu amor!

HÉRMIA: Sinto-me como se ainda estivesse sonhando...

HELENA: Eu também. E ainda não acredito que Demétrio me ama.

DEMÉTRIO: Eu te amo! (*Saem)*

TITÂNIA: Os três casais viverão sempre fiéis ao amor.

OBERON: E uma família com saúde há de crescer e filhos sem verrugas e cicatrizes há de ter.

TITÂNIA: Com orvalho consagrado, cada elfo cumpra o recado. Abençoados sejam estes amantes. Mãos à obra, agora, sem mais demora! Vamos partir ao raiar da aurora. *(Saem)*

PUCK: Mas, antes do partir da noite, minha senhora e meu senhor, pra a celebração ficar completa, assistamos agora à tão ensaiada peça. É uma peça de dez palavras. Jamais vi coisa que tão curta fosse. Mas, ainda assim, com dez palavras tem palavras demais, pois não contém palavra alguma certa nem ator que vá bem. Os comediantes? Gente rude, de calos nas mãos, fazendo um drama de morrer de rir.

Cena X

* *Entra a trupe de artesãos.*

MARMELO: Respeitável público, venho aqui para tudo explicar. Sou o prólogo. *(Entra Píramo)* Este homem que por este espaço adentra é Píramo. *(Entra Tisbe)* Esta bela dama é Tisbe. Todo coberto de cal e cimento, venho aqui também representar o muro. Vem de lá o grande ator que representará o Luar. Venha Luar, isso não é hora de amarelar. Ao Luar nossos amantes trocavam seus carinhos quando marcam de na tumba de Nino se encontrar.

PÍRAMO: Oh, noite terrível! Oh, noite de cor tão negra! Oh, noite que sempre és quando não há dia! Oh, noite! Oh, noite! Oh, noite. Ai, ai, ai. Ah Tisbe que não chega! E tu, oh, muro! Oh, doce muro, uma fresta me mostra e cumpra teu papel. *(O Muro afasta os dedos)* Obrigado, muro cortês! Mas, que vejo? Não vejo Tisbe. Oh! Muro malvado, por entre o qual não vejo a felicidade! Malditas sejam tuas pedras.

TISBE: Oh, muro, quantas vezes ouviste meus lamentos por manter-me separada de meu belo Píramo! Oh, Muro, quantas vezes beijei tuas faces de pedra e cal.

PÍRAMO: Ouço vozes. Tisbe!

TISBE: Píramo, meu amor!

PÍRAMO: Oh! Beija-me através do furo deste vil muro.

TISBE: Não beijei teus lábios; o que beijo é barro duro.

PÍRAMO: Encontra-me agora na tumba de Nino?

TISBE: Ou viva ou morta, estarei lá numa hora. *(Saem Píramo e Tisbe)*

MURO: Assim, eu, muro, que minha parte já fiz, me retiro feliz. Como prólogo devo dizer que, na Tumba de Nino, a fiel Tisbe foi primeira a chegar e deparou-se com a temível fera que chamaremos de Leão. *(Sai)*

LEÃO: Minhas senhoras de tímidos corações que se amedrontam até com um rato monstruosamente pequeno que passa pelo chão, talvez pudessem tremer aqui ao ouvir o rugir colérico de um leão selvagem. Portanto, deveis saber que eu, Pino, o marceneiro, não sou um leão feroz, nem mesmo uma leoa; sou um homem de verdade.

** Volta Tisbe.*

TISBE: Eis a tumba de Nino; onde está Píramo?

** Leão ruge. Tisbe foge e o Leão estraçalha seu manto e sai. Volta Píramo.*

PÍRAMO: Quem és tu?

LUAR: Eu vim representar o personagem lunar.

PÍRAMO: Ó Lua! Ilumina! Ó Lua! Com tua graciosa luz pretendo avistar Tisbe. Mas, pára! Oh, dor! Olhos, estais vendo? Oh, visão cruel e horrorosa! Oh, minha Tisbe. Teu lenço manchado de sangue! A mais formosa dama que viveu, amou, morreu. Vinde, lágrimas! Vinde, espada, e fere a mama de Píramo. Sim, a mama esquerda sob a qual bate o coração. *(Apunhala-se)* Agora estou morto. Agora, já parti. Minha alma está no céu. Assim morro, morro, morro, morro, morro!

** Volta Tisbe.*

TISBE: Píramo, meu amor! Estás dormindo? Estás sonhando? Estás morto? Oh! Estás morto, morto, morto. Esses lábios de lírio, esse nariz de cereja, essas faces amareladas como primavera... já se foram, já se foram. Língua, calada! Nem uma palavra mais. Vem, fiel espada! Vem lâmina e rasga meu peito. *(Apunhala-se)* Adeus, Lua. Vá embora. Parta para sempre de meus olhos. Obrigada por partir. Assim acaba Tisbe. Adeus, adeus, adeus... *(Morre)*

PUCK: Se nós, sombras, os ofendemos, tudo o que sugiro é pensar que estiveram a sonhar; foi tudo mera visão no correr desta sessão. Senhoras e cavalheiros, se não tiverem gostado, peço perdão – palavra

de Honrado Puck! Ou então, chamem Puck de mentiroso. Mas, se esta trama foi de bom grado e se juntos sonhamos acordados, vocês, público, podem retribuir em nossos chapéus vazios com o tamanho da satisfação em assistir a este sonho de uma noite de São João.

Música do chapéu

(Música: Chico Bastos /Letra: Mariana Arruda)

Olha o chapéu de palha, de feltro, jornal ou lã
Pode ser boina, lenço e véu,
Chapéu de chuva, chapéu de sol
Que cobre a cabeça em qualquer céu
Ou agradece um irmão,
Chapéu que tiro pra vosmicê
que veio aqui me ver

Quem gostou mostra o cifrão
Moeda, dinheiro ou cartão,
faça sua cortesia sob a luz da lua
no chapéu do pé na rua.

Fim

SONHO DE UMA NOITE DE SÃO JOÃO

Direção: Paulinho Polika

Dramaturgia: Mariana Arruda / Adaptação da obra *Sonho de uma Noite de Verão*, de William Shakespeare

Elenco/ Personagem:

Giovanna Almeida – Hérmia e Pino

Mariana Arruda – Helena e Pedro Marmelo

Thales Ventura – Demétrio, Chico Flauta e Semente-de-mostarda

Thiago Carvalho – Lisandro e Flor-de-ervilha

Camila Morena – Novelo e Prólogo

Thaís Cecília – Puck

Cristiana Costa – Titânia

Vandiléia Foro – Oberon

Direção musical: Chico Bastos

Figurino: Camila Morena

Núcleo de apoio de figurino: Carolina Rodrigues, Daniela Duarte, Maristela Carneiro, Júlia D'Almeida, Mônica Andrade, Vanessa Rocha, Brisa Almeida e Ana Luisa Santos.

Cabelo e Maquiagem: Camila Morena e Thiago carvalho

Cenário: Paulinho Polika

Confecção dos bonecos: In Bust Teatro com Bonecos (São Shakespeare)

Criação de Iluminação: Paulinho Polika e Vanessa Moreira

Preparação corporal: Alexandre Marques (Macaco)

Estagiária de direção/produção: Thaís Moreira

Costureiros: Sônia Moreira (figurino) e Túlio Barbosa (cenário)

Serralheria: Juarez Pereira e Serralheria 7 de Setembro

Marcenaria: R&A Marcenaria

PÉ NA RUA
2010

Não se dá um "Sim" assim à-toa

GALPÃO CINEHORT

NÃO SE DÁ UM "SIM" ASSIM À-TOA

Fernando Linares[1]

Após a experiência do Oficinão do Galpão Cine Horto, alguns dos atores e atrizes participantes foram convidados a continuar o seu enriquecimento profissional realizando uma experiência de montagem de um espetáculo de teatro de rua. Receber o convite feito por Chico Pelúcio para dirigir o espetáculo da sexta edição do projeto Cine Horto Pé na Rua (2010) foi para mim uma enorme alegria, principalmente, pela ligação que já tive com o grupo durante os quatro primeiros anos da sua criação, no início da minha/nossa carreira artística (quando ainda éramos obrigados, por decreto, a realizar apresentações fechadas para a censura Federal, antes da estreia), em que, acredito, se firmaram, a partir do intenso trabalho prático, os princípios fundamentais do compromisso com a arte teatral. Também, este convite, teve um peso muito grande pela responsabilidade em participar de um projeto cujo sucesso o tornou uma referência no cenário artístico, pela seriedade e qualidade de uma proposta que se preocupa em aliar a produção artística ao crescimento e à transformação do próprio artista.

Os primeiros encontros

Durante os primeiros ensaios as atividades se dividiam entre trabalhos práticos e discussões sobre as nossas vontades mais urgen-

1.Ator e Diretor teatral. Licenciado em Desenho e Plásticas pela EBA/UFMG. Mestre em Artes Cênicas pela mesma universidade. Professor de Interpretação Teatral do Teatro Universitário da UFMG, onde foi Diretor por dez anos. Atualmente é Vice-diretor da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Coordenou a área de Artes Cênicas do Festival de Inverno da UFMG em várias edições. Dirigiu grupos como: Grupo Galpão, Real Fantasia, Cia Candongas e Outras Firulas, entre outros.

tes com a finalidade de encontrar os interesses e afinidades pessoais para que, assim, brotassem as possíveis propostas para o espetáculo. Logo, algumas temáticas bem distintas foram apresentadas: lendas indígenas, inspiradas em uma pesquisa realizada por uma das atrizes durante a sua estadia numa aldeia; o universo da criança de rua, e um terceiro que, por sua temática, poderia ser direcionado para o público infantil. Havia ainda um interesse comum na obra de Bertolt Brecht.

Além das propostas mencionadas, apresentei aos atores minha vontade de trabalhar o tema da violência contra a mulher. À época, estava muito impressionado com um crime brutal ocorrido. Uma empresária de trinta e poucos anos, sem querer, acabou registrando a sua própria morte com o circuito de câmeras de segurança que ela tinha instalado em sua empresa, montada após um conturbado divórcio. Este, marcado por recorrentes atos de violência e diversas queixas registradas em delegacias, que já impunham ao agressor manter uma distância dela de, no mínimo, 300 metros. O brutal assassino, flagrado pelas câmeras descarregando o revolver, à queima-roupa, era, também, empresário e ex-marido da vítima. Tal fato teve ampla repercussão e cobertura jornalística. Tratava-se de uma matéria pronta, feita sob medida para a exploração televisiva, uma vez que o criminoso permaneceu foragido durante alguns dias, e a mídia sensacionalista pôde reprisar, à exaustão, as imagens do flagrante. Rapidamente as imagens estavam disponíveis na Internet.

O tema gerou um imediato interesse majoritário, acredito, pelo fato de se tratar de um elenco composto por sete mulheres e dois homens. Longas discussões, depoimentos pessoais e polêmicos pontos de vista se estenderam por vários ensaios. Realizávamos longas listas dos temas que "pipocavam" sem parar, a fim de poder concentrar o foco naqueles assuntos que, a princípio, nos pareciam mais urgentes. Os temas levantados eram constantemente relacionados com algum autor, texto, entrevista, filme, música etc., e a lista de relevância dos assuntos se redesenhava constantemente. Uma das atrizes relacionou as nossas discussões com o álbum do cantor e compositor Tom Zé, *Estudando o Pagode, na Opereta segregamulher e amor*. Após conhecer esta instigante obra, imediatamente, todos abriram mão de suas propostas e foi feita a opção por assumir esta temática.

O polêmico tema dos gêneros nos faz mergulhar numa das regiões mais sombrias das relações humanas construídas pela nossa sociedade. Ao refletir, cada vez mais, sobre a opereta de Tom Zé, esta se tornava, para nós, o indicador de que possuíamos um excelente material para a construção dramatúrgica. Porém, como toda boa obra artística de caráter aberto, ela nos fascinava pela sua firmeza em cada ideia, pela enxurrada de imagens e provocações que suscitava em nós. Ao mesmo tempo, acendia uma certa angústia pela impossibilidade de traduzi-la em conceitos mais concretos que nos ajudassem a determinar uma sequência de ações convergentes com o fato específico que pretendíamos abordar. Esta característica da obra de Tom Zé, sempre permeada de "ideogramas extasiantes", e *Estudando o Pagode* não é uma exceção, nos orientava e desorientava constantemente ao conseguir sintetizar numa única música ou, por vezes, num único verso, um determinado fato, ação ou comportamento humanos que ia do particular ao universal numa mesma metáfora. E, assim, despertava em nós momentos de clareza para logo percebermos que a tradução cênica desses apontamentos, aparentemente subjetivos, poderia se tornar o tema para desenvolver um espetáculo. Isto é, cada música permitia o mergulho na problemática do tema da violência contra a mulher, ao aprofundar a discussão sobre o seu lugar na sociedade e abrir constantes feridas. Feridas estas que não paravam de sangrar em rios de lutas contra a desigualdade de tratamento entre os gêneros, na qual o uso frequente da violência física, sexual, moral, psicológica etc., denunciava um complô organizado e mantido pela milenar cumplicidade de uma tácita política sexual, como é definida por Kate Millet.

Tom Zé aborda esta questão política em um dos versos de *Mulher navio negreiro*, assim:

> O macho pela vida/ Se valida/ A molestar a mulher/ Se diverte./ Apavorada,/ Ela, que se péla,/ Pouco pára de pé,/ E padece./ Quando ele pia, pia, pia,/ Pra inibir na mulher o animal,/ Talvez eu ria, ria, ria,/ Vendo ele transar uma boneca de pau,/ Com seu incubado,/ Calado, colado, pirado pavor/ Do segredo sagrado./ Por isto existe no mundo/ Um escravo chamado/ Mulher – Divino Luxo – Navio Negreiro/ Graal – Puro Cristal – Desespero/ Rosa-robô – Cachorrinho – Tesouro,/ Ninguém suspeita dor neste ideal,/ A dor ninguém suspeita imperial./

Eucaristia – Ascensão – Desgraça,/ Filé-mignon – Púbis, Traseiro – Alcatra,/ Banca de Revista – Açougue Informal – Plena Praça,/ Ninguém suspeita dor neste ideal,/ A dor ninguém suspeita imperial.

Não se pode negar que, numa sociedade dominada pelos caprichos masculinos, a imagem social da mulher é exaltada, contraditoriamente, como a Mãe digna de respeito e veneração, ou como musa inspiradora dos homens e, ao mesmo tempo, se lhe dá, como diz Tom Zé, uma "banana social", tratando-a como gênero inferior.

Ao assumir, de forma incondicional, o seu arquétipo masculino, sem sequer questionar qualquer atitude deste papel social que se lhe impõe, o homem se perde nos labirintos desta implícita política sexual/machista que, cada vez mais, tem demonstrado, como diz Tom Zé em *Estúpido Rapaz*, que "agir assim é prolongar inimizade velha que dói", e que, este medo que assombra o homem com a possível perda da própria "masculinidade", e que não lhe permite reconhecer a mulher como igual, ao mesmo tempo, o faz usufruir desse bônus cujo ônus, inevitavelmente, "vai parar, se a mulher deixar de confiar" nele, "onde não dá pra parar", ou seja, nesse lugar de cegueira que faz o homem (o gênero masculino), muitas vezes, parecer, em seu relacionamento com a mulher, um estranho e intolerante visitante de um outro planeta.

O processo de trabalho

Desde os encontros iniciais trabalhávamos, paralelamente às nossas conversas, a expressividade do corpo a partir da utilização da máscara teatral para construir um arcabouço de experiências físicas que nos permitisse definir uma linha comum de atuação.

Pela extensão da opereta de Tom Zé, não a utilizamos na íntegra, embora tenhamos aproveitado a sua maior parte; as músicas que faltaram, de alguma forma, também estavam presentes na produção do material cênico, como forças motoras para a realização de todo tipo de improvisações. Muitas cenas descartadas para o espetáculo serviram de base paras aquelas que depois se firmaram definitivamente. Durante um longo tempo nos focamos na criação de uma

ampla tipologia masculina, na qual principalmente as atrizes se dedicaram a construir os mais variados arquétipos do "macho".

A escolha por realizar um espetáculo de criação coletiva não implicava que a concepção de uma determinada cena, ou mesmo de uma personagem, deveria permanecer como patrimônio da atriz e do ator que a haviam gerado. Estabelecemos, desde o início, que tudo seria criado como contribuição para o espetáculo e, assim, o elenco realizava constantes revezamentos até encontrar o equilíbrio necessário à medida que o espetáculo ia tomando forma. Cada atriz e ator deveriam estar sempre pronto para se deslocar de uma cena para outra, tocar um instrumento ou solar um determinado trecho de uma música, sem se apegar a qualquer célula do espetáculo. Esta perspectiva colocava os atores em um estado de prontidão e a serviço do processo coletivo.

Por não partirmos de um roteiro elaborado a frio, selecionávamos, a partir dos nossos estudos e conversas, as ideias e propostas que acreditávamos ser as mais urgentes de serem abordadas e as levávamos imediatamente para a ação. Constantemente o grupo era dividido em dois ou três subgrupos, que improvisavam as mesmas situações para, depois, cada grupo apresentar o seu ponto de vista aos outros e, muitas vezes, fundíamos os momentos essenciais de cada proposta numa única cena.

Após definirmos que trabalharíamos com a opereta de Tom Zé, iniciamos também um trabalho diário de preparação da voz e das músicas com o musicista Leonardo Mendonça, que fez a preparação vocal e os arranjos musicais de forma muito criteriosa e cuidadosa, sempre preocupado em aproveitar ao máximo o potencial expressivo e musical de cada intérprete.

O fato de ter escolhido realizar um espetáculo de gênero musical exigia, das atrizes e dos atores, enfrentar constantes desafios, obrigando-os a praticar ou aprender a tocar instrumentos e a estudar novos arranjos, tendo que se desdobrar em encontros fora dos períodos normais de ensaio. Este trabalho realizado diariamente, até a estreia, reunia o elenco em torno do grande desafio de cantar e tocar dez músicas ao vivo, em espaços abertos nos quais, mesmo utilizando o recurso da amplificação, se deveria competir com as interferências naturais da rua, o que, por sinal, era uma experiência totalmente nova para a maior parte do grupo.

Realizamos ensaios periódicos em praças e ruas, procurando fazer as adaptações necessárias para que o canto não perdesse a qualidade atingida dentro da sala de ensaios e se pudesse alcançar uma medida justa na projeção e equalização dos instrumentos. Cada saída representava uma provocação que demandava novas mudanças e acertos. A apresentação de cenas do espetáculo, ainda inacabado, nas ruas e a participação em um seminário organizado pelo Conselho municipal dos direitos da mulher nos permitiram testar e discutir o trabalho sob todo tipo de olhares e críticas.

Procuramos fazer um espetáculo que não fosse panfletário, ou escatológico, como o fato virulento que utilizamos para a criação. Por outro lado, entendíamos que ao abordar a desigualdade de gêneros nas ruas estávamos assumindo uma atitude política, ideológica e partidária (para além das doutrinas e dos partidos políticos) que envolve essa *política sexual*, claramente ideológica e partidária, de cuja contaminação ninguém está isento. Portanto, sabíamos muito bem que sairíamos para as ruas para promover um desconforto, um incômodo que atingiria, não apenas, a grande parcela do público masculino.

O caráter didático do espetáculo

Depois de muitas conversas e experimentações fizemos uma escolha bem clara por tomarmos partido por um dos lados, optamos por não discutir as relações de gênero de uma maneira plural. Não podíamos ter a pretensão de abordar as relações de gênero de forma abrangente, nem desejávamos discutir o comportamento masculino embrenhando-nos em discussões sobre o machismo histórico. A vastidão e a complexidade dos temas que este fato levantava nos conduziam a um lugar cujo embate pode ser considerado o *nó górdio* da nossa sociedade.

Preferimos tomar o caso específico da cabeleireira e apresentar a forma recorrente com que esses fatos acontecem. Abordamos as atitudes masculinas e femininas em relação aos acontecimentos, pensando na urgência e pertinência de levar às ruas um modo de agir que parece traçar um inevitável destino trágico nas relações homem/mulher e destrói, arbitrariamente, projetos de vida de mulheres e

filhos; marcando, de forma permanente, a vida de famílias inteiras com sofrimentos e sentimentos de perda irresignáveis.

Optamos por um viés didático ao perceber que, apesar das volumosas reflexões intelectuais, das pesquisas e discussões que as relações de gênero têm produzido até hoje, a prática da violência contra a mulher atinge todas as camadas sociais independentemente da classe social ou grau de instrução. Haja vista a trágica experiência de Maria da Penha, cujas crueldades sofridas com seu marido, um professor universitário, alcançaram tamanha repercussão, que ela acabou dando nome à lei que "Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher". Percebemos, a partir do estudo da lei e das conversas com os especialistas da área, que este "filme real" mostrava o irremediável destino traçado para estas personagens trágicas. Assim, optamos por promover uma reflexão sobre as suas atitudes mais imediatistas, nesse jogo de cartas marcadas, cuja recorrência e sordidez parece ser percebida apenas quando atinge um grau irreversível.

O fato dessa brutal morte anunciada ter sido, em certo sentido, tão banalizada pelo incansável bombardeio da mídia, a princípio, nos preocupava como um fator negativo e, ao mesmo tempo, nos proporcionou um acontecimento emblemático. Assim, optamos por apresentar ao público, já no começo do espetáculo, um "Casamento/Velório" que, ao trazer à tona o início e o fim do enredo, permitiria ao espectador acessar as imagens do circuito da "câmera virtual íntima" direcionada para as atitudes do seu dia a dia. Ou seja, as imagens contundentes do trágico fim da empresária serviriam de alerta à plateia para refletir sobre o filme pessoal que, provavelmente, rodaria de traz para frente em sua mente à medida que o espetáculo lhe apresentasse comportamentos tão habituais que, por serem tão próximos, muitas vezes não conseguimos ou não queremos enxergar.

Uma luz no fim do túnel?

Ao escrever este texto, faltam pouco menos de dez dias para que uma mulher, a primeira "na história deste país", assuma a presidência da República. Embora saibamos que esta mudança no cenário político não é o produto de uma conquista mais ampla da

participação das mulheres neste reduto masculino, se trata, claramente, da quebra de uma tradição. Em seu primeiro discurso após o resultado da eleição, a candidata eleita Dilma Russeff dedicou suas primeiras palavras às mulheres brasileiras, reafirmando o seu compromisso com a luta contra as desigualdades de gêneros. Os meios de comunicação destacam com especial atenção a composição dos ministérios, dando ênfase, uma a uma, às indicações de um grande número de mulheres no primeiro e segundo escalão do governo. Presos aos estereótipos masculinos e femininos de uma cultura patriarcal, os mesmos veículos de comunicação procuram o furo de reportagem tentando noticiar, em primeira mão, o nome daquela que será a cabeleireira oficial da "Presidenta" da República e, infelizmente, poucos devem se lembrar das imagens chocantes da última cabeleireira que ocupou as manchetes.

Ao participar da criação de um espetáculo que aborda um tema tão intrincado como a desigualdade entre os gêneros e dirigir um grupo com predominância feminina é impossível sair ileso. Esta experiência me fez, e acredito que posso dizer "nos fez", cutucar e rever as nossas próprias atitudes, compreender comportamentos e chegar mais próximo dos nossos conceitos e preconceitos, ao mergulhar em desejos e condutas muitas vezes egoístas ou revanchistas. O compromisso era pular num abismo, ir além dos sentimentos e desejos pessoais, para entender os mecanismos que geram esses atos monstruosos, irracionais e desumanos e que ficam mascarados até finalmente explodir em atitudes tão grotescas. Ao mesmo tempo, esta imersão nos fez sentir melhor a premente necessidade de propor mudanças do modo de olhar e agir perante esta realidade, como única e principal saída. Embora, pessoalmente, não acredite que seja possível, no curto ou médio prazo, ver uma luz no fim desse túnel – não porque ela não exista, mas porque a extensão do túnel é excessivamente longa e se bifurca num sem número de contradições e interesses que questionam os valores culturais que estruturam o atual formato da nossa sociedade. Ao levar às ruas com *Não se dá um "sim" assim à-toa*, este polêmico assunto dos gêneros, tentamos, sem pretensões, levantar um tema que não só atinge a todos nós, como também depende do posicionamento de todos nós, para transformar esta realidade.

A ELABORAÇÃO DA DRAMATURGIA EM *NÃO SE DÁ UM "SIM" ASSIM À-TOA*

Renata Emrich[1]

Dona divergência

Oh Deus, que tens poderes sobre a Terra
Deves dar fim a esta guerra
E aos desgostos que ela traz.
E assim, a humanidade seria mais forte,
Ainda teria outra sorte, Na vida maior prazer.
Outra vontade de viver.
Não vás, bom Deus,
Julgar que a guerra de que estou falando
É onde estão se encontrando
Tanques, fuzis e canhões.
Refiro-me à grande luta em que a humanidade
Em busca da felicidade, combate pior que leões.
Onde a Dona Divergência com o seu archote
Espalha os raios da morte,
A destruir os casais.
E eu, combatente atingido
Sou qual um país vencido
Que não se organiza mais.

(Tom Zé, "Imprensa Cantada", 1999)

Este ensaio começa propositalmente com uma música do cantor e compositor Tom Zé e faz uma reflexão sobre a obra teatral *Não se dá um "sim" assim à-toa*.[2] Voltando o olhar para o começo do

1. Atriz da sexta edição do projeto Pé na Rua, colaborou na criação da dramaturgia do espetáculo *Não se dá um sim assim à-toa*.

2. Título retirado da música: "Quero pensar" do disco *Estudando o Pagode – Na Opereta Segregamulher e Amor*, de Tom Zé (Trama, 2005).

processo, as propostas se dividiam, os atores tinham diversas ideias de montagem desde Brecht a Mitologias Indígenas e meninos perdidos. O diretor tinha interesse em discutir um tema importante, a violência contra a mulher, que estava em voga na mídia no caso da cabeleireira que teve sua morte filmada pelas câmeras de segurança instaladas justamente para protegê-la. Ao fim da primeira manhã de encontro, o disco *Estudando o Pagode – Na opereta segregamulher e amor*, de Tom Zé, foi entregue ao diretor. A partir da apreciação do disco, da leitura e estudo de texto, a obra de Tom Zé se tornou o pilar da dramaturgia em *Não se dá um "sim" assim à-toa*. A partir disto surgiu um novo encontro, de interesse em discutir mulher, relação, amor, tradição, prazer, preconceito e violência.

Definido o eixo temático iniciou-se uma fase que a publicidade chama de *brain storm* (tempestade cerebral), na qual se falou de sexologia, orgasmologia, bioenergética, virgindade, doenças, sexualidade, flerte, clube dos machões, assexuados, bissexuados, homossexualismo, tradição, família, romantismo, fraquezas, intimidade, obsessão, apaixonado, equilíbrio precário, dopamina, explicação cientifica, mulher de malandro, mulher histérica, dependência afetiva, pena, raiva, medo, algoz e vitima. Vieram outras referências como leis machistas, legíti-

ma defesa da honra, estatísticas, casos conhecidos, histórias pessoais, Simone de Beauvoir e *O Segundo Sexo*, Freud *e O Anti-Édipo.* Desvios, olhares, conflitos, o privado também em político. Psicologia social, falta de comunicação, agressão verbal, a angústia do eterno feminino, a mulher sedutora e submissa.

Talvez o melhor modo de avaliar o grau de civilização de um povo seja analisando a situação da mulher na sociedade. "Em muitos países do mundo a garota também não tem o direito de ser, alguns até costumam fazer aquela cruel clitorectomia. Mas no Brasil ocidental civilizado não extraímos uma unha sequer, porém na psique da mulher, destruímos a mulher".[3] As estatísticas do Relatório Nacional Brasileiro comprovam que uma em cada quatro mulheres são vítimas de violência doméstica; em 70% das ocorrências, o agressor é o seu marido ou companheiro, que são responsáveis por mais da metade dos assassinatos de mulheres. Uma pesquisa realizada na USP provou que 60% das brasileiras não têm orgasmo e sentem dor ou incômodo durante a relação sexual. Está ultima estatística foi o que deu *start* à obra *Estudando o Pagode – Opereta segregamulher e amor*, em que Tom Zé comparou a segregação do pagode na música popular brasileira à segregação da mulher na sociedade. Sua proposta é reconquistar a mulher, ao invés de torná-la inimiga. A ideia do pagode, segundo ele, surgiu da intensa frequência com que seus vizinhos escutavam este estilo musical, o que o levou a refletir sobre o porquê de o pagode ser considerado um gênero musical menor. Assim como o gênero feminino.

"Desde criança a mulher enfrenta aquela dissimulada agressão, eram descarados provérbios maldosos e duros, naquele tom brincalhão e na dureza do escárnio, se o amor próprio se parte pode interromper aquela natural vibração da carne". Deparar-nos com os próprios preconceitos foi fundamental para, assim, podermos despertar no espectador a mesma sensação de contradição que sentimos ao perceber que, mesmo sem querer, aceitamos o machismo como tradição. Em um grupo de maioria feminina, não se queria correr o risco de cair no feminismo; para isso, a crítica veio sempre atrelada à irreverência de Tom Zé. "Tortura que ela atura no viver social então leve uma banana

3. Trecho da música: "Proposta de amor" do disco *Estudando o Pagode...* de Tom Zé.

também social".[4] Vieram os cortes das músicas, não daria para usar as dezesseis, não se seguiu a ordem de músicas estabelecida no disco nem a divisão dos atos da opereta. Do Primeiro ato – *Mulheres da Apenas*, foram cantadas as músicas: "Ave dor Maria", "Quero pensar" e "Mulher navio negreiro"; do Segundo ato – *Latifundiário do Prazer*, as músicas: "Canção de nora", "O amor é um rock" e "Elaeu"; do Terceiro ato – *O amor ampliado para o teatro e país*, a música: "Beatles a Granel". Para compor as falas foram usados trechos de outras músicas como "Proposta de amor", "Vibração da carne", "Para lá do Pará".

Através do nome da música "Para lá do Pará" chegou-se a um documento intitulado "Convenção de Belém do Pará",[5] convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. O documento começa assim: "preocupados por que a violência contra a mulher constitui ofensa contra a dignidade humana e é manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre mulheres e homens"; e propõe modificar os padrões sociais e culturais de conduta de homens e mulheres, inclusive a formulação de programas formais e não formais adequados a todos os níveis do processo educacional, a fim de combater preconceitos e costumes e todas as outras práticas baseadas na premissa da inferioridade ou superioridade de qualquer dos gêneros ou nos papéis estereotipados para o homem e a mulher, que legitimem ou exacerbem a violência contra a mulher. E também propõe promover a educação e treinamento de todo o pessoal judiciário garantindo o direito a recurso simples e rápido perante tribunal competente que a proteja contra atos que violem seus direitos.

A "Convenção de Belém do Pará" foi muito importante para o processo de construção da dramaturgia do espetáculo e, mais do que isso, foi importante para a criação da Lei Maria da Penha,[6] que, também, foi fundamental para a criação das cenas teatrais. Primeiramente na

---

4. Trechos da música: "Vibração da Carne" do disco *Estudando o Pagode...* de Tom Zé.

5. Adotada em Belém do Pará, Brasil, em 9 de junho de 1994, no Vigésimo Quarto Período Ordinário de Sessões da Assembleia Geral.

6. Constituição Federal – CF – 1988 Título VIII Da Ordem Social Capítulo VII da família, da criança, do adolescente e do idoso lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.

escolha por representações do âmbito da vida doméstica, e do âmbito do processo judicial. Segundo, na escolha por representar as formas de violência explicitadas na lei. São elas: a violência física; a violência sexual, a violência psicológica, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir, a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos; a violência moral, que abrange qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

O espetáculo *Não se dá um "sim" assim à-toa* acabou sendo a fusão entre a irreverência e musicalidade de Tom Zé, a rigidez da lei e suas brechas, os casos do dia a dia de jornal e um casamento nada ideal. Feito de casais de Noras e Geraldos, de mulheres bonecas e mercadores de mulheres, de delegacia machista e delegada feminista, de casamento e velório, de humor e a denuncia, a peça foi para a rua para "Espalhar no céu Beatles a Granel" e revelar sem lisura que "Quanto maior o romantismo mais cruel se transfigura o carinho em tortura".[7] E, assim, ficou retratado pelo teatro, mesmo que por pouco tempo, o ciclo que pode ser rompido, o ciclo composto de violência psicológica, violência física, saída de casa, arrependimento do parceiro, lua de mel, violência. Como nos antigos discos de Tom Zé, tentou-se revelar o lado B detrás do lado A de cada casal.

7. Trechos da música: "Beatles a Granel" do disco *Estudando o Pagode...*, de Tom Zé.

AS VÁRIAS FACES DE *NÃO SE DÁ UM "SIM" ASSIM À-TOA*, ESPETÁCULO DO PROJETO CINE HORTO PÉ NA RUA, EDIÇÃO 2010

Lucas Fabrício Silva Araújo[1]

Em Janeiro de 2010, Maria Islaine Morais, 31 anos, foi morta em seu salão de beleza com sete tiros pelo seu ex-marido. Não obstante, a tranquilidade com que o borracheiro Fábio Willian da Silva, o assassino, abandonou o salão após o crime e a ineficiência da Lei Maria da Penha como mecanismo de proteção da mulher fazem dessa situação coisa de ficção. O ocorrido caberia bem num texto de Nelson Rodrigues, num filme de Martin Scorsese ou num romance de Sidney Sheldon. Mas, na vida real, pelo menos há alguns anos, isso não poderia sequer ser imaginado. Logo, vem-me à mente *O Pai* e suas contestações em *Seis personagens à procura de um autor*:

> Oh, senhor, sabe muito bem que a vida é cheia de infinitos absurdos, os quais, descaradamente, nem ao menos têm necessidade de parecer verossímeis. E sabe por que, senhor? Porque esses absurdos são verdadeiros. (Pirandello, 1977:41)

São esses *absurdos verdadeiros*, fatos de uma realidade obscura e incompreensível da essência humana, que alimentaram a proposta crítica de *Não se dá um "sim" assim à-toa*, montagem do projeto Cine Horto Pé na Rua 2010, do Galpão Cine Horto, com direção de Fernando Linares. Com dramaturgia coletiva, o espetáculo musical bebeu do

1. Cursa o 2º ano do Teatro Universitário (TU) e o curso de Teatro da EBA, ambos da UFMG.

humor e do espírito contestador do músico Tom Zé, baseando-se em sua obra *Estudando o Pagode – na Opereta Segregamulher e Amo*r, e dosou realidade e ficção a partir de estudos da Lei Maria da Penha e de casos reais de violência contra a mulher. O resultado foi um espetáculo cômico que utilizou a música e uma linguagem popular para usar a rua e o teatro como espaço de reflexão da sociedade.

No espetáculo, acompanha-se a conturbada história do casal Geraldo e Nora, que, em meio aos contratempos e inconstâncias de um relacionamento amoroso, reflete as características das relações entre casais. Ali, no cotidiano dos dois personagens, veem-se marcas de uma sociedade em que a mulher apresenta imagens contraditórias, como afirma o diretor Fernando Linares: "Numa sociedade marcada pelos *caprichos masculinos* a imagem social da mulher é exaltada, contraditoriamente, como a Mãe digna de veneração, ou, a musa inspiradora dos homens e, ao mesmo tempo, se lhe dá, às mulheres, como diz Tom Zé, uma *banana socia*l ao tratá-las como sendo inferiores pelo fato de serem mulheres". [2]

Logo no início do espetáculo, tem-se a encenação simultânea de um velório e de um casamento. No imaginário feminino, o casamento simboliza a concretização de uma idealização amorosa que começa na infância. Diferentemente do passado, hoje o matrimônio não é mais um mecanismo de ascensão social para a mulher, mas sim uma escolha de estilo de vida. Dentro dessa perspectiva torna-se um ato de imensa responsabilidade e decisão. Talvez por isso, em "Quero pensar (a mulher de Bath)" Tom Zé dá o tom e a afirmação que, aqui, deu nome ao espetáculo: "Quero pensar, meu bom rapaz/ Numa boa: / Não se dá um "sim" assim à-toa".

Enquanto o casamento representa o sonho e a felicidade, por outro lado, vemos o ápice da desintegração desse sonho no velório de Nora, cuja morte mostrou a fragilidade da mulher frente à submissão ao homem e a ausência de mecanismos eficazes que garantiriam sua segurança e seus direitos, como prevê a Lei Maria da Penha. No caso real de Maria Islaine, mesmo depois de discussões, do divórcio e de oito boletins de ocorrência contra o ex-marido, só mesmo a morte foi capaz de separá-los.

2. Entrevista realizada com o diretor Fernando Linares em 08/06/10.

A Lei Maria da Penha, sancionada em 7 de agosto de 2006, "dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher". Segundo definições da lei, a mulher está sujeita a cinco tipos de violência: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. *Não se dá um "sim" assim à-toa* utilizou essa estrutura de agressão para fazer uma denúncia e colocar essa questão em discussão. Um dos pontos expressos em entrevista com o diretor Fernando Linares, é que o espetáculo é totalmente partidário, no sentido de mostrar apenas um recorte do problema. Segundo ele: "Queremos deixar bem claro que estamos tomando partido por um lado. Não estamos discutindo a relação de gênero de uma maneira ampla. Nós estamos pegando esses fatos e discutindo a maneira como eles acontecem e as atitudes masculinas em relação a eles. Não temos a pretensão de discutir a relação homem/mulher, nem o homem com seu machismo histórico, por que são temas vastos e são, na realidade, o nó górdio da nossa sociedade".[3]

Uma das opções de encenação que comprova esse fato é que no espetáculo todos os personagens são "Nora" e "Geraldo", mostrando que ali se trata de um caso específico, que têm razões específicas para acontecerem daquela maneira. Porém, isso não afirma que o fato abordado é um caso isolado. Pelo contrário, casos similares de violência contra a mulher são muito comuns. Ao fazer referências ao caso de Maria Islaine, que foi duramente explorado pela mídia, o espetáculo conseguiu se comunicar melhor com o público. O espectador reconhecia em seu próprio cotidiano muitas das situações abordadas no espetáculo e, assim, com um olhar externo, se colocava numa posição crítica para refletir sobre o fato.

Minha percepção inicial, da encenação foi de que se trata de um espetáculo *de mulheres*, *sobre mulheres* e *para mulheres*. Isso porque, além da temática que explicitamente coloca a mulher em foco, o elenco é majoritariamente feminino e o reconhecimento parece ser maior por parte do público de mulheres. Para o diretor, o predomínio de mulheres no elenco foi um fator crucial na hora da escolha da proposta a ser desenvolvida.

3. Entrevista realizada com o diretor Fernando Linares em 08/06/10.

Não se dá um "sim" assim à-toa levou para a rua e para o teatro um assunto atual que quase sempre fica restrito ao ambiente familiar. Ao colocar em discussão tal problema, o espetáculo dá voz à mulher e expõe um conflito social, mostrando a urgência de colocá-lo em questão e de criar mecanismos eficazes de proteção da mulher. No âmbito do teatro, reforçou a importância da rua como espaço para uma ação de cunho político e mostrou que espetáculos teatrais podem ser populares, acessíveis, bem humorados e, ainda por cima, promover a reflexão de problemas sociais.

Bibliografia

Programa do espetáculo *Não se dá um "sim" assim à-toa*. Direção: Fernando Linares

Lei 11.340, de 7 de Agosto de 2006; "Lei Maria da Penha".

PIRANDELLO, Luigi. Seis personagens a procura de um autor. Coleção Teatro Vivo. S. P: Abril Cultural, 1977.

http://www.divirta-se.uai.com.br/html/sessao 11/2010/05/21/ficha teatro/id sessao=11&id noticia=24274 – Acessado em 05/06/2010

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2010/05/11/brasil,i=191688/NUMERO+DE+HOMICIDIOS+SOBE+22+6+EM+BH.shtml – Acessado em 05/06/10

http://www.galpaocinehorto.com.br/noticias/estreia-pe-na-rua-2010 – Acessado em 05/06/10

Vídeo: www.youtube.com/watch?v=MBlq5ePxKKI

Obra musical: *Estudando o Pagode: Na Opereta Segregamulher e Amor*, Tom Zé.

PEÇA

NÃO SE DÁ UM "SIM" ASSIM À-TOA

PERSONAGENS

Coordenador Geraldo
Coordenadora Nora
Delegada Nora
Delegado Geraldo
Garçom-Geraldo
Geraldo I
Geraldo II
Geraldo III
Geraldo IV
Geraldo-Borracheiro
Geraldo-Marido
Geraldo-Pedreiro
Geraldo-Pegador
Geraldo-Professor
Locutor do carro de mensagem
Mercador Geraldo
Nora-Cabeleireira
Nora-Defunta
Nora-Esposa
Nora-Imaginária
Nora-Manicure
Nora-P.H.D.
Nora-Sereia
Padre Geraldo
Policial Geraldo I
Policial Geraldo Ii
Policial Nora
Três Noras-Carpideiras

DIA

** Todas as letras das músicas utilizadas no espetáculo fazem parte do CD Estudando o Pagode, na Opereta Segregamulher e Amor, de Tom Zé.*

Cena 1 – Chegada – Não se dá um "sim" assim à-toa

** Ao se iniciar o espetáculo, apenas um ator se encontra em cena, os outros oito atores chegam de vários pontos, alguns passam entre os espectadores, até ocupar o espaço cênico, tocando e cantando a música* **Quero Pensar (A mulher de Bath)***, de Tom Zé. Desta música foi retirado o título do espetáculo.*

Cena 2 – Você de saia, eu de calça

** Norinha e Geraldinho, enamorados.*

** Os atores utilizam máscaras que cobrem os seus rostos por inteiro, portanto a cena é desenhada com as atitudes corporais e os seus estados físicos.*

** Norinha e Geraldinho brincam de adultos, paquerando-se. Ela carrega uma boneca e ele puxa um carrinho. Após a declaração de amor de Geraldinho, Norinha esconde a sua boneca embaixo do vestido e brinca de estar grávida. O rapazinho coloca um bigode torto, ela faz um parêntese na brincadeira, lhe conserta o bigode e os dois retomam a brincadeira de Marido e Mulher. A boneca nasce e os dois brincam como se fosse a filha deles; o rapazinho beija a boneca e depois rouba um beijo da mocinha. De mãos dadas com a boneca, os dois passeiam, felizes. A brincadeira termina com a despedida dos três; ela assume o papel de dona de casa, ele sai para trabalhar. Saem de cena.*

Cena 3 – Casamento/Velório

** Entram, no velório, Geraldinho e Norinha. Ambos se aproximam do caixão, entre curiosos e assustados, um tenta encorajar o outro a espiar a morta. Percebem a chegada de alguém e saem correndo. Nesse momento entram as carpideiras, chorando e rezando a "Ave Maria", com que se inicia a música* **Ave Dor Maria***, enquanto se dirigem em direção ao caixão onde está sendo velada a "cabeleireira" Nora. Simultaneamente entram: Padre Geraldo,*

Geraldo, vestido do noivo, e Nora, vestida de noiva; esta última é seguida por Norinha e Geraldinho, que carregam o seu longo véu de noiva.

PADRE GERALDO: *(Dirigindo-se ao caixão)* Encomende, Senhor, a alma desta sua filha. Que lhe sirva bem na vida eterna, assim como nos serviu aqui, na Terra. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

* *Começa a 1ª parte da música:* Ave Dor Maria *de Tom Zé.*

NORA-DEFUNTA: Sem alma, cruel, cretino, descarado, filho da mãe *(Trecho retirado da letra "O amor é um rock" de Tom Zé)*, eu quero justiça, assassino!!!

TRÊS NORAS-CARPIDEIRAS: Assassino! Justiça! Tem que mandar prender... Assassino!!

PADRE GERALDO: *(Dirigindo-se ao púlpito, onde se encontram os noivos)* Meus prezados irmãos e irmãs, estamos reunidos aqui, hoje, para celebrar a união em matrimônio de Nora e Geraldo, perante Deus. Permita nosso senhor que, ao contrairem este Sagrado voto, ambos possam celebrá-lo em amor, amizade e justiça.

* *Começa a 1ª parte da música* Beatles a Granel *de Tom Zé.*

PADRE GERALDO: E se alguém tem alguma coisa a dizer que possa impedir a união destes dois, que fala agora, ou cale-se, para sempre!

NORA-DEFUNTA: Sem alma, cruel, cretino, descarado, filho da mãe, eu quero justiça, assassino!!!

TRÊS NORAS CARPIDEIRAS: Assassino! Justiça! Tem que mandar prender... Assassino!!!

* *Começa a 2ª parte da música* Ave Dor Maria, *até o final.*

PADRE GERALDO: Geraldo, você aceita Nora como sua legítima esposa, para amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

GERALDO-MARIDO: Sim, aceito!

PADRE GERALDO: Nora, você aceita Geraldo como seu legítimo esposo, para amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

NORA-ESPOSA: Sim, aceito!

NORA-DEFUNTA: Sem alma, cruel, cretino, descarado, filho da mãe, eu quero justiça, assassino!!!

PADRE GERALDO: Então, pela Graça do Divino Espírito Santo e da Virgem Mãe Maria Santíssima, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva!

* *Começa a 2ª. parte da música* Beatles a Granel. *Vai até o final.*

NORA-DEFUNTA: Sem alma, cruel, cretino, descarado, filho da mãe, eu quero justiça, assassino!!!

NORA-ESPOSA: Hoje é o dia mais feliz da minha vidaaaa! *(Desequilibra-se e cai nos braços do noivo; sai carregada pelo noivo, sob o último verso da música, que diz: "Amar é fel e mel")*

NORA-DEFUNTA: *(Levanta-se do caixão)* Mel? Mel o quê? Pois agora vocês vão ver algumas das crueldades que caem sobre as mulheres até os dias de hoje! *(Trecho adaptado da letra "O amor é um rock" de Tom Zé)* Pois, fiquem aí, assistindo... *(Sai de cena)*

Cena 4 – As meias mulheres e Bar

* *Entra um mercador, conduzindo uma penca de mulheres, presas por meias-calças coloridas, encaixadas em suas cabeças. Enquanto elas se exibem, andando em semicírculo, as pernas das meias-calças se esticam e vão formando uma trança colorida que restringe cada vez mais as suas possibilidades de movimento. O mercador as oferece em leilão ao público.*

MERCADOR GERALDO: Aqui tem pra todos os gostos. Oh, Essa aqui tem quadril largo, bom pra procriar! Essa aqui tem P.H.D., lourinha, magrinha e novinha. Essa é forte, boa pro trabalho, companheira para todas as horas. *(Dirigindo-se a uma delas)* Quietinha mulher, não me faz passar vergonha... Chega aqui, freguês! *(Cada homem escolhe a sua respectiva mulher de acordo com as qualidades exaltadas pelo leiloeiro, confere cada uma como se fossem mercadorias. Finalmente, elas são puxadas por eles para fora do semicírculo até soltá-las da penca, formando quatro casais que se misturam com o público)*

** O mercador assume o papel de garçom. Os casais começam a chegar ao bar para um encontro de velhos amigos. Todos os casais tiveram uma desavença, frente ao público, antes de entrar no bar.*

GERALDO-BORRACHEIRO: *(Para o garçom, imitando o Lula)* Companheiro, traz cinco copos e cinco geladas pra gente.

NORA-P.H.D.: Igualzinho!!!

GERALDO-PEDREIRO: Aproveita e traz pra ele aquele conhaque *presidente. (Todos riem)*

NORA-CABELEIREIRA: Que vergonha, eu odeio quando ele faz isso.

NORA-MANICURE: Bobagem Nora!

GERALDO-PEGADOR: Vou contar uma piada boa – Se me ver agarrado com mulher feia, separa que é briga! *(Todos os homens riem)*

NORA-P.H.D.: É por isso que a gente tá sempre juntinho, né, amor!

GERALDO-PEDREIRO: Eu tenho uma melhor! Eu gosto das rosas, mas prefiro as trepadeiras!

NORA-MANICURE: Geraldo, não fala assim na frente dos outros.

NORA-P.H.D.: Desde criança a mulher enfrenta aquela dissimulada agressão, descarados provérbios maldosos e duros naquele tom brincalhão. Os maridos de vocês são muito grossos. Vocês não precisam aturar este tipo de comportamento. *(Os Geraldos brindam, cochicham e não prestam a menor atenção à conversa das Noras)*

GERALDO-PEGADOR: Mulher só fala besteira mesmo.

GERALDO-PROFESSOR: Nem todas as mulheres gostam de apanhar, só as normais. Nelson Gonçalves. *(Os Geraldos riem)*

NORA-P.H.D.: *(Visivelmente alcoolizada)* Querido, você está errado. É Nelson Rodrigues.

GARÇOM-GERALDO: Eh, professor, a sua mulher está mais inteligente que o senhor.

GERALDO-BORRACHEIRO: *(Visivelmente alcoolizado, para o garçom, imita o Lula)* Companheiro, me vê mais cinco geladas e cinco copos.

NORA-P.H.D.: *(Bêbada)* Igualzinho!!!

GERALDO-PROFESSOR: *(Visivelmente alcoolizado, para Nora-P.H.D.)* Vem, vamos embora, agora.

GERALDO-PEGADOR: Lembrei de outra boa.....

GERALDO-PROFESSOR: *(Na saída do bar, dá um beliscão em Nora P.H.D.)* Nunca mais me corrija na frente dos outros. Nem que eu fale Nelson Mandela. Você não sabe nada, é uma ignorante, e nunca vai conseguir saber. Em casa a gente não vai ter conversa... você vai ver... *(No bar todos riem da piada "supostamente" contada por Geraldo-Pegador).*

GERALDO-PEGADOR: *(Visivelmente alcoolizado)* Oh, o pessoal tá adorando o nosso trabalho.

NORA-SEREIA: *(Visivelmente alcoolizada)* Agora eu vou contar uma também.

GERALDO-PEGADOR: Lá vem.

NORA-SEREIA: Sabe qual a vantagem de ser mulher? Que a gente sempre tem a certeza de que o filho é nosso!!! *(Nora ri exageradamente e não percebe que ficou sozinha no bar. Sai correndo atrás de seu marido, Geraldo-Pegador)*

Cena 5 – Casais amigos

NORA-MANICURE: A Nora é a minha patroa. Agora, a Nora é trabalhadeira? É! A Nora é inteligente? É! A Nora é bonita? É! Agora, a Nora é feliz? Não! A Nora não é feliz. Coitada da Nora! O marido dela, Geraldão, ele é... ele é... uma besta, um troglodita, um... um "Leandertal".

NORA-CABELEIREIRA: A Nora, ela é a minha amiga, ela é muito boa, trabalha no meu salão. Casou com Geraldinho. Ele até que é um rapaz trabalhador, mas, coitada da Nora, está comendo o pão que o diabo amassou.

GERALDO-BORRACHEIRO: O Geraldinho é meu amigo, o baixinho é bom de copo, bebe que parece gente grande. É um cara trabalhador, bate uma laje que é uma beleza, trabalha por dois. A mulher dele é que não bate bem da bola; já falei com a minha mulher, não confio nela.

GERALDO-PEDREIRO: O Geraldão é um cara amigo, ele é um cara trabalhador, trabalha de segunda a segunda, até porque pneu não tem hora para furar. Trabalho pesado... não é para qualquer um. O pior é que quando o Geraldão chega em casa; a mulher esta fedendo a tempero, a comida não está pronta na mesa e a casa não está arrumada. Não sei para quê que o cara casou... Se fosse a minha mulher, eu dava um corretivo.

NORA-CABELEIREIRA: Coitada da Nora, ela tem um sonho, ela quer ter um filho. Sabe o que ela fez. Preparou um jantar maravilhoso, romântico, com velas coloridas, para falar com o Geraldinho que queria ser mãe. Sabe o que ele fez quando chegou em casa?

GERALDO-PEDREIRO: *(Chega bêbado)* Nora, por que que é que está tudo escuro, você não pagou a conta de luz? O que você fez com o dinheiro que eu deixei para você?

NORA-MANICURE: Geraldinho, olha, preparei um jantar romântico para nós dois.

GERALDO-PEDREIRO: Que frescura de jantar é esse. Já enchi a pança de torresmo e linguiça lá no boteco.

NORA-CABELEIREIRA: O animal puxou a toalha de mesa e jogou tudo no chão. E depois falou:

GERALDO-PEDREIRO: Eu vou dormir e você limpa essa porcaria de "frescura romântica".

NORA-MANICURE: Que amor é esse? Geraldinho, que amor é esse?

NORA-MANICURE: Coitada da Nora. Ela acorda às 6 da manhã. Às 7 já está abrindo o salão, trabalha até meio-dia e tem que sair correndo para preparar o almoço para o marido. Depois volta e trabalha até às seis. Corre para casa para catar o feijão e prepara o jantar para o Geraldão. E sabe o que ele fala quando chega em casa?

GERALDO-BORRACHEIRO: Mulher! Ainda não preparou o jantar? Você está fedendo a alho. Vai tomar um banho!

NORA-MANICURE: Ela foi correndo tomar banho. Aí, a panela começou a apitar. O Geraldão estava sentado na sala e sabe o que ele fez? Nada! A Nora ouviu o barulho do banheiro, se embrulhou na toalha e, quando chegou correndo na porta da cozinha, sabe o que aconteceu? Isso, a panela explodiu! Voou feijão para tudo que é canto, no teto, escorria pelas paredes. Sabe o que o Geraldão fez? Nada! Continuou sentado na sala e ainda falou com ela:

GERALDO-BORRACHEIRO: Mulher, limpa essa cozinha e vai tomar outro banho que esta noite eu vou te usar.

Música: **O AMOR É UM ROCK** *de Tom Zé*

** Durante a música entra uma moça bem arrumada, carregando um presente na mão; espera o seu namorado. Olha para um lado, procura para o outro lado, dá uma olhadinha no presente, abre o pacote com cuidado, puxa um pouquinho o presente para fora e, com medo "de ele" aparecer e ver, rapidamente o coloca de volta. Espera, começa a ficar preocupada, depois com raiva, vai ficando com mais raiva, até que desiste e vai embora.*

Cena 6 – Delegacia I

** Dois policiais conversando fiado.*

POLICIAL GERALDO I: Ô Geraldo, cê viu aquele negócio que passou na televisão sobre o Ronaldo e as mulheres dele?

POLICIAL GERALDO II: Não.

POLICIAL GERALDO I: Primeiro teve aquela loirinha pequenina, bonitinha, como é que ela chamava mesmo, ô Geraldo?

POLICIAL GERALDO II: *(Faz menção de falar e o colega o interrompe)*

POLICIAL GERALDO I: Milene, essa que era inteligente, quer dizer, engravidou, casou, quer dizer garantiu a pensão. Aí quê que aconteceu, Geraldo?

POLICIAL GERALDO II: *(Faz menção de falar e o colega o interrompe)*

POLICIAL GERALDO I: Aí teve aquela outra... grandona, potrancuda, bocão, nossa senhora, como é que ela chamava mesmo Geraldo, aquela altona?

POLICIAL GERALDO II: *(Faz menção de falar e o colega o interrompe)*

POLICIAL GERALDO I: Isso, a Cicarelli, aí quer dizer, casou lá no castelo de Chantilly, frescura danada, aí quê que aconteceu, Geraldo?

POLICIAL GERALDO II: *(Faz menção de falar e o colega o interrompe)*

POLICIAL GERALDO I: Separou. E engordou. Aí teve aquela outra bonitona que trabalha de... fazendo desfile lá na Espanha... naquela época... que tem um nome esquisito?

POLICIAL GERALDO II: *(Faz menção de falar e o colega o interrompe)*

POLICIAL GERALDO I: Isso, Raica; aí que quê aconteceu, namorou a bonitona, quer dizer, engordou, quer dizer, que quê aconteceu, Geraldo?

POLICIAL GERALDO II: *(Faz menção de falar e o colega o interrompe)*

POLICIAL GERALDO I: Separou. Aí teve aquela última, né, que era meio que mulher, como é chamava, Geraldo?

** Entra Nora-cabeleireira. Os dois policiais continuam conversando sem dar a mínima atenção a ela. Nora acompanha a conversa, tentando encontrar uma brecha para falar.*

POLICIAL GERALDO II: Travesti.

POLICIAL GERALDO I: Isso, e aí que quê aconteceu?

POLICIAL GERALDO II: Morreu.

POLICIAL GERALDO I: Ronaldo foi virando aquela baleia que não consegue mais correr, quer dizer, Geraldo, mulher e futebol não combina; Geraldo, mulher dá trabalho demais...

** Nora interrompe a conversa.*

NORA-CABELEIREIRA: *(Para o Policial Geraldo II)* Boa tarde.

POLICIAL GERALDO II: *(Olha o relógios)* Já é quase tarde... O que foi dessa vez?

NORA-CABELEIREIRA: Sabe o quê que é... eu vim dar uma queixa... o meu marido me bateu de novo, dessa vez parece que pegou o gosto de bater. Olha... *(Levanta os óculos escuros e mostra o olho roxo)*

POLICIAL GERALDO II: Desta vez, a briga foi feia...

NORA-CABELEIREIRA: Parece que vira um animal... Meu corpo todo tá desse jeito. Eu tenho medo, sabe. Ele vai terminar me matando. Quebrou a casa inteira, rasgou minhas roupas, quebrou o espelho do meu salão. Ele tem ciúme do meu trabalho, mas o dinheiro que eu ganho ajuda no pagamento da reforma da casa.

POLICIAL GERALDO II: Minha senhora, não é comigo que a senhora tem que se confessar; quer dizer, a ocorrência é lá dentro. Procure o policial Geraldo, que ele orienta a senhora.

** Nora se aproxima de Geraldo I, bastante acanhada.*

NORA-CABELEIREIRA: Boa tarde... O funcionário da recepção...

POLICIAL GERALDO I: Minha senhora, deixa abaixar o rádio, pois não. Eu acho que eu lembro do nome da senhora.

NORA-CABELEIREIRA: É Nora.

POLICIAL GERALDO I: Documentos.

NORA-CABELEIREIRA: O que eu tenho, quer dizer tinha, é esse aqui. Ele rasgou todo, mas eu trouxe assim, mesmo, se juntar, quem sabe dá pra ver a foto...

POLICIAL GERALDO I: Pois não, dona Nora...

NORA-CABELEIREIRA: Então, foi o meu marido de novo. Ele não gosta que eu trabalhe. Eu estava lá no salão, aí ele chegou que nem um louco, falando um monte de besteira, palavrão isso tudo na frente de todos os meus clientes. Até que ele pegou o espelho e estraçalhou tudo. Como se não bastasse, quando eu cheguei em casa, ele me deu três socos na cabeça. *(Mostra a cabeça ferida para o policial)*

POLICIAL GERALDO I: A senhora não tem que desfiar esse rosário comigo não; conforme eu expliquei pra senhora, quem cuida disso é o Dr. Geraldo. Doutor, aquela dona que sempre vem aqui tá querendo ver o senhor.

DELEGADO GERALDO: *(Entrando)* O que foi desta vez?

NORA-CABELEIREIRA: Então, Seu Delegado, eu vim aqui porque dessa vez foi sério. Eu estou com muito medo, meu marido me bateu de novo e eu tô precisando de ajuda.

DELEGADO GERALDO: Minha Senhora, a justiça está aqui para ajudá-la, mas a senhora também deve ajudar a justiça. Já e a terceira vez que vem aqui e, quando vamos tomar as providências cabíveis, a senhora desiste, dá para trás, retira a queixa. Mas me diga o que aconteceu desta vez?

NORA-CABELEIREIRA: Então, ele quebrou meu salão e, quando eu cheguei em casa, me espancou toda, me ameaçou até de morte.

DELEGADO GERALDO: Ele ameaçou a senhora com que arma?

NORA-CABELEIREIRA: Ele falou assim: ainda vou te bater muito com isso aqui *(aponta para o seu próprio braço).* Sabe por quê? Para você aprender. Vou te bater até pelo o que você não fez. Agora, o que é que eu fiz?

DELEGADO GERALDO: O que a senhora fez, só a senhora sabe, né? Agora deixe esclarecer uma coisa. Músculo é arma?

POLICIAL GERALDO I: Ô, Doutor, que quê eu escrevo aqui, como arma?

NORA-CABELEIREIRA: Mas se ele continuar me batendo assim, ele vai me matar. Sabe, o que eu queria pedir para o Senhor, pro Senhor chamar ele aqui, dá um puxão de orelha, passar um susto nele, conversar, só isso.

POLICIAL GERALDO I: *(Somente para o delegado)* Oh, Doutor, está achando que o Sr. é mãe do marido dela...

DELEGADO GERALDO: Minha senhora, acho que errou de local; aqui é uma delegacia, não fazemos terapia de casal. Em briga de marido e mulher não se mete a colher. Agora se caso for sério...

POLICIAL GERALDO I: Ah, tá achando que o Doutor tem filho desse tamanho.

NORA-CABELEIREIRA: Será que tem um jeito então de mandar um policial dar uma passadinha na porta do salão, ficar de olho nele e me proteger?

POLICIAL GERALDO I: Uai, Doutor, se quiser eu posso fazer uma hora extra, se o senhor quiser!

DELEGADO GERALDO: Olha aqui, senhora, policial não é anjo da guarda não. Outra coisa, se eu for designar um policial para cada mulher agredida eu não vou ter contingente o suficiente para prender bandido.

* *Neste momento um carro de mensagens românticas para na porta da delegacia e Geraldo-Borracheiro faz uma declaração de amor e um pedido de perdão para Nora-Cabeleireira.*

LOCUTOR DO CARRO DE MENSAGEM: Oh, Nora! Oh, metade de mim, meu coração chora sua ausência, volta... Sem você não sou ninguém, você é a minha garota!... "Ó garota, eu te convido para um novo tipo de amor, menos novela, muito mais solidário será, a renovada confiança de ser que a mulher há de ter quando a senha do mistério digitar. Assim será! *(letra de Tom Zé,* Proposta de amor*)* Oh! Nora! Tele-mensagens Tralalá-lalá a 25 anos unindo os Corações!"

DELEGADO GERALDO: Que palhaçada é essa aí na rua?

POLICIAL GERALDO II: É o marido dela, que veio pedir perdão; este lá todo arrumado e com umas flores na mão.

DELEGADO GERALDO: Ah! É, então o meliante esta aí fora? Facilitou o nosso trabalho. Pode prender esse descarado, vou mostrar para ele o fim que tem o homem que bate em mulher.

NORA-CABELEIREIRA: Prender? Não, não, pode deixar, não precisa não, eu vou pensar primeiro, tá, vou pensar. *(Sai correndo da delegacia)*

DELEGADO GERALDO: Não falei? Só fez eu perder meu tempo. Uma mulher dessa o marido tem mais que educar mesmo, descer o braço. Quem mandou escolher ser mulher de malandro. E vocês só me chamem para resolver esse tipo de caso quando tiverem certeza que já tem um corpo caído, porque assim facilita o nosso trabalho, né?

Cena 7 – "Passado(a)Limpo"

GERALDO-PEGADOR: Oh, mozinho... eu tava aqui pensando ... Você me ama?

NORA-SEREIA: Claro que te amo, mozão...

GERALDO-PEGADOR: Então prova, mozinho.

NORA-SEREIA: Como assim?

GERALDO-PEGADOR: Dá pra mim... uma prova de amor, mozinho.

NORA-SEREIA: A gente já falou sobre isso.

GERALDO-PEGADOR: Ah, então quer dizer que você vai casar virgem?

NORA-IMAGINÁRIA: *(Utiliza uma máscara. Rodeando Geraldo)* Virgem? *(Ri)* Não, sou de Sagitário. Que isso claro que não, coisa mais antiga...

GERALDO-PEGADOR: Está rindo de quê? Quantos você namorou antes de mim?

NORA-IMAGINÁRIA: Ah...

NORA-IMAGINÁRIA: Ah, uns oito, dez, vixe, foram tantos...

GERALDO-PEGADOR: Quantos?

NORA-SEREIA: Poucos.

NORA-IMAGINÁRIA: *(No ouvido do Geraldo)* Muitos, até perdi a conta.

GERALDO-PEGADOR: E o Edu? Você teve o que com ele?

NORA-SEREIA: O Edu é meu amigo.

NORA-IMAGINÁRIA: *(No ouvido do Geraldo)* Eu tive com ele um romance, noites selvagens...

GERALDO: Porque você esta gaguejando? Seu olho brilha quando vê ele.

NORA-SEREIA: Bobagem... Porque você tá perguntando isso?

GERALDO-PEGADOR: Quero saber se você deu pro Edu. . . uma prova de amor...

NORA-IMAGINÁRIA: Várias, muitas ...

NORA-SEREIA: Então, seu problema é esse... Então, vem cá que vou da pra você... uma prova de amor...

GERALDO-PEGADOR: É? Agora sou eu que não quero. Não quero nada com você. Você perdeu o valor para mim... *(Nora-Imaginária sai)*

NORA-SEREIA: Quê? Aonde você vai... volta aqui ...

GERALDO-PEGADOR: Vagabunda.

NORA-SEREIA: Louco! Você é doente. *(Sai)*

Cena 8 – "Banana Social"

GERALDO-PEGADOR: Onde você estava?

NORA-SEREIA: Dei uma saidinha.

GERALDO-PEGADOR: Isso eu sei. Eu perguntei onde e ponto. E vestida assim. Esqueceu a idade que tem?

NORA-SEREIA: E parece que você esqueceu que dia é hoje?

GERALDO-PEGADOR: Não desvia o assunto. Porque não atendeu o celular?

NORA-SEREIA: Tava no silencioso.

GERALDO-PEGADOR: Deixe eu ver.

NORA-SEREIA: Toma, bem, faz a vistoria de hoje.

GERALDO-PEGADOR: Que número é esse? 97938856.

NORA-SEREIA: Não sei.

GERALDO-PEGADOR: E essa mensagem? Então a gente se encontra às 16 na porta principal.

NORA-SEREIA: É da Nora, minha amiga.

GERALDO-PEGADOR: Então tá explicada a vulgaridade.

NORA-SEREIA: Não fala assim da minha amiga.

GERALDO-PEGADOR: E até agora você não respondeu onde você estava. O que você esconde aí atrás?

NORA-SEREIA: Estava preparando uma surpresa para você.

GERALDO-PEGADOR: Detesto surpresa.

NORA-SEREIA: Então, toma seu presente pelo nosso aniversário de casamento.

GERALDO-PEGADOR: Um sapato marrom. Detesto sapato marrom.

NORA-SEREIA: Mas você esta precisando.

GERALDO-PEGADOR: Eu preciso é da minha mulher em casa na hora que eu chego cansado do trabalho.

NORA-SEREIA: Então, parece que você precisa de uma cachorrinha e não de uma mulher. (*Saindo)*

GERALDO-PEGADOR: Não vire as costas pra mim.

NORA-SEREIA: Estou de saída.

GERALDO-PEGADOR: Onde você pensa que vai? Não vire as costas pra mim. . Volta aqui, desgraça!

* *Música:* Canção de Nora, *(*Casa de Bonecas*) de Tom Zé.*

* *Nora, de óculos escuros, atravessa a cena carregando uma mala.*

Cena 9 – Delegacia II

NORA-CABELEIREIRA: *(Entra na delegacia. Vai começar a contar tudo para a policial que a recebe)* O meu marido me bateu...

POLICIAL NORA: Me desculpe! Como é o nome da senhora?

NORA-CABELEIREIRA: Nora Cunha da Silva; o meu marido me bateu...

POLICIAL NORA: Dona Nora, vamos sentar um pouquinho; a senhora aceita um copo d'água?

NORA-CABELEIREIRA: Obrigado, eu aceito.

POLICIAL NORA: Eu vou encaminhá-la para a delegada Nora e aí a senhora vai contar todos os detalhes para ela, que vai cuidar pessoalmente de tudo que a senhora precisar. Vou ver se ela já pode recebê-

la e aproveito para lhe trazer a sua água. *(Para Nora-manicure)* A senhora...? desculpe, esqueci de perguntar o seu nome.

NORA-MANICURE: Nora.

POLICIAL NORA: A senhora aceita um copo d'água?

NORA-MANICURE: Não, obrigada, eu só vim acompanhar a minha amiga. *(A policial sai)*

NORA-CABELEIREIRA: É bem diferente da outra delegacia. Deve ser por isso que se chama delegacia da mulher...

POLICIAL NORA: *(Ao telefone)* Delegada Nora.

DELEGADA NORA: Pois não?

POLICIAL NORA: Tem uma mulher aqui na recepção, o nome dela é Nora, ela foi agredida pelo marido.

DELEGADA NORA: Pode mandar entrar.

POLICIAL NORA: Dona Nora, pode entrar, a delegada vai atendê-la naquela sala em frente.

DELEGADA NORA: *(Para a Nora-cabelereira)* A senhora que é Dona Nora?

NORA-MANICURE: Não, eu sou a Nora, eu só vim acompanhar a minha amiga.

DELEGADA NORA: Ah! Muito prazer, Nora. Dona Nora, como vai? Muito prazer; vamos pedir licença para a Nora, a senhora prefere que conversemos nós duas, sozinhas?

NORA-CABELEIREIRA: Não, a Nora é muito minha amiga! Ela já sabe de tudo... eu tive que passar a noite na casa dela, o meu marido estava uma fera; fiquei com medo dele...

DELEGADA NORA: Muito bem! Quem sabe o que a gente vai falar pode ser útil para as duas. *(Nora sente-se atingida e mexe nos óculos escuros)* Dona Nora, vamos ver como podemos ajudá-la; a senhora quer me contar o que aconteceu? *(Entra a música* Navio Negreiro *de Tom Zé [instrumental]; durante a música, a delegada presta muita atenção ao relato de Nora, sempre demonstrando muito afeto)*

POLICIAL NORA: *(Entrando)* Dra. Angélica *(Chama-a em um canto)*, a Dra. Nora Coutinho está na recepção... desta vez ela apanhou do professor como nunca! Está decidida a registrar uma queixa.

DELEGADA NORA: Diga-lhe que já vou atendê-la. *(Confidencial para a policial)* Como nós dizemos, "para sofrer violência, basta ser mulher". *(Para Nora)* Percebe dona Nora, é um ciclo, mais cedo ou mais tarde o pior pode acontecer. Olhe, são cinco etapas que se repetem: ele bate na senhora, depois se arrepende, diz que está com muitos problemas, que bebeu muito e propõe uma reconciliação. Compra flores, compra um frango assado, umas cervejas... fica bonzinho por alguns dias... Agora que a senhora iniciou o processo de empoderamento, vá decorando essa palavra "empoderar-se", vou encaminhá-la para que faça o exame de corpo do delito, a senhora vai fazer aqui mesmo, aliás, aqui a senhora também vai registrar a queixa e vamos tratar de tudo aqui mesmo.

NORA-CABELEIREIRA: Dra. Nora, eu entendi tudo, mas me deu uma coisa ruim, eu vou pensar, é isso eu vou pensar mais um pouco se vou fazer a queixa. Vamos, Nora?

NORA-MANICURE: Doutora, eu quero registrar uma queixa, por maus tratos, contra o meu marido.

NORA-CABELEIREIRA: Nora, eu que vim fazer a denuncia e você está querendo registrar queixa contra o seu marido Geraldo?

NORA-MANICURE: *(Levanta o óculos e mostra o olho roxo para Nora-cabeleireira e para o público)* Você sabe o que comemos ontem lá em casa antes de você chegar de madrugada? "frango assado" *(Tirando uma flor da bolsa)* Olha! *(Olha para a flor, sentindo-se traída)* Eu fiquei derretida, bebemos cerveja... estava tudo ótimo! Depois ele se irritou por uma coisa à-toa que eu falei... de repente, fechou a cara e começou a beber até não aguentar mais, como faz sempre que chega do boteco. Olha aqui *(Mostra outros roxos)*, começou a me espancar, como sempre faz. Eu também até agora não sei o motivo!

NORA-CABELEIREIRA: Menina! Você nunca me falou disso!

NORA-MANICURE: É que eu tinha vergonha! Depois até chorou e pediu perdão mais uma vez, justificando que foi por causa da bebida e depois me usou na cama como se nada tivesse acontecido... virou de lado e dormiu. Eu perguntei: Que amor é esse Geraldo? Que amor é esse... mas ele nem ouviu, roncou a noite inteira. Doutora, eu quero registrar uma queixa. Agora entendi, não se dá um "sim" assim à-toa.

LOCUTOR DO CARRO DE MENSAGEM: Tele-mensagens Tralalá-lalá, há 25 anos unindo os corações! Oh, Nora! O Geraldo te ama! Ele te espera em casa, diz que está arrependido, e mandou essa mensagem para você! "Agora estou a te esperar, com uma resposta de amor e afeto, você de saia e eu de calça, e o Luar será o nosso teto. Uma cartinha de amor, politicamente correta, você de saia, e eu de calça, a felicidade será nossa meta". Assim Será! *(Trecho da música* **PROPOSTA DE AMOR** *de Tom Zé)*

NORA-CABELEIREIRA: Assim será o quê, seu vagabundo? *(Faz um sinal para a delegada confirmando que irá prestar queixa contra o marido)*

* *Todas cantam um trecho da música* Quero pensar (A mulher de Bath), *de Tom Zé.*

* *Quando as Noras saem da delegacia, se cruzam com Nora Coutinho, que após a passagem das duas abaixa os óculos, para acompanhá-las até a saída, e deixa aparecer os olhos roxos. Ela está segurando uma bolsa de gelo na cabeça.*

Cena 10 – Reeducação do Macho

COORDENADORA NORA: Bom dia, senhores; sejam bem-vindos ao nosso centro de reflexão.

COORDENADOR GERALDO: Bom dia, senhores; sejam bem-vindos ao nosso centro de reflexão.

Os coordenadores percebem que um dos Geraldos está alcoolizado

COORDENADOR GERALDO: Sr. Geraldo, no seu 7º encontro o senhor veio embriagado? Infelizmente, o senhor terá que se retirar.

COORDENADORA NORA: São as regras. Agora o senhor terá que começar tudo de novo.

COORDENADOR GERALDO: Gente, segura a cachaça porque no dia do nosso encontro vocês têm que estar de cara limpa.

COORDENADORA NORA: Hoje nós temos novos integrantes e vamos ouvi-los. Por favor, Sr. Geraldo, pode começar. *(Sr. Geraldo faz sinal de que não tem nada a dizer, reluta)*

COORDENADOR GERALDO: Opa, mais ninguém é anjo aqui. Eu não estou vendo suas asas. Todos aqui cometeram algum ato de violência. E aqui não somos polícia, delegacia nem juiz, vocês estão em um centro de reflexão.

GERALDO I: Olha, eu só dei um corretivo na minha mulher. Era a quinta vez que eu chegava em casa e ela não estava, tava fofocando com a vizinha. Ela tinha que estar em casa, me esperando. Falei uma, falei duas, falei três, na quarta eu não falei mais.

GERALDO II: Mais assim é que é. Meu avô batia na minha avó, meu pai batia na minha mãe e eles viveram a vida toda juntos. E eu saí um cara descente, trabalhador... tem que educar! Uma surra de vez em quando não mata ninguém; pelo contrário, educa.

GERALDO III: Nem sempre. Vê a minha mulher! É louca e mentirosa. Dei nela uns tapinhas, não fiz tudo isso que estava no B.O. Ela é tão louca que até toma remédio pra doido antes de dormir.

COORDENADOR GERALDO: Nossa, mas se as mulheres de vocês são tão ruins assim, por que é que vocês ainda estão com elas?

COORDENADORA NORA: Eu sei que você pensa que a mulher não

pensa, mas pensa. Eu sei que você quer que a mulher não quer, mas quer. *(Trecho da música* **PARA LÁ DO PARÁ** *de Tom Zé)* Quer um elogio. Quer a sua contribuição para o bom funcionamento do lar. Quer o seu carinho. Quer a paz na relação.

COORDENADOR GERALDO: Gente, não é tão mais gostoso ficar de bem, fazer as coisas juntos? Esta semana vocês vão experimentar colocar a mesa e depois vão contar como foi na semana que vem. Agora o Sr. Jair, que está no seu último encontro, vai nos dar um depoimento.

GERALDO IV: Eu aprendi a fazer as coisas em casa, ficar mais tempo com a minha mulher. Nosso namoro tá até mais gostoso. Eu também melhorei no trabalho. Minha mulher não é uma propriedade, é a pessoa que eu amo e que eu escolhi para estar do meu lado. *(Todos batem palmas)*

* *Música* Estúpido rapaz *de Tom Zé.*

Fim

NÃO SE DÁ UM "SIM" ASSIM À-TOA

Direção: Fernando Linares

Dramaturgia: O Grupo

Elenco:

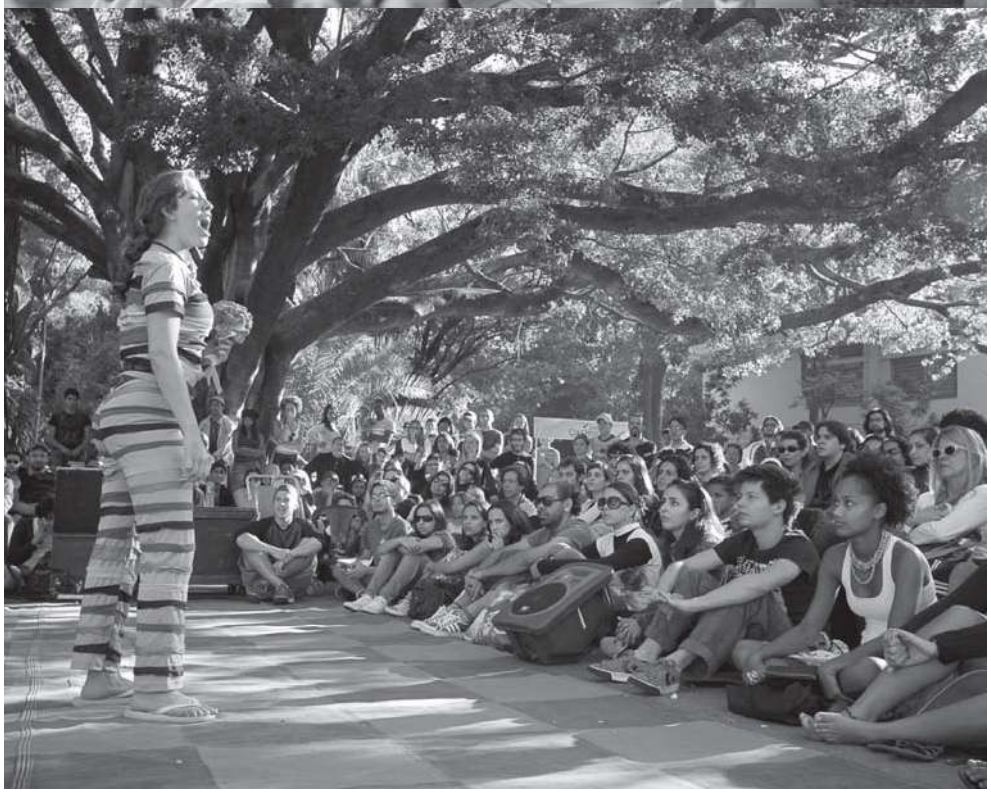
Andreia Duarte
Daniela Perucci
Fabiana Martins
Gabriel Coupe
Juliana Capibaribe
Lucas Ferreira
Mariana Jacques
Renata Emrich
Valeria Maria Fernandez

Direção Musical, Preparação Vocal e Arranjos: Leonardo Mendonza

Preparação circense e coreografia de "Boneca de Pano": Guga

Criação de Arte: Eduardo Félix

Máscaras: Fernando Linares



GRUPO GALPÃO

Atores

Antonio Edson
Arildo de Barros
Beto Franco
Chico Pelúcio
Eduardo Moreira
Fernanda Vianna
Inês Peixoto
Júlio Maciel
Lydia Del Picchia
Paulo André
Rodolfo Vaz
Simone Ordones
Teuda Bara

Equipe

Coordenação de Produção	Gilma Oliveira
Consultoria d e Planejamento	Romulo Avelar
Assessoria de Planejamento	Ana Amélia Arantes
Assessoria de Comunicação	Paula Senna
Produção Executiva	Beatriz Radicchi
Produção Executiva	Evandro Alves
Iluminação e sonoplastia	Alexandre Galvão
Iluminação	Wladimir Medeiros
Cenotécnica	Helvécio Izabel
Sonorização	Vinícius Alves
Gerência administrativa	Arlene Marques
Auxiliar Administrativo	Andreia Oliveira
Estagiário de Comunicação	Ana Alyce Ly e João Luis Santos
Recepção	Gabrielle Silva
Serviços Gerais	Marlene de Oliveira
Auxiliar de Serviços Gerais	Elton John

Patrocínio Exclusivo PETROBRAS

GALPÃO CINE HORTO

Direção geral Chico Pelúcio

Conselho gestor Beto Franco, Chico Pelúcio, Leonardo Lessa, Lydia Del Picchia e Romulo Avelar

Coordenação geral Leonardo Lessa

Coordenação de planejamento e projetos Fernanda Werneck

Assistente administrativo Vanessa Fonseca

Assistente de planejamento Cristina Ribeiro

Coordenação de produção Gustavo Ruas

Produção executiva Giovanna Almeida

Coordenação Técnica Bruno Cerezoli

Técnicos Orlan Torres (Sabará) e Rodrigo Marçal

Assistente técnico Wellington Santos

Coordenação do Centro de Pesquisa e Memória do Teatro (CPMT) Luciene Borges

Bibliotecária Fernanda Christina da Costa

Bibliotecário assistente Tiago Carneiro

Editor de conteúdo do portal Primeiro Sinal Marcus Vinícius Souza

Estagiário técnico do portal Primeiro Sinal Guilherme Augusto Freitas

Direção pedagógica Lydia Del Picchia

Coordenação pedagógica dos cursos e oficinas Juliana Martins

Coordenação pedagógica dos núcleos de pesquisa Kenia Dias

Coordenação pedagógica dos projetos especiais Fábio Furtado

Secretária de cursos Cláudia Rodrigues

Equipe pedagógica Ana Domitila, Gláucia Vandeveld, Juliana Martins, Kelly Crifer, Kenia Dias, Rita Maia e Tarcísio Ramos

Coordenação do projeto sócio-cultural Conexão Galpão Reginaldo Santos

Atores-monitores Camila Morena, Dayane Lacerda e Fabiano Lana

Gerência administrativa e financeira Maria José dos Santos

Auxiliar administrativo Leandro Dias

Gerência operacional William Gomes

Recepcionista Cláudia Maria

Porteiro Eberton Pereira

Segurança Odelmo Marques da Silva Júnior

Serviços gerais Juarez Pereira, Maria Márcia e Rozeli Dias

Assessoria de comunicação Tiago Penna

Assistente de comunicação Caio Otta

Estagiário de comunicação Filipe Silva

Programação Visual 45 jujubas

Fotografia Guto Muniz / Casa da Foto